

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ROCCO  
JOVENS LEITORES

M A R I E L U



TRILOGIA LEGEND

PRODIGY

OS OPOSTOS PERTO DO CAOS



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

M A R I E L U



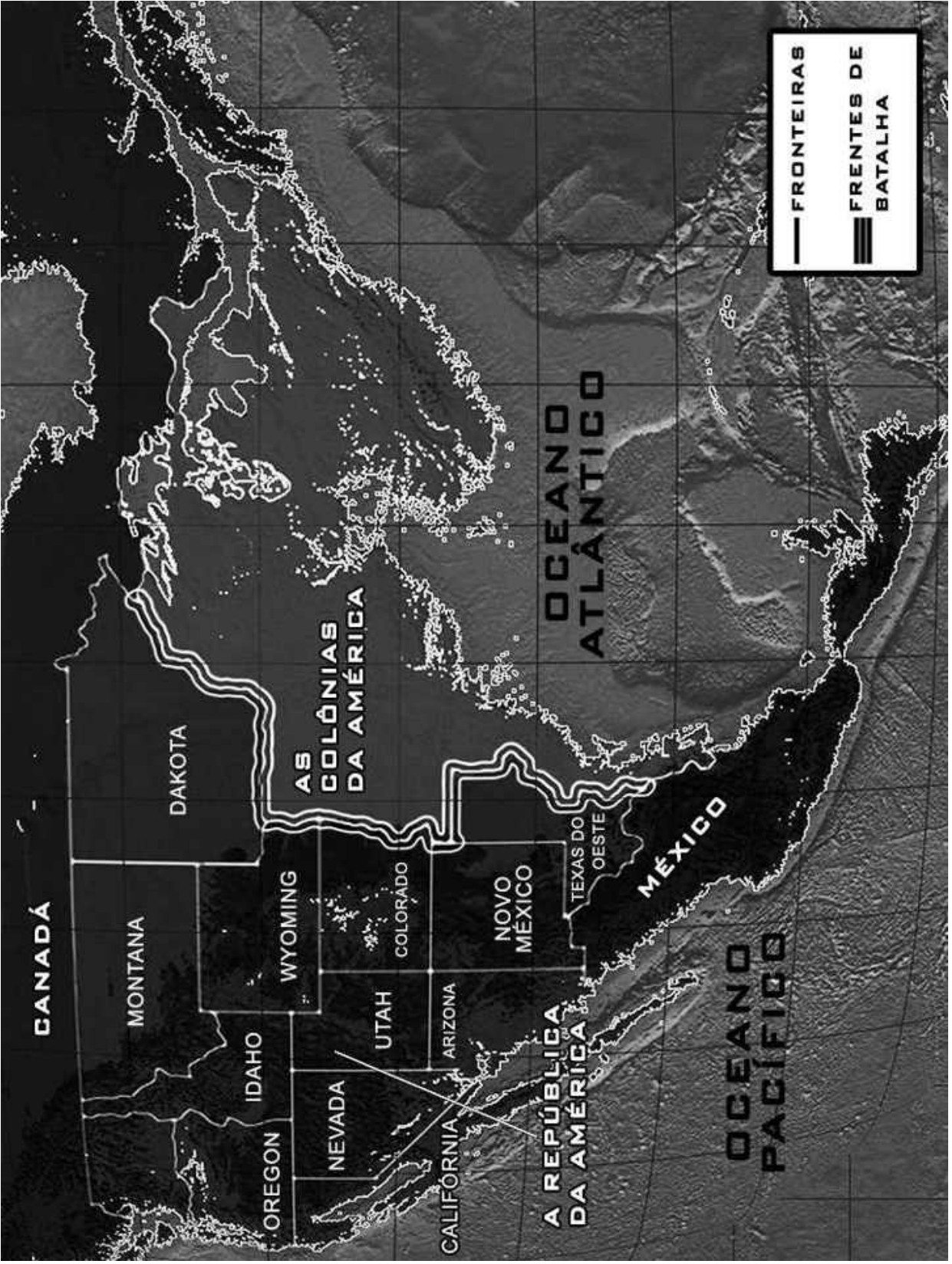
# PRODIGY

OS OPOSTOS PERTO DO CAOS

Tradução  
EBRÉIA DE CASTRO ALVES

ROCCO|HUMAN

*Para Primo Gallanosa, meu farol.*



# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

June

Day

June

Day

June

Day

June

Day

June

Day

June

Day

June

Day

June

Day

June

Day

June

Day

June

Day

June

Day

June

Day

June

Day

June

Agradecimentos

Créditos

A Autora

**LAS VEGAS, NEVADA**  
REPÚBLICA DA AMÉRICA



POPULAÇÃO: 7.427.431 HABITANTES



# JUNE

**4 DE JANEIRO, 19H32.  
HORÁRIO PADRÃO DO OCEANO.  
35 DIAS DEPOIS DA MORTE DE METIAS.**

Day acorda assustado ao meu lado. Sua testa está coberta de suor, e seu rosto, molhado de lágrimas. Ele respira com dificuldade.

Eu me debruço sobre ele e afasto uma mecha de cabelo molhada de seu rosto. A esfoladura no meu ombro já está coberta por uma casca, mas meus movimentos fazem com que volte a latejar. Day senta-se, esfrega os olhos e olha ao redor como se procurasse por alguma coisa dentro do vagão inclinado. Olha primeiro para as pilhas de engradados num canto escuro, depois para a lona que forra o chão e para a pequena sacola de comida e água entre nós. Ele demora um minuto para se reorientar e para se lembrar de que estamos pegando carona num trem com destino a Las Vegas. Passam-se alguns segundos até ele relaxar a postura rígida e se largar contra a parede.

Dou um tapinha afetuoso em sua mão.

– Você está bem?

Essa é minha pergunta constante.

Day dá de ombros e murmura:

– Estou. Foi só um pesadelo.

Nove dias se passaram desde que saímos de Batalla Hall e fugimos de Los Angeles. Desde então, Day tem pesadelos toda vez que fecha os olhos. Logo que fugimos, conseguimos dormir algumas horas em um pátio de manobras abandonado, e Day acordou gritando. Tivemos sorte, e nenhum soldado ou policial fazendo a ronda nas ruas o ouviu. Depois disso, criei o hábito de acariciar seus cabelos, assim que ele adormece, e de beijar seu rosto, a testa e as pálpebras. Ele ainda acorda aos soluços, e os olhos procuram freneticamente todas as coisas que perdeu, mas, pelo menos, faz isso em silêncio.

Às vezes, quando Day fica tranquilo assim, eu me pergunto se ele está conseguindo manter a sanidade. Essa ideia me assusta. Não posso me dar ao luxo de perdê-lo.

Fico tentando me convencer de que me sinto assim por razões práticas: teríamos reduzido nossa possibilidade de sobreviver sozinhos a esta altura, e as habilidades dele complementam as minhas. Além do mais, não me restou ninguém a quem proteger.

Também tenho minha cota de lágrimas, embora sempre espere para chorar depois de ele ter dormido. Ontem à noite gritei o nome de Ollie. Sinto-me meio boba ao chorar por meu cachorro quando a República matou nossas famílias, mas não posso evitar. Foi Metias que o levou para casa; era uma bolinha branca com patas enormes, orelhas penduradas e grandes e afetuosos olhos castanhos. A criatura mais doce e desengonçada que eu havia visto. Ollie era muito amado, e eu o deixara para trás.

– Com o que você sonhou? – sussurro.

– Não me lembro – responde ele.

Day muda de posição e estremece ao raspar sem querer a perna ferida no chão. A dor faz seu corpo enrijecer e percebo que seus braços estão rígidos sob a camisa, protuberâncias de puro músculo, resultado de sua luta pela vida nas ruas. Um respirar forçado lhe escapa dos lábios. *A maneira como ele me empurrou contra a parede daquele beco, o ardor de seu primeiro beijo.* Desvio o olhar de sua boca e tento afugentar aquela lembrança, constrangida.

Ele aponta com a cabeça para as portas laterais do vagão e pergunta:

– Onde estamos agora? Devemos estar perto, não?

Eu me levanto, satisfeita porque a pergunta me deu algo novo em que pensar, e me apoio na parede oscilante enquanto espreito pela janela minúscula do vagão. A paisagem não mudou muito: filas intermináveis de prédios de apartamentos e fábricas, chaminés e antigas autoestradas abauladas, todas banhadas pelos tons azuis, acinzentados e roxos da chuva vespertina. Ainda estávamos passando pelas favelas, que pareciam idênticas às de Los Angeles. Uma enorme

represa se estende ao longe. Espero até um enorme telão começar a piscar, depois aperto os olhos para ver as letrinhas no canto debaixo da tela.

– Boulder City, Nevada. Estamos bem perto agora. O trem provavelmente vai parar aqui por algum tempo, mas depois não deve demorar mais de trinta e cinco minutos para chegar a Vegas.

Day inclina a cabeça, concordando. Ele se debruça, abre a nossa sacola de alimentos, procura algo para comer e diz:

– Beleza! Quanto mais rápido chegarmos, mais rápido vamos encontrar os Patriotas.

Ele parece distante. Às vezes, Day me conta seus sonhos: ser reprovado na sua Prova, perder Tess nas ruas ou fugir das patrulhas contra a praga. Tem também pesadelos sobre ser o criminoso mais procurado da República. Em outras ocasiões, quando fica do jeito que está agora e não me conta nada, sei que ele sonhou com a família dele: a morte da mãe ou de John. Talvez seja mesmo melhor que ele não me fale sobre seus pesadelos. Meus sonhos ruins já são suficientes para me assombrar e não sei se tenho coragem de saber os dele.

– Você está mesmo determinado a encontrar os Patriotas, não está? – pergunto quando Day tira da sacola de alimentos um naco rançoso de massa frita. Esta não é a primeira vez que questiono sua insistência em ir a Vegas, e sou cautelosa quanto à maneira de abordar o assunto. A última coisa que quero é que Day pense que não me importo com Tess, ou que tenho medo de me defrontar com o famoso grupo rebelde dos Patriotas. – Tess foi com eles porque quis. Será que estamos colocando-a em perigo ao tentar reavê-la?

Day não responde imediatamente. Ele parte a massa frita pela metade e me oferece um pedaço:

– Pega um pedaço. Já faz um tempo que você não come.

Ergo a mão gentilmente, num sinal negativo, e respondo:

– Não, obrigada. Não gosto de massa frita.

No mesmo instante, desejei engolir minhas palavras. Day baixa os olhos, recoloca a segunda metade na sacola e começa a comer seu

pedaço. Eu sou uma idiota: *Não gosto de massa frita*. Quase consigo ouvir o que se passa na cabeça dele: *Pobre menina rica, com suas frescuras e modos elegantes. Ela pode se dar ao luxo de não gostar da comida*.

Eu me censuro em silêncio e prometo ter mais cuidado na próxima vez.

Após mastigar um pouco, Day finalmente responde:

– Eu não vou deixar Tess pra trás sem saber se ela está bem.

Claro que ele não faria isso. Day jamais deixaria para trás uma pessoa com quem se importasse, especialmente a menina órfã com quem cresceu nas ruas. Também compreendo o valor em potencial de encontrar os Patriotas; afinal de contas, os rebeldes nos ajudaram a fugir de Los Angeles. São um grupo grande e bem organizado.

Talvez eles tenham informações sobre o que a República está fazendo com Éden, o irmãozinho caçula de Day. Pode ser até que possam ajudar a curar seu ferimento na perna. Desde aquela manhã fatídica em que a Comandante Jameson lhe deu um tiro na perna e o prendeu, a lesão de Day parece uma roda-gigante: melhora e depois piora. Sua perna esquerda é agora uma massa de ossos quebrados e carne sangrenta. Ele precisa de cuidados médicos.

Temos, porém, um problema.

– Os Patriotas só vão nos ajudar se forem pagos, Day. Que podemos dar a eles?

Para enfatizar o que disse, meto a mão nos bolsos e deles tiro um pequeno maço de dinheiro, quatro mil Notas. Era tudo que eu tinha comigo antes de fugirmos. É incrível como sinto falta do luxo da minha antiga vida. Existem *milhões* de Notas em nome da minha família, Notas às quais jamais voltarei a ter acesso.

Day fica examinando o pedaço de massa em sua mão, e considera minhas palavras, com os lábios cerrados.

– É, eu sei – diz ele, passando a mão no cabelo louro emaranhado –, mas o que você sugere que a gente faça? A quem mais podemos recorrer?

Sacudo a cabeça, em sinal de impotência. Day está certo a esse respeito; embora eu não tenha o menor prazer em rever os Patriotas, nossas opções são bastante limitadas. Antes, quando os Patriotas nos ajudaram a fugir do Batalla Hall, quando Day continuava inconsciente e eu estava ferida no ombro, pedi aos Patriotas que nos deixassem ir com eles até Vegas. Eu esperava que eles continuassem a nos ajudar, mas...

Eles se recusaram.

– Tu só pagou a gente para impedir que Day fosse executado; *não pagou* para levar esse traseiro machucado de vocês daqui até Vegas. – Foi o que Kaede disse na ocasião. E completou: – Os soldados da República estão caçando vocês por aí. Isso aqui não é uma instituição de caridade. Não vou arriscar meu lindo pescocinho por vocês dois de novo; só se tiver grana na jogada.

Até essa altura, eu quase havia acreditado que os Patriotas se importavam conosco, mas as palavras de Kaede me trouxeram de volta à realidade. Eles só nos ajudaram porque paguei à Kaede 200 mil Notas da República, o dinheiro que recebi como recompensa pela captura de Day. Mesmo assim, foi necessária alguma persuasão antes que ela mandasse seus companheiros Patriotas nos ajudar.

Permitiram que Day visse Tess. Deram um jeito em sua perna machucada. Ajudaram-nos com informações sobre o paradeiro do irmão de Day. Todas essas coisas implicam suborno.

Foi uma pena eu não ter tido oportunidade de pegar mais dinheiro antes de irmos embora.

– Vegas é o pior lugar possível para ficarmos perambulando sozinhos – digo a Day enquanto cuidadosamente esfrego meu ombro em processo de cura. – Talvez os Patriotas nem nos recebam. Só quero ter certeza de que estamos fazendo a coisa certa.

– June, sei que você não consegue acreditar que os Patriotas sejam nossos aliados – respondeu Day. – Você foi treinada para odiá-los, mas eles são *mesmo* aliados em potencial. Confio neles mais do que na República. Você não?



Não sei se ele pretendia que suas palavras parecessem ofensivas. Day não entendeu o que estou tentando dizer: os Patriotas provavelmente não nos ajudarão, e, nesse caso, ficaremos sem saída numa cidade militar.

Ele acha que estou hesitando porque não confio nos Patriotas. E que, lá no fundo, continuo a ser June Iparis, a prodígio mais celebrada da República, e que ainda sou leal a este país. *Será que isso é verdade?*

Agora sou uma criminosa e nunca poderei voltar a desfrutar os privilégios da minha antiga vida. Esses pensamentos me dão uma sensação de náusea e de vazio no estômago, como se eu sentisse falta de ser a queridinha da República. Talvez seja isso mesmo.

Se já não sou a “queridinha da República”, então quem sou eu?

– Tudo bem. Vamos tentar encontrar os Patriotas – digo.

Está claro para mim que não vou conseguir persuadi-lo a fazer qualquer outra coisa.

Day faz um sinal afirmativo com a cabeça e sussurra:

– Obrigado.

A sombra de um sorriso surge no seu rosto adorável, animando-me com seu irresistível calor, mas ele não tenta me abraçar, nem pegar na minha mão. Não se aproxima para que nossos ombros se toquem, não acaricia meu cabelo, não murmura tranquilizadamente no meu ouvido, nem apoia sua cabeça na minha. Eu não tinha me dado conta do quanto ansiava por esses pequenos gestos. De alguma forma, nunca estivemos tão separados quanto agora.

Talvez o pesadelo dele tenha sido comigo.

Aconteceu tão logo chegamos à Strip, a rua principal de Las Vegas, onde ficam os cassinos.

O anúncio.

Para começo de conversa, se há um lugar em Vegas onde não deveríamos estar é na sua principal artéria. Grandes telões (seis deles em cada quarteirão) ocupam os dois lados da rua mais movimentada da cidade; as telas exibem uma sucessão interminável de notícias.

Conjuntos ofuscantes de focos de luz clareiam as paredes obsessivamente. Os edifícios devem ser duas vezes maiores que os de Los Angeles.

O centro da cidade é dominado por arranha-céus monumentais e enormes plataformas de desembarque em forma de pirâmides (oito delas com bases quadradas e lados em triângulos equiláteros), com luzes brilhantes emitidas por suas extremidades. O ar do deserto fede à fumaça e é tão seco que chega a incomodar; aqui não há furacões para saciar a sede – aquela bebida feita de melão e suco de maracujá –, nem áreas à beira-mar, nem lagos.

Tropas avançam para cima e para baixo, patrulhando as ruas (em formação quadrangular alongada, típica de Vegas). Trajam o uniforme preto listrado dos soldados que cumprem sua rota indo e vindo da zona de combate. Mais adiante, depois da rua principal de arranha-céus, há filas de aviões de caça posicionados em uma larga faixa do aeroporto. Dirigíveis trafegam acima.

Esta é uma cidade militar, um mundo de soldados.

O sol acabara de se pôr quando Day e eu atravessamos a rua principal. Day apoia todo o seu peso em meu ombro, enquanto tentamos nos misturar à multidão. Sua respiração é fraca e o rosto estampa sua dor. Faço o possível para apoiá-lo sem parecer deslocada, mas seu peso me faz andar em linhas tortas, como se eu tivesse bebido muito.

– Como estamos nos saindo? – murmura ele em meu ouvido; seus lábios quentes roçando minha pele. Não sei dizer se está meio delirante por causa da dor, ou se é a minha roupa, mas não me importo com seu evidente flerte esta noite. É uma mudança prazerosa da nossa constrangedora viagem de trem. Ele tem o cuidado de manter a cabeça baixa e inclinada para se ocultar dos soldados que percorrem sem cessar as calçadas, os olhos escondidos sob os longos cílios. Day se mexe, inquieto, na jaqueta militar e nas calças. Um quepe preto de soldado esconde o cabelo louro como trigo e bloqueia grande parte do seu rosto.

– Razoavelmente bem – respondo. – Lembre-se de que você está bêbado e feliz. Supostamente, você está louco de desejo por sua acompanhante. Tente sorrir um pouquinho mais.

Day estampa um grande sorriso artificial no rosto, ainda assim consegue ser tão encantador como sempre.

– Como assim, querida? Eu todo crente que estava arrasando. Estou agarrado com a maior gata deste quarteirão; como é que *eu* podia *não* estar louco de desejo por você? Não dá para *ver* que estou louco de desejo por você? É assim que faço quando estou louco de desejo por alguém. – Ele pisca freneticamente.

Ele está tão ridículo que começo a rir. Um pedestre me encara.

– Assim é *muito* melhor.

Estremeço quando ele roça o rosto em meu pescoço.

*Continue fingindo. Concentre-se.*

As quinquilharias que tenho na cintura e ao redor do tornozelo parecem sininhos enquanto andamos.

– Como está sua perna?

Day se afasta um pouco e diz:

– Estava indo muito bem até você tocar no assunto – geme, e depois estremece ao tropeçar em um buraco da calçada. Eu o seguro com mais força. – Eu consigo aguentar até pararmos para descansar.

– Lembre-se de pôr dois dedos na testa se precisar parar.

– Tá legal. Eu aviso quando estiver mal.

Uma dupla de soldados caminha em nossa direção com suas próprias garotas de programa. Meninas sorridentes com sombras chamativas nos olhos e tatuagens bem-feitas no rosto, os corpos mal cobertos por trajes de dança e plumas vermelhas artificiais. Um dos soldados me olha, ri e arregala os olhos vidrados.

– De onde você saiu, gostosa? – pergunta ele com voz enrolada. – Não me lembro de ter visto você por aqui.

Ele tenta me pegar pela cintura, as mãos buscando minha pele nua. Antes que ele possa me alcançar, o braço de Day se move rapidamente e empurra com força o soldado.

– *Não toque nela.*

Day dá um sorriso moleque e pisca para o soldado, mantendo os modos despreocupados, mas a advertência nos olhos e na voz faz o outro homem recuar. Ele pisca para nós dois, resmunga baixinho alguma coisa e sai cambaleante, com os amigos.

Tento imitar a maneira como as garotas de programa riem, e jogo o cabelo para trás.

– Da próxima vez, não se preocupe comigo – sibilo no ouvido de Day mesmo enquanto o beijo no rosto, como se ele fosse o melhor cliente. – A última coisa de que precisamos é uma briga.

– Como assim? – Day dá de ombros e volta a andar, dolorosamente. – Seria uma briga patética. Ele mal conseguiria ficar de pé...

Sacudo a cabeça e resolvo ignorar a ironia.

Um terceiro grupo de soldados passa tropeçando por nós, totalmente embriagados. (São sete cadetes, dois tenentes, exibindo braçadeiras douradas com insígnias do estado de Dakota, o que quer dizer que eles acabaram de chegar do Norte e ainda não trocaram seus identificadores pelos novos com o batalhão da frente de batalha.) Estão abraçados a garotas de programa das boates do Bellagio: moças espalhafatosas com gargantilhas escarlates e tatuagens com a letra *B* nos braços. Esses soldados provavelmente estão acomodados nas barracas acima das boates.

Examino de novo meu próprio traje, roubado dos camarins do Sun Palace. Para todos os efeitos, pareço uma garota de programa. Estou com correntes e quinquilharias douradas na cintura e nos tornozelos, além de plumas e fitas douradas presas no meu cabelo trançado escarlate (tingido por spray). Exibo também uma sombra esfumaçada cintilante nos olhos e uma tatuagem de uma fênix ameaçadora que vai da lateral do rosto até a pálpebra. Minha roupa vermelha deixa meus braços e cintura expostos, e renda negra reveste minhas botas.

Mas há uma coisa na minha indumentária que as outras moças não estão usando: uma corrente de treze pequenos espelhos reluzentes, parcialmente ocultos entre os demais ornamentos enrolados nos meus tornozelos, que, vista de longe, parece uma tornozeleira qualquer. Nada que chame a atenção, mas, de vez em quando, quando as luzes

da cidade focalizam a corrente, ela se transforma numa fileira de luzes cintilantes e brilhantes. Treze, o número não oficial dos Patriotas. Esse é nosso sinal para eles, que devem estar vigiando a rua principal de Vegas o tempo todo, de modo que sei que eles pelo menos notarão uma fila de luzes reluzindo sobre mim. E quando isso acontecer, vão nos reconhecer como a mesma dupla que ajudaram a resgatar em Los Angeles.

Os telões da rua estalam por um instante. O juramento deve estar para começar. Ao contrário de Los Angeles, Vegas faz o juramento nacional cinco vezes por dia. Todas as telas param qualquer comercial ou noticiário que esteja no ar, para substituí-lo por uma enorme imagem do Primeiro Eleitor e, em seguida, transmitir a seguinte declaração no sistema de som da cidade:

*Juro fidelidade à bandeira da nossa grande República da América, a nosso Primeiro Eleitor, a nossos gloriosos estados, à unidade contra as Colônias, à nossa vitória iminente!*

Há pouco tempo, eu costumava recitar esse juramento todas as manhãs e todas as tardes, com o mesmo entusiasmo de qualquer outra pessoa. Determinada a impedir as Colônias da costa leste de assumirem o controle de nosso precioso litoral oeste. Isso foi antes de eu tomar conhecimento do papel da República nas mortes da minha família. Hoje, não sei bem o que pensar. Permitir que as Colônias vençam?

As enormes telas começam a transmitir um noticiário, uma recapitulação das notícias da semana. Day e eu assistimos às manchetes aparecerem rapidamente nas telas:

**REPÚBLICA TRIUNFA E CONTROLA QUILÔMETROS  
DE TERRAS DAS COLÔNIAS NA BATALHA POR  
AMARILLO, LESTE DO TEXAS**



## ALERTA CONTRA INUNDAÇÃO EM SACRAMENTO, CALIFÓRNIA, CANCELADO.

## ELEITOR VISITA TROPAS NA FRENTE DE BATALHA DO NORTE, PARA INCENTIVAR O MORAL

Em geral, a maioria das notícias é desinteressante: são as costumeiras manchetes que chegam da frente de combate, atualizações sobre clima e leis, e avisos de quarentena para Vegas.

Day me dá um tapinha no ombro e aponta para um dos telões, que informa:

## QUARENTENA EM LOS ANGELES ESTENDIDA AOS SETORES ESMERALDA E OPALA

– Os setores de joias? – sussurra Day. Meus olhos continuam fixos na tela, embora a manchete já tenha passado. – Não é lá que vive o pessoal cheio da nota?

Não sei direito o que responder, porque ainda estou refletindo sobre a informação. Os setores Esmeralda e Opala... Só pode ser um engano? Ou será que as pragas em Los Angeles se agravaram tanto assim para serem transmitidas até pelos telões de *Vegas*? Eu nunca, *nunca*, vi quarentenas serem estendidas para os bairros da classe alta. O setor Esmeralda faz divisa com o Rubi – será que isso quer dizer que o bairro onde fica minha casa também vai ficar de quarentena? E nossas vacinas? Elas não deveriam evitar esse tipo de coisa? Repasso as anotações do diário de Metias. Ele escreveu: *Daqui a algum tempo, um vírus não vai poder ser controlado, nenhuma vacina nem cura será capaz de detê-lo*. Lembro tudo que Metias havia descoberto, as fábricas subterrâneas, as ferozes enfermidades, as pragas sistemáticas... Um calafrio me invade, mas digo a mim mesma que Los

Angeles vai sobreviver. A praga vai ser eliminada, como sempre acontece.

Os telões exibem mais manchetes. Uma, bem conhecida, é sobre a execução de Day, e mostra o clipe do local do fuzilamento, onde John foi atingido pelas balas destinadas a Day e depois tombou com o rosto no chão. Day desvia o olhar para a calçada.

**DESAPARECIDA:  
PREVIDÊNCIA SOCIAL Nº 2001963034**

-----

NOME:	JUNE IPARIS AGENTE DA PATRULHA MUNICIPAL DE LOS ANGELES
IDADE/SEXO:	15 ANOS, FEMININO
ALTURA:	1,65
CABELO:	CASTANHO
OLHOS:	CASTANHOS
PELE:	MORENA CLARA
ETNIA PREDOMINANTE:	MONGOL

**VISTA PELA ÚLTIMA VEZ PERTO DE BATALLA HALL,  
LOS ANGELES, CALIFÓRNIA.**

**RECOMPENSA: 350.000 NOTAS DA REPÚBLICA.  
SE VOCÊ A VIR, INFORME IMEDIATAMENTE À  
POLÍCIA LOCAL**

É isso que a República deseja que a população pense: que estou desaparecida e que eles esperam me levar de volta sã e salva. O que eles *não* dizem é que provavelmente me querem morta. Ajudei o criminoso mais procurado do país a fugir de sua execução, ajudei os Patriotas rebeldes num levante encenado contra um quartel-general militar e dei as costas à República.

Entretanto, eles não querem que essas informações se tornem públicas, por isso me perseguem em silêncio. O anúncio mostra uma fotografia minha de frente, sem sorrir, de cara limpa, exceto por um toque de brilho nos lábios, cabelo escuro preso num rabo de cavalo e um emblema dourado da República reluzindo contra minha jaqueta negra. A foto da minha identidade militar. Neste instante, fico aliviada porque a tatuagem da fênix esconde metade do meu rosto.

Atingimos a metade da rua principal antes que os alto-falantes estalem de novo para transmitir o juramento. Day e eu ficamos imóveis. Day tropeça mais uma vez e quase cai, mas consigo segurá-lo rápido o bastante para que ele se mantenha ereto. As pessoas nas ruas observam os telões, exceto por um punhado de soldados a postos em cada cruzamento, a fim de assegurar a participação de todos. De repente, as imagens desaparecem e as telas ficam todas negras, e então surge o retrato em alta definição do Primeiro Eleitor.

*Juro fidelidade...*

É quase reconfortante repetir essas palavras junto às pessoas nas ruas, pelo menos até eu me lembrar de como tudo mudou. Recordo a noite em que capturei Day, quando o Eleitor e seu filho me parabenizaram pessoalmente por colocar um criminoso notório atrás das grades. Lembro-me de como era o Eleitor pessoalmente. O retrato nos telões mostra os mesmos olhos verdes, o queixo determinado, os cabelos pretos encaracolados, mas omitem a frieza de sua expressão e a cor doentia de sua pele. Seus retratos passam uma impressão paternal, com saudáveis bochechas rosadas. Não era assim que eu me lembrava dele.

*... à bandeira da nossa grande República da América...*

De repente, a transmissão para. Há silêncio nas ruas, e depois um coro de sussurros confusos. Franzo a testa. Que estranho. Eu *nunca* vi o juramento ser interrompido, nenhuma vez sequer. E o sistema dos telões parece estar ligado, de modo que a interrupção de uma tela não deveria afetar as demais.

Day observa as telas congeladas enquanto olho rapidamente para os soldados que cercam a rua.

– Um probleminha técnico? – A dificuldade com que ele respira me preocupa. *Aguenta só mais um pouco. Não podemos parar aqui.*

Sacudo a cabeça e respondo:

– Não. Observe as tropas. – Faço um sinal sutil com a cabeça na direção dos soldados. – Eles mudaram de postura. Seus rifles já não estão mais pendurados nos ombros, estão nas mãos deles. Estão se preparando para uma reação do povo.

Day balança a cabeça devagar. Está terrivelmente pálido.

– Aconteceu alguma coisa.

O retrato do Eleitor desaparece dos telões e é imediatamente substituído por uma série de imagens. Elas mostram um homem que é a imagem exata do Eleitor, só que muito mais jovem, com vinte e poucos anos, e os mesmos olhos verdes e cabelo negro e ondulado. Rapidamente recordo como fiquei empolgada quando o conheci no Baile da Celebração. Ele é Anden Stavropoulos, o filho do Primeiro Eleitor.

Day está certo. Aconteceu alguma coisa importante.

*O Eleitor da República morreu.*

Outra voz animada fala pelos alto-falantes:

– Antes de continuarmos nosso juramento, devemos instruir todos os soldados e civis para que substituam o retrato do Eleitor nas suas casas. Vocês podem obter um novo retrato na sede da polícia local. Em duas semanas terão início as inspeções para garantir sua cooperação.

A voz anuncia os supostos resultados de uma eleição geral no país, mas não faz qualquer menção à morte do Eleitor, nem da promoção de seu filho. A República simplesmente trocou de Eleitor sem interromper

o ritmo das atividades, como se Anden fosse a mesma pessoa que seu pai.

Minha cabeça está a mil; tento lembrar o que aprendi no colégio sobre a escolha de um novo Eleitor. O Eleitor sempre escolhia o sucessor, e uma eleição nacional deveria confirmar a escolha. Não me surpreende que Anden seja o primeiro na linha sucessória, mas nosso Eleitor estava no poder havia décadas, muito antes de eu nascer. E agora ele se fora. Nosso mundo se transformou em uma questão de segundos.

Da mesma forma que eu e Day, todos na rua compreendem qual é a coisa adequada a fazer: como se tivéssemos sido instruídos, fazemos uma reverência aos retratos do Eleitor nos telões e recitamos a parte que faltava no juramento e que reaparece nas telas:

*... a nosso Primeiro Eleitor, a nossos gloriosos estados, à unidade contra as Colônias, à nossa vitória iminente!*

Repetimos essas palavras várias vezes, enquanto elas permaneciam nas telas, pois ninguém ousava parar de dizê-las. Olho de relance para os guardas em toda a extensão das ruas. Suas mãos apertam os rifles. Finalmente, após o que parecem horas, as palavras desaparecem e os telões voltam à sequência habitual de notícias. Todos nós recomeçamos a caminhar, como se nada tivesse acontecido.

E então, Day tropeça. Desta vez eu o sinto tremer, e meu coração se aperta.

– Não pare de andar – sussurro.

Para minha surpresa, quase digo “*Não pare de andar, Metias*”.

Tento segurá-lo, mas ele escorrega.

– Não consigo – murmura. Seu rosto brilha de suor, e os olhos estão fechados firmemente, de tanta dor. Ele põe dois dedos na testa e para. Não pode mais continuar.

Olho apavorada ao redor. Há um grande número de soldados, e ainda temos muito que andar.

– Nada disso, você precisa prosseguir – afirmo. – *Ande* comigo, você consegue.



Desta vez, porém, não adianta. Antes que eu possa apanhá-lo, ele cai com as mãos apoiadas no chão.



# DAY

O Primeiro Eleitor está morto.

Tudo isso é meio sem graça, não é, não? O lógico seria que a morte do Eleitor fosse acompanhada por uma pomposa marcha fúnebre cheia de artigos religiosos, pânico nas ruas, luto nacional, desfiles de soldados disparando tiros em direção ao céu. E também um enorme banquete, bandeiras a meio pau, estandartes brancos pendurados em todos os edifícios. Alguma coisa espetacular desse tipo. Acontece que eu não tinha vivido tempo suficiente para ver um Eleitor morrer. Exceto pela divulgação da indicação de sucessor do finado Eleitor e de uma eleição nacional fraudada em nome das aparências, eu não fazia ideia de como isso funcionava.

Acho que a República apenas finge que isso nunca aconteceu e vai direto para o próximo Eleitor. Lembro agora de ler sobre isso em uma das minhas aulas no colégio. *Quando chegar a hora de um novo Primeiro Eleitor, o país deve lembrar às pessoas que se concentrem no aspecto positivo. O luto gera fraqueza e caos. Seguir em frente é a única maneira.* Sei... E essas são palavras vindas de um governo que teme mostrar insegurança aos civis...

Mas tenho apenas um segundo para refletir sobre isso.

Mal acabamos o novo juramento, uma dor aguda me atinge a perna.

Antes que eu possa evitar, dobro o corpo e caio em cima do joelho bom. Dois soldados viram a cabeça na nossa direção. Rio o mais alto que posso, fingindo que as lágrimas nos meus olhos são de divertimento. June entra no meu jogo, mas percebo o medo no seu rosto.

– Vamos – sussurra ela freneticamente. Um dos seus braços longos rodeia minha cintura, e tento pegar a mão que ela me

estende. Na calçada, as pessoas reparam em nós pela primeira vez.  
– Você precisa levantar. *Ande logo!*

Recorro a toda a minha força para manter um sorriso no rosto. *Preciso me concentrar em June.* Tento me levantar, mas caio de novo. Merda! A dor é muito forte. Luzes brancas me dão estocadas no fundo dos olhos. *Respire,* digo a mim mesmo. *Você não pode desmaiar bem no meio da rua principal de Vegas.*

– Qual é o problema, soldado?

Um cabo jovem e de olhos castanho-claros está na nossa frente, de braços cruzados. Dá para perceber que tem pressa, mas aparentemente não o suficiente para que ele não nos examine. Ele ergue uma sobrancelha para mim e pergunta:

– Tudo bem? Você está branco feito neve, garoto.

*Corra.* Sinto um desejo forte de gritar para June: *Saia daqui, dá tempo.* Ela, porém, evita que eu fale e diz:

– Peço que o desculpe, senhor. Nunca vi um cliente da Bellagio beber tanto de uma só vez. – Ela sacode a cabeça com pesar e faz um sinal para que o cabo se afaste. – É melhor o senhor se afastar – continua –, acho que ele precisa vomitar.

Fico surpreso – mais uma vez – com a suavidade com que ela consegue se transformar em outra pessoa. Da mesma forma que ela me enganou nas ruas de Lake.

O cabo franze a testa para ela em dúvida, antes de virar as costas para mim. Seus olhos focalizam minha perna lesionada. Embora ela esteja escondida sob uma grossa camada de calças, ele a analisa e diz:

– Não sei direito se sua acompanhante sabe do que está falando. Parece que você precisa ir a um hospital.

Ele acena com a mão para deter uma ambulância que passava.

Sacudo a cabeça e consigo dizer, com um riso débil:

– Não, senhor, obrigado. Essa princesa fica me contando uma porção de piadas. Só preciso voltar a respirar direito, e depois curar meu porre dormindo. A gente...

Mas ele não está prestando atenção ao que digo. Xingo em silêncio. Se formos para o hospital, vão tirar nossas impressões digitais, e saberão exatamente quem somos: os dois fugitivos mais procurados pela República. Não ousou olhar para June, mas sei que ela também está tentando encontrar uma solução.

Nesse instante, alguém atrás do militar mostra a cabeça.

É uma garota que June e eu reconhecemos imediatamente, embora eu nunca a tenha visto com um uniforme da República. Um par de óculos de piloto está pendurado no seu pescoço. Ela anda em volta do cabo e fica em frente a mim, sorrindo com tolerância.

– Ei! – exclama ela. – Bem que eu *desconfiei* que era você. Eu vi você cambaleando na rua feito um doido!

O militar observa quando ela me arrasta até eu ficar de pé e me dá um forte tapa nas costas. Cambaleio, mas dou-lhe um sorriso de orelha a orelha, como se a tivesse conhecido a vida inteira.

– Senti sua falta – resolvo dizer.

O cabo faz um gesto impaciente para a moça e pergunta:

– Você conhece esse cara?

A moça dá um piparote irreverente no cabelo negro curto e lhe dá o sorriso mais sensual que já vi na vida.

– Se eu o *conheço*, senhor? A gente fazia parte da mesma esquadrilha no nosso primeiro ano. – Ela pisca para mim. – Parece que ele voltou a aprontar pelos cassinos de Vegas.

O cabo ri desdenhosamente e revira os olhos.

– Crias da Aeronáutica, certo? Bem, não deixe ele fazer mais escândalo. Fico quase tentado a reportá-los ao comandante de vocês...

Ele parece se lembrar do que estava fazendo antes, e vai embora apressado.

Respiro aliviado. Essa foi por um triz.

Quando ele se vai, a moça me dá um sorriso cativante. Mesmo debaixo de uma das mangas do seu paletó, dá pra ver que um dos braços está engessado.

– Meu alojamento é perto daqui – insinua ela. O tom de sua voz me leva a crer que ela não está feliz de nos ver. – Que tal descansar lá um pouco? Pode até levar seu novo “brinquedinho”. – A moça aponta para June com a cabeça ao dizer isso.

Kaede. Ela não mudou nada desde a tarde em que a conheci, quando pensei que fosse apenas uma *bartender* com uma tatuagem de parreira. Antes de eu saber que ela era uma Patriota.

– Mostre o caminho – respondi.

Kaede ajuda June a me apoiar por mais um quarteirão. Ela nos faz parar em frente às refinadas portas esculpidas do Venezia, um edifício de muitos andares de alojamentos militares, depois passamos por um entediado guarda na entrada e entramos no vestíbulo principal do prédio. O pé-direito é alto o bastante para me dar vertigem, e vejo com os cantos dos olhos as insígnias da República e retratos do Eleitor pendurados entre as colunas de pedras. Os guardas estão apressados para substituir esses retratos por retratos atualizados. Kaede nos conduz enquanto tagarela sem parar uma porção de abobrinhas. Seu cabelo negro agora está ainda mais curto, cortado rente e à altura do queixo, e os olhos estão borrados por uma sombra azul-marinho. Nunca tinha reparado que ela e eu temos quase a mesma altura. Soldados se deslocam para cima e para baixo, e fico na expectativa de que um deles me reconheça dos cartazes de “procura-se”. Eles vão reparar em June, mesmo disfarçada, ou se darão conta de que Kaede não é militar. Então, ficarão todos em cima da gente como moscas e nós não teremos a menor chance.

Mas ninguém nos interroga, e o fato de eu estar mancando até nos ajuda a nos misturarmos à multidão; vejo vários outros soldados com braços ou pernas engessados. Kaede nos leva até os elevadores; nunca andei de elevador, porque nunca estive em um prédio com eletricidade. Saltamos no oitavo andar, onde há menos soldados. Na verdade, passamos por um corredor completamente vazio.



Aqui, ela finalmente deixa cair a fachada petulante.

– Vocês dois parecem ratos de esgoto – murmura, e bate baixinho numa das portas. – Essa perna ainda incomoda, né? Tu deve ser muito teimoso, se veio até aqui atrás da gente. – Ela ri debochada para June e diz: – Essas luzes todas na tua roupa quase me cegaram.

June troca um olhar comigo. Sei exatamente o que ela está pensando. *Não dá pra entender como um grupo de criminosos pode estar vivendo num dos maiores quartéis de Vegas.*

Ouve-se um barulhinho atrás da porta. Kaede a abre e entra no lugar com os braços estendidos.

– Bem-vindos à nossa humilde residência – declara, agitando largamente as mãos. – Pelo menos pelos próximos dias. É bem maneira, né?

Não sei o que eu esperava ver. Talvez um grupo de adolescentes, ou uma atividade de baixo orçamento.

Em vez disso, entramos num cômodo onde apenas duas outras pessoas nos esperavam. Olho ao redor, surpreso. Eu nunca estive em um verdadeiro quartel da República, mas este deve ser reservado para oficiais – duvido que isso aqui seja usado para acomodar soldados comuns. Em primeiro lugar, não é um cômodo comprido com filas de beliches. Poderia ser um apartamento para um ou dois oficiais de alta patente. Há luz elétrica no teto e nas luminárias. Ladrilhos prateados e de cor creme cobrem o piso, as paredes estão pintadas em tons de gelo e vinho. Os sofás e as mesas têm as pernas forradas com uma grossa tapeçaria vermelha. Um pequeno monitor está instalado diretamente em uma das paredes, e a tela muda mostra o mesmo noticiário transmitido pelos telões nas ruas.

Assobio baixinho.

– É, maneiro mesmo.

Sorrio, mas fico sério ao olhar de relance para June. Seu rosto está tenso sob a tatuagem da fênix. Embora seus olhos permaneçam

neutros, sem dúvida ela não está feliz, nem tão impressionada quanto eu. Bem, e por que deveria estar? Aposto que o apartamento dela deve ser tão bonito quanto este. Seus olhos examinam o cômodo calmamente, observando coisas em que eu provavelmente jamais repararia. Ela é inteligente e astuta como qualquer bom soldado da República. Uma de suas mãos permanece perto da cintura, onde ela mantém duas facas.

Um instante depois, minha atenção se concentra em uma moça atrás do sofá de centro que fixa os olhos em mim. Ela aperta os olhos, como se quisesse ter certeza de que está realmente me vendo. Impressionada, ela abre a boca; os pequenos lábios cor-de-rosa formam um O. Seu cabelo está curto demais para que possa ser trançado; ele cai até a metade do pescoço, em mechas desarrumadas. *Espera aí!* Meu coração para de bater por um instante. Eu não a reconheci logo de cara por causa do cabelo.

*É Tess.*

– Você está aqui! – exclama ela. Antes que eu possa responder, Tess corre até onde estou e pula no meu pescoço. Eu cambaleio para trás, lutando para manter o equilíbrio. – É você mesmo! Não posso acreditar, você está aqui, você está bem!

Não consigo pensar direito. Por um instante, nem sinto a dor na perna. Tudo que posso fazer é apertar com força a cintura dela, enterrar a cabeça no seu ombro e fechar os olhos. O peso na minha cabeça desaparece e me deixa enfraquecido de alívio. Respiro fundo e me consolo com o entusiasmo dela e o cheiro doce do seu cabelo. Estive com ela todos os dias desde que eu tinha doze anos, mas depois de apenas algumas semanas separados percebo de súbito que ela já não é a garota de dez anos que conheci num beco: está diferente, mais velha. Sinto um aperto no peito.

– Estou feliz em ver você, amiga – sussurro. – Você está ótima.

Tess apenas me aperta ainda mais. Dou-me conta de que ela está prendendo a respiração, esforçando-se muito para não chorar.

Kaede interrompe nosso momento:

– Já chega. Isto aqui não é uma droga de ópera.

Nós nos separamos para rir, sem jeito, um para o outro, e Tess enxuga os olhos com a palma de uma das mãos. Ela troca um sorriso constrangido com June. Finalmente, dá as costas e corre de volta para uma pessoa, um homem, que a esperava.

Kaede abre a boca para dizer alguma coisa, mas o homem a detém com uma das mãos enluvada. Isso me surpreende. Sabendo como a moça é mandona, estava certo que ela era a chefe do grupo. Não consigo imaginar essa garota aceitando ordens de alguém. Agora, porém, ela aperta os lábios e se atira no sofá quando o homem se levanta para falar conosco. Ele é alto, deve ter uns quarenta e poucos anos, e seus ombros são largos. A pele é ligeiramente bronzeada, e o cabelo ondulado está puxado para trás num rabo de cavalo pequeno e crespo. Um par de óculos finos e de aros negros está apoiado no nariz.

– Quer dizer então que você é o famoso Day – diz ele. – Prazer em conhecê-lo.

Gostaria de ter uma postura melhor do que ficar de pé, curvado de dor.

– Igualmente. Obrigado por nos receber.

– Por favor, perdoe-nos por não termos acompanhado vocês até Vegas – ele se desculpa, e ajusta os óculos. – Pode parecer uma atitude fria, mas não gosto de arriscar meus rebeldes desnecessariamente. – Seus olhos se voltam para June e ele diz: – E suponho que você seja o prodígio da República.

June inclina a cabeça, num gesto que revela sua educação refinada.

– Seu traje de garota de programa é mesmo muito convincente. Se importa se fizermos um pequeno teste para provar sua identidade? Por favor, feche os olhos.

June hesita um segundo, depois obedece.

O homem aponta com uma das mãos para a frente da sala e ordena:

– Atinja o alvo na parede com uma de suas facas.

Eu pisco e analiso as paredes. Alvo? Eu nem sequer havia notado um tabuleiro de dardos, com três anéis numa das paredes próxima à porta pela qual passamos. Mas June nem hesita. Tira uma faca da cintura, vira-se, e a atira em direção ao alvo, sem abrir os olhos.

A faca atinge o quadro profundamente, a apenas alguns centímetros do centro do alvo.

O homem aplaude.

Até Kaede resmunga sua aprovação, seguida por um revirar de olhos.

– Quanta palhaçada! – eu a escuto exclamar.

June se vira para nós e espera a reação do homem. Fico atônito e calado. Nunca vi ninguém manejar uma faca com tamanha perícia. Eu já tinha visto a June fazer uma porção de coisas surpreendentes, mas essa era a primeira vez que a testemunhava usando uma arma. Essa visão me causa emoção e um arrepio, trazendo de volta lembranças que havia trancado num compartimento da memória, pensamentos que preciso conservar enterrados se quiser manter o foco e seguir em frente.

– Prazer em conhecê-la, srta. Iparis – diz o homem, pondo as mãos nas costas. – Agora me digam: o que os traz aqui?

June faz um aceno com a cabeça para mim, e então começo a falar:

– Precisamos da sua ajuda, por favor. Vim à procura de Tess, mas também estou tentando encontrar meu irmão Éden. Não sei para que a República o está usando, nem onde o estão mantendo. Achamos que vocês fossem os únicos, fora da esfera militar, que talvez pudessem conseguir essas informações. E, por último, acho que minha perna precisa ser operada.

Prendo a respiração quando mais um espasmo de dor atravessa meu corpo feito uma espada tentando me cortar pela metade. O homem olha de relance para a perna; suas sobrancelhas se franzem de preocupação.

– É uma senhora lista! – diz. – Você deveria se sentar. Parece meio desequilibrado em pé. – Ele espera pacientemente que eu me mexa, mas, quando permaneço imóvel, ele pigarreja e continua: – Bem, vocês já se apresentaram. É justo que eu faça o mesmo. Meu nome é Razor, e sou o chefe dos Patriotas. Venho liderando a organização há muitos anos, há mais tempo que vocês vêm causando problemas nas ruas de Lake. Você quer nossa ajuda agora, Day, mas lembro que recusou os convites para se juntar a nós. Várias vezes.

Ele se vira para as janelas pintadas em tons escuros que dão de frente para as plataformas de embarque em formato de pirâmides que estão na extensão da rua. A vista é impressionante. Dirigíveis deslizam para a frente e para trás no céu noturno; vários deles aterram no alto das pirâmides, como peças de um grande quebra-cabeça. De vez em quando, dá para ver formações de aviões de combate, formas negras semelhantes a águias, decolando ou aterrissando nas plataformas dos aviões. Meus olhos focalizam os edifícios; as plataformas das pirâmides devem ser os locais mais fáceis por onde fugir, com ranhuras de cada lado e sulcos semelhantes a degraus delimitando suas extremidades.

Percebo que Razor está esperando minha resposta.

– Eu não me sentia muito confortável com a quantidade de cadáveres gerada por sua organização.

– Mas agora, aparentemente, você mudou de ideia. – Suas palavras são de censura, mas seu tom de voz é simpático quando ele junta as palmas das mãos e comprime a ponta dos dedos nos lábios. – Porque você precisa de nós, certo?

É, nisso ele tem razão.

– Sinto muito, mas estamos ficando sem opções. Pode acreditar que vou entender se o senhor se recusar. Mas, por favor, só não nos entregue à República. – Forço um sorriso.

Ele dá um risinho em resposta ao meu sarcasmo. Eu me concentro na saliência torta do seu nariz e me pergunto se ele já o

quebrou antes.

– No começo, fiquei tentado a deixar vocês dois perambulando por Vegas até serem capturados. – A voz dele é suave como a de um aristocrata, refinada e carismática. – Vou ser muito sincero com você. Suas habilidades já não me são tão úteis quanto antes, Day. Com o passar dos anos, recrutamos outros agentes, e agora, com o devido respeito, acrescentar mais um à nossa equipe não é uma prioridade. Sua amiga já sabe – ele para e acena para June com a cabeça – que os Patriotas não são uma organização beneficente. Você está nos pedindo muita ajuda. O que nos dará em troca? Vocês não devem ter muito dinheiro.

June lança um olhar expressivo na minha direção. Ela me alertou sobre isso na viagem de trem, mas não posso desistir agora. Se os Patriotas nos rejeitarem, vamos ficar sozinhos.

– Não temos dinheiro – admito. – Não vou falar por June, mas se tiver *qualquer coisa* que eu possa fazer em troca de sua ajuda é só dizer.

Razor cruza os braços e vai até o bar do apartamento, um refinado balcão de granito embutido na parede, com várias prateleiras de garrafas de vidro de todas as formas e tamanhos. Com toda a calma do mundo, ele se serve de uma bebida. Quando termina, ele pega o copo e volta até onde estamos.

– Existe uma coisa que você pode oferecer... Felizmente, vocês chegaram numa noite muito interessante. – Razor dá um gole na bebida e se senta no sofá. – Como vocês devem ter escutado, o ex-Primeiro Eleitor morreu hoje, coisa que muitos dos círculos de elite da República já tinham previsto. De qualquer forma, seu filho, Anden, é o novo Eleitor. Ele é praticamente um menino, e não é *nada estimado* pelos senadores do pai. – Razor se inclina para a frente, pronunciando cada palavra com cautela e vigor. – Raramente a República foi tão vulnerável quanto é agora. Não haverá melhor época para fazer uma revolução. Day, suas habilidades físicas talvez sejam dispensáveis, mas há duas coisas que você pode nos dar que

nossos agentes não podem. A primeira é sua fama, seu status como campeão do povo. A segunda é sua encantadora companheira. – Ele aponta o copo para June.

Enrijeço ao ouvir essas palavras, mas os olhos de Razor são tão quentes quanto mel, e fico esperando o resto de sua proposta.

– Terei prazer em aceitar vocês, e ambos serão muito bem cuidados. Podemos conseguir um excelente médico para você, Day, e pagar por uma operação que tornará sua perna melhor do que nova. Desconheço o paradeiro do seu irmão, mas podemos ajudar você a encontrá-lo e, posteriormente, podemos ajudar vocês dois a fugir para as Colônias, se assim o desejarem. Em troca, pediríamos sua colaboração com um novo projeto, mas sem direito a perguntas. Entretanto, vocês vão precisar jurar sua fidelidade aos Patriotas, antes que eu revele qualquer detalhe sobre o que vocês farão. Minhas condições são essas. O que vocês acham?

June olha para mim e para Razor, levanta o queixo e diz:

– Eu aceito. Vou jurar fidelidade aos Patriotas.

Há uma ligeira hesitação em sua voz, como se soubesse que realmente abandonara de vez a República. Engulo em seco. Não esperava que June concordasse tão rapidamente; achei que precisaria ser persuadida antes de se aliar a um grupo que obviamente odiava até poucas semanas atrás. O fato de ela ter dito sim faz meu coração bater mais forte. Se June está se juntando aos Patriotas, é porque deve compreender que não temos outra opção. Ela está fazendo isso por mim. É minha vez de erguer a voz:

– Eu também aceito.

Razor sorri, levanta-se do sofá e ergue sua bebida, simulando um brinde. Depois põe o copo na mesa de centro e aperta nossas mãos com firmeza.

– Então é oficial. Vocês nos ajudarão a assassinar o novo Primeiro Eleitor.

# JUNE

Não confio em Razor.

Não confio nele porque não compreendo como pode se dar ao luxo de se esconder em alojamentos tão requintados. São alojamentos de oficiais, em *Vegas*! Cada um destes tapetes vale, pelo menos, 29 mil Notas, e todos são feitos de um tipo de pele sintética muito caro. Há dez lâmpadas elétricas neste aposento, e todas estão ligadas. O uniforme dele é impecável e novo. Ele tem até uma arma personalizada presa ao cinto. É de aço inoxidável, provavelmente leve, e ornada à mão. Meu irmão usava armas assim. Cada uma delas custa 18 mil Notas. Além do mais, a arma de Razor deve ser adulterada, sua numeração deve ter sido raspada. Não há como a República rastreá-la para a obtenção de impressões digitais ou locais. Onde os Patriotas conseguiram o dinheiro e a técnica para adulterar equipamento tão avançado?

Tudo isso me leva a duas teorias. Primeira: Razor deve ser uma espécie de comandante da República, um oficial traidor. De que outra maneira ele pode permanecer neste alojamento sem levantar suspeitas? Segunda: os Patriotas estão sendo financiados por alguém com amplos recursos. As Colônias? Possivelmente.

Apesar de todas as minhas desconfianças e suposições, a oferta de Razor é melhor do que nada. Não temos dinheiro para comprar ajuda no mercado negro e, sem ajuda, não temos como encontrar o Éden, muito menos chegar às Colônias. Além do mais, não acredito que poderíamos ter rejeitado a proposta de Razor. É verdade que ele não nos ameaçou de forma alguma, mas duvido muito que nos deixasse voltar às ruas.

Pelo canto do olho, vejo Day esperando minha resposta à declaração de Razor. Tudo que preciso ver são a lividez dos seus



lábios e a dor estampada no seu rosto, que são apenas algumas das dezenas de sinais de que ele está ficando sem forças. A esta altura, creio que a vida dele depende de nossa negociação com Razor.

– Assassinar o novo Eleitor – repito. – Tudo bem.

Minhas palavras soam estranhas e distantes. Por um momento, relembro quando conheci Anden e seu falecido pai no baile que celebrou a captura de Day. A ideia de assassinar Anden faz meu estômago se revirar. *Ele agora é o Eleitor da República*. Depois de tudo que aconteceu à minha família eu deveria ficar feliz pela oportunidade de matá-lo. Mas não estou, e isso me confunde.

Se Razor observou minha hesitação, ele disfarça.

– Vou mandar chamar um médico urgente. É provável que ele não consiga chegar antes da meia-noite, que é quando ocorre a troca de turno. É o mais cedo que conseguiremos com tão pouca antecedência. Nesse meio-tempo, vamos tirar vocês dois destes disfarces e lhes dar algo mais apresentável para vestir.

Razor olha de relance para Kaede. Ela está reclinada no sofá, com ombros caídos e uma carranca irritada, mastigando distraidamente um cacho do cabelo. Ele ordena:

– Mostre-lhes onde fica o chuveiro e lhes dê dois uniformes novos. Depois, vamos cear e conversar mais sobre nosso plano. – Ele abre os braços e diz: – Bem-vindos aos Patriotas, meus jovens amigos. É um prazer ter vocês conosco.

E assim, num piscar de olhos, estamos oficialmente vinculados a eles. Talvez isso não seja tão ruim, talvez eu nunca devesse ter discutido com Day sobre o assunto. Kaede gesticula para que a acompanhem até o hall do apartamento e nos leva até o banheiro, com piso de mármore e pias de porcelana, espelho e instalações sanitárias, banheira e chuveiro com paredes de vidro fosco. Não posso deixar de admirar tudo isso. A riqueza ultrapassa até mesmo a que eu tinha no meu apartamento no setor Rubi.

– Não fiquem a noite toda aí, não. Podem até tomar banho juntinhos, se for mais rápido, mas estejam de volta em meia hora.

Kaede me dá um largo sorriso (embora seus olhos não o expressem), depois faz um gesto de aprovação para Day, que se apoia pesadamente no meu ombro. Ela vira as costas e volta para a sala, antes que eu possa responder. Acho que ainda não me perdoou totalmente por eu ter quebrado seu braço.

Day relaxa a postura no instante em que Kaede se vai, e murmura:

– Você pode me ajudar a sentar?

Abaixo a tampa do vaso sanitário e o faço sentar bem devagarzinho. Ele estica a perna boa, e enrijece o queixo ao endireitar a perna ferida.

Um gemido lhe escapa dos lábios, e ele resmunga:

– Tenho que reconhecer que já tive melhores dias.

– Pelo menos a Tess está a salvo.

Isso alivia parte do sofrimento nos olhos dele, que repete o que eu disse, suspirando profundamente:

– É, pelo menos a Tess está a salvo.

Sinto uma ponta inesperada de remorso. O rosto de Tess me pareceu tão doce, tão integralmente *puro*, e eles dois se separaram por *minha* causa...

Será que *sou* uma boa pessoa? Tenho minhas dúvidas.

O ajudo a tirar a jaqueta e o boné. Seu cabelo comprido roça em meus braços.

– Deixa eu ver sua perna.

Ajoelho e tiro uma faca do cinto. Corto o tecido da perna da calça até o meio da sua coxa. Os músculos da perna estão firmes e tensos, e minhas mãos tremem ao roçar sua pele. Cuidadosamente, separo o tecido, para expor o ferimento coberto por ataduras. Respiramos fundo ao mesmo tempo. O pano mostra um círculo maciço de sangue escuro e molhado; debaixo dele, a ferida está vazando e inchando.

– É melhor o médico chegar logo. Tem certeza de que pode tomar banho sozinho?

Day desvia o olhar e suas bochechas enrubescem.

– Claro que posso.

Ergo uma sobrancelha.

– Você mal consegue ficar de pé...

– Tá bem – ele hesita e fica ruborizado –, acho que preciso mesmo de ajuda.

Engulo em seco e digo:

– Claro que precisa. É melhor você tomar banho de banheira.

Vamos logo com isso.

Começo a encher a banheira com água quente. Depois, pego a faca e lentamente corto as ataduras encharcadas de sangue que cobrem o ferimento de Day. Ficamos sentados em silêncio; nenhum dos dois encara o outro. A lesão está pior do que nunca, o inchaço criou uma massa volumosa de carne viscosa para a qual Day evita olhar.

– Você não precisa fazer isto – resmunga ele, girando os ombros, numa tentativa de relaxar.

– Está bem. – Sorrio maliciosamente para ele. – Vou esperar do lado de fora do banheiro. Quando você precisar de mim, você...

– Não – interrompe ele. – Quero dizer, você não precisa se unir aos Patriotas.

Meu sorriso desaparece.

– Nós não temos muitas opções, não é mesmo? Precisamos ajudar Razor ou ele não vai fazer nada pra nos ajudar.

A mão de Day toca meu braço por um segundo e me detém quando eu estava desamarrando suas botas.

– O que você acha do plano deles?

– De matar o novo Eleitor? – Eu me viro, me concentrando em desamarrar as botas, afrouxando cada uma delas com o maior cuidado possível. Ainda não refleti sobre o tal plano, por isso desvio do assunto. – Qual é a *sua* opinião? Você se esforça ao máximo para não machucar as pessoas. Esse assassinato deve ser muito difícil para você.

Fico atônita quando Day simplesmente dá de ombros e responde:

– Existe uma hora e um lugar para tudo. – Sua voz é fria e mais ríspida do que o normal. – Nunca entendi por que matar os soldados da República. Quer dizer, eu *odeio* todos eles, mas eles não são a *fonte*, apenas obedecem a ordens. O Eleitor, por outro lado... Acabar com a pessoa encarregada de todo esse maldito sistema me parece um preço pequeno a se pagar para começar uma revolução. Não acha?

Não posso deixar de sentir alguma admiração pela atitude de Day. O que ele diz faz todo o sentido. Mesmo assim, eu me pergunto se ele teria dito a mesma coisa semanas atrás, antes de tudo que aconteceu à sua família. Não ousa me referir ao dia em que fui apresentada a Anden no baile da comemoração. É mais difícil se convencer a matar alguém que você chegou a conhecer – e admirar – pessoalmente.

– Bem, é como eu falei. Não temos alternativa.

Day aperta os lábios. Ele sabe que não estou dizendo tudo que penso de verdade.

– Deve ser difícil para você dar as costas ao seu Eleitor – as mãos dele permanecem largadas ao lado do corpo.

Mantenho a cabeça baixa, começo a tirar suas botas.

Enquanto ponho suas botas de lado, Day se livra da jaqueta e começa a desabotoar o colete. Isso me lembra de quando o conheci nas ruas de Lake. Naquela época, ele tirava o colete todas as noites e o dava à Tess, para que ela o usasse como travesseiro. Isso foi o máximo de roupa que já o vi tirar. Ele agora desabotoa a camisa, expondo o resto da garganta e uma pequena parte do peito. Vejo o medalhão em volta do seu pescoço, a moeda de vinte e cinco centavos de dólar americano coberta de metal macio em ambos os lados. Na escuridão tranquila do vagão ferroviário, ele havia me contado que seu pai tinha trazido o medalhão da frente de combate. Ele para quando termina de desabotoar o último botão e fecha os olhos.

Vejo a dor estampada no seu rosto, e essa visão me dilacera.

O criminoso mais procurado da República não passa de um menino, subitamente vulnerável, que está expondo todas as suas fraquezas na minha frente.

Eu me aprumo e estendo os braços até sua camisa. Minhas mãos tocam a pele dos seus ombros. Tento manter a respiração normal, a mente aguda e objetiva, mas, à medida que o ajudo a tirar a camisa e a revelar os braços e o peito nus, sinto que minha mente está se embaralhando. Day é forte e esbelto sob as roupas, a pele é surpreendentemente macia, exceto por uma ou outra cicatriz (ele tem quatro já meio esmaecidas no peito e na cintura, outra que é uma fina linha diagonal se estende da clavícula esquerda até o osso do quadril direito, e uma crosta no braço de uma cicatriz já curada). Ele me encara fixamente. É difícil descrever o Day para aqueles que nunca o viram: sua beleza exótica, única, avassaladora. Está muito perto agora, perto o bastante para que eu veja a minúscula imperfeição ondulada no oceano do seu olho esquerdo. Sua respiração é quente e fraca. Sinto minhas bochechas ficarem quentes, mas não quero virar o rosto.

– Nós estamos juntos nessa, não estamos? – sussurra ele. – Você e eu? Você *quer* estar aqui, não?

Suas perguntas revelam remorso.

– Quero. Eu *escolhi* isso.

Day me puxa para tão perto dele que nossos narizes se tocam.

– Eu amo você.

Meu coração se acelera de excitação ao desejo evidente em sua voz, mas, ao mesmo tempo, o lado prático do meu cérebro instantaneamente se intromete: *essa história não tem a menor chance de dar certo. Há um mês, ele nem sequer sabia da minha existência.* Por isso, deixo escapar:

– Não, você não me ama. Ainda não.

Day franze as sobrancelhas, como se eu o tivesse magoado.

– Estou sendo sincero – diz ele, junto aos meus lábios.

Fico impotente diante do sofrimento da sua voz, mas ainda assim... *São apenas as palavras de um menino no calor do momento.*

Tento me obrigar a dizer a mesma coisa a ele, mas as palavras se congelam na minha boca. Como ele pode ter tanta certeza disso? Eu certamente não compreendo tudo que estou sentindo. Estou aqui porque o amo ou porque *tenho uma dívida* com ele?

Day não espera pela minha resposta. Uma de suas mãos roça minha cintura e se achata nas minhas costas, puxando-me de tal maneira que acabo sentada na sua perna boa. Fico ofegante. Ele pressiona os lábios nos meus, e entreabro a boca. Sua outra mão toca meu rosto e pescoço; seus dedos são, ao mesmo tempo, brutos e delicados. Seus lábios lentamente procuram o canto da minha boca, ele beija minha face, depois meu queixo. Meu peito agora está colado ao dele, e minha coxa roça o macio cume do osso de seu quadril. Volto a fechar os olhos. Meus pensamentos estão embaralhados e distantes, escondidos sob uma névoa tremeluzente de calor. Uma série de detalhes práticos dentro da minha cabeça luta para vir à superfície.

– Kaede foi embora faz oito minutos – sussurro em meio aos beijos de Day. – Estão nos esperando daqui a vinte e dois minutos.

Day entrelaça a mão no meu cabelo e suavemente empurra minha cabeça para trás, expondo meu pescoço.

– Eles que esperem – murmura. Seus lábios beijam suavemente minha garganta; cada beijo é mais impetuoso que o último, mais impaciente, mais urgente, mais faminto.

Seus lábios voltam a beijar minha boca, e posso sentir o pouco que lhe restava de autocontrole esvaindo-se, sendo substituído por alguma coisa instintiva e selvagem. *Eu amo você* é do que seus lábios estão tentando me convencer. Eles estão me deixando tão frágil que estou quase desabando no chão. Já beijei alguns garotos antes... mas Day me faz sentir como se nunca tivesse sido beijada,

como se o mundo estivesse se derretendo em algo sem nenhuma importância.

De repente, ele me solta e geme baixinho de dor. Vejo-o apertar os olhos e fechá-los, tremer e respirar fundo. Meu coração bate furiosamente contra minhas costelas. O calor entre nós perde a intensidade, e meus pensamentos voltam para o lugar, quando me lembro com uma sensação lenta e de prostração onde estamos e o que ainda precisamos fazer. Esqueci que a água continuava a correr – a banheira está quase cheia. Estendo o braço e fecho a torneira. Meus joelhos estranham o frio do piso. Meu corpo inteiro está ardendo.

– Pronto? – pergunto, tentando me firmar. Day assente silenciosamente. O momento passou; o brilho nos olhos dele diminuiu.

Derramo um pouco de gel líquido de banho na banheira e o revolvo até ele formar uma espuma. Depois apanho uma das toalhas penduradas no banheiro e a passo ao redor da cintura de Day. Chegou a hora do constrangimento. Ele consegue manusear desajeitadamente a calça debaixo da toalha e a solta. Eu o ajudo a tirá-la. A toalha cobre tudo que precisa ser coberto, mas mesmo assim desvio o olhar.

Ajudo Day, que só está usando a toalha e o medalhão, a ficar de pé, e, após algum esforço, conseguimos colocar sua perna boa na banheira, de modo que eu possa abaixá-lo lentamente para entrar na água. Tomo o cuidado de manter a perna machucada no alto e seca. Day comprime o queixo, para não gritar de dor. Quando ele se acomoda na banheira, seu rosto está úmido de lágrimas.

Levo quinze minutos para esfregá-lo e para lavar todo o seu cabelo. Quando terminamos, eu o ajudo a se levantar e fecho os olhos quando ele pega uma toalha seca e a passa ao redor da cintura.

A ideia de abrir os olhos agora e vê-lo nu faz com que meu sangue ferva desordenadamente nas minhas veias. *Mas que mal há*

*em ver um garoto nu?* Fico irritada ao supor que meu vívido enrubescimento deve ser óbvio, mas aí o momento passa, e levamos mais alguns minutos lutando para tirá-lo da banheira.

Quando ele finalmente está sentado na tampa do vaso sanitário, vou até a porta do banheiro. Não havia reparado antes, mas alguém tinha entreaberto a porta e deixado dois uniformes novos para nós. São uniformes de infantaria, com botões do estado de Nevada. Vou me sentir esquisita ao voltar a ser um soldado da República, mas, ainda assim, apanho os uniformes.

Day me dá um sorriso brando e diz:

– Obrigado. É muito bom me sentir limpo.

Sua dor parece trazer de volta suas piores lembranças das últimas semanas, e agora toda a sua emoção está nitidamente exposta no seu rosto. Seus sorrisos melancólicos não chegam nem perto da alegria que expressavam. É como se a maior parte da sua felicidade tivesse morrido na noite em que ele perdeu John, e que apenas uma pequena porção tenha permanecido, o pouco que ele reserva para Éden e Tess.

Secretamente torço para que guarde para mim também uma partícula da alegria dele.

– Vire-se e vista suas roupas. Espere por mim do lado de fora do banheiro. Não vou demorar.

Chegamos à sala de estar sete minutos atrasados. Razor e Kaede nos esperam. Tess está sozinha, sentada em um canto do sofá abraçando as próprias pernas, observando-nos com uma expressão vigilante.

Um instante depois, sinto o cheiro de frango assado com batatas. Meu olhar se lança rapidamente para a mesa da sala de jantar, onde quatro travessas cheias de comida estão dispostas em ordem. Ela parece chamar nosso nome. Faço força para não reagir ao cheiro, mas meu estômago ronca.



– Excelente! – exclama Razor, sorrindo para nós. Seus olhos se concentram em mim durante um tempo. – Vocês dois estão com ótima aparência. – Então se vira para Day e sacode a cabeça. – Providenciamos comida, mas como você vai se submeter a uma cirurgia daqui a algumas horas vai precisar ficar de estômago vazio. Lamento. Sei que você deve estar com fome. June, sirva-se, por favor.

Os olhos de Day também focalizam a comida. Ele resmunga:

– Ah, que ótimo...

Junto-me aos outros em volta da mesa enquanto Day se estica no sofá e fica o mais à vontade possível. Estou quase pegando meu prato para me sentar ao lado dele, mas Tess chega primeiro e se senta na beira do sofá, de modo que suas costas tocam o corpo de Day. Enquanto Razor, Kaede e eu comemos em silêncio à mesa, de vez em quando lanço olhares furtivos para o sofá. Day e Tess conversam e riem, com a desenvoltura de duas pessoas que se conhecem há anos. Eu me concentro na comida; o ardor do nosso encontro no banheiro ainda queima em meus lábios.

Eu havia contado cinco minutos mentalmente quando Razor finalmente dá um gole em sua bebida e se recosta na cadeira. Eu o observo atentamente, ainda me perguntando por que um dos líderes dos Patriotas – o chefe de um grupo que sempre associei à selvageria – é tão educado.

– Srta. Iparis, sabe muita coisa sobre nosso novo Eleitor?

Sacudo a cabeça.

– Infelizmente, não.

Ao meu lado, Kaede ri com desdém e continua jantando.

– Mas a senhorita já foi apresentada a ele, não? – insiste Razor, revelando o que eu esperava esconder de Day. – Naquela noite no baile para celebrar a captura do Day, lembra-se? Ele beijou sua mão. Correto?

Day interrompe a conversa com Tess. Eu me retraio internamente.

Razor não parece notar meu desconforto e continua a falar:

– Anden Stavropoulos é um rapaz interessante. O finado Eleitor o amava muito. Agora que o Eleitor é Anden, os senadores estão inquietos. O povo está zangado e nem se importa se Anden é diferente do último Eleitor. Indiferentes às declarações que Anden fizer para agradar às pessoas, tudo que vão ver é um garoto rico que não tem ideia de como curar o sofrimento delas. Estão furiosas com Anden por permitir que Day fosse executado, por persegui-lo, por não dizer nada contra as políticas do pai, por oferecer uma recompensa a quem encontrar June... A lista não termina aqui. O falecido Eleitor controlava os militares com pulso de ferro. Agora o povo só vê um rei menino que tem a oportunidade de ascender e se tornar outra versão do pai. São esses pontos fracos que queremos explorar, o que nos leva de volta a nosso plano.

– O senhor parece saber muito sobre o jovem Eleitor. Também parece saber muito sobre o que aconteceu no baile de comemoração – digo. Não consigo mais conter minha desconfiança. – Suponho que isso seja porque também compareceu àquele baile. O senhor deve ser um oficial da República, mas sem uma patente alta o suficiente para conseguir uma audiência com o Eleitor. – Analiso os luxuosos tapetes de veludo e os balcões de granito. – Estes são, na realidade, *seus* alojamentos, não são?

Razor fica meio desconcertado com minha crítica à sua patente (que, como sempre, é um fato que eu não pretendia que fosse um insulto), mas rapidamente a ignora, com uma risada.

– Estou vendo que não haverá segredos para você. Menina especial. Bem, meu título oficial é Comandante Andrew DeSoto e dirijo três das patrulhas da capital na cidade. Foram os Patriotas que deram meu nome de guerra. Há pouco mais de uma década venho organizando a maioria das missões deles.

Day e Tess escutam atentamente agora.

– O senhor é um oficial da República – repete Day, de modo pouco firme, com os olhos fixos em Razor. – Um comandante da

capital. Hum... *Por que* o senhor está ajudando os Patriotas?

Razor inclina a cabeça e apoia os cotovelos na mesa de jantar, apertando as mãos.

– Suponho que devo começar lhes fornecendo os detalhes de como trabalhamos. Os Patriotas existem há mais ou menos trinta anos. No começo, era apenas um grupo desorganizado de rebeldes. Nos últimos quinze anos, eles se unificaram numa tentativa de se organizar e de organizar também sua causa.

– A entrada de Razor mudou tudo, é o que me dizem – fala Kaede com voz esganiçada. – Era um entra e sai de líderes danado, e conseguir recursos financeiros não era nada fácil. Os contatos de Razor nas Colônias tem trazido mais dinheiro para as missões do que nunca.

Lembro que, nos últimos anos, Metias *havia* mesmo se ocupado mais do que o normal com os ataques dos Patriotas.

Razor balança a cabeça, em concordância com as palavras de Kaede.

– Estamos lutando para reunir as Colônias e a República para fazer com que os Estados Unidos retornem à antiga glória. – Seus olhos expressam um brilho determinado. – E estamos dispostos a fazer o que for necessário para alcançar nosso objetivo.

*Os Estados Unidos*, penso, antes que Razor continue. Day havia mencionado os Estados Unidos durante nossa fuga de Los Angeles, embora eu ainda estivesse cética. Até agora.

– Como funciona a organização? – pergunto.

– Estamos sempre atentos às pessoas que têm o talento e as habilidades de que precisamos, e então tentamos recrutá-las – explica Razor. – *Geralmente* somos bem-sucedidos em obter a adesão das pessoas, ainda que algumas demorem mais a se aliar a nós. – Ele faz uma pausa para apontar o copo na direção de Day.

– Sou considerado um Líder dos Patriotas; há apenas alguns de nós, trabalhando internamente e arquitetando as missões dos rebeldes.

– Nossa Kaede aqui é piloto. – Kaede faz uma reverência com a mão e continua a jantar. – Ela entrou para nosso grupo depois que foi expulsa de uma Academia de Dirigíveis nas Colônias.

“A cirurgiã de Day também foi recrutada, e a jovem Tess está treinando conosco para ser médica. Temos também lutadores, corredores, batedores, hackers, escoltadores, e por aí vai. June, eu a classificaria como lutadora, embora suas habilidades se enquadrem em várias categorias. E Day é, evidentemente, o melhor corredor que já vi.”

Razor termina o drinque e sorri como se tivesse se dado conta de algo muito engraçado.

– Vocês dois, tecnicamente, deveriam fazer parte de uma categoria inteiramente nova: a de celebridades. É dessa maneira que serão mais úteis para nós. É por isso que não atirei vocês dois de volta às ruas.

– Foi muito gentil de sua parte – ironiza Day. – Qual é o plano?

Razor aponta para mim e diz:

– Antes, eu lhe perguntei quanto sabia a respeito do nosso Eleitor. Andei ouvindo uns boatos hoje. Dizem que Anden ficou encantado com você no baile. Alguém o ouviu perguntar se você poderia ser transferida para uma patrulha da capital. Corre até o boato de que ele quer que você seja treinada para se tornar a próxima Primeira Cidadã do Senado.

– A próxima Primeira Cidadã? – Sacudo automaticamente a cabeça, sufocada pela ideia. – Provavelmente isso não passa de boato. Nem dez anos de treinamento seriam suficientes para que eu pudesse ser preparada para um papel desses.

Razor apenas ri da minha declaração.

– O que é uma Primeira Cidadã? – pergunta Day. Ele parece aborrecido. – Nem todos conhecem a hierarquia da República.

– A líder do Senado – responde Razor de maneira indiferente, sem se virar na direção dele. – A sombra do Eleitor. Seu parceiro ou sua parceira no comando. Às vezes, algo *mais* do que isso.

Geralmente costuma acontecer assim, depois da indispensável década de treinamento. Afinal de contas, a mãe de Anden foi a última Primeira Cidadã.

Olho instintivamente para Day. Seu queixo está cerrado, e ele está imóvel, indícios de que preferiria não saber o que o Eleitor pensa de mim. Muito menos que ele me possa querer como uma futura *parceira*.

– Esses boatos são exagerados – insisto mais uma vez, tão constrangida quanto Day com essa conversa. – Mesmo que isso fosse *verdade*, eu seria apenas uma entre vários candidatos em treinamento para o cargo. E posso garantir a vocês que as outras escolhas seriam senadores experientes. Mas como vocês planejam usar essa informação no assassinato? Vocês acham que posso...

Kaede interrompe minhas palavras com uma grande risada.

– Tá com a bochechinha vermelha, Iparis. Já vi que tu gostou de saber que Anden tem uma paixonite por você!

– Não! – respondo, um pouco rápido demais. Sinto o rubor no meu rosto aumentar, embora eu tenha certeza de que isso é porque a Kaede está me irritando.

– Deixa de ser besta – diz ela. – Anden é um gato e tem muito poder e muitas opções. Qual o problema de se sentir lisonjeada? Tenho certeza de que Day entende.

Razor me salva de responder ao franzir a testa, desaprovando o comentário.

– Kaede, já chega.

Ela olha para ele mal-humorada e volta a comer. Olho de relance para o sofá. Day está com os olhos fixos no teto. Depois de curta pausa, Razor prossegue:

– Mesmo agora, Anden pode não acreditar que você fez tudo contra a República *deliberadamente*. Segundo o que ele sabe, você pode ter sido levada como refém quando Day fugiu. Ou ter sido obrigada a se unir a Day contra a sua vontade. Existem incertezas suficientes para ele insistir que o governo a declare desaparecida,

em vez de traidora procurada. Meu argumento é o seguinte: Anden está interessado em você. E isso quer dizer que ele pode ser influenciado pelo que você lhe disser.

– Então o senhor quer que eu volte para a República? – indago. Minhas palavras parecem incomodar. Pelo canto do olho, vejo Tess se mexer, insatisfeita, no sofá. Sua boca treme com uma frase não pronunciada.

Razor aquiesce com a cabeça.

– Isso mesmo. Originalmente, eu ia usar espiões das minhas próprias patrulhas da República, para me aproximar de Anden, mas agora temos uma alternativa melhor: *você*. Você vai revelar ao Eleitor que os Patriotas vão tentar matá-lo, mas o plano que você vai contar a ele será falso. Enquanto todos estiverem distraídos com seu plano maluco, nós vamos atacar com o plano verdadeiro. Nosso objetivo não é apenas matar Anden, mas fazer com que o país se vire completamente contra ele, de modo que seu governo fique condenado ao fracasso, mesmo que nosso plano falhe. É isso que vocês dois podem fazer por nós. Temos informações de que o novo Eleitor vai à frente de combate nas próximas duas semanas, para receber relatórios de seus coronéis sobre atualizações e o andamento da situação. O dirigível RS Dynasty vai rumar para a frente de batalha amanhã à tarde, e todos os meus esquadrões estarão nele. Day vai se reunir a mim, Kaede e Tess nessa viagem. Vamos organizar o verdadeiro assassinato, e você, June, vai guiar Anden direto para dentro dele. – Razor cruza os braços e analisa nossos rostos, esperando nossas reações.

– Isso vai ser incrivelmente perigoso para June – argumenta Day, se endireitando no sofá. – Como o senhor pode ter certeza de que ela pelo menos vai chegar ao Anden, depois que os militares a receberem de volta? Como o senhor pode saber que eles não vão querer torturá-la para extrair informações dela?

– Confie em mim, sei como impedir isso – responde Razor. – E também não me esqueci do seu irmão. Se June conseguir se

aproximar o bastante do Eleitor, ela pode descobrir sozinha onde está o Éden.

Ao ouvir isso, os olhos de Day brilham, e Tess aperta o ombro dele.

– Quanto a você, Day, *nunca* vi o povo saudar alguém com a intensidade que fez com você. Sabia que tingir uma listra vermelha no cabelo se tornou moda da noite para o dia? – Razor dá uma risada e aponta para a cabeça de Day com uma das mãos. – Isso, garoto, é poder. Neste momento, é provável que você tenha tanta influência quanto o Eleitor, talvez até mais. Se conseguirmos encontrar uma forma de utilizar sua fama para levar o povo à loucura, quando realmente acontecer o assassinato, o Congresso estará impotente para deter uma revolução.

– E o que o senhor pretende *fazer* com essa revolução? – pergunta Day.

Razor se inclina para a frente; seu rosto mostra determinação, até mesmo esperança.

– Você quer saber por que eu me uni aos Patriotas? Pelas mesmas razões por que *você* tem agido contra a República. Os Patriotas sabem que você já sofreu muito; vimos todos os sacrifícios que fez por sua família, a dor que a República lhe tem causado. June... – continua, apontando com a cabeça para mim. Eu me encolho toda; não quero que me lembrem do que aconteceu com Metias. – Também testemunhei seu sofrimento, com toda a sua família destruída pela nação que você amava. Perdi a conta do número de Patriotas que têm passados semelhantes.

À menção de sua família, Day volta a olhar fixo para o teto. Seus olhos permanecem secos, mas, quando Tess estende o braço e segura sua mão, ele entrelaça os dedos nos dela.

Razor continua seu discurso:

– O mundo do lado de fora da República não é perfeito, mas nele *existem* liberdade e oportunidades, e tudo que precisamos fazer é deixar que essa luz brilhe dentro da própria República. Nosso país

está por um triz; tudo de que necessita agora é um empurrãozinho para ser totalmente transformado. – Ele se levanta parcialmente e aponta para o peito. – *Nós* podemos dar esse empurrãozinho. Com uma revolução, a República se espatifa, e junto com as Colônias podemos assumi-la e reconstruí-la para que volte a ser algo maravilhoso. Ela voltará a ser os Estados Unidos de antes. O povo viverá livremente. Day, seu irmãozinho crescerá num lugar melhor. Isso é algo pelo qual vale a pena morrer. Não concorda?

Dá para notar que as palavras de Razor estão mexendo com Day, vejo um brilho nos olhos dele que me surpreende com sua intensidade.

– Isso é algo pelo qual vale a pena morrer – repete Day.

Eu também deveria estar empolgada, mas, de alguma forma, mesmo assim, a ideia de ver a República desmoronar me deixa nauseada. Não sei se é lavagem cerebral, se isso é reflexo dos anos de doutrinas da República inseridas no meu cérebro. Entretanto, essa sensação persiste, juntamente com um fluxo de vergonha e ódio por mim mesma.

Tudo que me era familiar não existe mais.





# DAY

A médica aparece numa agitação silenciosa pouco depois da meia-noite. Ela me prepara para a cirurgia. Razor arrasta uma mesa da sala de estar até um dos quartos menores, onde caixas de provisões – alimentos, pregos, prendedores de papel, cantis, pode escolher, aqui tem de tudo – estão empilhadas nos cantos. Ela e Kaede colocam uma espessa folha plástica debaixo da mesa. Eles me prendem à mesa, com vários cintos. A médica prepara cuidadosamente seus instrumentos de metal. Minha perna está à mostra e sangra. June fica ao meu lado enquanto elas fazem isso tudo, observando a médica como se sua supervisão, por si só, fosse garantir que ela não cometeria erros. Espero impaciente. Cada momento que passa leva-nos mais perto de encontrar Éden. As palavras de Razor me animam toda vez que penso nelas. Eu me pergunto se não deveria ter me unido aos Patriotas anos atrás.

Tess se movimenta eficientemente na sala, como assistente da médica, vestindo luvas depois de lavar bem as mãos, entregando-lhe instrumentos, observando todo o processo intensamente, quando não tem mais nada que ela possa fazer. Ela consegue evitar June. Deduzo, pela expressão de Tess, que ela está uma pilha de nervos, mas não diz nada. Nós dois conversamos muito à vontade durante o jantar, quando ela se sentou no sofá ao meu lado, mas alguma coisa mudou entre nós, não sei bem o quê. Se fosse outra pessoa, acharia que Tess estava dando em cima de mim, mas a ideia é tão absurda que logo descarto essa possibilidade. Logo Tess, que é praticamente minha irmã, a orfãzinha do setor Nima?

Só que ela *não* é mais apenas uma orfãzinha. Percebo sinais evidentes de maturidade no seu rosto: menos gordura infantil, malares proeminentes, olhos que não são mais tão grandes quanto

eu lembrava. Pergunto-me por que não reparei antes nesses indícios. Bastaram algumas semanas de separação para eles se tornarem óbvios. Eu devo ser cego feito uma toupeira...

– Respire – diz June, ao meu lado. Ela inala bastante ar, para me demonstrar como se faz.

Paro de martelar a cabeça por causa da Tess e me dou conta de que estou prendendo a respiração.

– Você sabe se vai demorar muito?

June me dá um tapinha na mão para acalmar a tensão que deixo escapar na minha voz, e sinto uma ponta de remorso. Se não fosse por mim, ela estaria a caminho das Colônias neste instante.

– Algumas horas.

June se cala e observa quando Razor chama a médica num canto. O dinheiro troca de mãos e depois eles se cumprimentam. Tess ajuda a médica a colocar a máscara e depois faz um gesto com os polegares para cima.

June volta a olhar para mim.

– Por que você não me disse que conhecia o Anden? – sussurro.  
– Você sempre falou dele como se fosse um completo desconhecido.

– Ele é um completo desconhecido – replica June. Ela hesita um pouco, como se estivesse medindo suas palavras. – Só o vi uma vez. Não vi motivo para te contar isso. Eu não o *conheço* e não sinto nada especial por ele.

Penso em nosso beijo no banheiro. Depois imagino o retrato do novo Eleitor e uma June mais velha de pé a seu lado, como a futura Primeira Cidadã do Senado. De braço dado com o homem mais rico da República. E quem sou eu, um vigarista sujo das ruas, com duas Notas no bolso, para pensar que vou ter alguma coisa mais séria com essa garota só porque passei algumas semanas com ela?

Além do mais, será que já esqueci que June vem de uma família da elite e que confraternizava com gente como o jovem Eleitor em festas e banquetes requintados, enquanto eu vasculhava comida nos latões de lixo de Lake? E essa é a *primeira* vez que imagino a

princesa com um homem da classe A? Estou me sentindo um idiota por ter dito que a amava, como se ela fosse uma garota comum das ruas e pudesse retribuir meu amor.

*Ela não disse que também me amava.*

Por que estou perdendo tempo com isso? Não deveria doer tanto. Ou deveria? Será que não tenho coisas mais importantes com que me preocupar?

A médica vem até mim. June aperta minha mão, e eu reluto em deixá-la ir. Ela *vem mesmo* de um mundo diferente do meu, mas desistiu de tudo por minha causa. Às vezes, é como se não me desse conta do quanto isso é especial, e então me pergunto como ousou duvidar dela, sempre disposta a se arriscar por minha causa. Ela poderia facilmente me deixar para trás, mas não faz isso. "*Eu escolhi isso*" foi o que ela disse.

– Obrigado. – É tudo que consigo dizer a ela.

June olha bem para mim e me beija levemente nos lábios.

– Tudo vai acabar rapidinho, e então você vai poder voltar a escalar todos os edifícios e todas as paredes que quiser.

Ela permanece no quarto mais um instante, depois se levanta, cumprimenta a médica e Tess com a cabeça, e vai embora.

Fecho os olhos e respiro fundo, trêmulo, quando a médica se aproxima. Deste ângulo, não consigo ver Tess. Bem, seja lá o que for esta operação, não pode ser pior do que levar um tiro na perna, certo?

A médica tapa minha boca com um pano úmido, e começo a vagar por um túnel comprido e escuro.

Faíscas. Lembranças de um lugar distante.

Estou sentado com John à nossa mesa da pequena sala de estar, ambos iluminados pela luz bruxuleante de três velas. Tenho nove anos, e ele, catorze. A mesa está tão capenga quanto sempre – uma das pernas está apodrecendo, e a cada dois meses mais ou menos, tentamos estender sua vida útil pregando nela mais placas de

papelão. Há um livro grosso aberto na frente de John. Suas sobrancelhas estão franzidas, num sinal de concentração. Ele lê mais uma linha, tropeça em duas das palavras e, depois pacientemente, vai adiante para as próximas.

– Você tá cansado – digo. – É melhor ir para a cama. Mamãe vai se zangar se pegar você acordado.

– Vamos terminar esta página – murmura John, sem prestar muita atenção. – Você quer ir dormir?

Isso me faz sentar mais ereto.

– Não estou cansado – afirmo.

Nós dois nos curvamos sobre as páginas de novo, e John lê em voz alta a linha seguinte.

– “Em Denver” – diz ele devagar –, “depois do... término... do muro ao Norte, o Primeiro Eleitor... oficialmente... oficialmente...”

– “*decretou*” – digo, para ajudá-lo.

– “decretou... um crime...” – John para alguns segundos, depois sacode a cabeça e suspira.

– “contra” – continuo.

John olha estranho para a página.

– Tem certeza? Não pode ser a palavra certa. Mas tudo bem.

“Contra. Contra o Estado entrar na...” – John para de ler, encosta-se à cadeira e esfrega os olhos. – Você tem razão, Danny. É melhor eu ir dormir.

– Qual é o problema?

– As letras estão borradas na página. – John suspira e passa o dedo no livro. – Estão me deixando tonto.

– Chega. Vamos parar depois desta linha. – Aponto para a linha onde ele havia parado, e então encontro a palavra que o estava atrapalhando. – “Capital”. “É um crime contra o Estado entrar na capital sem antes obter liberação militar oficial.”

John sorri quando eu leio a frase para ele sem vacilar.

– Você vai se dar muito bem na sua Prova – diz ele, quando termino. – Você e Éden. Se eu passei por um triz, tenho certeza de

que  *você*  vai passar com louvor. Você tem uma boa cabeça, garoto.

Não ligo muito para o elogio dele.

– Não ligo para escola.

– Mas deveria. Pelo menos vai ter a oportunidade de ir para a escola. E se você se der bem, a República pode até te mandar para uma faculdade e te colocar nas forças armadas. Isso pode ser muito legal, né?

De repente ouvimos baterem à nossa porta da frente. Dou um pulo na cadeira. John me empurra para trás dele e pergunta em voz alta:

– Quem é?

Continuam a bater com força, e tapo os ouvidos para tentar diminuir o barulho. Mamãe chega à sala de visitas, segurando um sonolento Édén nos braços, e nos pergunta o que está acontecendo. John dá um passo à frente para abrir a porta, mas, antes que possa fazê-lo, a porta se escancara e uma patrulha de policiais municipais armados entra sem pedir licença. À frente deles está uma moça com um comprido rabo de cavalo negro e um brilho dourado nos olhos, também negros. Seu nome é June.

– Você está preso – diz ela – pelo assassinato de nosso glorioso Eleitor.

Ela ergue a arma e atira em John. E depois na mamãe. Grito o mais alto que posso, e com tanta força, que minhas cordas vocais estalam. Tudo fica escuro.

Um choque de dor percorre meu corpo. Volto a ter dez anos e estou no laboratório do Hospital Central de Los Angeles, preso ao lado de um monte de crianças, todas acorrentadas em macas metálicas e ofuscadas por luzes fluorescentes. Doutores com máscaras rondam ao meu redor. Aperto os olhos para vê-los. *Por que querem que eu fique acordado?* As luzes são muito fortes; me sinto... lerdo, minha mente me arrasta num mar de névoa.

Vejo os bisturis nas mãos deles. O murmurar dos presentes forma uma confusa massa sonora. Sinto então uma coisa fria e metálica no

joelho, e percebo que arqueio as costas e tento dar um grito agudo, mas não sai nenhum som da minha boca. Quero dizer a eles que parem de cortar meu joelho, mas então alguma coisa perfura minha nuca e a dor faz meus pensamentos desaparecerem. Minha visão se foca numa luz branca cegante.

Depois, abro os olhos e estou deitado num porão escuro e abafado. Estou vivo por um milagre. A dor no meu joelho me dá vontade de chorar, mas sei que preciso ficar calado. Vejo sombras escuras ao meu redor, a maioria delas imóvel no chão, enquanto adultos usando jalecos de laboratório andam para lá e para cá, inspecionando os volumes no piso. Espero em silêncio, com os olhos quase fechados, com apenas minúsculas fendas abertas, até que as pessoas que estão andando saem do local. Então consigo ficar de pé e rasgo o tecido de uma calça para amarrar no meu joelho que sangra. Tropeço no escuro e tato as paredes até encontrar uma porta que dá para fora, e depois me arrasto até um beco nos fundos. Vou até a claridade, e desta vez June está lá, serena e destemida, estendendo a mão fria para me ajudar.

– Venha – murmura ela, abraçando minha cintura. Eu a mantenho bem junto de mim. – Estamos juntos nessa, não estamos? Você e eu?

Caminhamos até a rua e deixamos o laboratório do hospital para trás.

Todas as pessoas na rua têm os cachos de Éden, louros como trigo; cada uma exibe uma faixa escarlate de sangue nos fios do cabelo. Toda porta por que passamos tem um grande X vermelho pintado com spray, com uma linha no centro. Isso quer dizer que todos lá dentro estão infectados pela praga. Uma praga mutante.

Vagamos pelas ruas por um tempo que parece dias, através de um ar tão espesso quanto pegajoso. Procuo a casa da minha mãe. Ao longe, a distância, consigo ver as cidades cintilantes das Colônias acenando para mim, numa promessa de um mundo melhor e de

uma vida melhor. Vou levar John, mamãe e Éden para lá, onde ficaremos por fim livres das garras da República.

Finalmente, chegamos à porta da casa da minha mãe, mas, quando a abro com um empurrão, a sala de visitas está vazia. Minha mãe não está lá. Nem John. *Os soldados atiraram nele*, lembro de repente. Olho de relance para o lado, mas June desapareceu, e estou sozinho no vão da porta. Só sobrou o Éden, que está deitado na cama. Quando me aproximo o bastante para que me ouça chegar, ele abre os olhos e estende as mãos para mim.

Mas seus olhos não estão azuis: estão negros, porque as íris estão sangrando.

Volto a mim devagar, muito devagar, saindo da escuridão.

Minha nuca lateja da mesma forma que acontece quando estou me recuperando de uma das minhas dores de cabeça. Sei que estava sonhando, mas tudo o que me lembro é de uma sensação prolongada de horror, de alguma coisa terrível me espreitando atrás de uma porta trancada. Um travesseiro está debaixo da minha cabeça. Um tubo me dá cutucadas no braço e percorre a extensão do piso. Tudo está fora de foco. Luto para clarear minha visão, mas tudo que consigo ver é a beira de uma cama e um tapete no chão, e uma garota sentada lá, com a cabeça apoiada na cama. Pelo menos, *acho* que é uma garota. Por um instante pensei que pudesse ser o Éden, que de alguma forma os Patriotas conseguiram resgatá-lo e trazê-lo até aqui.

O vulto se mexe. Agora vejo que é Tess.

– Olá! – murmuro. A palavra sai meio embolada. – Que está acontecendo? Onde está June?

Tess agarra minha mão e se levanta, tropeçando nas palavras ao responder com pressa.

– Você está acordado! Você... Como está se sentindo?

– Lerdo.

Tento tocar o rosto dela. Ainda não estou totalmente convencido de que ela é real.

Tess olha atrás da porta do quarto, para certificar-se de que não há ninguém lá. Ela ergue um dedo aos lábios e diz baixinho:

– Você não vai se sentir lerdo por muito tempo. A médica ficou muito satisfeita com o resultado da operação. Rapidinho você vai estar melhor e vamos poder ir até a frente de batalha para matar o Primeiro Eleitor.

É chocante ouvir a palavra *matar* soar tão harmoniosa saindo da boca de Tess. Então, um instante depois, me dou conta de que minha perna não está doendo nada! Tento me aprumar para ver, e Tess empurra os travesseiros atrás das minhas costas, para que eu possa sentar. Olho de relance para minha perna, quase com medo do que vou ver.

Tess se senta ao meu lado e desamarra as ataduras brancas que cobrem a área onde estava o ferimento. Debaixo da gaze há placas lisas de metal, um joelho mecânico, onde ficava meu joelho lesionado, e lâminas metálicas que cobrem a parte superior da coxa. Fico pasmo. As partes onde o metal se mistura à carne da minha coxa e da panturrilha estão perfeitamente ajustadas, mas apenas manchinhas vermelhas e inchaço delineiam as bordas. Sinto vertigens.

Os dedos de Tess tamborilam, ansiosos, nos meus cobertores; ela morde o lábio superior e pergunta:

– E então? O que você está sentindo?

– Eu não estou sentindo... nada. Não dói nada.

Passo um dedo hesitante no metal frio, tentando me acostumar às partes estranhas inseridas na minha perna, e pergunto:

– Foi ela que fez isto tudo sozinha? Quando vou poder andar de novo? O ferimento já se curou *tão* depressa assim?

Tess fica meio envaidecida e orgulhosa, e diz:

– Eu ajudei a médica. Você não deve ficar se mexendo muito nas próximas doze horas, para que as pomadas curativas funcionem.



Tess dá uma gostosa gargalhada, o que faz seus olhos enrugarem de modo familiar.

– Essa é uma operação normal para soldados feridos em combate. Muito legal, não é? Com o tempo, você vai poder usar como uma perna normal, talvez até melhor. A doutora a quem eu ajudei é muito famosa nos hospitais especializados em cirurgias em combatentes, mas ela também faz cirurgias no mercado paralelo para ganhar um dinheiro extra. Isso foi a maior sorte, porque, enquanto ela estava aqui, me mostrou também como recolocar o braço quebrado da Kaede no lugar, para que ele fique bom mais depressa.

Eu me pergunto quanto os Patriotas gastaram na minha cirurgia. Já vi soldados com partes de metal, desde um quadrado metálico em partes superiores de braços, até uma perna inteira substituída por metal. Não deve ser uma operação barata, e dada a aparência da minha perna, a doutora usou unguentos curativos de padrão militar. Já dá pra calcular a força que minha perna vai ter quando eu me recuperar, e que vou poder me movimentar com muito mais rapidez. E encontrar Éden em muito menos tempo.

– É muito legal mesmo. É genial. – Estico um pouco o pescoço para focalizar a porta do quarto, mas fico tonto. Minha cabeça lateja loucamente, e consigo escutar vozes baixinhas na parte mais distante do corredor. – O que as pessoas estão fazendo?

Tess olha de relance sobre o ombro e me responde:

– Estão falando sobre a primeira fase do plano. Não vou participar, por isso não me chamaram para essa conversa.

Ela me ajuda a deitar de novo. Segue-se uma pausa constrangedora. Ainda não me acostumei com o visual diferente de Tess. Ela repara que a estou admirando e sorri sem graça.

– Quando tudo isto terminar, quero que você vá comigo para as Colônias, tudo bem?

Tess sorri e alisa meus cobertores nervosamente com uma das mãos, enquanto continuo a falar:

– Se tudo sair de acordo com os planos dos Patriotas, e a República realmente sucumbir, não quero a gente no olho do furacão: Éden, June, você e eu. Você entende, não é, amiga?

A demonstração de entusiasmo de Tess diminui; ela hesita e diz, olhando furtivamente para a porta mais uma vez:

– Não sei, Day.

– Por quê? Está com medo dos Patriotas ou é outra coisa?

– Não. Eles até que têm sido legais comigo até agora.

– Então, por que você não quer vir? – pergunto tranquilamente. Estou começando a me sentir fraco de novo, e é difícil impedir que as coisas fiquem confusas. – Lá em Lake, nós sempre dissemos que fugiríamos juntos para as Colônias, se tivéssemos a chance. Meu pai me disse que as Colônias devem ser um lugar cheio de...

– Liberdade e oportunidades, eu sei. – Tess balança a cabeça. – Mas é só que...

– O quê?

Uma das mãos de Tess desliza e pega a minha mão. Eu vejo aquela garota novamente, logo que a encontrei fuçando uma lixeira no setor Nima. Será esta a mesma garota? Suas mãos já não são pequenas como eram, embora continuem a se ajustar perfeitamente nas minhas. Ela me olha e diz:

– Day, estou preocupada com você.

Pisco os olhos, confuso.

– Como assim? Por causa da cirurgia?

Tess sacode a cabeça, impaciente.

– Não. Estou preocupada com você por causa da *June*.

Respiro fundo, esperando que ela continue, com medo do que vai falar.

A voz de Tess muda, fica esquisita, e eu não a reconheço:

– Bem... Se a June viajar com você... Quer dizer, sei como você é ligado a ela, mas faz apenas algumas semanas, ela era um *soldado* da República. Você não repara na expressão dela de vez em quando? Como se sentisse falta da República, como se quisesse

voltar ou coisa parecida? E se ela tentar sabotar nosso plano, ou te delatar enquanto a gente estiver tentando chegar às Colônias? Os Patriotas já estão tomando precauções...

– Pode ir parando por aí.

Fico meio surpreso com a irritação da minha voz. Nunca falei rispidamente com Tess antes, e lamento na mesma hora ter sido grosso. Percebo o ciúme de Tess em cada palavra, na maneira em que ela cospe o nome da June, como se mal pudesse esperar para acabar de pronunciá-lo.

– Tem pouco tempo que esse monte de coisa ruim aconteceu com a gente. É claro que ela vai ficar insegura às vezes. Qualquer um de nós ficaria. A June não é mais leal à República. Além disso, estamos num lugar perigoso e viajar com ela não piora as coisas para nós. Muito pelo contrário, June tem habilidades que nenhum de nós tem. Ela me tirou de Batalla Hall, poxa! Sei que pode manter a gente em segurança.

Tess morde os lábios.

– Bem, o que você acha que os Patriotas estão planejando para ela? E o relacionamento dela com o Eleitor?

– Que relacionamento? – Levanto as mãos debilmente, tentando fingir que isso não importa. – Tudo faz parte do jogo. Ela nem conhece o cara.

Tess dá de ombros e insiste:

– Mas rapidinho vai conhecer. Quando ela tiver de se aproximar o bastante para manipular o sujeito. – Ela baixa os olhos de novo. – Eu vou com você, Day. Vou a qualquer lugar com você, mas eu só quis chamar sua atenção sobre... ela. Caso você não tenha pensado no assunto dessa maneira.

– Tudo vai dar certo – consigo dizer. – Pode confiar em mim. – A tensão finalmente passa. O rosto de Tess se atenua e volta à sua conhecida doçura, e minha irritação desaparece tão depressa quanto havia surgido; digo, sorrindo: – Você sempre cuidou de mim. Obrigado, amiga.

Tess dá uma risada.

– Alguém precisa fazer isso, não é? – Ela aponta as mangas enroladas do meu uniforme. – Aliás, fico feliz que o uniforme tenha ficado bem em você. Pareceu muito grande quando estava dobrado, mas acabou dando certo.

Sem aviso, Tess se debruça e me dá um beijinho no rosto. Quase instantaneamente, ela dá um pulo. Seu rosto está rosa. Tess já me beijou antes no rosto, quando era mais novinha, mas esta é a primeira vez que senti algo *mais* no seu gesto. Tento descobrir como, em menos de um mês, ela deixou a infância para trás e se tornou adulta. Eu tusso, sem jeito. É um novo e estranho relacionamento o nosso.

Ela então se levanta e puxa a mão. Olha para a porta, e não para mim, e diz:

– Desculpa, você devia estar descansando. Mais tarde venho ver como você está. Tente voltar a dormir.

Foi aí que me dei conta de que deve ter sido a Tess que deixou nossos uniformes no banheiro, e talvez tenha me visto beijar June. Tento raciocinar em meio à névoa na minha cabeça, dizer alguma coisa antes que ela vá embora, porém ela já se foi e desapareceu no corredor.

# JUNE

**05H45.**

**VENEZIA.**

**PRIMEIRO DIA COMO MEMBRO OFICIAL DOS PATRIOTAS.**

Preferi não ficar na sala durante a cirurgia; Tess, evidentemente, permaneceu para assistir à médica. A imagem de Day deitado inconsciente na maca, o rosto lívido e inexpressivo, e a cabeça virada a noventa graus para o teto, seria uma lembrança forte demais da noite em que me curvei sobre o corpo inanimado de Metias no corredor do hospital. Prefiro que os Patriotas não conheçam meus pontos fracos, por isso me afasto e fico sentada sozinha num dos sofás da sala principal.

Também permaneço distante para realmente pensar sobre o plano de Razor para mim.

Vou ser presa pelos soldados da República.

Vou encontrar uma forma de conseguir uma audiência privada com o Eleitor, e então fazer com que confie em mim.

Vou contar a ele sobre uma trama falsa para assassiná-lo, o que levará a um perdão total de todos os meus crimes contra a República.

E depois devo atraí-lo para seu verdadeiro assassinato.

Esse é meu papel. Pensar sobre ele é uma coisa; concretizá-lo é outra. Examino minhas mãos e me pergunto se estou pronta para manchá-las de sangue, se estou pronta para matar alguém. Como era mesmo a frase que Metias sempre dizia? *"Poucas pessoas matam pelas razões certas, June."* Mas aí me lembro do que Day disse no banheiro: *"Acabar com a pessoa encarregada de todo esse maldito sistema me parece um preço pequeno a se pagar para começar uma revolução, não acha?"*

A República roubou Metias de mim. Penso na Prova, nas mentiras sobre a morte dos meus pais. Nas pragas criadas em laboratório...

Do alto desse edifício luxuoso, posso ver o estádio das Provas de Vegas atrás dos arranha-céus reluzentes, a distância.

Poucas pessoas matam pelas razões certas, mas se tem alguma razão certa, essa é uma delas. Não é?

Minhas mãos tremem ligeiramente. Eu as estabilizo.

O apartamento está silencioso. Razor saiu de novo, às 3h32, de uniforme de gala, e Kaede está cochilando na outra extremidade do sofá. Se eu deixasse um alfinete cair no chão de mármore, o som provavelmente incomodaria meus ouvidos. Após algum tempo, concentro minha atenção na pequena tela na parede. Está sem som, mas ainda assim assisto ao ciclo familiar de transmissão de notícias: alertas contra inundações e tempestades, horários de chegadas e partidas de dirigíveis, vitórias contra as Colônias na zona de combate. Às vezes, me pergunto se a República também inventa essas vitórias e se estamos realmente vencendo ou perdendo a guerra. As manchetes continuam. Há até um comunicado público advertindo que qualquer civil apanhado com uma mecha vermelha no cabelo será preso no ato.

O ciclo de notícias termina abruptamente. Eu me aprumo quando vejo a próxima notícia: o novo Eleitor vai fazer seu primeiro pronunciamento público ao vivo.

Hesito, depois olho furtivamente para Kaede. Ela está dormindo profundamente. Eu me levanto, atravesso a sala em silêncio e aumento o volume do monitor.

O som está muito baixinho, mas é o suficiente para que eu possa ouvir. Vejo Anden – ou, melhor dizendo, o Primeiro Eleitor – posicionar-se elegantemente no pódio. Acena com a cabeça para o costumeiro grupo de repórteres indicados pelo governo, postados à sua frente. Ele está igualzinho a como eu me lembrava dele: uma versão mais jovem do pai, com óculos finos e uma inclinação régia

do queixo, trajando impecavelmente um uniforme formal negro com ornamentos dourados e fileiras duplas de botões reluzentes.

– Estamos numa época de grandes mudanças. Nossa determinação está sendo posta à prova mais do que nunca, e a guerra contra nosso inimigo chegou a seu momento crucial – diz ele, que fala como se o pai não tivesse morrido, como se ele sempre tivesse sido nosso Primeiro Eleitor. – Vencemos nossas três últimas batalhas e nos apoderamos de três cidades das Colônias que ficam ao sul. Estamos na iminência da vitória, e não vai demorar para a República se estender até a beira do oceano Atlântico. É nosso destino óbvio.

Ele prossegue, reafirmando ao povo nossa força militar e prometendo futuros anúncios sobre as mudanças que quer implementar. Sabe-se lá o que é verdade sobre isso tudo. Volto a analisar o rosto dele. Sua voz não é diferente da do pai, mas a sinceridade que ela transmite me cativa. O rapaz tem vinte anos. Talvez realmente acredite em tudo que está dizendo, ou talvez seja apenas um ótimo ator ao esconder suas dúvidas.

Eu me pergunto como ele se sente sobre a morte do pai e como consegue, em coletivas de imprensa como esta, compor-se o suficiente para desempenhar seu papel. Não há dúvida de que o Congresso está ansioso para manipular um novo Eleitor tão jovem, para tentar dirigir o espetáculo dos bastidores e manipulá-lo como se fosse uma marionete. Com base no que disse Razor, eles devem estar se estranhando diariamente. Anden talvez seja tão sedento de poder quanto o pai era, se ele se recusa a se submeter ao Senado.

Quais exatamente *são* as diferenças entre Anden e seu pai? Como Anden acha que a República deve ser – por falar nisso, como *eu* acho que ela deve ser?

Tiro o som da tela e me afasto. *Não gaste muito tempo refletindo sobre quem é Anden.* Não posso pensar nele como se ele fosse uma pessoa real, uma pessoa que tenho de matar.

Finalmente, quando os primeiros raios da alvorada começam a surgir na sala, Tess sai do quarto com a notícia de que Day está acordado e alerta, e diz a Kaede:

– Ele está bem. Agora mesmo está sentado e deve poder andar em algumas horas. – Então ela me vê e seu sorriso esmaece. – Oi... Você pode ver o Day, se quiser.

Kaede abre um olho, dá de ombros e volta a dormir. Dou à Tess o sorriso mais amigável que consigo, respiro fundo e me dirijo ao quarto.

Day está sentado com travesseiros nas costas e coberto até o peito com um espesso cobertor. Deve estar cansado, mas pisca para mim quando me vê entrar, gesto que faz meu coração perder o compasso. O cabelo dele está despenteado, num círculo reluzente. Alguns cliques de papel dobrados estão no seu colo (tirados das caixas de suprimentos no canto; deduzo que ele *já* tenha se levantado). Aparentemente Day estava fazendo alguma coisa com eles. Solto um suspiro de alívio quando vejo que ele não está sentindo nenhuma dor.

– Ei! Fico feliz em ver que você está vivo.

– Eu também estou feliz em ver que estou vivo – responde ele. Seus olhos me seguem quando me sento ao seu lado na cama. – Perdi alguma coisa enquanto estava fora do ar?

– Perdeu. Você não ouviu a sinfonia de roncos de Kaede no sofá. Para alguém que vive driblando a lei, essa garota dorme feito uma pedra.

Day sorri. Volto a me admirar com seu bom humor, coisa que não tenho presenciado muito nas últimas semanas. Meu olhar se desloca para onde o cobertor cobre sua perna em processo de cura, e pergunto:

– Como é que ela está?

Day afasta o cobertor. Vejo que há lâminas metálicas lisas, de aço e titânio, onde ficava seu ferimento. A médica também substituiu o joelho com problemas por um joelho artificial, e agora um terço de



sua perna é metálico. Ele me lembra os soldados que voltam da frente de combate, com suas mãos, braços e pernas sintéticos de metal, onde antes havia pele. A médica deve conhecer bem os ferimentos de guerra. Sem dúvida as ligações de Razor com oficiais a ajudaram a obter as preciosas pomadas curativas que ela deve ter usado em Day. Estendo a mão aberta, e ele põe sua mão na minha.

– É desconfortável?

Day balança a cabeça, incrédulo, e responde:

– Acredita que não estou sentindo nada? Tudo está leve e indolor.

– Um sorriso maroto ilumina seu rosto e ele diz: – Agora você vai ver o que é *escalar* para valer um prédio, querida. Não tenho mais um joelho podre para me atrapalhar. Que belo presente de aniversário!

– Aniversário? Eu não sabia. Feliz aniversário – digo, sorrindo. Meus olhos se concentram nos cliques de papel espalhados no seu colo. – O que você está fazendo?

– Isso aqui? – Day apanha um dos objetos que está criando, que se assemelha a um círculo de metal. – É só para matar o tempo. – Ele levanta o círculo até a claridade, pega minha mão, onde põe o círculo. – É um presente para você.

Analiso o objeto de perto. É feito de quatro cliques de papel abertos, cuidadosamente entrelaçados em espiral e com as extremidades juntas, de modo a formar um minúsculo anel. Coisa simples e bem-feita. Até artística, eu diria. Percebo amor e cuidado nas dobras do metal, as pequenas curvaturas onde os dedos de Day trabalharam o material repetidamente, até ele formar as curvas certas. *Ele fez isso para mim*. Ponho o anel no dedo, e ele desliza facilmente para o lugar. É lindo! Fico tímida e lisonjeada, e não consigo dizer nada. Nem me lembro da última vez que alguém de fato *fez* alguma coisa para mim por conta própria.

Day fica desapontado com minha reação, mas disfarça o que sente rindo indiferente.

– Sei que vocês, cheios da nota, têm suas tradições refinadas, mas, nos bairros pobres, noivados e gestos de afeição costumam ser

como isto aqui.

Noivados? Meu coração se agita no peito. Não consigo esconder um sorriso.

– Com anéis feitos de cliques?

*Oh, não, falei demais!* Minha pergunta foi uma demonstração sincera de curiosidade, mas só me dou conta de que pareceu sarcasmo na hora em que as palavras já saíram da minha boca.

Day enrubesce um pouco, e fico imediatamente aborrecida comigo mesma por ter dado outro fora.

– Com alguma coisa feita à mão – me corrige ele após um instante. Olha para baixo, claramente constrangido, e eu me sinto péssima por haver sido a causadora disso. – Desculpe se a aparência é meio grosseira – diz ele baixinho. – Eu queria poder fazer alguma coisa mais bonita para você.

– Não, não – interrompo, tentando consertar o que tinha dito. – Gostei muito. Passo os dedos no minúsculo anel, mantendo os olhos fixos nele, para não ter que encarar os olhos de Day.

*Será que ele pensa que eu não achei o anel bom o bastante? Fale alguma coisa, June. Qualquer coisa.*

Começo a analisar o anel.

– Aço galvanizado não revestido. É um material de ótima qualidade, sabia? Mais resistente do que as alianças metálicas, é dobrável, e não enferruja. É...

Paro quando vejo o olhar fixo e envergonhado de Day.

– Gostei – repito. *Comentário idiota, June. Aproveita e dá logo um soco na cara dele.* Fico ainda mais perturbada quando me lembro de que eu *já dei* uma coronhada no rosto dele antes. Muito romântico.

– De nada – diz ele, enfiando alguns cliques inteiros nos bolsos.

Faz-se uma demorada pausa. Não sei bem o que ele esperava de mim, mas provavelmente não era uma relação das propriedades físicas dos cliques de papel. De repente, insegura, eu me aproximo dele e apoio a cabeça no seu peito. Ele arfa, como se eu o tivesse

apanhado de surpresa, e abraça-me suavemente. *Assim é bem melhor!* Fecho os olhos. Uma de suas mãos acaricia meu cabelo e deixa meu corpo todo arrepiado. Eu me deixo levar por um pequeno momento de fantasia e o imagino segurando meu queixo delicadamente, aproximando o rosto do meu.

Day se inclina perto do meu ouvido e murmura:

– O que você está achando do plano deles?

Dou de ombros, e afasto minha decepção.

Que burra eu fui em ficar fantasiando que ia ganhar um beijo dele numa hora dessas.

– Alguém já disse o que eles querem que você faça?

– Não, mas tenho certeza de que vai haver uma nota no noticiário nacional pela televisão para informar ao país que continuo vivo. Eles não ficam dizendo que eu incito as massas? Que levo as pessoas à loucura? – Day sorri ironicamente, mas seu rosto não parece achar graça. – Faço o que for preciso para encontrar o Éden.

– Sei disso.

Ele então me puxa para cima, para que eu o encare.

– Não sei se vão deixar que a gente se fale. – Ele baixa tanto a voz que mal consigo ouvi-la. – O plano *parece* bom, mas, se alguma coisa der errado...

– Tenho certeza de que vão cuidar de mim – eu o interrompo. – Razor é oficial da República. Ele pode encontrar um jeito de me salvar, se o plano começar a dar errado. E sobre podermos nos comunicar... – mordo o lábio, raciocinando – vou dar um jeito.

Day toca meu queixo, aproximando-me tanto que seu nariz roça o meu.

– Se alguma coisa der errado, se você mudar de ideia, se precisar de ajuda, você me manda um sinal, tá me ouvindo?

Suas palavras fazem meu pescoço se arrepiar.

– Combinado – sussurro.

Day move a cabeça sutilmente para mim, então se afasta e se encosta nos travesseiros. Respiro fundo.

– Está preparada? – Sei bem que ele quer dizer mais do que isso, mas ele não diz. Seria: *Você está preparada para matar o Eleitor?*

Dou um sorrisinho forçado.

– Mais do que isso impossível.

Permanecemos assim por um longo tempo, até se firmar a luz que entra pelas janelas e ouvirmos o juramento matinal ecoar pela cidade. Finalmente, escuto a porta da frente se abrir e fechar, e a voz de Razor. Pisadas aproximam-se do quarto, e Razor dá uma olhadela para dentro do cômodo no momento em que me endireito e me sento reto.

– Como vai sua perna? – pergunta ele a Day. Seu rosto está tão calmo como sempre, e os olhos inexpressivos atrás dos óculos.

Day faz um sinal positivo com a cabeça.

– Bem.

– Excelente. – Razor sorri solidário. – Espero que já tenha passado tempo suficiente com seu amigo, srta. Iparis. Vamos embora daqui a uma hora.

– Pensei que a médica quisesse que eu descansasse por... – Day começa a dizer.

– Lamento – responde Razor ao virar as costas. – Temos que pegar um dirigível. Só não force muito sua perna ainda.



# DAY

Os Patriotas tratam primeiro de cuidar do meu disfarce.

Kaede corta meu cabelo até um pouco acima dos ombros, depois tinge os fios brancos como trigo de castanho-escuro avermelhado. Usa uma espécie de spray para fazer isso, algo que pode ser removido com um produto especial, quando eu quiser. Razor me dá um par de lentes de contato castanhas que escondem completamente o azul-claro dos meus olhos. Somente eu posso distinguir que são artificiais; consigo perceber os minúsculos pontinhos roxos profundos das minhas íris. Essas lentes são um acessório de luxo – os ricos as usam para mudar a cor dos olhos, por puro *divertimento*. Elas teriam sido úteis nas ruas, se tivesse tido acesso a elas. Kaede acrescenta uma cicatriz sintética ao meu rosto, depois termina meu disfarce com um uniforme de cadete do primeiro ano da aeronáutica, que consiste em um traje todo negro, com faixas vermelhas em cada uma das pernas da calça.

Finalmente, ela me equipa com um diminuto fone de ouvido e um microfone da cor da pele; o primeiro inserido discretamente na minha orelha, e o segundo, grudado na parte de dentro da minha bochecha.

Razor veste um uniforme de oficial da República, feito sob encomenda. Kaede usa um traje impecável de voo: um macacão preto com galões de asas prateadas em ambas as mangas, luvas brancas de combate combinando e óculos de aviação. Não é à toa que ela é piloto dos Patriotas; de acordo com Razor, Kaede consegue fazer uma manobra Split-S no ar melhor do que qualquer pessoa que ele já viu. Kaede não deve ter dificuldade em se passar por um piloto de avião de caça da República.

Tess já havia saído, levada há meia hora por um soldado que Razor disse ser mais um Patriota. Tess é muito nova para ser um soldado de qualquer nível, sendo assim, o único modo de colocá-la dentro do RS Dynasty era vesti-la num traje simples de camisa social e calças

castanhas, o uniforme dos trabalhadores que operam as centenas de fogareiros do dirigível.

Só restava, é claro, June.

June observa calmamente minha transformação sentada no sofá. Ela não falou muito desde nossa última conversa na cama em que me recuperava.

Enquanto o resto de nós usa diferentes trajes, June não sofreu nenhuma transformação: está sem maquiagem, os olhos continuam negros e penetrantes, o cabelo puxado para trás, naquele rabo de cavalo lustroso. Ela veste o uniforme simples de cadete que Razor nos entregou ontem à noite. Na verdade, June não parece nada diferente da foto da sua identidade militar. Ela é a única de nós que não está equipada com microfone e fone de ouvido, por razões óbvias. Faço várias tentativas de cruzar meu olhar com o dela, enquanto Kaede trata da minha aparência.

Menos de uma hora depois, percorremos a Strip de Vegas, no jipe de Razor. Passamos por várias das primeiras pirâmides, Alexandria, Luxor, Cairo, o Sphinx. Todos estes hotéis receberam seus nomes em homenagem a uma antiga civilização pré-República, ou, pelo menos, foi isso que me ensinaram, durante os poucos anos em que a República permitiu que eu frequentasse o colégio. Elas são bem diferentes durante o dia, com seus raios reluzentes e as bordas apagadas, avultando como gigantescas sepulturas negras no meio do deserto. Soldados entram e saem apressados. É bom ver tanta atividade, assim fica mais fácil para nos misturarmos ao povo.

Reexamino nossos uniformes, aprumados e autênticos. Não consigo me acostumar a ele, embora June e eu estejamos fingindo ser soldados há semanas. A gola me arranha o pescoço, e as mangas são engomadas demais. Não entendo como June aguentava usar este troço o tempo todo. Será que ela gostou de como eu fiquei nesta roupa? Nela, meus ombros parecem até um pouco mais largos.

– Pare de ficar mexendo no seu uniforme – sussurra June para mim ao me ver futucar as beiras da minha jaqueta militar. – Você está bagunçando o alinhamento dele.

Isso é o máximo que a ouvi falar em uma hora.

– Você está tão nervosa quanto eu.

June hesita e se vira. Sua mandíbula está cerrada, parece lutar contra a vontade de dizer algo intempestivo.

– Só estava tentando ajudar.

Depois de um tempinho, estendo o braço e aperto a mão dela. Ela retribui.

Finalmente, chegamos ao Pharaoh, a plataforma de aterrissagem onde o RS Dynasty está pousado. Razor nos faz descer rapidamente e, depois, nos manda ficar em posição de sentido. Apenas June não permanece na fila; ela para ao lado de Razor e olha para um lado da rua. Eu a observo discretamente.

Um minuto depois, outro soldado surge da multidão e acena com a cabeça para Razor, em seguida para June, que endireita os ombros, põe-se ao lado do soldado e desaparece em meio à multidão na rua. Simplesmente some. Exalo o ar pesadamente, me sentindo vazio com sua ausência.

Só voltarei a vê-la quando tudo estiver acabado. Se tudo der certo.

*Não seja pessimista: vai dar tudo certo.*

Nós nos dirigimos para dentro, com as levas de outros soldados entrando e saindo do Pharaoh. O interior é enorme; além da entrada principal, o teto se estende em toda a extensão até o topo da pirâmide, e termina com a base da RS Dynasty, onde vejo minúsculos vultos embarcando em meio a um labirinto de rampas e passadiços. Fileiras de portas de barracas militares estão alinhadas em cada um dos níveis das laterais das pirâmides. Longos painéis de texto, afixados em todas as paredes, anunciam uma torrente ininterrupta de horários de partidas e chegadas. Elevadores diagonais ocupam as quatro principais bordas da pirâmide.

Neste ponto, Razor nos deixa para trás. Num minuto ele está andando à frente; noutro, ele vai abrindo caminho na multidão e se mistura ao mar de uniformes. Kaede continua a andar sem hesitação, mas devagar o bastante para ficarmos lado a lado. Mal consigo ver

seus lábios se moverem, mas sua voz ecoa claramente no meu fone de ouvido.

– Razor vai embarcar no Dynasty com os outros oficiais, mas não podemos entrar com os soldados, senão vamos ser identificados. Por isso, entrar sorrateiramente é nossa melhor opção.

Meus olhos focalizam a base do dirigível, examinando superficialmente os cantos e esconderijos nas laterais. Lembro quando invadi um dirigível retido no chão e roubei duas sacolas de enlatados. Lembro também da ocasião em que afundei um dirigível menor no lago de Los Angeles, ao alagar os motores. Nos dois casos, havia um jeito fácil de entrar sem ser percebido.

– As calhas de escoamento de lixo – murmuro ao microfone.

Kaede me dá um rápido sorriso de aprovação.

– É isso aí! Falou como um verdadeiro corredor.

Abrimos caminho entre o povo até chegarmos a um terminal de elevador num dos cantos da pirâmide, onde nos misturamos com um pequeno grupo reunido em frente à porta do elevador. Kaede desliga seu microfone para conversar comigo, e tomo o cuidado de não fazer contato visual com nenhum dos soldados. Muitos deles são mais jovens do que eu havia imaginado, têm quase minha idade, e vários já apresentam lesões permanentes: membros de metal como o meu, a falta de uma orelha, uma das mãos coberta com cicatrizes de queimaduras... Volto a olhar para o Dynasty, desta vez demorando o suficiente para reparar em todas as calhas de escoamento de lixo abertas no lado da carcaça do dirigível. Se vamos entrar sem ser vistos, vamos precisar fazer isso rapidamente.

O elevador chega logo. Percorremos a extensão vertical nauseante até o lado diagonal da pirâmide, depois esperamos no topo enquanto as outras pessoas se enfileiram para sair. Saímos por último. Quando os demais se espalham para um dos lados do hall do topo que leva às rampas de entrada do dirigível, Kaede se vira para mim.

– Falta mais um lance para nós. – Ela faz um sinal com a cabeça para um conjunto de degraus mais estreitos no fim do hall, que conduzem ao interior do topo da pirâmide. Analiso os degraus em



silêncio. Ela está certa. Os degraus vão direto até em cima – provavelmente até o telhado –, e em toda a extensão do teto há labirintos de andaimes de metal e vigas de apoio entrecruzadas. Daqui, a parte traseira do dirigível ancorado projeta uma sombra que se estende pelo teto e deixa essa parte dele na escuridão. Se conseguirmos saltar do meio desse último lance de escada e subir até aquela confusão de vigas de metal, podemos chegar ao dirigível sem ser percebidos, ocultados pelas sombras, e escalar o lado escuro da carcaça. Além disso, os respiradouros de ar são barulhentos a essa distância. Isso, junto com os ruídos e o alvoroço da base, deve encobrir quaisquer sons que façamos.

Espero que minha nova perna aguarde o tranco. Piso duramente com ela duas vezes, a fim de testá-la. Não dói, mas há uma pequena pressão onde minha carne se encontra com o metal, como se ainda não estivesse completamente fundida. Ainda assim, não posso deixar de sorrir.

– Isso vai ser muito divertido – digo em voz alta.

Sinto que estou quase de volta ao meu elemento, pelo menos por um instante, voltando ao que sei fazer melhor.

Caminhamos até os degraus nas sombras, e então cada um de nós dá um pequeno salto até os andaimes e sobe nas vigas. Kaede vai primeiro. Tem certa dificuldade com o braço engessado, mas consegue agarrar-se firmemente após se embaralhar um pouco. E então chegou minha vez. Giro facilmente até as vigas e lanço meu corpo sinuosamente até as sombras. Até aqui, a perna não me incomodou. Kaede me observa, com aprovação.

– Estou me sentindo no céu – sussurro.

– Dá pra notar.

Percorremos o local em silêncio. O medalhão escorrega para fora da minha camisa algumas vezes e preciso metê-lo para dentro de novo. De vez em quando olho para baixo ou em direção ao dirigível; o piso da base de aterrissagem está lotado de cadetes de todos os níveis hierárquicos, e agora que a maioria dos tripulantes anteriores do Dynasty saiu do veículo, os novos tripulantes começam a formar

compridas filas nas rampas de entrada. Observo cada um deles passar por uma breve inspeção, verificação de identidade e um escâner corporal. A distância, muito acima de nós, mais cadetes estão se acumulando perto das portas dos elevadores.

Paro de repente.

– Qual é o problema? – pergunta Kaede, apreensiva.

Levanto um dedo, para que se cale. Meus olhos estão concentrados no chão, fixos num vulto familiar que está abrindo caminho na multidão.

*Thomas.*

Esse sujeito nos rastreou de Los Angeles até aqui. Ele para de vez em quando para fazer perguntas a soldados aleatórios. Com ele está um cachorro tão branco que se sobressai como um raio, de onde estamos. Eu esfrego os olhos para me certificar de que não estou tendo alucinações.

Não estou. Ele ainda está lá. Continua a abrir caminho sinuosamente na multidão; tem uma das mãos sobre a arma na cintura, a outra segura a guia do enorme pastor branco. Uma pequena fila de soldados o segue. Por um instante, meus membros se paralisam. Tudo que vejo é Thomas apontando um revólver para minha mãe e me enchendo de porrada na sala de interrogatório de Batalla Hall. Minha visão pinta tudo de vermelho.

Kaede percebe o que está atraindo minha atenção e também olha para o andar térreo.

– Ele está procurando a June. Continue andando.

A voz dela me faz sair do transe. Começo a andar agachado de novo, embora meu corpo todo esteja tremendo.

– A June? – sussurro de volta. Uma onda de raiva me invade. – Vocês puseram logo esse cara para prender a June?

– Foi por um bom motivo.

– Ah, é? Qual?

Kaede suspira impaciente:

– Thomas não vai machucar a June.

Digo a mim mesmo: *Fica calmo, fica calmo, fica calmo*, e me obrigo a continuar. Não tenho escolha: preciso confiar em Kaede. *Olha pra frente, foco*. Minhas mãos tremem e me esforço para firmá-las, para conter meu ódio. A ideia de Thomas encostando um dedo na June é demais para mim. Se eu me concentrar nisso agora, não vou conseguir fazer mais nada.

*Fica calmo.*

Abaixo de nós, a patrulha de Thomas continua a abrir caminho na multidão. Devagar, ele se dirige para os elevadores.

Chegamos à carcaça do dirigível. Daqui, posso ver a fila de soldados esperando para entrar pelas rampas. Então, escuto o primeiro latido do pastor branco. Thomas e seus soldados estão reunidos num dos terminais dos elevadores. O mesmo pelo qual entramos. O cão está latindo sem parar; seu focinho aponta para a porta do elevador, e ele abana a cauda.

*Olha pra frente, foco.*

Volto a olhar de relance para o andar térreo. Thomas está com uma das mãos comprimindo o que deve ser seu fone de ouvido. Ele fica lá um instante, como se estivesse se esforçando para compreender alguma coisa que está ouvindo. Então, de súbito, grita com seus homens e eles começam a se afastar dos elevadores, e voltam a se misturar à multidão de soldados.

Devem ter encontrado June.

Abrimos caminho pelas sombras do teto da pirâmide, até estarmos empoleirados perto o suficiente do lado escuro da carcaça do dirigível. Ele está a uns quatro metros de distância de nós. Uma única escada metálica se estende verticalmente até o topo da plataforma de aterrissagem do dirigível. Kaede se equilibra nas vigas de metal e se vira para mim.

– Vai na minha frente. Tu é bom nisso.

Chegou a hora. Kaede se afasta o bastante para eu conseguir um bom ângulo no dirigível. Fico em posição, torço para que minha perna continue intacta e dou um salto gigantesco. Meu corpo bate nas barras da escada com um barulho abafado, e cerro os dentes para não gritar.

A dor castiga minha perna operada. Espero alguns segundos para que diminua, antes de recomeçar a subida. Agora já não consigo mais ver a patrulha, o que quer dizer – assim espero – que eles também não podem nos ver. Atrás de mim, escuto Kaede pular e atingir a escada a alguns metros abaixo de onde estou.

Finalmente, chego à abertura do condutor de lixo. Lanço-me da escada; minhas mãos pegam a lateral do condutor e meus braços jogam meu corpo dentro da escuridão. Sinto mais um solavanco de dor, mas a perna continua a pulsar com uma energia recém-descoberta, forte pela primeira vez em muito tempo. Tiro a poeira das mãos e me levanto. A primeira coisa em que reparo dentro da calha é o ar frio. O interior do dirigível deve ser mantido resfriado para a decolagem.

Momentos depois, Kaede também chega. Ela estremece, esfrega o gesso do braço ainda lesionado, depois me dá um empurrão irritado.

– Onde tu tava com a cabeça pra parar no meio de uma escalada? A gente não pode dar mole e deixar tua cabeça quente falar mais alto.

– Então não me dê motivo para minha cabeça ficar quente – retruco. – Por que você não me contou que o Thomas viria atrás da June?

– Sei bem o que esse capitão te fez – diz ela, ao espreitar a escuridão, e gesticular para a gente escalar outro duto do condutor de lixo. – Razor achou que não te faria bem se preocupar com isso antes da hora.

Estou pronto para retrucar, mas Kaede lança um olhar de advertência na minha direção. Faço um esforço para engolir a raiva. Lembro por que estou aqui: é pelo Éden. Se Razor acredita que June estará segura sob a vigilância do Thomas, que assim seja. Mas o que vão fazer com June quando a pegarem? E se alguma coisa der errado e o Congresso ou os tribunais fizerem uma coisa que Razor não tenha planejado? Como é que ele pode ter tanta certeza de que tudo vai sair bem?

Kaede e eu subimos a escada até chegarmos aos níveis inferiores do Dynasty. Nos escondemos atrás de uma escada num

compartimento de máquinas nos fundos da aeronave até a decolagem, quando os êmbolos de vapor ganharam vida, e sentimos a pressão do dirigível subindo debaixo dos nossos pés. Escuto cabos gigantesco se soltando e o barulho dos aplausos da tripulação de terra, saudando mais uma decolagem bem-sucedida.

Depois de mais de meia hora, quando minha raiva finalmente diminuiu, saímos de nosso esconderijo.

– Vamos por aqui – sussurra Kaede ao chegarmos a um cômodo minúsculo com duas trilhas: uma que leva aos motores, e outra que conduz direto aos deques acima. – Às vezes eles fazem inspeções nas entradas do deque superior. A gente deve ter menos problema ficando aqui embaixo.

Ela faz uma pausa, comprime uma das mãos no ouvido, concentrada.

– Que foi?

– Parece que Razor chegou.

Minha perna está meio dolorida quando ando, e vejo que estou mancando um pouquinho. Subimos mais uma escada que leva às casas de máquinas e nos deparamos com uns soldados no caminho, até chegarmos a um piso marcado “6”, onde acabam os degraus. Perambulamos por este local por algum tempo, antes de pararmos numa porta estreita. Um cartaz avisa:

“CASAS DE MÁQUINAS A, B, C e D.”

Apenas um guarda vigia a entrada. Ele nos olha de relance, endireita a postura relaxada e resmunga:

– O que vocês querem?

Nós o cumprimentamos informalmente.

– Nós fomos mandados aqui para falar com uma pessoa – mente Kaede. – Um operador da casa de máquinas.

– Ah, é? Quem? – Ele estreita os olhos para Kaede. – Você é piloto, não é? Deveria estar no deque superior. Está havendo uma inspeção.

Kaede ia protestar, mas eu a interrompo e faço uma expressão envergonhada. Digo a única coisa em que consegui pensar, que ele não vai questionar:

– Posso falar? De soldado para soldado? – murmuro para o guarda, lançando um olhar furtivo para Kaede. – A gente... Bem, a gente está procurando um lugar legal para... Você sabe... Nós achamos que as casas de máquinas eram uma boa. – Dou uma piscada justificativa para ele. – Faz semanas que estou tentando ficar com esta gata. Uma cirurgia no joelho atrapalhou tudo.

Fico quieto e faço um showzinho para ele, mancando exageradamente.

De repente, o guarda sorri amplamente e solta uma gargalhada surpresa, como se estivesse gostando de participar de uma contravenção.

– Ah, já entendi – diz ele, olhando de relance e de modo solidário para minha perna. – Ela é linda mesmo.

Rio junto com ele, e então Kaede entra no jogo e revira os olhos.

– É como você falou – diz Kaede ao guarda quando ele destrava a porta para nós. – Estou atrasada para as inspeções. A gente vai dar só uma rapidinha e, em alguns minutos, vamos para o deque superior.

– Boa sorte, seus malucos! – grita ele para nós, enquanto nos afastamos. Retribuímos com uma leve saudação.

– Tinha bolado uma história boa pra contar, mas a tua também foi bem maneira. Foi você mesmo que inventou aquilo? – Kaede sorri maliciosamente e me examina dos pés à cabeça. – É tão desagradável estar presa a um parceiro tão feio como você.

Ergo as mãos, simulando uma defesa.

– E eu acho horrível estar preso a uma guria tão mentirosa.

Percorremos um corredor cilíndrico banhado por uma suave luz vermelha. Mesmo aqui embaixo, telas planas transmitem uma sequência de notícias e atualizações sobre aeronaves. Elas mostram uma lista dos locais para onde se dirigem todos os dirigíveis a serviço da República, juntamente com datas e horários. Parece que doze deles estão no ar neste momento. Ao passarmos por uma das telas, meus olhos examinam superficialmente uma notícia sobre o RS Dynasty:

## DIRIGÍVEL DYNASTY DA REPÚBLICA:

PARTIDA: 08H51 HORÁRIO PADRÃO DA COSTA OESTE  
13.01, PHARAOH, LAS VEGAS, NV

CHEGADA: 17H04 HORÁRIO PADRÃO DA COSTA OESTE  
13.01, BLACKWELL, LAMAR, CO

Lamar. Estamos indo para uma cidade na zona de combate no Norte. *A um passo mais perto de Éden*, repito mentalmente. *June vai ficar bem. Esta missão vai acabar logo.*

A primeira casa de máquinas é enorme: fileiras e mais fileiras de caldeiras e respiradouros sibilantes, com dúzias de operários tratando de cada um deles. Alguns estão verificando as temperaturas, e outros, colocando nas fornalhas algo que parece carvão branco. Todos com traje idêntico ao de Tess. Nós nos apressamos em uma das fileiras de caldeiras até alcançarmos a próxima porta. Mais um vão de escada, e aí surgimos no deque inferior do Dynasty.

Este dirigível é enorme. Já estive em outros antes – cansei de roubar comida de cargas de dirigíveis e destruí os motores de vários. Aos treze anos, invadi a pista de aterrissagem do RS Pacifica, roubei combustível de três jatos de combate F-170 e depois o vendi por bom preço no mercado negro. Nunca, no entanto, entrei num desse tamanho...

Kaede me leva até um passadiço de metal onde dá para ver os andares acima de nós. Há soldados em todos os lugares. Caminhamos entre eles, tomando muito cuidado para manter nosso rosto totalmente inexpressivo. Aqui no deque inferior, várias formações de tropas estão empenhadas em diferentes exercícios. Existem portas na extensão dos corredores, e a cada quatro portas há uma tela plana transmitindo notícias. O retrato do novo Eleitor está pendurado acima de todas as telas.

É impressionante como esses caras trabalham rápido!

A sala de Razor é uma entre meia dúzia de outras localizadas no quarto deque, com um emblema prateado da República embutido na

porta. Kaede bate duas vezes. Quando ouve a voz de Razor nos mandando entrar, ela abre a porta e gesticula para que eu a siga. Ela fecha a porta cuidadosamente e bate continência. Eu sigo a deixa. Nossas botas ecoam no chão de madeira de lei. Algo na sala tem um suave odor de jasmim, e enquanto reparo nas decorativas lâmpadas esféricas nas paredes e no retrato do Eleitor na parede dos fundos, me dou conta do frio que faz na sala. Razor está de pé ao lado da mesa com as mãos atrás das costas, elegante em seu uniforme de gala de comandante, conversando com uma mulher vestindo trajes semelhantes.

Demoro um instante para me dar conta de que a mulher é a Comandante Jameson.

Kaede e eu ficamos paralisados. Depois do choque de ver Thomas, eu havia suposto que, se a Comandante Jameson estivesse em algum lugar em Vegas, esse lugar seria a pista de aterrissagem da pirâmide, supervisionando o desempenho de seu capitão. Nunca imaginei que ela estivesse no dirigível. Por que está indo para a área de combate?

Razor acena em nossa direção quando Kaede e eu o cumprimentamos.

– Descansar! – ele nos ordena, e depois volta a dirigir sua atenção à Comandante Jameson. Consigo sentir a tensão de Kaede a meu lado.

Meus instintos, apurados pela vida nas ruas, voltam todos a funcionar ao mesmo tempo.

Se Kaede está ansiosa, é porque os Patriotas não haviam considerado a possibilidade da visita da Comandante Jameson ao local. Meus olhos se dirigem rapidamente para a fechadura da porta; eu me imagino girando o corpo, abrindo a porta de repente e me pendurando no parapeito da sacada que dava para o deque abaixo. O interior do dirigível surge na minha mente como um mapa tridimensional. Preciso estar pronto para fugir rápido se ela me reconhecer. Minha rota de fuga precisa estar planejada.

– Fui aconselhada a manter meus olhos abertos – retoma a conversa a Comandante Jameson.



Razor parece completamente despreocupado. Os ombros dele estão relaxados, e ele exibe um sorriso tranquilo.

– Você também deve ficar alerta, DeSoto. Se notar qualquer coisa estranha, venha falar comigo. Eu saberei o que fazer.

– Claro. Pode ter certeza de que farei exatamente isso. – Razor inclina a cabeça respeitosamente para a Comandante Jameson, embora as insígnias do seu uniforme indiquem que seu posto é superior ao dela. – Meus melhores votos para a senhora e para Los Angeles.

Eles se cumprimentam informalmente, e a Comandante Jameson começa a dirigir-se para a porta. Eu me obrigo a permanecer imóvel, mas todos os músculos do meu corpo gritam para eu fugir.

A Comandante Jameson passa por mim, e espero calmamente enquanto ela me examina dos pés à cabeça. Pelo canto dos olhos, vejo as rugas de reprovação em seu rosto e os lábios finos e vermelhos. Debaixo de sua expressão há um gélido nada, uma impressionante falta de emoção, que ao mesmo tempo provoca medo e ódio no meu sangue. Reparo então que uma de suas mãos está enfaixada. Ainda é o ferimento do período em que ela me manteve prisioneiro em Batalla Hall, quando lhe mordi a mão com tanta força que quase cheguei no osso.

*Ela sabe quem sou eu.*

Gotas de suor escorrem pelas minhas costas. Ela deve saber. Mesmo com o breve olhar que me deu, ela conseguiu me reconhecer debaixo do meu disfarce, do cabelo escuro avermelhado cortado rente, da cicatriz sintética e das lentes de contato castanhas. Fico esperando que ela dê o sinal. Minhas botas se inclinam levemente do chão, prontas para correr. Minha perna operada está latejando.

Mas a fração de segundo passa, e o olhar intenso da Comandante Jameson procura outro alvo quando ela chega à porta. Recuo da beira do abismo.

– Seu uniforme está amassado, soldado – ela se dirige a mim com desgosto. – Se eu fosse o Comandante DeSoto, eu o puniria severamente.

Ela se afasta, sai pela porta e desaparece.

Kaede tranca a porta.

Ela relaxa os ombros e solta o ar demoradamente, depois do que parece uma eternidade prendendo a respiração.

– Adorei – ela diz para Razor, ao se jogar no sofá do escritório. Sua voz derrama sarcasmo.

Razor faz um gesto para que eu também me sente e diz:

– Temos de lhe agradecer, Kaede, pelo excelente disfarce do nosso jovem amigo.

Kaede dá um largo sorriso por conta do elogio.

– Peço desculpas pela desagradável surpresa. A Comandante Jameson tomou conhecimento da prisão de June e quis vir até aqui para ver se conseguia apurar mais alguma coisa. – Ele se senta atrás da mesa. – Ela vai tomar um avião de volta a Vegas agora.

Sinto meu corpo enfraquecido. Enquanto descanso no sofá ao lado de Kaede, não posso evitar manter os olhos nas janelas, caso a Comandante Jameson resolva voltar por algum motivo.

As janelas são de vidro fosco. Será que alguém olhando lá debaixo consegue nos ver aqui?

Kaede já se acalmou novamente e fala sem parar com Razor sobre nossas próximas providências: a que horas vamos aterrissar, quando vamos nos reunir em Lamar, se os soldados da capital que servirão de isca já estão prontos.

Eu, por outro lado, apenas continuo sentado e penso na expressão da Comandante Jameson. De todos os oficiais da República com que já me deparei, exceto talvez Chian, só os olhos da Comandante Jameson conseguem me paralisar até o último fio de cabelo.

Tento repelir a lembrança de como ela nem sequer piscou ao ordenar a morte da minha mãe e a execução de John. Se Thomas prendeu June, o que a Comandante Jameson fará com ela? Será que Razor vai conseguir realmente manter a June protegida?

Fecho os olhos e me esforço para mandar um pensamento positivo para June.

*Tome cuidado. Quero estar com você de novo quando tudo isso terminar.*

# JUNE

Não consigo olhar para Day antes de deixá-lo para trás. Quando o Patriota de Razor me afasta da entrada principal da pirâmide Pharaoh, mantenho meu rosto virado para o outro lado. *É melhor assim*, digo a mim mesma. Se a missão der certo, ficaremos separados por pouco tempo.

As preocupações de Day com o meu bem-estar me atingem em cheio agora. O plano de Razor para mim *parece* bom, mas algo sempre pode dar errado. E se, em vez de me levarem para falar com o Eleitor, atirarem em mim no momento em que eu for descoberta? Ou eles poderiam me virar pelo avesso na sala de interrogatório e me espancar brutalmente. Já vi isso acontecer um montão de vezes. Eu poderia estar morta antes do fim do dia, muito tempo antes de o Eleitor saber que fui encontrada. Um milhão de coisas pode dar errado.

*É por isso que preciso me concentrar*, lembro a mim mesma. E não posso fazer isso se olhar nos olhos de Day.

O Patriota me guia dentro da pirâmide e por um estreito passadiço ao longo de uma parede. Aqui dentro é tudo barulhento e caótico. Centenas de soldados movem-se lentamente em círculos no nível térreo. Razor havia me dito que me abrigariam em um quarto das casernas vazias no primeiro andar, onde eu fingiria estar me escondendo antes de tentar entrar furtivamente no RS Dynasty. Quando os soldados da República derrubarem a porta e vierem me buscar, eu devo correr. Com todas as minhas forças.

Apresso o passo para acompanhar o ritmo do meu guia. Chegamos então ao fim do passadiço, onde uma porta de segurança (com um metro e sessenta e cinco de largura e três metros de altura) separa o andar principal dos corredores das barracas

militares do primeiro andar. O guia passa um cartão pela porta, que bipa, acende uma luz verde e se abre.

– Resista quando vierem buscá-la. – O Patriota fala comigo em um tom de voz que mal consigo ouvir. A aparência dele não é diferente da dos outros soldados aqui, com seu cabelo engomado penteado para trás e um uniforme preto. – Faça com que eles acreditem que você não queria ser capturada. Sua intenção era se entregar perto de Denver, entendido?

Faço um sinal afirmativo com a cabeça.

Ele desvia a atenção de mim. Examina o hall, inclina a cabeça para cima e inspeciona o teto. Uma fileira de câmeras de segurança está presente em toda a extensão do corredor; são oito no total, de frente para a porta de cada quartel. Antes de nós entrarmos no hall, o soldado pega um canivete no bolso e arranca um dos botões lustrosos da jaqueta. Depois se apoia no vão da porta, pressiona um pé em cada lado do batente da porta e começa a subir por ela.

Olho de relance para o hall. Não há outros soldados no momento, mas e se um deles de repente dobrar a quina do corredor? Não será surpresa se *me* capturarem aqui (afinal de contas, nosso objetivo é esse), mas o que será do meu guia?

Ele estende o braço para a primeira câmera de segurança e usa o canivete para raspar parte do revestimento de borracha que protege os fios da câmera. Quando sai um pouquinho da borracha e os fios ficam expostos, ele protege os dedos com a manga da jaqueta e comprime o botão de metal contra os fios.

Há uma rápida sucessão de fagulhas. Para minha surpresa, todas as câmeras de segurança no hall se apagam.

– Como é que você conseguiu desligar todas elas com apenas um...? – começo a sussurrar.

O rapaz pula de volta para o chão e gesticula para eu me apressar.

– Sou um hacker – responde baixinho quando começamos a correr. – Eu já trabalhei nos centros de comando daqui antes.

Substituí parte da fiação pra ficar como a gente queria. – Ele sorri orgulhoso; seus dentes brancos são perfeitos. – Mas isso não é nada. Espere até você saber o que fizemos com a Capital Tower de Denver.

Impressionante! Se Metias se unisse aos Patriotas, ele também seria um hacker. *Se estivesse vivo.*

Corremos a toda a velocidade pelo corredor, até ele me mandar parar diante de uma das portas. Tenda Militar 4A. Ele tira um cartão do bolso e dá uma pancada forte no painel de acesso da porta. Ouve-se um clique e a porta se entreabre: lá dentro, oito fileiras de beliches e vestuários estão no escuro.

O hacker se vira e me encara.

– Razor quer que você espere aqui para garantir que os soldados certos a capturem. Ele tem uma patrulha específica em mente.

É claro que isso faz todo o sentido do mundo. Confirma que Razor não quer que eu seja espancada cruelmente, caso acabe caindo nas mãos de uma patrulha qualquer da República.

– Quem...? – começo a perguntar.

Mas ele dá um tapinha na aba do quepe militar antes que eu termine a frase.

– Nós vamos observar sua missão pelas câmeras. Boa sorte! – Ele vai embora, correndo pelo hall até dobrar uma curva e eu perdê-lo de vista.

Respiro fundo. Estou sozinha. É hora de esperar os soldados virem me prender.

Entro depressa no quarto e fecho a porta. Aqui dentro está preto como piche: não há janelas, nem uma nesga de luz entra por baixo da porta. Este é realmente um lugar razoável para eu me esconder. Nem me incomodo em andar por ali para conhecer o lugar; já conheço esse tipo de dormitório: fileiras de beliches e um banheiro compartilhado. Apenas me posiciono contra a parede bem ao lado da porta. É melhor ficar aqui.

Tateio no escuro e encontro a maçaneta. Usando as mãos como régua, calculo a distância da maçaneta até o chão – um metro e dez. Esse também deve ser o espaço entre a maçaneta e o topo do marco da porta. Recordo quando ainda estávamos no corredor, imaginando qual seria a distância entre a parte superior do marco da porta e o teto. Pouco menos de sessenta centímetros.

Tudo certo. Agora todos os detalhes estão em ordem. Encosto-me na parede, fecho os olhos e espero.

Doze minutos se passam lentamente.

Então, lá longe, no hall do lado de fora, escuto um latido.

Arregalo os olhos. *Ollie!* Eu reconheceria esse latido em qualquer lugar – meu cachorro ainda está vivo! *Vivo, por alguma intervenção divina.* Alegria e confusão tomam conta de mim. Como ele veio parar aqui? Comprimo o ouvido contra a porta e escuto. Depois de vários segundos de silêncio, volto a escutar o latido dele.

*Meu pastor branco está aqui!*

Pensamentos varrem minha cabeça. A única razão pela qual Ollie estaria aqui seria para acompanhar uma patrulha, a patrulha que está me perseguindo. E apenas um soldado pensaria em usar meu próprio cachorro para me farejar: *Thomas.* As palavras do hacker me voltam à mente. Razor queria que “os soldados certos” me capturassem. Ele tinha uma patrulha específica na cabeça.

Evidentemente, a patrulha – a *pessoa* – que Razor tinha na cabeça era Thomas.

Thomas deve ter sido designado pela Comandante Jameson para me rastrear. Ele está usando Ollie para ajudá-lo. De todas as patrulhas pelas quais eu podia ser presa, a de Thomas é a última da lista. Minhas mãos começam a tremer. Não quero reencontrar o assassino do meu irmão.

O latido de Ollie aumenta cada vez mais. Com ele, ouço os primeiros sons de pisadas e vozes. Ouço a voz de Thomas no corredor, gritando com seus soldados. Prendo a respiração e relembro os números que calculei.

A patrulha está do lado de fora da porta. Suas vozes silenciaram, substituídas por cliques (são as travas de segurança das armas, provavelmente fuzis da série M). O que se segue parece ocorrer em câmera lenta. A porta se abre com um rangido, a luz invade o recinto. Imediatamente dou um pequeno salto e levanto uma perna; meu pé atinge silenciosamente a maçaneta, quando a porta gira na minha direção. Nesse instante, os soldados entram no local com as armas em punho; eu me ergo e agarro a parte de cima da moldura da porta, usando a maçaneta como um degrau. Jogo-me para cima e, sem um som, me empoleiro no topo da porta aberta, como um gato.

Eles não me veem. Provavelmente não conseguem ver nada, exceto a escuridão. Com rapidez, conto quantos são. Thomas lidera o grupo, com Ollie a seu lado (para minha surpresa, Thomas não sacou a arma), e atrás dele está um grupo de quatro soldados. Há mais soldados do lado de fora. Não dá pra saber quantos.

– Ela está aqui – diz um deles, com uma das mãos colada ao ouvido. – Ela ainda não conseguiu entrar em nenhum dos dirigíveis. O Comandante DeSoto acabou de confirmar que um dos seus soldados a viu entrar.

Thomas permanece calado. Eu o vejo virar-se para observar o local escuro. Depois, ele olha para o alto da porta.

Nossos olhares se cruzam.

Salto em cima dele e o derrubo no chão. Num instante de fúria cega, minha vontade é quebrar seu pescoço com as mãos. Seria tão fácil.

Os outros soldados empunham as armas, mas, em meio ao caos, ouço Thomas dizer, com voz engasgada:

– Não atirem! Não atirem! – Ele me agarra pelo braço. Quase consigo me livrar e correr entre os soldados, escapando pela porta, mas um segundo soldado me empurra contra o chão. Todos estão em cima de mim, num redemoinho de uniformes prendendo meus



braços e me arrastando pelos pés. Thomas continua a gritar para que os soldados não me machuquem.

Razor tinha razão quanto a Thomas. Ele vai querer me manter viva para a Comandante Jameson.

Eles acabam me algemando e me empurram com tanta força no chão que não consigo me mexer. Ouço a voz de Thomas acima da minha cabeça.

– Que bom revê-la, srta. Iparis. – Sua voz treme. – A senhorita está presa por agredir soldados da República, criar um distúrbio em Batalla Hall e por abandonar seu posto. A senhorita tem o direito de permanecer em silêncio. Qualquer coisa que disser pode e vai ser usada contra a senhorita em um tribunal de justiça.

Observo que ele não disse nada sobre eu prestar ajuda a um criminoso. Ele ainda precisa fingir que a República executou Day.

Eles me põem de pé com um puxão e me levam de volta ao corredor. Quando chegamos a um local sob a luz do sol, vários soldados que passam param para olhar. Os homens de Thomas me empurram rudemente para o assento traseiro de um jipe da patrulha de prontidão, acorrentam minhas mãos à porta e prendem meus braços com algemas metálicas. Thomas se senta ao meu lado e aponta a arma para minha cabeça. Ridículo! O jipe nos conduz pelas ruas. Os outros dois soldados sentados na frente me observam pelo espelho retrovisor. Eles agem como se eu fosse uma espécie de arma indomada, o que, de certa maneira, é verdade. A ironia da história toda me dá vontade de rir. Day é um soldado da República a bordo do RS Dynasty, e eu sou a prisioneira mais valiosa da República.

Trocamos de lugar.

Thomas tenta me ignorar enquanto percorremos as ruas, mas olho fixamente para ele.

Ele parece cansado; os lábios estão pálidos e olheiras lhe cercam os olhos. O queixo está barbado, o que é uma surpresa. Thomas costumava manter o rosto perfeitamente barbeado. A Comandante

Jameson deve ter dito poucas e boas para ele por ter me deixado fugir de Batalla Hall. Provavelmente, ele foi interrogado por causa disso.

Os minutos se arrastam. Nenhum dos soldados fala. O que dirige o jipe mantém os olhos fixos na rua, e tudo que conseguimos ouvir é o zumbido do motor do jipe e os sons abafados das ruas lá fora. Acredito piamente que os outros devem ser capazes de ouvir o martelar do meu coração. De onde estou, vejo o jipe à nossa frente e, através da janela traseira, percebo lampejos ocasionais de pelo branco que me fazem muitíssimo feliz. É o Ollie. Queria que ele estivesse no mesmo jipe que eu.

– Obrigada por não ter machucado o Ollie.

Não espero que ele responda. *Capitães não falam com criminosos*, ele diria. Mas, para minha surpresa, ele olha para mim. Tenho a impressão de que por minha causa ele ainda se dispõe a romper qualquer protocolo.

– Seu cachorro acabou sendo útil.

*Ele é o cachorro do Metias*. Minha raiva volta a ferver meu sangue, mas eu a controlo. É inútil ficar furiosa com algo que não vai ajudar meus planos. É interessante que ele tenha mantido Ollie vivo. Ele poderia ter me rastreado sem o cachorro. Ollie não é um cão policial e não está treinado para farejar alvos. Ele não poderia ter ajudado quando estavam tentando me encontrar pelo país inteiro; ele só é útil em distâncias muito curtas. Isso quer dizer que Thomas o manteve vivo por outras razões. Porque ele se importa comigo? *Ou porque... talvez ele ainda se importe com Metias*. Essa ideia me assusta. O olhar fixo de Thomas se desvia quando não digo mais nada. Faz-se então mais um demorado silêncio.

– Para onde vocês estão me levando?

– A senhorita vai ficar detida na Penitenciária de High Desert até depois de seu interrogatório, e então os tribunais vão decidir para onde a senhorita vai.

É hora de colocar os planos de Razor em funcionamento.

– Depois do meu interrogatório, posso garantir que os tribunais vão me mandar para Denver.

Um dos guardas sentados na frente estreita os olhos para se dirigir a mim, mas Thomas ergue uma das mãos.

– Deixe que ela fale. O que importa é que nós a entreguemos ilesa. – Ele então olha de relance para mim. Está mais macilento do que na última vez que o vi; até o cabelo, repartido harmoniosamente, está opaco e sem gel. – E por que acha isso? – pergunta ele.

– Tenho informações que podem interessar muito ao Primeiro Eleitor.

Thomas torce a boca. Está louco para me fazer perguntas, para descobrir o que eu sei. Isso, contudo, não faz parte do protocolo, e ele já infringiu várias normas ao conversar informalmente comigo. Resolve não me pressionar mais.

– Vamos ver o que conseguiremos extrair da senhorita.

Aí me dou conta de que é um pouco estranho me mandarem para uma penitenciária em Vegas. Eu devia ser interrogada e julgada no meu estado natal.

– Por que vou ficar presa *aqui*? Eu não devia estar a caminho de Los Angeles?

Thomas mantém os olhos no trajeto desta vez.

– Quarentena.

Franzo a testa.

– Como assim? Ela se espalhou até Batalla também?

A resposta dele me arrepiava toda:

– *Los Angeles* está sob quarentena. Toda ela.

**PENITENCIÁRIA DE HIGH DESERT.  
SALA 416 (22 METROS QUADRADOS).  
22H24. O MESMO DIA DA MINHA CAPTURA.**

Sento-me a poucos centímetros de Thomas. Apenas uma frágil mesa nos separa, isto é, se eu não contar o número de soldados me vigiando ao lado dele. Eles se mexem pouco à vontade sempre que pousso meus olhos neles. Oscilo um pouco na cadeira, tentando superar a exaustão, e tilinto as correntes que mantêm meus braços presos nas costas. Minha cabeça começa a vagar; fico pensando no que Thomas falou sobre Los Angeles e a quarentena. Digo a mim mesma: “*Não tenho tempo para refletir sobre isso agora*”, mas os pensamentos persistem. Tento visualizar a Universidade de Drake pontilhada de cartazes de quarentena, as ruas do setor Rubi lotadas de patrulhas contra a praga. Como isso é possível? Como pode uma cidade inteira estar sob quarentena?

Estamos neste cômodo há seis horas, e Thomas não conseguiu nenhuma informação de valia. Minhas respostas às suas perguntas nos levam a círculos sem saída, e eu tenho sido tão sutil nisso que ele só se dá conta de que estou manipulando a conversa depois que uma hora tenha se passado. Ele ameaçou matar Ollie; eu, por minha vez, ameacei levar para a sepultura todas as informações que eu tinha. Ele aí *me* ameaçou, e eu lhe lembrei a minha promessa de levar para o túmulo tudo o que eu sabia. Thomas chegou a tentar me manipular, mas nenhum de seus joguinhos deu certo. Não parei de perguntar por que Los Angeles estava sob quarentena. Eu havia sido treinada nas mesmas táticas de interrogatório que ele, e isso estava se voltando contra ele. Thomas ainda não tinha recorrido à força bruta comigo, como fez com Day. (Este é mais um detalhe interessante. Não importa quanto Thomas goste de mim – se seus superiores ordenarem que use força física, ele obedecerá. Como ainda não me machucou, significa que a Comandante Jameson lhe ordenou que não o fizesse. Estranho.) Mesmo assim, dá para perceber que sua paciência comigo está se esgotando.

– Diga-me uma coisa, srta. Iparis – diz ele depois de ficarmos em silêncio um instante. – O que eu preciso fazer para conseguir extrair alguma coisa útil da senhorita?

Mantenho o rosto inexpressivo.

– Já disse. Troco uma resposta por um pedido. Tenho informações para o Primeiro Eleitor.

– A senhorita não está em posição de barganhar nada. E não pode continuar a agir assim indefinidamente.

Thomas encosta-se à cadeira e franze a testa. As luzes fluorescentes lançam compridas sombras sob seus olhos. Em oposição às paredes brancas não decoradas do aposento (exceto por duas bandeiras da República e pelo retrato do Eleitor), Thomas sobressai ameaçadoramente no seu uniforme preto e vermelho de capitão. Metias costumava usar um uniforme idêntico.

– Sei que Day está vivo, e *a senhorita* sabe como podemos encontrá-lo. A senhorita vai contar tudo, assim que passar uns dias sem comer ou beber.

– Não suponha o que eu vou ou não vou fazer, Thomas – respondo. – Quanto a Day, acredito que a resposta seja óbvia. *Se* ele estivesse vivo, estaria tentando resgatar seu irmão caçula. Qualquer idiota poderia concluir isso.

Thomas tenta ignorar minha estocada, mas percebo a irritação em seu rosto.

– *Se* ele está vivo, nunca vai encontrar o irmão. O lugar onde ele está é confidencial. Não preciso saber aonde Day *quer* ir. Preciso saber onde ele *está*.

– Isso não faz a menor diferença. Você nunca o prenderia mesmo. Ele não vai cair no mesmo truque duas vezes.

Thomas cruza os braços. Terá sido realmente há apenas algumas semanas que nós dois jantamos juntos num café de Los Angeles? A lembrança de LA me traz de volta a notícia da quarentena, e visualizo o café vazio, coberto por avisos de quarentena.

– Srta. Iparis – diz Thomas, pondo as palmas das mãos na mesa. – Podemos continuar desta maneira durante horas, e a senhorita pode continuar mentindo e sacudindo a cabeça até desmaiar de cansaço. Não quero machucá-la. A senhorita tem a oportunidade de

se redimir com a República. Apesar de tudo que fez, soube pelos meus superiores que eles ainda a consideram muito valiosa.

Bingo! A Comandante Jameson *tinha mesmo* intervindo para garantir que eu não fosse machucada durante meu interrogatório.

– Quanta generosidade! – respondo, enfatizando o sarcasmo patente nas minhas palavras. – Tenho mais sorte que Metias.

Thomas suspira, inclina a cabeça e aperta o osso do nariz, exasperado. Mantém essa postura por um instante, depois se movimenta e diz asperamente aos demais soldados:

– Todo mundo pra fora!

Quando os soldados nos deixam sozinhos, ele se vira para mim, debruça-se para a frente e põe os braços na mesa.

– Lamento que a senhorita esteja aqui – diz ele calmamente. – Espero que entenda que meu dever me obriga a fazer isso.

– Onde está a Comandante Jameson? – pergunto. – Você não é um dos fantoches manipulados por ela? Achei que ela também viria me interrogar.

Thomas nem se abala com a minha provocação.

– No momento ela está imobilizando Los Angeles, organizando a quarentena e relatando a situação ao Congresso. Com todo o respeito, o mundo não gira ao seu redor.

“Imobilizando Los Angeles.” Essas palavras me causam calafrios.

– As pragas são mesmo tão graves assim? – resolvo perguntar de novo, mantendo os olhos fixos no rosto de Thomas. – A quarentena em LA é causada por doenças?

Ele balança a cabeça.

– Confidencial.

– Quando será suspensa? *Todos* os bairros estão sob quarentena?

– Pare de fazer perguntas. Já lhe disse que a cidade inteira está em quarentena. Mesmo que eu soubesse quando terminaria, não teria motivo para lhe contar.

No mesmo instante, pela sua expressão, deduzi o que ele quis dizer: *A Comandante Jameson não me disse o que está acontecendo*

*na cidade, por isso não tenho a menor ideia.* Por que ela precisaria mantê-lo no escuro?

– O que *aconteceu* na cidade? – volto a insistir, esperando mais informações da parte dele.

– Isso não é relevante para o seu interrogatório – responde Thomas, batendo com os dedos, impaciente, no braço. – Los Angeles já não é da sua conta, srta. Iparis.

– Acontece que é minha *cidade natal* – respondo. – Eu cresci lá. Metias *morreu* lá. É claro que é da minha conta!

Thomas se cala. Ele ergue a mão para afastar do rosto uma mecha do cabelo preto, e seus olhos procuram os meus. Minutos se passam.

– Então é esse o problema... – ele acaba resmungando. Eu me pergunto se está dizendo isso porque também está exausto depois de seis horas preso nessa sala. – Srta. Iparis, o que aconteceu com seu irmão...

– Eu *sei* o que aconteceu – eu o interrompo. Minha voz estremece, com raiva cada vez maior. – Você o matou. Você o vendeu ao estado. – As palavras doem tanto, que mal consigo pronunciá-las.

Sua expressão mostra insegurança. Ele tosse, endireita-se na cadeira.

– A ordem foi dada diretamente pela Comandante Jameson, e a última coisa que eu faria seria desobedecer a uma ordem transmitida por ela. A senhorita deveria conhecer essa regra tão bem quanto eu, embora eu saiba que obedecer às regras nunca foi seu forte.

– Você, então, não teve o menor remorso em entregá-lo daquele jeito, só porque ele deduziu como nossos pais morreram? Ele era seu *amigo*, Thomas. Você cresceu com ele. A Comandante Jameson teria ignorado sua existência; você nem estaria sentado do outro lado desta mesa se Metias não tivesse recomendado seu nome para participar da patrulha dela. Ou será que você se esqueceu disso? –

Levanto a voz ainda mais. – Você não teve coragem de arriscar o próprio pescoço para ajudá-lo?

– *Foi uma ordem direta* – repete Thomas. – A comandante *não* deve ser questionada. Por que a senhorita não entende isso? Ela sabia que ele pirateava os bancos de dados de pessoas mortas, junto com uma porção de outros catálogos governamentais de alta segurança. Seu irmão infringiu a lei várias vezes. A Comandante Jameson não podia tolerar que um respeitado capitão de sua patrulha cometesse crimes bem debaixo do seu nariz.

Estreito os olhos.

– Foi por isso que você o matou num beco escuro e depois forjou as provas para que Day fosse acusado pelo crime? Porque você pularia feliz de um penhasco se sua preciosa comandante assim ordenasse?

Thomas bate a mão na mesa com força bastante para me fazer pular.

– *Foi uma ordem assinada pelo governo do estado da Califórnia!* – grita ele. – Compreende o que estou dizendo? Eu não tinha escolha.

Então ele arregala os olhos. Ele não podia ter revelado isso. Não dessa maneira. Suas palavras também me deixam atônita. Ele continua a falar, agora mais rápido, aparentemente determinado a apagar o que dissera. Uma luz estranha brilha nos seus olhos, uma coisa que não consigo identificar. O que será?

– Sou um soldado da República. Quando entrei para a carreira militar, fiz um juramento de obedecer às ordens dos meus superiores a qualquer preço. Metias fez o mesmo juramento, mas ele o rompeu.

Há algo estranho na maneira pela qual ele se refere a Metias; é uma espécie de emoção oculta que me desconcerta.

– *O estado está falido.* – Respiro fundo. – E você é um covarde por ter abandonado Metias à misericórdia dele.

Os olhos de Thomas se contraem como se eu o tivesse apunhalado. Eu o examino mais de perto, mas ele repara que o



estou analisando, vira o rosto bruscamente de lado e esconde a cabeça nas mãos.

Penso mais uma vez em meu irmão; desta vez cruzam pela minha mente os vários anos que ele passou na companhia de Thomas. Metias conhecia Thomas desde que eram garotos, muito antes de eu nascer. Sempre que seu pai, que era zelador do prédio onde morávamos, levava Thomas para acompanhá-lo durante o trabalho, Thomas e Metias brincavam por horas seguidas com *videogames* militares e armas de brinquedo. Quando cresci, lembro as inúmeras conversas dos dois em nossa sala de estar e que estavam sempre juntos. Recordo que Thomas fez 1.365 pontos na Prova. Esse número era ótimo, levando em conta que ele era um menino de um bairro pobre, mas médio para garotos do setor Rubi. Metias foi o primeiro a perceber a vontade de Thomas em ser soldado. Ele passava tardes inteiras ensinando a Thomas tudo o que sabia. Thomas jamais teria conseguido entrar na Highland University do bairro Esmeralda sem a ajuda do meu irmão.

Minha respiração fica superficial quando algo se encaixa no lugar. Recordo a maneira pela qual o olhar fixo de Metias se concentrava em Thomas durante as sessões de treinamento. Eu sempre pensei que era apenas a forma do meu irmão analisar a postura e o desempenho de Thomas quanto à exatidão de suas respostas. Lembro que Metias era paciente e gentil ao explicar as coisas a Thomas. O jeito com que sua mão tocava o ombro de Thomas. A noite em que comi *edamame* num café com Thomas e Metias, quando Metias parou de trabalhar com Chian. O modo como, volta e meia, a mão de Metias se apoiava no braço de Thomas por um instante a mais do que o necessário. A conversa que tive com meu irmão quando ele ficou tomando conta de mim no dia em que deveria tomar posse como militar. O jeito em que ele riu e disse: *Eu não preciso de namorada. Tenho uma irmãzinha de quem tomar conta.* E era verdade. Ele havia namorado algumas moças na faculdade, porém nunca por mais de uma semana e sempre com

educado desinteresse. Era tão óbvio! Como eu não havia percebido nada antes?

É *claro* que Metias jamais se abriria comigo sobre isso. Os relacionamentos entre oficiais e subordinados são estritamente proibidos e punidos com rigidez. Foi Metias quem recomendou que Thomas fizesse parte da patrulha da Comandante Jameson. Fez isso pelo bem de Thomas, mesmo sabendo que isso impossibilitaria qualquer envolvimento.

Tudo isso passa por minha mente em questão de segundos.

– Metias estava apaixonado por você – sussurro.

Thomas não responde.

– E então? É verdade? Você devia saber.

Thomas continua calado. Apoia a cabeça entre as mãos e repete:

– Eu fiz um *juramento*.

– Espere aí. Não estou entendendo.

Encosto na cadeira e respiro fundo. Meus pensamentos são agora uma mixórdia, um turbilhão só. O silêncio de Thomas é mais revelador do que qualquer coisa que ele já disse.

– Metias amava você – digo devagar. Minha voz sai trêmula. – E fez tudo por você. Mesmo assim, você o entregou. – Balanço a cabeça, incrédula. – Como pôde fazer isso?

Thomas ergue a cabeça e olha nos meus olhos.

– Eu nunca o *denunciei*. – Um flash de dor ilumina seu rosto.

Nós nos olhamos durante muito tempo. Finalmente digo, com os dentes cerrados:

– Então me conte o que aconteceu.

Thomas olha para o nada.

– Os administradores da segurança encontraram indícios que ele deixou para trás quando pirateou uma brecha do sistema, no banco de dados dos civis mortos. Os administradores contaram a história para mim em primeiro lugar, supondo que eu passaria o recado para a Comandante Jameson. Eu não me cansava de alertar o Metias sobre hacking. “Você corre riscos demais, vai acabar se dando mal.

Continue leal, continue fiel”, mas ele nunca me deu ouvidos. Aliás, esse é um mal de família.

– Quer dizer que você guardou o segredo dele?

Thomas volta a apoiar a cabeça entre as mãos.

– Primeiro eu o confrontei sobre o assunto, e ele admitiu que era verdade. Eu prometi não contar a ninguém, mas, no fundo, eu *queria*. Nunca escondi coisa alguma da Comandante Jameson. – Ele para por um instante. – Acontece que meu silêncio não teria feito diferença. Os administradores da segurança decidiram enviar uma mensagem diretamente à Comandante Jameson. Foi assim que ela descobriu, e aí me encarregou de cuidar de Metias.

Escuto, chocada, em silêncio. *Thomas jamais quis matar Metias.*

Tento imaginar um cenário que eu possa tolerar.

Talvez ele até tenha tentado persuadir a Comandante Jameson a designar a tarefa à outra pessoa, mas ela deve ter recusado, e ele decidiu levá-la a cabo de qualquer maneira.

Eu me pergunto se Metias chegou a tomar alguma atitude sobre a atração que sentia e se Thomas também fez o mesmo.

Conhecendo Thomas, duvido. Será que ele também amava Metias? Ele *tentou* me beijar depois da comemoração pela captura de Day.

– O baile de gala – reflito desta vez em voz alta. Não preciso falar mais nada para que Thomas saiba do que estou falando. – Quando você tentou me...

Não termino a frase. Thomas continua a olhar fixamente para o chão; sua expressão oscila entre palidez e dor. Finalmente, ele passa uma das mãos no cabelo e resmunga:

– Eu me ajoelhei sobre Metias e o vi morrer. Minha mão estava naquela faca. Ele...

Fico em silêncio, atônita com suas palavras.

– Ele me pediu para não machucar você – continua Thomas. – Suas últimas palavras foram sobre você. Fiquei confuso. Na execução de Day, tentei inventar um modo de impedir a Comandante Jameson de prender você. Mas você dificulta *muito* a

vida das pessoas que tentam protegê-la, June. Você infringe muitas normas. É igualzinho a Metias. Naquela noite no baile, quando olhei para seu rosto... – A voz dele se enfraquece. – Pensei que podia protegê-la, e que a melhor maneira seria tentar manter você perto de mim, tentar conquistá-la. Fiquei confuso... – repete, amargurado. – Mesmo para Metias, era difícil protegê-la. Que chance tinha eu de mantê-la a salvo?

*A noite da execução de Day.* Será que Thomas estava tentando me proteger quando me acompanhou até o porão para eu ver onde ficava armazenada a bomba? E se a Comandante Jameson estivesse se preparando para me prender, e Thomas tivesse tentado me ajudar antes? Para quê, para ajudar a fugir? Não compreendo.

– Pode ter certeza de que eu me importava com seu irmão – diz ele, enquanto permaneço em silêncio. Ele finge uma bravata, um falso profissionalismo. Mesmo assim, percebo tristeza em sua voz. – Mas sou também um soldado da República, e fiz o que tinha de fazer.

Empurro a mesa para o lado e me arremesso contra ele, apesar de estar acorrentada à cadeira. Thomas pula para trás. Tropeço nas minhas limitações, caio de joelhos e, então, agarro a perna dele. Para conseguir não sei o quê. *Você é doente, você é um monstro.* Tenho vontade de acabar com ele. Jamais quis tanto uma coisa na minha vida inteira.

Não, isso não é verdade. Quero Metias vivo de novo.

Os guardas do lado de fora devem ter ouvido a perturbação porque entram em grupos, e imediatamente sou imobilizada por vários soldados, presa com mais um par de algemas e desamarrada da cadeira. Eles me arrastam pelos pés. Dou pontapés furiosos, relacionando mentalmente todos os ataques que aprendi no colégio militar, tentando me livrar como uma alucinada. Thomas está muito perto, a apenas alguns metros.

Ele simplesmente olha para mim, com as mãos balançando ao lado do corpo, e grita:

– Foi a morte mais piedosa para ele!

Sinto náuseas porque sei que ele está certo. Metias provavelmente teria sido torturado até a morte se Thomas não o tivesse matado naquele beco. Mas isso não me importa: estou cega, sufocada pela raiva e pela confusão. Como ele pode ter feito aquilo com alguém a quem amava? Como podia ser capaz de tentar justificar isso? Qual é o *problema* dele?

Depois da morte de Metias, quando Thomas ficava sentado sozinho em casa, será que alguma vez deixou cair a máscara? Será que alguma vez deixou de pensar como soldado e permitiu que o homem à paisana extravasasse a dor?

Sou arrastada para fora da cela e pelo corredor. Minhas mãos tremem; luto para firmar a respiração, acalmar o coração em disparada e guardar Metias a salvo num cantinho da cabeça. Uma pequena parte de mim havia esperado que eu estivesse errada sobre Thomas, que não havia sido ele que matara meu irmão.

Na manhã seguinte, todos os traços de emoção já haviam desaparecido do rosto de Thomas. Ele me diz que o tribunal de Denver tomou conhecimento do meu pedido a respeito do Eleitor e decidiu me transferir para a Penitenciária Estadual de Colorado.

Estou de partida para a capital.



# DAY

Aterrissamos em Lamar, no Colorado, em uma manhã chuvosa, exatamente no horário programado. Razor parte, com seu esquadrão. Kaede e eu esperamos na escura escadaria na saída dos fundos da sala dele, até que os barulhos lá fora diminuem e a maioria da tripulação do dirigível já tenha desembarcado. Desta vez não há guardas escaneando impressões digitais nem verificando identidades, logo, podemos seguir os últimos soldados diretamente pela rampa de saída. Nós nos misturamos com as tropas que estão aqui para lutar pela República.

Rajadas de chuva gelada castigam a base ao sairmos para a plataforma piramidal, e entramos neste enorme lugar sem brilho. O céu está completamente coberto por nuvens negras de tempestade. Plataformas de aterrissagem se alinham ao lado da rua de cimento rachado, numa fileira agourenta de enormes pirâmides negras que se estendem em ambas as direções, lustrosas e reluzentes pela chuva.

O ar viciado tem cheiro molhado. Jipes lotados de soldados se movimentam para cima e para baixo, respingando lama e cascalho na calçada. Todos os soldados exibem uma larga faixa negra pintada em cima dos olhos e que vai até as orelhas. Isso deve ser moda entre os combatentes. O resto da cidade se ergue à nossa frente: arranha-céus cinzentos que provavelmente servem de caserna para os soldados. Alguns são novos; têm laterais harmoniosas e vidraças coloridas, outros foram vandalizados e desmoronaram como se tivessem sofrido ataques constantes de granadas. Uns poucos não passam de cinzas e ruínas, alguns com apenas uma parede, apontando para cima como um monumento despedaçado. Não há

prédios avarandados, nem áreas verdes pontilhadas com rebanhos de gado.

Nós nos apressamos pela rua, com nossas golas duras de jaquetas viradas para cima, numa tentativa patética de nos proteger da chuva.

– Este lugar foi bem bombardeado – resmungo para Kaede. Meus dentes batem a cada palavra.

Kaede abre a boca, com surpresa desdenhosa:

– Poxa, tu é mesmo um gênio, sabia?

– Não entendo. – Observo os edifícios desmoronados que pontilham o horizonte. – Por que parece que os edifícios foram atingidos por granadas? Os combates não estão acontecendo longe daqui?

Kaede se debruça até mim para que os demais soldados na rua não nos ouçam.

– As Colônias têm invadido esta parte da fronteira desde que eu tinha uns dezessete anos. Bem, de qualquer forma, isso faz tempo. Eles provavelmente se infiltraram por mais de mil e seiscentos quilômetros de onde a República afirma que fica a divisa com o Colorado.

Depois de tantos anos ouvindo a incessante propaganda da República, é chocante ouvir alguém me contar a verdade.

– Então você está me dizendo que as Colônias estão vencendo a guerra? – pergunto baixinho.

– Já faz tempo que elas estão vencendo. Você soube disso por mim em primeiro lugar. Daqui a uns anos, garoto, as Colônias vão estar no quintal da sua casa. – Ela está enojada. Talvez tenha um ressentimento eterno contra as Colônias. – Pense como quiser – resmunga. – Só tô aqui pelo dinheiro.

Fico em silêncio. *As Colônias serão os novos Estados Unidos.* Será possível que, após tantos anos de guerra, os combates cheguem ao fim? Tento imaginar um mundo sem a República, sem o Eleitor, as Provas, as pragas. E com as Colônias vencedoras.

Nossa, isso é bom demais para ser verdade! E com o possível assassinato do Eleitor, isso tudo pode se tornar verdade ainda mais cedo. Fico tentado a conversar ainda mais sobre o assunto, mas Kaede põe um dedo nos lábios, para que eu fique quieto antes de começar a falar, e acabamos caminhando em silêncio.

Vizamos em uma esquina, muitas quadras depois, e seguimos uma fila dupla de trilhos de trem por uma distância que me pareceu ser de vários quilômetros. Finalmente, paramos quando alcançamos a esquina de uma rua distante dos quartéis, escurecida pelas sombras de prédios arruinados em toda a sua extensão. Soldados solitários perambulam pelo lugar. Kaede murmura quando espreita os trilhos:

– Fizeram uma pausa na luta. Já faz alguns dias, mas logo vai recomeçar o combate. Tu vai agradecer por estar com a gente; nenhum desses soldados da República terá o luxo de se esconder no subsolo quando as bombas começarem a explodir.

– Subsolo?

A atenção de Kaede se concentra num soldado caminhando diretamente para nós, num lado dos trilhos. Meus olhos piscam, úmidos, e tento enxergar o cara melhor. Ele se veste como nós, numa jaqueta de cadete encharcada, com uma ponta de tecido cobrindo parte dos botões e listras prateadas solitárias em cada ombro. A pele morena está lustrosa sob as camadas da chuva que não para, e os cachos curtos grudaram na cabeça. Sua respiração é exalada em nuvens brancas. Quando se aproxima, vejo que seus olhos são cinzentos e assustadoramente pálidos.

Ele passa sem olhar direito para nós e dirige um gesto sutil à Kaede: dois dedos da mão direita fazem um sinal de V, de vitória.

Atravessamos os trilhos e continuamos a andar por muitos quarteirões. Aqui os edifícios estão amontoados, e as ruas são tão estreitas que apenas duas pessoas cabem num beco por vez. Esta deve ter sido uma área onde antigamente viviam os civis. Várias janelas foram explodidas, e outras estão cobertas por panos em



frangalhos. Vejo algumas sombras de pessoas dentro delas, iluminadas com velas bruxuleantes. Quem não for soldado nesta cidade, deve estar fazendo o que meu pai costumava fazer: cozinhando, limpando e cuidando das tropas. Papai também deve ter vivido na miséria, sempre que rumava para a frente de batalha nas suas missões militares.

Kaede me sacode do meu estado de letargia ao me puxar abruptamente para um dos becos escuros e estreitos.

– Anda rápido!

– Você sabe com quem está falando, não sabe?

Ela me ignora, ajoelha na beira de uma parede onde há uma grade de metal revestindo o piso e retira de lá, com seu braço bom, um minúsculo dispositivo preto. Ela o passa rapidamente numa beira da grade. Depois de um segundo, a grade se levanta do chão, sustentada por duas dobradiças, e silenciosamente se abre, revelando um buraco negro. Percebo que ele foi projetado para parecer desgastado e sujo de propósito, mas este buraco foi modificado e se transformou numa entrada secreta. Kaede se abaixa e salta para dentro da cavidade. Eu a sigo. Minhas botas se molham na água rasa, e a grade acima de nós desliza e se fecha de novo.

Kaede segura minha mão e me conduz por um túnel. O lugar tem um cheiro rançoso de pedra antiga, chuva e metal enferrujado. Água gelada goteja do teto e molha meu cabelo. Caminhamos apenas alguns metros antes de nos desviarmos acentuadamente para a direita, e então a escuridão nos engole por completo.

– Existiam quilômetros de túneis como este em quase toda a cidade que participava dos combates – sussurra Kaede em meio ao silêncio.

– Ah, é? E serviam pra quê?

– Dizem que todos esses velhos túneis eram usados por pessoas que moravam na costa leste americana e que queriam ir para o oeste, para fugir das inundações. Isso aconteceu mesmo antes da guerra ter começado. Cada um desses túneis passa direto debaixo

das barricadas da zona de combate entre a República e as Colônias. – Kaede faz um movimento deslizante com as mãos, que mal consigo distinguir na escuridão. – Depois do início da guerra, os dois países começaram a usar os túneis ofensivamente, e por isso a República destruiu todas as entradas dentro das suas divisas, e as Colônias fizeram o mesmo na outra extremidade. Os Patriotas conseguiram escavar e reconstruir cinco túneis em segredo. Vamos usar este em Lamar – ela aponta para o teto que goteja – e um em Pierra, uma cidade próxima daqui.

Tento imaginar como deve ter sido antes, numa época em que não havia nem República nem Colônias, e um único país ocupava o centro da América do Norte.

– E ninguém sabe que esses túneis estão aqui?

Kaede ri com desdém.

– Você acha que nós estaríamos usando os túneis se a República tivesse conhecimento deles? Nem as Colônias sabem que eles existem, mas eles são muito úteis para as missões dos Patriotas.

– Quer dizer então que as Colônias financiam vocês?

Kaede dá um pequeno sorriso.

– Quem mais teria dinheiro suficiente para manter túneis como esses? Ainda não conheci nossos financiadores; é Razor que trata desses relacionamentos. O dinheiro continua entrando, o que quer dizer que eles devem estar satisfeitos com o trabalho que estamos fazendo.

Caminhamos por um tempo sem conversar. Meus olhos já se adaptaram à escuridão, e consigo ver crostas de ferrugem nas laterais do túnel. Fios d'água gotejantes desenham padrões nas paredes de metal.

Quebro o silêncio após alguns minutos:

– Você está contente por eles estarem vencendo a guerra? – Espero que ela esteja disposta a falar sobre as Colônias de novo. – Afinal, eles praticamente expulsaram vocês do seu país. Aliás, por que vocês saíram?

Kaede dá uma risada amarga. O som de nossas botas chapinhando na água ecoa no túnel.

– É, acho que estou contente. Qual é a alternativa? Ficar observando a República vencer? Diga o que é melhor. Mas tu cresceu na República. Nem imagino o que deve pensar das Colônias... Deve achar que é um paraíso.

– E poderia ser diferente? – indago. – Meu pai costumava me contar histórias sobre as Colônias. Ele me disse que havia cidades completamente iluminadas por eletricidade.

– Seu pai trabalhava para algum movimento de resistência?

– Não sei bem. Ele nunca me confirmou isso, mas todos nós suspeitávamos que ele devia fazer *alguma coisa* sem a República saber. Quando voltava das missões, meu pai trazia umas quinquilharias relacionadas aos Estados Unidos. Eram coisas esquisitas para uma pessoa normal ter. Ele falava que um dia nos levaria para fora da República. – Fico em silêncio, perdido numa antiga lembrança. Meu pingente pesa no pescoço. – Acho que nunca vou mesmo saber qual era a dele.

Kaede faz um sinal afirmativo com a cabeça.

– Bem, eu cresci num dos litorais a leste nas Colônias, à beira do Atlântico Sul. Há anos que não vou lá; estou certa de que a água atingiu o interior do país pelo menos mais uns três metros e meio. De qualquer maneira, fui aprovada para uma das Academias de Dirigíveis e me tornei um dos principais pilotos na área de treinamento.

Se as Colônias não têm as Provas, eu me pergunto como escolhiam quem entraria nas academias.

– E daí, o que aconteceu?

– Matei um cara – responde Kaede. Ela diz isso como se fosse a coisa mais natural do mundo. Na escuridão, ela se aproxima de mim e examina, atrevida, meu rosto. – Que é que foi? Ei, não me faça essa cara. Foi um acidente. Ele tinha tanta inveja porque nossos comandantes de voo me adoravam que tentou me empurrar pela

borda do nosso dirigível. Nessa luta corpo a corpo, lesionei seriamente um dos olhos. Mais tarde eu o encontrei no vestiário e acabei com o fulano. – Ela emite um som de pesar. – Acontece que bati com força demais na cabeça dele, e ele não voltou mais a si. Meu financiador me rejeitou depois que esse pequeno incidente manchou minha reputação com a corporação, e não porque eu matei um sujeito. Quem quer uma funcionária, um *piloto de combate*, que não enxerga direito, mesmo depois de operada? – Ela para de andar e aponta para o olho direito. – Virei mercadoria danificada, e minha cotação despencou. Minha academia me expulsou depois que o financiador pulou fora. Sinceramente, foi uma sacanagem. Deixei de me formar quando estava no último ano de treinamento por causa daquele desgraçado.

Não compreendo alguns termos que Kaede usou: *corporação*, *funcionária* – mas resolvo perguntar isso tudo uma outra vez. Estou certo de que pouco a pouco vou conseguir extrair dela mais informações sobre as Colônias. Por enquanto, continuo a querer saber mais sobre o pessoal para quem estou trabalhando.

– Foi então que você se juntou aos Patriotas?

Ela faz um gesto indiferente com uma das mãos e estende o braço à sua frente. Noto mais uma vez que Kaede é muito alta; seus ombros estão na altura dos meus.

– O fato é que Razor me paga. Às vezes consigo até voar, mas continuo com eles pelo dinheiro, garoto, e enquanto estiver recebendo minha grana, farei o possível para ajudar os estados a se unirem de novo. Se isso causar o desmoronamento da República, que seja. Se isso resultar na tomada de controle pelas malditas Colônias, que seja. Vamos acabar com essa guerra e fazer com que os Estados Unidos voltem a ser o que eram. E que as pessoas levem uma vida normal de novo. É com isso que me importo.

Não posso evitar achar isso divertido. Apesar de Kaede tentar parecer indiferente, dá pra ver que sente orgulho em ser uma Patriota.

– Bem, a Tess parece gostar muito de você, o que me faz concluir que você deve ser legal.

Kaede dá uma risada convicta.

– Ela é mesmo um doce. Fico feliz por não ter matado *aquela garota* naquela luta de Skiz. Você vai ver que não existe um único Patriota que não goste dela. Não se esqueça de demonstrar seu amor à sua amiguinha de vez em quando, tá? Sei que você tem tesão pela June, mas Tess está paradinha na sua, caso ainda não tenha percebido...

Isso faz com que meu sorriso desapareça gradualmente.

– Acho que nunca pensei nela desse jeito – murmuro.

– Com o passado que ela tem, merece ser amada, não concorda? Estendo a mão e impeço Kaede de continuar.

– Ela lhe contou seu passado?

Kaede me olha de relance e pergunta, atônita:

– Ela nunca lhe contou a história dela?

– Jamais consegui que me contasse. Ela sempre desviava do assunto, e depois de um tempo, eu simplesmente desisti de tentar.

– Ela não deve querer que você tenha pena dela. Ela era a mais nova de cinco filhos. Acho que na época estava com nove anos. Os pais não podiam alimentar todos os irmãos, e uma noite deixaram a pobrezinha fora de casa e nunca mais deixaram ela entrar. Ela disse que bateu à porta durante dias.

Não posso dizer que estou surpreso. A República é tão lerda quando se trata de cuidar dos órfãos sem-teto, que nenhum de nós nunca teve uma segunda oportunidade. O amor da minha família era tudo ao que eu podia me agarrar nos primeiros anos que passei na rua. Aparentemente, a Tess não teve nem *isso*. Não é de admirar que fosse tão carente quando nos conhecemos. Eu devia ser a única pessoa no mundo que se importava de verdade com ela.

– Eu não sabia – sussurro.

– Bem, agora já sabe – replica Kaede. – Fique com ela; vocês dois combinam, viu? – Ela reprime uma risadinha. – Ambos são

nauseantemente otimistas. Jamais conheci uma dupla tão alto-astral de farsantes vindos de favelas.

Não respondo. Ela está certa, obviamente. Nunca pensei no assunto; mas Tess e eu formamos *mesmo* uma boa dupla. Ela compreende muito bem de onde eu vim. Ela pode me animar nos meus piores dias. Ela age como se tivesse vindo de um lar perfeitamente feliz, em vez daquele sobre o qual a Kaede acabou de me contar. Sinto um afeto reconfortante, percebendo de repente que estou ansioso para reencontrar Tess. Aonde ela vai, eu vou, e vice-versa. Somos unha e carne.

*Mas e June?*

A simples lembrança do seu nome me faz respirar com dificuldade. Fico quase constrangido com minha reação. June e eu somos uma boa dupla? “*Não*” é a primeira palavra que me vem à cabeça.

Mesmo assim...

Nossa conversa perde a força. Às vezes olho de relance por cima do ombro, meio que esperando ver uma centelha de luz, meio que esperando não ver. A ausência de luz quer dizer que o túnel não se estende direto sob todas as grades da cidade, visível aos passantes.

Sinto que o piso é inclinado. Estamos descendo cada vez mais. Eu me obrigo a respirar de maneira uniforme à medida que as paredes se estreitam, e me sinto encurralado. Maldito túnel! Eu daria tudo para estar de novo ao ar livre.

Demora muito, mas finalmente Kaede para. O eco de nossas botas na água soa de modo diferente agora – acho que paramos em frente a uma estrutura sólida de algum tipo. Talvez seja uma parede.

– Perto da parte traseira desta casamata o túnel continua e vai dar nas Colônias.

Kaede tenta abrir a porta com uma pequena alavanca de um lado, mas quando isso não dá certo ela bate à porta suavemente com as juntas dos dedos, numa sequência de dez ou onze batidinhas, e grita:

– Foguete!

Esperamos, trêmulos.

Nada acontece. Então, um pequeno e escuro retângulo na parede desliza e se abre, e olhos castanho-amarelados piscam para nós.

– Oi, Kaede! O dirigível chegou na hora exata, não é? – diz a garota atrás da parede, antes de estreitar os olhos para mim. – Quem é seu amigo?

– É o Day – responde Kaede. – Agora para com esse papo-furado e me deixa entrar. Estou congelando.

– Tudo bem, tudo bem. Eu estava só verificando.

Seus olhos me examinam de alto a baixo. Fico surpreso que ela consiga ver muita coisa nesta escuridão. Finalmente, o pequeno retângulo desliza e se fecha. Ouço alguns bipes e outra voz. A parede desliza e se abre, revelando um corredor estreito, com uma porta na outra extremidade. Antes que um de nós consiga se mexer, três pessoas dão um passo à frente, saindo do lado de trás da parede, e apontam armas para nossas cabeças.

– Entrem – uma delas nos ordena, asperamente: é a moça que acabou de abrir o olho mágico. Fazemos o que ela manda. A parede se fecha atrás de nós. – Qual é o código desta semana? – acrescenta em voz alta.

– Alexander Hamilton – responde Kaede impaciente.

Agora as três armas apontam para mim, e não para Kaede.

– Você é o Day, é? – A garota faz uma bola com o chiclete que está mastigando. – Tem certeza?

Levo um minuto para perceber que sua segunda pergunta foi dirigida à Kaede, e não a mim. Kaede suspira, exasperada, e dá um tapa no braço da menina.

– É ele mesmo. Agora, para de encher o saco!

As armas são baixadas. Dou um suspiro que nem sabia que estava retendo. A garota que nos deixou entrar gesticula para que a acompanhem até a segunda porta, e quando chegamos lá ela

aciona um pequeno dispositivo, no lado esquerdo da porta, semelhante ao usado por Kaede. Ouvem-se mais alguns bipes.

– Entrem. – Ela faz um movimento com a cabeça na minha direção e ameaça: – Se fizer algum movimento brusco, atiro antes que você possa piscar.

A segunda porta desliza e se abre. Um ar quente cai sobre nós quando entramos numa grande sala cheia de gente agitada ao redor de mesas e monitores embutidos na parede. Luzes elétricas pendem do teto; um odor leve, mas bem definido de mofo e ferrugem paira sobre nós. Deve haver vinte ou trinta pessoas ali e ainda assim há espaço para mais.

Uma grande projeção de uma insígnia decora a parede traseira do recinto, e eu imediatamente a reconheço como uma versão mais simples da bandeira oficial dos Patriotas: tem uma grande estrela de prata, com três tiras prateadas em formato de V. Reparo que foi bem inteligente projetá-la dessa forma, pois assim podem apanhá-la e movimentar-se rapidamente, se necessário.

Alguns monitores exibem os horários dos dirigíveis que eu já havia visto a bordo do Dynasty. Outros mostram imagens de segurança captadas nos alojamentos dos oficiais ou fotos ampliadas das ruas da cidade de Lamar, ou vídeos da cabine de controle dos dirigíveis sobrevoando a zona de combate. Um deles exibe até uma curta sequência de propaganda para elevar o moral dos Patriotas, que me lembra muito os anúncios da República. São frases como *TRAGAM OS ESTADOS UNIDOS DE VOLTA; A TERRA DA LIBERDADE* e *SOMOS TODOS AMERICANOS*. Outros vídeos transmitem imagens da América continental abarrotada de pontos multicoloridos, e dois deles apresentam mapas-múndi.

Contemplo, espantado, esses últimos. Nunca tinha visto um mapa-múndi antes. Nem sei se *existe* um deles na República, mas nesses vejo os oceanos ao redor da América do Norte, os territórios recortados em forma de ilhas que compõem a América do Sul, um minúsculo território chamado Ilhas Britânicas, gigantescas massas



de terras chamadas África e Antártida, a China (com uma porção de pequeninos pontos vermelhos espalhados bem no oceano ao redor dos limites de seu território).

Esse é o mundo *real*, não o mundo que a República mostra aos civis.

Todos no recinto me observam. Dou as costas para o mapa e espero que Kaede diga alguma coisa. Ela apenas dá de ombros e me dá uma pancadinha nas costas. Minha jaqueta molhada faz um som borbulhante.

– Este é o Day.

Todos esperam em silêncio, embora eu possa ver pelo brilho de seus olhos que sabem quem sou. Aí alguém assobia com dois dedos na boca. Isso quebra a tensão: há um coro de risadinhas abafadas, e depois a maioria das pessoas volta a fazer o que estava fazendo antes.

Kaede me orienta em meio à confusão de mesas. Algumas pessoas estão reunidas ao redor de um diagrama; outro grupo está abrindo caixas; certas pessoas estão apenas descansando, assistindo à reprise de uma novela da República. Dois Patriotas sentados em frente a um monitor no canto estão se desafiando num *videogame*, acelerando uma espécie de criatura azul na tela, ao agitar as mãos na frente dela. Até isso deve ter sido personalizado pelos Patriotas, porque todos os objetos do jogo são azuis e vermelhos.

Um garoto abafa um risinho quando passo. Ele exhibe uma mecha de cabelo louro tingido num penteado moicano. A pele é morena, e ombros largos ligeiramente curvados, como se ele estivesse permanentemente pronto para entrar num ringue. Falta um pedaço da sua orelha. Percebo que é a mesma pessoa que assobiou antes.

– Então você é o cara que deu o fora na Tess, não é? – Ele tem uma arrogância que me irrita. Olha para mim com desprezo. – Não entendo por que uma garota como ela anda com um vigarista que nem você. Algumas noites nas prisões da República acabaram com todo o seu fôlego?

Dou um passo em direção a ele, rio com vontade e digo:

– Com todo o respeito, não vejo a República pendurando cartazes de “procura-se” com *a sua* linda carinha...

– Vamos parar com isso! – Kaede se interpõe entre mim e o garoto, e força um dedo no peito dele. – Baxter, você não devia estar se preparando para a corrida de amanhã à noite?

O garoto dá um grunhido para mim e se vira para ir embora.

– Eu só queria entender por que a gente está confiando numa queridinha da República – resmungo.

Kaede me dá um tapinha no ombro e continua a andar.

– Não se importe com esse imbecil – diz ela. – Baxter não gosta muito da sua querida June. Ele pode te dar muita dor de cabeça, por isso é melhor não provocar, tá bem? Você vai precisar trabalhar com ele. Ele também é um corredor.

– Tá de brincadeira?

Eu não pensei que um cara tão musculoso assim pudesse ser um corredor veloz. Pensando melhor, a força dele provavelmente faz o cara alcançar lugares que eu não consigo.

– Pois é. E você jogou *ele* pra escanteio na hierarquia dos corredores. – Kaede dá um sorriso afetado. – E uma vez você estragou geral uma missão dos Patriotas em que ele participava. Você nem se deu conta disso.

– Foi mesmo? E que missão foi essa?

– O bombardeio do carro do Administrador Chian, em Los Angeles.

Caramba! Faz um tempão que enfrentei o Chian. Eu não tinha noção de que os Patriotas tinham planejado um ataque ao mesmo tempo.

– Que tragédia – comento, procurando os rostos na sala depois que Baxter mencionou a Tess.

– Se você está procurando a Tess, ela chegou antes de nós aqui, e está com os outros médicos. – Kaede faz um gesto para o fundo do recinto, onde várias portas se estendem pelas paredes. – Ela

deve estar na ala médica observando alguém costurando alguém. Tess aprende rápido. – Kaede me conduz entre as mesas e os outros Patriotas, e então para à frente do mapa-múndi. – Aposto que você nunca viu nada parecido.

– Não mesmo.

Analiso as massas de terras, ainda atônito com a ideia de que muitas sociedades estejam funcionando além das fronteiras da República. No ensino elementar a gente aprendeu que os lugares do mundo não controlados pela República são apenas nações se esfacelando, lutando para não desaparecer. Será que *tantos* países assim estão lutando para sobreviver? Ou será que estão indo bem e talvez até prosperando?

– Para que vocês precisam de mapas assim?

– Nosso movimento tem originado movimentos semelhantes no mundo inteiro – replica Kaede, cruzando os braços. – Em todos os países em que o povo tá possesso com o governo. Os mapas na parede elevam nosso moral. – Quando ela vê que continuo a analisar o mapa com a testa franzida, passa rapidamente a mão no centro da região da América do Norte. – Aí está a República que todos nós conhecemos e amamos. E aqui estão as Colônias. – Ela aponta para uma extensão menor e mais dividida de terra, que partilha a borda leste da República. Examino os círculos vermelhos que indicam cidades nas Colônias: a cidade de Nova York, Charleston, St. Louis, Nashville. Será que elas brilham como meu pai afirmou?

Kaede continua a falar, passando a mão para o norte e para o sul:

– O Canadá e o México mantêm uma rígida zona desmilitarizada entre si e entre as Repúblicas e as Colônias. O México tem seu próprio grupo de Patriotas. Aqui está o que restou da América do Sul. Isso costumava ser também um enorme continente, tá vendo? Agora tem o Brasil – ela aponta para uma enorme ilha triangular muito distante do sul da República –, o Chile e a Argentina.

Kaede animadamente salienta como estão os continentes e o que costumavam ser. O que vejo como Noruega, França, Espanha e as Ilhas Britânicas faziam parte de um lugar maior chamado Europa. Ela diz que os demais povos europeus fugiram para a África. A Mongólia e a Rússia não são nações extintas, ao contrário do que nos ensinou a República. A Austrália costumava ser uma sólida massa de terra. Vêm então as superpotências. As enormes metrópoles flutuantes da China que são inteiramente construídas sobre a água, e seus céus são permanentemente negros.

– São as *Hai Cheng* – ensina Kaede. – Cidades marítimas.

Aprendo que a África nem sempre foi o continente próspero e tecnicamente avançado que é hoje, gradativamente se enchendo de universidades, arranha-céus e refugiados internacionais. E a Antártida, acredite se quiser, já foi desabitada e completamente coberta de gelo. Hoje em dia, como a China e a África, ela abriga as capitais de tecnologia do mundo e atrai um volume razoável de turistas.

– A República e as Colônias têm um nível tecnológico deplorável. Gostaria de visitar a Antártida um dia. Dizem que é deslumbrante.

Ela conta que os Estados Unidos já foram uma dessas superpotências.

– Mas aí veio a guerra – acrescenta Kaede –, e todos os principais pensadores daqui literalmente fugiram para lugares tecnicamente superiores. Foi a Antártida que causou as inundações. As coisas já estavam indo mal, e aí o sol endoidou de vez e derreteu todo o gelo da Antártida. Foi uma inundação que nem você nem eu podemos ao menos imaginar. Milhões de pessoas morreram devido às mudanças de temperatura. *Isso* deve ter sido realmente inesquecível, não? O sol acabou voltando ao normal, mas isso não aconteceu com o clima. Não deu certo misturar água doce com água do mar, e desde então o mundo é o que a gente vê agora.

– A República nunca fala sobre nada disso.

Kaede revira os olhos.

– Ah, claro que não! Trata-se da *República*. Por que eles fariam? Ela aponta para um pequeno monitor no canto, que parece estar transmitindo notícias de jornal.

– Tu quer ver como é a República do ponto de vista de um estrangeiro? Chega mais.

Quanto mais presto atenção às manchetes, mais me dou conta de que a voz do locutor está numa linguagem que não consigo compreender.

– É antarticano – explica Kaede quando olho confuso pra ela. – Estamos nos inserindo num dos canais deles. Leia as legendas.

A tela mostra uma vista aérea de um continente, com a frase REPÚBLICA DA AMÉRICA pairando sobre a tela. Uma voz de mulher narra, e bem na parte debaixo da tela há um texto rolante com a tradução: "... encontrar novas maneiras de negociar com esse estado canalha altamente militarizado, especialmente agora que o poder passou para as mãos de um novo Eleitor da República. O presidente africano Ntombi Okonjo propôs hoje às Nações Unidas que cesse a ajuda para a República, até haver provas suficientes de um tratado de paz entre o país isolacionista e seu vizinho do leste..."

*Isolacionista. Militarizado. Canalha.* Olho fixamente para as palavras. Para mim, a República havia sido retratada como a síntese de poder, uma máquina militar implacável e incontrolável. Kaede ri abertamente da expressão do meu rosto, quando finalmente nos afastamos dos monitores.

– De repente a República não parece mais tão poderosa, né? E sim um insignificante estado sigiloso, humilhando-se para obter ajuda internacional. Tô te falando, Day, basta que uma geração faça uma lavagem cerebral num povo para convencer as pessoas de que a realidade não existe.

Vamos até uma mesa com dois pequenos computadores em cima. O rapaz que está de pé diante de um deles é o mesmo sujeito que fez um sinal de V para Kaede nos trilhos do trem, o de pele morena e olhos claros. Kaede lhe dá um tapinha no ombro, ao qual ele não

reage de imediato. Em vez disso, digita algumas linhas rapidamente na tela e se senta numa cadeira à mesa. Admiro a elegância com que faz isso. *Está na cara que é um corredor.* Ele cruza os braços e espera, paciente, que Kaede nos apresente.

– Day, esse é o Pascao. Ele é o líder dos nossos corredores, e estava louco pra te conhecer, pra dizer o mínimo.

Pascao estende a mão para mim. Os olhos desbotados se concentram intensamente nos meus e ele me dá um sorriso reluzente, com dentes muito brancos.

– É um prazer – diz ele, animado, e quase sem respirar. Seu rosto fica levemente vermelho quando retribuo o sorriso. – Nem preciso dizer que todos nós já ouvimos falar muito sobre você. Eu sou seu maior fã, *de verdade.*

Acho que ninguém jamais flertou tão descaradamente comigo, exceto talvez um garoto de quem me lembro, do bairro Blueridge.

– É legal conhecer outro corredor – respondo, apertando-lhe a mão. – Tenho certeza de que vou aprender uns truques com você.

Ele me dá um sorriso largo e malicioso ao perceber como estou perturbado.

– Ah, você vai gostar do que vem por aí. Pode acreditar. Não vai se arrepender de ter se juntado a nós; vamos pôr em marcha uma nova era para a América. A República nem vai entender o que a atropelou. – Ele começa uma série de gestos animados, primeiro abrindo bem os braços e depois fingindo desamarrar laços no ar. – Nossos hackers passaram as últimas semanas reinstalando cuidadosamente a fiação na Capital Tower, de Denver. Agora, tudo que a gente precisa fazer é torcer um fio em qualquer dos alto-falantes do edifício e pronto! Vamos poder transmitir para a República inteirinha! – Ele bate palmas, estala os dedos. – *Todo mundo* vai escutar. Revolucionário, não acha?

O plano pareceu uma versão mais sofisticada do que fiz no beco do lugar-dos-dez-segundos. Foi quando vi June pela primeira vez numa tentativa de obter remédios para curar Éden da praga, quando

refiz de forma tosca a fiação dos alto-falantes do beco. Mas me perguntei se seria possível refazer a fiação dos alto-falantes do edifício de uma capital para transmitir para toda a República.

– Parece divertido. O que a gente vai transmitir?

Surpreso, Pascao pisca para mim.

– O assassinato do Eleitor, é claro.

Seus olhos se fixam rapidamente em Kaede, que concorda com a cabeça, e ele então tira do bolso um pequeno dispositivo retangular e o abre.

– Nós vamos precisar gravar todas as provas e todos os detalhes para quando ele for arrastado do carro oficial e a gente meter umas balas nele. Nossos hackers estarão prontos na Capital Tower, onde já montaram telões para transmitir o assassinato. Vamos proclamar nossa vitória para a República inteira pelo alto-falante. E eles que tentem nos impedir!

A selvageria do ataque me causa calafrios na espinha. A brutalidade me lembra da maneira em que a República filmou e transmitiu a morte de John – a *minha* morte – para todo o país.

Pascao se aproxima de mim, põe a mão em concha na minha orelha e sussurra:

– E essa nem é a melhor parte, Day.

Ele se afasta um instante suficiente para dar mais uma grande e esfuziante gargalhada.

– Quer saber qual é *a melhor parte*?

– Quero – pergunto sem muita certeza de que quero saber a resposta.

Pascao cruza os braços, satisfeito.

– Razor acha que você é quem deve atirar no Eleitor!

# JUNE

**DENVER, COLORADO.**

**19H37.**

**-6°C.**

Chego à capital de trem (Estação 42B), durante uma tempestade de neve. Há uma multidão reunida na plataforma do trem para me ver. Eu os espreito pela janela de vidro fosco, quando a velocidade vai diminuindo até que o trem pare completamente. Embora esteja terrivelmente frio lá fora, esse grupo enorme de civis se espreme atrás de uma balaustrada metálica improvisada, como se Lincoln ou outro cantor famoso tivesse acabado de chegar. Duas patrulhas militares da capital os empurram para trás. Escuto seus gritos abafados.

– Para trás! Permaneçam atrás das barreiras. *Atrás das barreiras!* Qualquer um que for apanhado com uma câmera será preso!

É estranho. A maioria dos civis aqui parece mais humilde. Ajudar o Day deve ter construído uma boa reputação para mim entre os moradores das favelas. Esfrego no meu dedo os delicados fios do anel de cliques de papel. Isso virou um hábito.

Thomas caminha até o corredor onde estou e se inclina sobre os assentos para falar com os soldados sentados ao meu lado.

– Levem a moça até a porta – manda ele. – Rápido!

Seus olhos vacilantes me encaram e depois examinam o traje que estou usando (colete amarelo de prisioneira, blusa fina com gola branca). Ele age como se a conversa que tivemos ontem à noite na sala de interrogatório jamais tivesse acontecido. Eu concentro o olhar no meu colo. O rosto dele me embrulha o estômago.

– Ela vai sentir frio lá fora – diz ele a seus comandados. – Consigam um casaco.



Os soldados apontam as armas para mim (Modelo XM-2500, alcance de 700m, balas *smart round*, que podem atravessar duas camadas de cimento), e me fazem ficar de pé. Durante a viagem de trem, fiquei olhando com tamanha intensidade para esses dois soldados, que seus nervos devem estar em frangalhos.

As algemas de minhas mãos retinam. Com rifles como aqueles, se eu fosse atingida uma vez, provavelmente morreria de hemorragia, independentemente do lugar no tronco onde a bala pegasse. Eles talvez pensem que estou imaginando uma forma de agarrar uma de suas armas, quando não estiverem prestando atenção. (Essa é uma suposição ridícula, porque as algemas jamais me permitiriam disparar o fuzil corretamente.)

Eles me conduzem pelo corredor até a extremidade do vagão, onde mais quatro soldados esperam na porta aberta que leva à plataforma da estação. Uma lufada de vento gélido nos atinge e respiro profundamente. Uma vez estive na frente de combate, quando Metias e eu saímos para nossa única missão juntos, mas foi no lado oeste do Texas e era verão. Eu nunca havia posto o pé numa cidade enterrada na neve como esta. Thomas vai à frente de nossa pequena procissão e faz um sinal para que um dos soldados ponha um casaco nas minhas costas. Aceito, agradecida.

A aglomeração, entre noventa e cem pessoas, fica em completo silêncio ao ver meu colete amarelo vivo, e quando desço os degraus do vagão sinto que a atenção do grupo me queima as entranhas como se fosse um aquecedor. A maioria das pessoas está tremendo, são magras e pálidas, vestem roupas esfarrapadas, que não podem mantê-las aquecidas neste clima, e calçam sapatos esburacados. Não consigo compreender. Apesar do frio, elas vieram até aqui para me ver *saltar de um trem*, e sabe-se lá há quanto tempo estão esperando. De repente, sinto-me culpada por haver aceitado o casaco.

Chegamos ao fim da plataforma e estamos quase no interior da estação quando ouço o grito de um dos espectadores. Giro o corpo

antes que os soldados possam impedir.

– O Day está vivo? – grita um menino. Ele deve ser mais velho do que eu, talvez tenha uns vinte anos, mas é tão magrinho e pequeno que poderia passar por alguém da minha idade, se não olhassem atentamente para seu rosto.

Levanto a cabeça e sorrio. Então um soldado atinge o rosto dele com a coronha do fuzil, os soldados que fazem minha escolta me obrigam a virar para a frente. A multidão começa um tumulto; gritos enchem o ar instantaneamente. No meio de tudo isso, ouço alguns berrarem:

– *Day está vivo! Day está vivo!*

– Continue andando – diz Thomas, furioso. Entramos no vestíbulo, e sinto o ar gelado desaparecer de súbito quando a porta se fecha atrás de nós.

Eu não disse nada, mas meu sorriso era autoexplicativo. *Sim, Day está vivo.* Tenho certeza de que os Patriotas ficarão felizes se eu confirmar os boatos que parecem aumentar entre a população.

Sáimos da estação; há três jipes nos esperando. Quando deixamos o local e nos dirigimos a uma rodovia abaulada, não posso deixar de me surpreender com a cidade que vejo pela janela. Normalmente é necessária uma boa razão para se vir a Denver. Ninguém, a não ser os civis nativos da cidade, pode conhecer a cidade sem permissão específica. É raro o fato de eu estar aqui, vendo o interior de Denver. Tudo está sufocado debaixo de uma cobertura de neve, mas, mesmo através da neve, posso ver os contornos esmaecidos de uma enorme muralha escura que envolve a cidade como se fossem barragens gigantes contra inundações. A Armadura. É claro que li a respeito no ensino elementar, mas vê-la com meus próprios olhos é diferente. Os arranha-céus são tão altos que desaparecem na neblina das nuvens carregadas de neve. Cada andar avarandado está coberto por espessas camadas de neve, cada lado sendo sustentado por gigantescas vigas metálicas. Entre os

prédios, consigo vislumbrar a Capital Tower. De vez em quando, vejo holofotes percorrendo o ar e helicópteros rodeando os arranha-céus.

A certa altura, quatro jatos de caça passam velozmente acima de nós. paro um instante para admirá-los (são Reapers X-92, aeronaves experimentais que ainda não são produzidas fora da capital, mas devem ter sido aprovadas nos testes de voo, considerando que os engenheiros confiam nelas para trafegarem sobre o centro da cidade de Denver). A capital é uma cidade militar como Las Vegas, e é até mais intimidante do que eu imaginara.

A voz de Thomas me traz rapidamente de volta à realidade.

– Vamos levar você para o Colburn Hall – diz ele, do assento do carona do jipe. – É um salão de jantares no Capital Plaza, onde os senadores às vezes se reúnem para banquetes. O Eleitor costuma jantar lá com frequência.

Colburn? Ouvi dizer que é um local *muito requintado* para reuniões, especialmente levando em conta que antes iam me encaminhar para a penitenciária de Colorado. Essa informação deve ser novidade também para o Thomas. Acho que ele nunca esteve no Capital, mas, como bom soldado, não vai perder tempo admirando o salão feito um deslumbrado. Estou ansiosa para ver como é o Capital Plaza, se é tão grande quanto imaginei.

– De lá, minha patrulha vai deixá-la, e você vai ser transferida para uma das patrulhas do Comandante DeSoto. – Digo a mim mesma: *uma das patrulhas de Razor*. – O Eleitor vai encontrá-la na sala real de audiências do Hall. Sugiro que você se comporte adequadamente.

– Obrigada pela dica – respondo, sorrindo friamente para o reflexo de Thomas no retrovisor. – Vou caprichar na reverência.

Entretanto, a verdade é que começo a ficar nervosa. O Eleitor é alguém que me ensinaram a venerar desde o nascimento, alguém por quem pensei que nunca hesitaria em dar a vida. Mesmo agora, depois de tudo que sei sobre a República, ainda sinto um senso de dever profundamente enraizado tentando vir à tona de novo, um

cobertor familiar no qual quero me enrolar. Estranho. Não me senti assim quando soube da morte do Eleitor, nem quando assisti ao primeiro discurso televisionado de Anden. Isso esteve escondido até agora, quando faltam apenas algumas horas para vê-lo em pessoa.

Não sou mais o prodígio valorizado de quando nos conhecemos. Que pensará ele de mim agora?

## **COLBURN HALL, CÂMARA DE JANTARES RÉGIOS.**

As coisas ressoam aqui. Estou sentada sozinha em uma extremidade de uma comprida mesa (quase quatro metros de cerejeira escura, pernas entalhadas à mão, ornamentos dourados provavelmente pintados com um pincel de detalhes milimétricos sutis), encostada, reta, no estofamento de veludo vermelho da cadeira. Distante, em frente à parede oposta, uma lareira crepita e estala, sob um retrato gigantesco do novo Eleitor. Oito luminárias douradas iluminam as laterais do recinto. Soldados de patrulha do Capitol estão *em todos os lugares*: cinquenta e dois enfileiram-se nas paredes, ombro a ombro, e seis, perfilados à esquerda e à direita do meu corpo.

Ainda está gélido lá fora, mas aqui dentro está quente o bastante para as criadas terem colocado em mim um vestido de tecido leve e botas de couro leves. Lavaram, secaram e escovaram meu cabelo, que cai livre e reluzente até o meio das minhas costas. Ele foi enfeitado com fios de minúsculas pérolas cultivadas (que valem, no mínimo, duas mil Notas cada uma). A princípio eu as admiro animadamente, mas então me lembro das pessoas na estação de trem com suas roupas em frangalhos e retiro os dedos do cabelo, aborrecida comigo mesma.

Outra criada havia aplicado um pó translúcido nas minhas pálpebras, e elas brilham sob a luz da lareira. Meu vestido, branco cremoso, realçado por tons escuros cinzentos, flutua até meus pés,

em camadas de *chiffon*. O espartilho apertado torna difícil a respiração. Trata-se obviamente de um vestido caro, que talvez custe cinquenta ou sessenta mil Notas.

As únicas coisas que não combinam com minha roupa e com este lugar são as pesadas algemas metálicas que prendem meus tornozelos e pulsos e me acorrentam à cadeira.

Passa-se meia hora antes que outro soldado (usando a inconfundível jaqueta negra e vermelha das patrulhas da capital) entre na sala de audiências. Ele segura a porta aberta, perfila-se e ergue o queixo, dizendo:

– Nosso glorioso Primeiro Eleitor se encontra no edifício – anuncia. – Levantem-se, por favor.

Ele se esforça para fingir não estar se dirigindo a ninguém específico, mas sou a única pessoa sentada. Ergo-me da cadeira e fico de pé, com um retinido das algemas.

Mais cinco minutos se passam. Então, quando começo a me perguntar se vem mesmo alguém, um rapaz atravessa calmamente a porta e faz um sinal afirmativo com a cabeça para os soldados na entrada. Os guardas se apressam a prestar continência. Não posso bater continência com as mãos algemadas, nem me inclinar ou fazer uma reverência adequadamente, de modo que apenas continuo de pé e encaro o Eleitor.

Anden tem quase a mesma aparência que tinha quando nos conhecemos no baile de celebração: alto, majestoso e sofisticado, o cabelo escuro bem penteado. A jaqueta de gala é de um lindo tom cinza-carvão, com dragonas douradas de piloto nas mangas e ombreiras também douradas. Contudo, os olhos verdes estão solenes, e há uma ligeira postura relaxada dos ombros, denunciando o novo peso que havia se instalado sobre ele. Parece, afinal de contas, que a morte do pai o afetou.

– Sente-se, por favor – diz ele, estendendo uma das mãos protegidas por luvas de combate na minha direção. Sua voz é muito

suave, mas se faz ouvir na grande sala. – Espero que tenha estado confortável, srta. Iparis.

Faço o que ele pediu.

– Certamente. Obrigada.

Depois que Anden se sentou na outra extremidade da mesa, e os soldados retornaram às suas posturas habituais, ele fala de novo:

– Soube que a senhorita solicitou uma audiência comigo.

Suponho que não se importe de usar as roupas que providenciei. – Ele para por uma fração de segundo, o suficiente para um sorriso tímido iluminar os traços do rosto. – Achei que a senhorita não gostaria de jantar vestindo um uniforme de prisioneira.

Há alguma coisa condescendente no seu tom de voz que me irrita. *Como ousou me vestir como uma boneca?* É o que diz uma parte indignada de mim. Ao mesmo tempo, fico impressionada com seu ar de comando, com a maneira como assumiu completamente seu novo papel. Ele de repente tem poder – muito poder, por sinal – e evidencia isso de maneira tão confiante que meus antigos sentimentos de lealdade me comprimem fortemente o peito. A insegurança que ele demonstrava antes está desaparecendo de modo rápido. Esse homem nasceu para comandar. *Dizem que Anden ficou encantado com você*, Razor dissera. Por isso inclino o rosto para baixo e olho fixamente para ele.

– Por que o senhor está me tratando tão bem? Pensei que agora eu fosse uma inimiga do estado.

– Eu ficaria envergonhado de tratar como prisioneira o mais famoso prodígio da República – comenta ele, ao cuidadosamente alinhar, de modo perfeito, seus garfos, facas e a taça de champanhe.

– A senhorita não acha isso desagradável, acha?

– De maneira alguma.

Olho furtivamente para o recinto mais uma vez, memorizando as posições das luminárias, a decoração das paredes, a localização de cada soldado e as armas que eles carregam. A requintada elegância deste encontro me faz entender que Anden não providenciou o

vestido e o jantar apenas para flertar comigo. Acredito que *ele queira que a notícia de que me tratou muito bem vaze para o povo. Ele quer que as pessoas saibam que o novo Eleitor está cuidando bem da salvadora de Day.* Meu desagrado inicial abranda – esse novo pensamento me intriga. Anden deve ter pleno conhecimento de que sua reputação pública é desfavorável. Talvez esteja esperando conseguir o apoio popular. Se esse for o caso, então ele está se esforçando para fazer uma coisa à qual nosso último Eleitor não dava nenhuma importância. *Se Anden está de fato buscando a aprovação do povo, o que pensa de Day?* Ele certamente não vai conquistar as pessoas se anunciar uma perseguição ao criminoso mais amado pelo povo.

Duas criadas trazem travessas de comida (uma salada de morangos e um lombinho de porco assado, com palmito), enquanto outras duas colocam guardanapos brancos de linho nos nossos colos e enchem nossas taças de champanhe. Essas criadas são da classe A (elas caminham com a elegância da elite), embora provavelmente não sejam da mesma classe que eu.

Acontece, então, algo muito curioso. A criada que está servindo o champanhe de Anden aproxima demais a garrafa da taça. A garrafa se inclina e o líquido derrama na toalha da mesa; depois a taça rola para fora da mesa e se espatifa no chão.

A criada emite um guincho e cai de joelhos. Cachos ruivos se desprendem do coque bem penteado atrás da sua cabeça, e alguns fios lhe caem no rosto.

Observo que suas mãos são delicadas e perfeitas. Ela é, sem dúvida, uma moça de alta classe social.

– Mil perdões, Eleitor, mil perdões. Vou mandar trocar a toalha imediatamente e lhe trarei outra taça.

Não sei o que eu esperava que Anden fizesse. Reprendê-la, talvez. Ou adverti-la severamente. Mostrar desgosto. Mas, para minha surpresa, ele empurra a cadeira para trás, levanta-se e estende a mão para ela. A moça parece estar paralisada. Arregala os

olhos, e seus lábios tremem. Com um só movimento, Anden se inclina para baixo, pega as mãos dela e as levanta, dizendo suavemente:

– É só uma taça de champanhe. Cuidado para não se cortar.

Anden gesticula com uma das mãos para um dos soldados perto da porta.

– Por favor, pegue uma vassoura e uma pá. Obrigado.

O soldado faz um rápido sinal afirmativo com a cabeça.

– Imediatamente, Eleitor.

Enquanto a criada se apressa e vai pegar outra taça, um zelador entra para recolher o vidro quebrado. Anden volta a se sentar, com toda a graça de sua majestade. Com impecável etiqueta, pega um garfo e uma faca, corta um pequeno pedaço do lombinho e se dirige a mim:

– Conte-me, agente Iparis. Por que queria me ver pessoalmente? E *o que aconteceu* na noite da execução de Day?

Sigo os movimentos dele, pego meu garfo e faca, e corto a carne. As correntes nos meus pulsos têm exatamente o comprimento apropriado para que eu possa levar a comida à boca; parece que alguém perdeu tempo mensurando-as. Afasto da cabeça a surpresa do incidente com o champanhe e começo a *plantar* a história que Razor inventou para mim.

– Eu ajudei Day a escapar de sua execução, e os Patriotas me ajudaram. Mas, quando tudo acabou, eles não quiseram me deixar ir. Eu achava que finalmente havia conseguido fugir deles quando seus guardas me prenderam.

Anden pisca lentamente. Eu me pergunto se acredita em alguma coisa do que estou dizendo. Depois que acabei de comer uma fatia do lombinho – a comida está divina, a carne é tão macia que praticamente derrete na boca –, ele me pergunta:

– A senhorita esteve com os Patriotas nas últimas duas semanas?

– Estive.

– Entendo.



A voz de Anden endurece com a desconfiança. Ele passa o guardanapo na boca, descansa os talheres, recosta-se na cadeira e continua a me interrogar:

– Day está vivo, ou pelo menos estava quando a senhorita o deixou? Ele também está trabalhando com os Patriotas?

– Quando fui embora ele estava. Agora, não sei.

– Por que ele está trabalhando com eles, se sempre os evitou no passado?

Dou de ombros, tentando fingir perplexidade.

– Ele precisa de ajuda para encontrar o irmão e é grato aos Patriotas por consertarem sua perna. Ele estava com uma ferida infeccionada por causa... Ele havia levado um tiro.

Anden faz uma pequena pausa para tomar um gole do champanhe e depois pergunta:

– Por que a senhorita o ajudou a fugir?

Flexiono os pulsos para que as algemas não deixem marcas na pele. As algemas fazem um ruído alto quando as movimento.

– Porque não foi ele que matou meu irmão.

– O Capitão Metias Iparis. – O som do nome completo do meu irmão faz com que uma onda de angústia percorra meu corpo. Será que ele sabe como meu irmão morreu? – Lamento muito. – Anden inclina um pouco a cabeça, em sinal de respeito, o que me dá um nó na garganta.

– Eu me lembro de ler sobre seu irmão quando era mais novo – continua ele. – Lia sobre suas notas no colégio, sobre como ele se saiu bem na Prova e, *especialmente*, como sabia tudo de informática.

Pego um morango que mastigo cuidadosamente e, depois, engulo.

– Nunca soube que meu irmão tinha um admirador tão respeitado assim.

– Eu não era exatamente um *admirador* dele, embora ele, sem dúvida, fosse impressionante. – Ele pega sua nova taça de

champanhe e dá outro gole. – Eu sou um admirador *da senhorita*.

*Lembre-se, seja óbvia. Faça-o pensar que está lisonjeada. E atraída por ele.* Ele é mesmo  *muito*  bonito, e tento me concentrar nisso. A luz das luminárias na parede acentua seu cabelo ondulado, fazendo com que se sobressaia. A pele morena tem um brilho tépido e dourado. Seus olhos penetrantes têm a cor de folhas primaveris. Pouco a pouco, sinto minha face quente. *Muito bem, continue assim.* Ele obviamente tem sangue latino, mas a levíssima inclinação de seus olhos grandes e a delicadeza de suas sobrancelhas revelam um indício de herança asiática. *Assim como Day.* De repente, minha atenção se desvia, e tudo que vejo é Day e eu nos beijando naquele banheiro em Vegas. Penso no seu peito nu, nos lábios no meu pescoço e na rebeldia inebriante dele que faz Anden parecer um homem qualquer. O sutil rubor do meu rosto se torna vermelho vivo.

O Eleitor inclina a cabeça para o lado e sorri. Respiro fundo e retomo minha postura normal. Graças a Deus, consegui a reação que precisava.

– A senhorita já pensou por que a República tem sido tão leniente, em vista da sua traição ao estado? – pergunta Anden com franqueza, brincando com o garfo. – Qualquer outra pessoa já teria sido executada, mas não a senhorita. – Ele se apruma na cadeira. – A República a observa desde que alcançou a contagem perfeita de mil e quinhentos pontos na sua Prova. Tomei conhecimento de suas notas e do seu desempenho nos exercícios vespertinos na Universidade de Drake. Vários deputados lhe atribuíram tarefas políticas antes mesmo que a senhorita concluísse seu ano como caloura na universidade, mas por fim resolveram designá-la para servir nas forças armadas, porque todos os traços da sua personalidade a definem como “oficial”. A senhorita é uma celebridade nos círculos internos e, se fosse condenada por deslealdade, seria uma enorme perda para a República.

Conhecerá Anden *a verdade* sobre como meus pais e Metias foram mortos? Que sua deslealdade lhes custou a vida? Será que a

República me valoriza tanto que hesita em me executar, apesar do meu recente crime e dos laços familiares que me ligam a traidores?

Pergunto então:

– Como o senhor me viu no campus da Drake? Não me lembro de ter ouvido falar que o senhor visitou a universidade.

Anden corta um palmito no prato e comenta:

– Não era mesmo para a senhorita saber disso.

Eu franzo a testa de maneira interrogativa.

– O senhor estudava também na Drake?

Anden concorda com a cabeça.

– A direção mantinha segredo da minha identidade. Eu estava com dezessete anos, no segundo ano, quando a senhorita entrou na Drake, aos doze anos. Obviamente, todos nós ouvíamos falar muito a seu respeito e sobre suas travessuras... – Ele dá uma gargalhada ao dizer isso, e seus olhos brilham maliciosamente.

O filho do Eleitor havia sido nosso colega na Drake, e eu nem tinha noção disso. Meu peito se enche de orgulho à ideia de o líder da República ter reparado em mim no campus. Sacudo a cabeça, culpada por gostar dessa atenção.

– Bem, espero que o senhor não tenha escutado só coisas *ruins* sobre mim.

Anden revela uma covinha na face esquerda quando ri. É um som tranquilizador.

– Pode ficar tranquila. Nem tudo era *ruim*.

– Minhas notas eram boas, mas tenho certeza de que a secretária do reitor está feliz porque eu não vou mais assombrar a sua sala. – Sorrio.

– A srta. Whitaker? – Anden balança a cabeça. Por um momento ele deixa cair sua fachada formal, ignorando a etiqueta ao se largar na cadeira e fazendo um gesto circular com o garfo. – Eu também fui chamado à sala onde ela trabalhava, o que foi engraçado porque ela não fazia ideia de quem eu era. Eu me meti em confusão por ter trocado os rifles de exercícios pesados por fuzis de espuma.

– Foi  *você*  que fez aquilo? – perguntei espantada, também ignorando a etiqueta ao chamá-lo de “ *você* ”. Ele parece não ter se incomodado.

Lembro-me bem desse incidente. Estávamos no primeiro ano, na aula de exercícios. Os rifles de espuma pareciam de verdade. Quando os estudantes se inclinaram todos ao mesmo tempo para apanhar o que pensavam se tratar de armas pesadas, todos puxaram os fuzis de espuma com tanta força que caíram para trás.

A lembrança me faz rir solto.

– Aquilo foi  *brilhante* . O capitão que comandava o exercício ficou louco da vida!

– Todo mundo precisa se meter em encrenca pelo menos uma vez na faculdade, não é mesmo? – Anden dá um sorriso maroto e bate os dedos na taça de champanhe. – Mas a  *senhorita*  é que causava os maiores problemas. Lembra quando conseguiu esvaziar uma sala inteira durante uma de suas aulas?

– Lembro. Foi a aula de História da República, na sala 302. – Tento esfregar o pescoço meio constrangida, mas as algemas me impedem. – O veterano sentado ao meu lado apostou que eu não conseguiria acionar o alarme contra incêndio com a arma de treinamento dele.

– Ah! Vejo que a  *senhorita*  sempre fez as escolhas adequadas...

– Eu estava no primeiro ano. Admito que ainda era meio imatura.

– Discordo. De maneira geral, eu diria que a  *senhorita*  era muito adiantada para sua idade. – Ele sorri, e enrubesço mais uma vez.

“A  *senhorita*  tem atitudes de alguém com muito mais que quinze anos. Fiquei contente de finalmente conhecê-la no baile de comemoração naquela noite.”

Será que estou mesmo sentada aqui, jantando e relembrando com o Eleitor os bons tempos da Academia? Isso é surreal. Estou atônita com o fato de ser tão fácil conversar com ele, falar sobre esse tipo de coisa em uma época em que tantas coisas estranhas cercam minha vida.

Aí me recordo por que estou aqui. A comida na minha boca adquire um sabor amargo. *Tudo que estou fazendo é pelo Day.* O ressentimento me invade, embora eu esteja errada em senti-lo. Mas será que estou? Eu me pergunto se estou realmente pronta para assassinar alguém por causa do Day.

Um soldado espreita pela entrada da câmara. Faz uma continência para Anden e pigarreia constrangido, ao perceber que deve ter interrompido o Eleitor no meio da nossa conversa. Anden lhe sorri afavelmente e faz sinal para que entre.

– O senador Baruse Kamion deseja dar uma palavrinha com o senhor – avisa o soldado.

– Diga ao senador que estou ocupado – replica Anden. – Entrarei em contato com ele depois do jantar.

– Lamento, mas ele insiste em falar com o senhor. É sobre... Bem... – O soldado olha para mim e depois se apressa a sussurrar no ouvido de Anden, mas consigo ouvir parte do que está dizendo. – Os estádios... Ele quer dar um recado... O senhor deve terminar seu jantar imediatamente.

Anden ergue uma sobrancelha e pergunta:

– Foi isso que ele disse? Bem, eu é que decido quando terminar meu jantar. Dê esse recado ao senador Kamion quando você julgar que é a hora certa. Diga-lhe que o próximo senador a me mandar um recado impertinente vai ter de se entender comigo diretamente.

O soldado faz uma continência vigorosa; o peito está meio esbaforido à ideia de transmitir um recado desses a um senador, mas ele diz:

– Sim, senhor. Imediatamente.

– Qual é o seu nome, soldado? – pergunta Anden antes que o homem se vá.

– Tenente Felipe Gaza, senhor.

Anden sorri.

– Obrigado, Tenente Gaza. Vou me lembrar desse favor.

O soldado tenta manter uma expressão impassível, mas dá para ver orgulho nos seus olhos e o sorriso abaixo da superfície. Ele faz uma reverência para Anden.

– Eleitor, é uma honra poder servi-lo. Obrigado, senhor.

E sai.

Observo, fascinada, o diálogo. Razor estava certo sobre uma coisa: há sem dúvida uma tensão entre o Senado e o novo Eleitor, mas Anden não é tolo. Assumiu o poder há menos de uma semana e já está fazendo o que devia: tentando solidificar a lealdade dos militares a ele. Eu me pergunto o que fará para conquistar a confiança deles. O exército da República havia sido extremamente leal a seu pai. Na verdade, essa lealdade foi provavelmente o que tornou tão poderoso o falecido Eleitor. Anden sabe disso, e está tomando suas providências prontamente. As reclamações do Senado são inúteis contra forças militares que apoiem Anden inquestionavelmente.

*Acontecem que elas não apoiam Anden inquestionavelmente,* lembro a mim mesma. Há Razor e seus soldados. Os traidores nos postos militares estão mudando de lugar.

– Quer dizer então – Anden corta delicadamente mais uma fatia do lombinho – que a senhorita me trouxe até aqui para me dizer que ajudou um criminoso a escapar?

Por um instante, há apenas o som do garfo de Anden no prato. As instruções de Razor ecoam na minha cabeça. As coisas que preciso dizer, a sequência em que preciso dizê-las...

– Não. Vim aqui para lhe falar de uma conspiração para assassiná-lo.

Anden apoia o garfo no prato e ergue dois dedos esguios na direção dos soldados, ordenando-lhes:

– Deixem-nos sozinhos.

– Senhor Eleitor – um dos soldados começa a dizer –, temos ordem de não deixá-lo sozinho.

Anden tira uma pistola do cinto – um elegante modelo que eu não conhecia – e a coloca na mesa, ao lado do seu prato.

– Está tudo bem, capitã. Vou ficar em segurança. Agora, por favor, saiam todos e nos deixem sozinhos.

A mulher a quem Anden chamou de capitã gesticula para seus soldados, que saem do salão em fila, silenciosamente. Até os seis guardas ao meu lado vão embora. Fico sozinha na sala com o Eleitor, separados apenas por quatro metros de cerejeira.

Anden encosta os cotovelos na mesa e junta os dedos.

– A senhorita veio aqui para me alertar?

– Isso mesmo.

– Mas eu soube que a senhorita foi *capturada* em Vegas. Por que não se entregou?

– Eu estava a caminho da capital. Queria chegar a Denver antes de me entregar, para ter melhores chances de conseguir falar com o senhor. Eu seguramente não estava planejando ser presa por uma patrulha aleatória em Vegas.

– E como a senhorita escapou dos Patriotas? – Anden me dá um olhar hesitante e cético. – Onde estão eles agora? Com certeza devem estar perseguindo-a.

Paro um instante, abaixo os olhos e pigarreio.

– Consegui entrar em um trem para Vegas na noite em que consegui me safar.

Anden se cala um instante, depois apoia o garfo no prato e passa o guardanapo nos lábios. Não sei direito se acreditou na história da minha fuga.

– E quais eram os planos deles para a senhorita, se não tivesse conseguido escapar?

*Mantenha as coisas vagas, por enquanto.*

– Não conheço todos os detalhes dos planos deles para mim, mas sei que estão planejando uma espécie de ataque durante uma de suas visitas às tropas na frente de batalha e que eu deveria ajudá-los. Lamar, Westwick e Burlington foram citados por eles. Os

Patriotas também têm pessoal no lugar, Anden, gente do seu círculo interno.

Sei que me arrisco a chamá-lo pelo nome, mas estou tentando manter nossa sintonia. Anden não parece notar; só se debruça sobre o prato e me analisa.

– Como você sabe disso? Os Patriotas confiaram isso a você? Day também está envolvido nessa história toda?

Balanço negativamente a cabeça e digo:

– Não era para eu ter descoberto. Não falo com Day desde o dia em que parti.

– Você diria que é amiga dele?

Perguntinha meio esquisita... Talvez ele queira encontrar Day.

– Sim – respondo, tentando não me distrair com lembranças das mãos de Day entrelaçadas no meu cabelo. – Ele tem suas razões para ficar, e eu tive as minhas para sair. Mas acho que sim, somos amigos.

Anden agradece com a cabeça.

– Você falou que há pessoas no meu círculo interno tramando contra mim. Quem são elas?

Apoio o garfo no prato e me debruço sobre a mesa.

– Dois soldados da sua guarda pessoal que vão tentar matá-lo.

Anden empalidece.

– Meus guardas são cuidadosamente escolhidos. Muito cuidadosamente.

– E *quem* os escolhe?

Cruzo os braços. Meu cabelo cai sobre um ombro, e posso ver as pérolas reluzindo pelo canto do olho.

– Não importa se você acredita em mim ou não. Investigue. Ou estou certa, e você não será morto, ou estou errada, e aí *eu* é que vou morrer.

Para minha surpresa, Anden se levanta da cadeira, apruma-se e caminha até a extremidade da mesa, onde estou. Ele se senta na



cadeira ao lado da minha e a aproxima. Pisco quando ele analisa meu rosto.

– June. – A voz dele é muito suave, quase um murmúrio. – Quero confiar em você... e quero que confie em mim.

*Ele sabe que estou ocultando alguma coisa.* Percebe minha trapaça e quer que eu saiba disso. Anden se encosta à mesa e enfia as mãos nos bolsos da calça.

– Quando meu pai morreu – começa a dizer, pronunciando cada palavra devagar e calmamente, como se estivesse pisando em terreno minado –, fiquei completamente sozinho. Eu estava sentado ao lado de sua cama quando ele faleceu. Mesmo assim, sou grato por isso; nunca tive essa oportunidade com minha mãe. Sei como a pessoa se sente, June, quando é a última a continuar viva.

Minha garganta se aperta dolorosamente. *Conquistar a confiança dele.* Esse é meu papel, minha única razão para estar aqui.

– Sinto ouvir isso – sussurro. – Sinto muito por sua mãe também.

Anden agradece com a cabeça, ao aceitar meus pêsames.

– Minha mãe era a Primeira Cidadã do Senado. Meu pai nunca falava sobre ela, mas fico feliz por eles estarem juntos agora.

Eu já ouvira falar sobre a falecida Primeira Cidadã, que havia morrido de uma enfermidade autoimune logo depois de dar à luz. Apenas o Primeiro Eleitor pode nomear um líder para o Senado, e, desde que a mãe de Anden morreu, há duas décadas, ninguém fora indicado ao posto. Tento esquecer o prazer que senti ao conversar com ele sobre Drake, mas é mais difícil do que pensei. *Pense em Day.* Lembro como ele ficou empolgado com o plano dos Patriotas e com uma nova República.

– Fico feliz que seus pais estejam em paz. Eu sei *muito bem* o que é perder entes queridos.

Anden ouve minhas palavras com dois dedos comprimidos contra os lábios. Sua mandíbula parece tensa e desconfortável.

Compreendo que *ele pode ter assumido completamente seu papel, mas ainda é um menino.* Seu pai era uma figura temível, mas e

Anden? *Ele não é forte o bastante para manter este país unido sozinho.* De repente me vêm à mente as primeiras noites após o assassinato de Metias, quando eu chorava até pouco antes da alvorada, com o rosto inanimado do meu irmão invadindo todos os meus pensamentos. Será que Anden também passa noites em claro? Como deve ser perder um pai que você não pode lamentar em público, independentemente do quão vil ele tivesse sido? Será que Anden o *amava*?

Fico imóvel enquanto ele me observa; meu jantar há muito esquecido no prato. Após um período que pareceu durar horas, Anden suspira.

– Não é segredo que ele estava doente há muito tempo. Quando se espera... durante anos... que uma pessoa querida morra... – Ele hesita deixando bem evidente seu sofrimento. – Bem, estou certo de que deve ser muito diferente quando a morte ocorre... inesperadamente.

Ele olha fixamente para mim quando diz a última palavra. Não sei bem se está se referindo a meus pais ou a Metias – talvez aos três –, mas a maneira como ele fala não deixa dúvida. E que ele a *desaprova*.

– Sei qual é a sua experiência com *suposições*. Alguns acreditam que envenenei meu pai para assumir o lugar dele. – É quase como se ele estivesse tentando falar comigo em código. *Certa vez você supôs que Day havia matado seu irmão. E que as mortes dos seus pais foram por acaso, mas agora você sabe a verdade.* – O povo da República *supõe* que eu seja inimigo deles. Pensam que sou igualzinho a meu pai. Que eu não quero que este país mude. Acham que sou um testa de ferro incapaz, uma marionete que simplesmente herdou um trono graças ao testamento do meu pai.

Após uma breve hesitação, ele me olha com uma intensidade que me deixa sem ar.

– Eu não sou uma *marionete*. Mas se eu ficar sozinho, se for o único que restar, não vou poder mudar nada. Se permanecer

sozinho, *serei* mesmo igual a meu pai.

Não me surpreende que ele tenha providenciado esse jantar para mim. Alguma força revolucionária se agita dentro de Anden. *E ele precisa de mim.* Não tem o apoio do povo, nem do Senado. Necessita de alguém que conquiste o povo para ele. E as duas únicas pessoas da República que têm mais influência sobre o povo somos Day e eu...

A reviravolta da conversa me confunde. Anden não é – *não parece ser* – o homem que os Patriotas descreveram: um testa de ferro que se interpõe a uma gloriosa revolução. Se ele de fato quer *conquistar* o povo, se Anden estiver dizendo a verdade... por que os Patriotas o querem morto? *Talvez eu esteja por fora de alguma coisa. Talvez exista algo sobre Anden que Razor sabe e eu não.*

– Posso confiar em você? – pergunta Anden. Sua expressão mudou para alguma coisa séria, com sobrancelhas arqueadas e olhos arregalados.

Ergo o queixo e o encaro. *Será que eu posso confiar nele?* Não tenho certeza, mas, por enquanto, dou a única resposta possível.

– *Pode.*

Anden se endireita e se afasta da mesa. Não sei dizer se acredita em mim.

– Vamos manter esta conversa entre nós. Vou repassar seu alerta a meus guardas. Espero que encontremos a sua dupla de traidores.

– Anden sorri para mim e inclina a cabeça. – Se nós os encontrarmos, June, gostaria de que voltássemos a conversar. Parece que temos muito em comum. – Suas palavras fazem meu rosto arder.

E assim nossa conversa chega ao fim.

– Por favor, termine de jantar sem pressa. Meus soldados a levarão de volta à cela quando você estiver pronta.

Murmuro um agradecimento. Anden se vira e sai da sala quando os soldados voltam a se enfileirar no recinto. O ruído de suas botas ecoa, quebrando o silêncio que havia permeado este espaço até

poucos instantes atrás. Abaixo a cabeça e finjo comer o resto do jantar. Anden é uma pessoa mais complexa do que eu havia imaginado. Só agora me dou conta de que minha respiração está mais rápida do que o normal e meu coração está disparado. Posso confiar em Anden? Ou devo confiar em Razor? Eu me firmo na beira da mesa. Seja qual for a verdade, vou ter de jogar esse jogo com muita cautela.

Depois do jantar, em vez de ser levada para uma cela comum, sou conduzida para um apartamento limpo e luxuoso, um quarto carpetado com portas duplas maciças e uma cama grande e macia. Não há janelas. Além da cama, o quarto não tem móveis, nada que eu possa pegar e transformar em arma. A única decoração é o infalível retrato de Anden, embutido no gesso de uma parede. Localizo a câmera de segurança imediatamente: fica bem acima das portas duplas: é um botão de controle pequeno e sutil no teto. Meia dúzia de guardas estão de prontidão no lado de fora.

Cochilo intermitentemente a noite inteira. Os soldados se revezam. De manhã cedo, uma guarda me acorda com uma pancadinha e sussurra:

– Até aqui, tudo bem. Lembre-se de quem é o inimigo. – Ela sai do quarto e uma outra guarda a substitui.

Visto em silêncio uma camisola quente de veludo. Meus sentidos estão alertas, e minhas mãos tremem ligeiramente. As algemas nos meus pulsos tilintam baixinho. Antes eu não podia ter certeza, mas agora *sei* que os Patriotas vigiam todos os meus passos. Os soldados de Razor lentamente se posicionam, fechando o cerco. Eu talvez nunca mais veja aquela guarda, mas passo a analisar o rosto de todos os soldados ao meu redor, imaginando quem é leal e quem é um Patriota.



# DAY

Mais um sonho.

Levanto-me muito cedo na manhã do meu aniversário de oito anos. A luz começa a entrar pelas janelas, afastando os tons azul-marinho e cinzentos da noite que está desaparecendo. Sento-me na cama e esfrego os olhos. Um copo d'água pela metade oscila na velha mesinha de cabeceira, quase caindo. Nossa única planta – uma trepadeira que Édén tirou de um depósito de ferro-velho e arrastou para nossa casa – está no canto, e seus galhos serpenteiam pelo chão, em busca de sol. John está roncando alto no seu canto. Os pés se estendem para a frente, debaixo de um cobertor remendado, e pendem na extremidade do catre. Não vejo Édén. Provavelmente está com a mamãe.

Geralmente, se acordo muito cedo, continuo deitado, pensando em alguma coisa boa, como um pássaro ou um lago, e fico tão calmo que acabo cochilando mais um pouco, mas isso não está funcionando hoje. Balanço as pernas no lado da cama e calço meias que não combinam.

No instante em que piso na sala de visitas, sei que alguma coisa está errada. Mamãe está deitada, dormindo no sofá, com Édén nos braços. Um cobertor a cobre até os ombros, mas papai não está aqui. Meus olhos percorrem rapidamente a sala. Ontem à noite, ele voltou da frente de batalha. Costuma ficar em casa durante pelo menos três ou quatro dias. Demorou muito dessa vez para ele voltar para casa.

– Papai? – sussurro. Mamãe se mexe e me calo.

Então escuto um leve som de nossa porta de tela contra a madeira. Arregalo os olhos. Corre até a porta e meto a cabeça para fora. Uma lufada de ar frio me atinge.

– Papai? – murmuro de novo.

A princípio, não há ninguém, mas depois vejo seu corpo surgir das sombras. *Papai.*

Começo a correr; não me importo se a terra e a calçada me machucam através do tecido gasto de minhas meias. O vulto nas sombras dá mais alguns passos, então me ouve e se vira. Agora vejo o cabelo castanho-claro do meu pai, os olhos estreitos da cor de mel, o queixo mal barbeado, sua alta estatura, sua postura elegante e natural. Mamãe sempre dizia que ele parecia haver saído direto de uma antiga fábula da Mongólia. Corro até ele.

– Papai! – exclamo, quando chego até ele, nas sombras. Ele se ajoelha e me abraça. Pergunto: – Você já está indo embora?

– Lamento, Daniel – sussurra ele. Parece cansado. – Fui chamado de volta.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

– Mas já?

– Você deve voltar para casa agora. Não deixe que a polícia municipal o veja perturbando a paz.

– Mas você acabou de chegar – tento argumentar. – Você... hoje é meu aniversário, e eu...

Meu pai põe cada uma das mãos nos meus ombros. Seus olhos são duas advertências, cheios de coisas que ele gostaria de dizer em voz alta. *Eu quero ficar, é o que ele está tentando me dizer, mas preciso ir embora. Você já conhece o esquema. Não fique assim.*

– Volte para casa, Daniel. Dê um beijo em sua mãe por mim. – é tudo que ele diz, no entanto.

Minha voz começa a tremer, mas me convenço de que preciso ser corajoso. Pergunto a ele:

– Quando a gente vai ver você de novo?

– Em breve. Eu amo você, filho. – Ele põe uma das mãos na minha cabeça. – Cuide de tudo para mim até eu voltar, está bem?

Concordo com a cabeça. Ele fica mais um instante comigo, depois se levanta e vai embora. Volto para casa.

Essa foi a última vez que o vi.

Passa-se um dia. Estou sozinho sentado na cama que me foi designada pelos Patriotas num dos quartos com beliches, analisando o medalhão em volta do meu pescoço. Meu cabelo cai no rosto, tenho a impressão de que estou olhando para o medalhão através de um véu transparente. Antes de eu tomar banho, Kaede me deu um vidro de gel que tirou a tinta spray do meu cabelo. Ela me disse que era “para a próxima parte do plano”.

Alguém bate à porta.

– Day?

A voz soa abafada do outro lado da madeira. Levo um segundo para me reorientar e reconhecer a voz de Tess. Eu havia acordado de um pesadelo sobre meu aniversário de oito anos. Ainda consigo imaginar tudo como se tivesse acontecido ontem, e meus olhos estão vermelhos e inchados de tanto chorar. Quando acordei, minha mente começou a produzir imagens de Éden preso a uma maca, gritando enquanto técnicos do laboratório lhe injetam substâncias químicas, e John de pé e com os olhos vendados perante um pelotão de fuzilamento. E mamãe. Não consigo evitar repassar essas cenas na minha mente, e isso me deixa enfurecido. Se eu encontrar Éden, o que faço depois? E como diabos vou resgatá-lo das garras da República? Devo presumir que Razor vai saber como me ajudar a trazer meu irmão de volta. Para isso, preciso garantir que Anden morrerá.

Meus braços estão doloridos porque passei a maior parte da manhã sob a supervisão de Kaede e Pascao, aprendendo a atirar com uma arma.

– Não se preocupe se não acertar no Eleitor – disse Pascao, enquanto me ajudava a ajustar a pontaria. Ele passou as mãos pelos meus braços de uma maneira que me fez corar. – Não tem problema. Vai *ter* mais gente com você para dar cabo do negócio, independentemente do que acontecer. Razor só quer uma imagem

sua apontando uma arma para o Eleitor. Não é perfeito? O Eleitor, na frente de batalha pra fazer discursos a fim de elevar o moral dos soldados, é abatido a tiros, com centenas de batalhões na vizinhança. Isso que é ironia! – Pascao dá então uma de suas gargalhadas características. – O herói do povo mata o tirano. Isso vai dar uma história e tanto!

É mesmo... que história!

– Day? – pergunta Tess, atrás da porta. – Você está aí? Razor quer falar com você.

Beleza. Ela continua lá fora me chamando.

– Pode entrar – respondo.

Tess mete a cabeça dentro do quarto.

– Oi! Há quanto tempo você está aqui?

*Seja gentil com ela*, Kaede disse. *Vocês dois combinam.*

Cumprimento a Tess com um pequeno sorriso.

– Nem sei. Estava descansando um pouco, talvez algumas horas.

– Razor está pedindo para você falar com ele na sala principal.

Vão passar umas imagens ao vivo da June. Achei que você talvez quisesse...

Imagens ao vivo? *Ela deve ter conseguido. Ela ainda está bem.*

Fico de pé num pulo. Finalmente, notícias da June. A ideia de revê-la, mesmo por uma câmera de segurança com imagem difusa, faz com que eu fique tonto de expectativa.

– Já estou saindo.

Enquanto percorremos o pequeno hall rumo à sala principal, vários outros Patriotas cumprimentam Tess. Ela sorri para todos eles, trocando piadinhas e risos sutis como se os conhecesse há anos. Dois garotos lhe dão pancadinhas amistosas nos ombros.

– Andem logo, garotos. Não podemos deixar Razor esperando.

Nós dois vemos Kaede correr à nossa frente na direção da sala principal. Ela para, passa um braço ao redor do pescoço de Tess, desmancha seu penteado afetuosamente e lhe dá um beijo brincalhão no rosto.



– Vou te falar, hein, neném. Você é a lesma mais lerda do bando. Tess ri e a empurra. Kaede dá uma piscadela para ela antes de voltar a caminhar apressadamente, e desaparece no canto que leva à sala principal. Fico olhando, surpreso com a demonstração de carinho de Kaede. Nem parece coisa dela.

Nunca pensei nisso antes, mas agora me dou conta de que Tess tem muita facilidade para criar novos vínculos. Percebo que os Patriotas se sentem à vontade com ela, a mesma sensação que sempre tive ao lado dela. Sem dúvida esse é seu ponto forte. Ela cura. Ela é reconfortante.

Nesse instante, Baxter passa por nós. Tess abaixa os olhos quando ele roça no seu braço, e reparo que ele a cumprimentou brevemente com a cabeça antes de me olhar com raiva. Quando ele já não pode me escutar, inclino-me para Tess e sussurro:

– Qual é a dele?

Ela apenas dá de ombros e roça meu braço com sua mão.

– Não ligue pra ele – responde ela, repetindo o que Kaede tinha dito quando cheguei ao túnel. – O humor dele varia muito.

*Não me diga!*, penso sombriamente.

– Se ele se meter a besta com você, é só me falar – resmungo.

Tess dá de ombros mais uma vez.

– Deixa comigo, Day. Eu sei lidar com ele.

De repente me sinto meio idiota, oferecendo minha ajuda como um cavaleiro arrogante numa armadura reluzente, quando Tess provavelmente tem meia dúzia de novos amigos ansiosos para ajudá-la. Quando ela pode se virar muito bem sem mim...

Quando chegamos à sala principal, uma pequena multidão se reuniu na frente de um dos maiores telões na parede, onde estão sendo transmitidas imagens captadas por uma câmera de segurança. Razor à frente da aglomeração, com os braços cruzados informalmente, e Pascao e Kaede ao seu lado. Eles me veem e gesticulam para que eu me junte a eles.

– Day! – exclama Razor, me dando um tapinha no ombro. Kaede me cumprimenta com um aceno de cabeça. – É um prazer vê-lo aqui. Tudo bem com você? Soube que você estava meio para baixo hoje de manhã.

A preocupação dele comigo me faz bem; me faz lembrar da maneira como meu pai costumava falar comigo.

– Estou ótimo – respondo –, só um pouco cansado da viagem.

– Isso é compreensível. Foi um voo estressante. – Ele faz um gesto para a tela. – Nossos hackers conseguiram essas imagens da June. O áudio é à parte, mas logo você vai poder ouvir também. Achei que você gostaria de ver o vídeo mesmo assim.

Meus olhos estão grudados na tela. As imagens são vívidas e coloridas, como se nós estivéssemos pairando no canto daquela sala. Vejo uma sala de jantar decorada, com uma mesa de jantar enfeitada e soldados alinhados junto às paredes. O jovem Eleitor está sentado numa extremidade da mesa, enquanto June está na outra, usando um vestido maravilhoso. Meu coração se acelera. Quando *eu* era prisioneiro da República, eles me transformaram num saco de pancadas e me atiraram numa cela imunda. A prisão de June mais parece um *resort*. Fico aliviado por ela, mas, ao mesmo tempo, sinto certo amargor. Mesmo depois de trair a República, pessoas da elite como June conseguem tudo sem nenhum esforço, enquanto pessoas como eu sofrem.

Todos me observam assistindo à June.

– Que bom que está se dando bem! – digo para a tela. Já ficando enjoado comigo mesmo por me preocupar com essas mesquinhas.

– Foi inteligente da parte dela começar a conversar com o Eleitor sobre seus anos de faculdade na Drake – diz Razor, resumindo o áudio, enquanto o vídeo é exibido. – Ela já plantou a história. Imagino que logo vão fazê-la passar por um detector de mentiras, e então vamos ter um caminho direto até Anden, se ela se sair bem. Nossa próxima etapa amanhã à noite deve correr sem problemas.

*Se ela se sair bem.* Essa é a primeira condição.

– Ótimo – comento, tentando não deixar meu rosto trair meus pensamentos. Mas à medida que continuam as imagens, e vejo Anden mandar que os soldados saiam da sala, sinto um nó me apertando a garganta. Esse cara é todo sofisticação, poder e autoridade. Ele se debruça para dizer alguma coisa à June, e ambos riem e bebem champanhe. Dá para imaginar perfeitamente os dois juntos. Eles combinam.

– Ela está fazendo um bom trabalho – diz Tess, colocando o cabelo atrás das orelhas. – O Eleitor está totalmente a fim dela.

Quero rebater essa afirmação, mas Pascao reforça o que Tess disse:

– A Tess tem toda a razão. Olha só o brilho no olhar dele! O cara está caidinho por ela, não tenho dúvida. Ele está de quatro. Em poucos dias, ela o terá nas mãos.

Razor concorda com a cabeça, mas seu entusiasmo é mais contido.

– Também acho, mas precisamos garantir que June não se encante com ele também, que é um político nato. Vou encontrar um jeito de dar uma palavrinha com June.

Os comentários de todos se esmaecem quando paro de ouvir. É claro que a Tess está certa; dá pra ver o desejo nos olhos do Eleitor. Ele agora se levanta e caminha até onde June está sentada e se inclina para falar com ela. Eu me retraio. Como alguém pode resistir à June? Ela é perfeita em todos os sentidos. Aí me dou conta de que não estou nervoso por causa da atração de Anden por ela: afinal de contas, ele vai mesmo morrer em breve, não é? O que me deixa perturbado é que June não parece estar fingindo ao rir neste vídeo. Parece até que está se divertindo. Sua posição social equivale à dele. Ambos são aristocratas, feitos para a vida de classe A da República. Como é que ela pode ser feliz com alguém como eu, um pé de chinelo que tem apenas um punhado de cliques de papel nos bolsos?

Viro-me e começo a me afastar da multidão. Já vi tudo que queria ver.

– Espera aí!

Olho por cima do ombro e vejo Tess correndo para me alcançar; o cabelo bate em seu rosto. Ela quase escorrega quando emparelha comigo.

– Você está legal? – pergunta, analisando minha expressão enquanto percorremos o hall rumo a meu quarto.

– Vou ficar. Por que não ficaria? Já começamos com o pé direito...  
– Sorrio para ela, tenso.

– É, eu sei... Só queria ter certeza.

Tess dá uma gargalhada que acentua suas covinhas.

– Estou ótimo, amiga. Sério. Você está a salvo, eu estou a salvo, os Patriotas estão no caminho certo, e eles vão me ajudar a encontrar o Éden. Isso é tudo que posso querer – desabafo, um pouco mais calmo.

Tess se anima com minhas palavras, e os lábios exibem um sorriso de gozação.

– Está rolando um monte de boatos sobre você, sabia?

Levanto as sobrancelhas, sorridente.

– Não diga! Que tipo de boatos?

– Os boatos de que você está vivo estão se espalhando como um incêndio; é o assunto do momento. Seu nome está pintado em muros do país inteiro. Em alguns lugares, até nos retratos do Eleitor. Dá pra acreditar? Protestos estão pipocando em tudo que é canto. Todos estão saudando seu nome. – O entusiasmo de Tess diminui um pouco. – Mesmo o pessoal que está sob quarentena em Los Angeles. Acho que a cidade toda está de quarentena.

– Eles isolaram *Los Angeles*? – Isso me deixa perplexo. Eu estava sabendo que os bairros dos ricos estavam de quarentena, mas a cidade inteira? – Pra quê? Por causa das pragas?

– Não. – Os olhos de Tess se iluminam de empolgação. – Por causa das *revoltas*. As transmissões oficiais da República afirmam

que se trata de uma quarentena contra as pragas, mas a verdade é que toda a cidade está se manifestando contra o novo Eleitor. Segundo os boatos, o Eleitor está perseguindo você com todos os recursos de que dispõe, e alguns Patriotas estão dizendo que foi Anden que ordenou... bem... a morte de sua família. – Tess faz uma pausa, envergonhada. – De qualquer maneira, os Patriotas estão tentando fazer de Anden um vilão ainda pior do que o pai. Razor garante que os protestos em LA são uma grande oportunidade para nós. A capital teve de convocar milhares de soldados extras.

– Uma grande oportunidade – repito, lembrando a maneira pela qual a República havia reprimido o último protesto em Los Angeles.

– Pois é, e isso tudo graças a você, Day. Foi você que provocou os motins, ou, pelo menos, os rumores de que você está vivo. O povo está *possesso* com a forma pela qual você está sendo tratado. Parece que você é a única coisa que a República não consegue controlar. Todo mundo está de olho em você, Day. Estão esperando para ver o que você vai fazer em seguida.

Engulo em seco, incrédulo. Isso não é possível. A República jamais permitiria que as revoltas saíssem tanto do controle, logo em uma das maiores cidades do país. Ou permitiria? Será que as pessoas estão realmente sobrepujando as forças militares por lá? E estão se revoltando por minha causa? “Estão esperando para ver o que você vai fazer em seguida.”

Mas que inferno! Nem *eu* sei o que isso quer dizer. Só estou tentando encontrar meu irmão – só isso, nada mais. Sacudo a cabeça. Uma súbita onda de medo toma conta de mim. Eu sempre quis a chance de poder retaliar... Era isso que eu *estava* tentando fazer todos esses anos, não era? Agora estão me entregando esse poder, mas não sei o que fazer com ele!

– Tá bom – consigo responder. – Você está me sacaneando? Eu não passo de um trapaceiro de LA.

– Eu sei... mas é um trapaceiro famoso.

O sorriso contagiante de Tess instantaneamente levanta o meu moral. Ela me cutuca no braço quando chegamos à porta do meu quarto. Entramos.

– Pare com isso, Day. Pra começo de conversa, você não se lembra por que os Patriotas concordaram em te recrutar? Razor disse que você poderia se tornar tão poderoso quanto o próprio novo Eleitor. Todo mundo neste país sabe quem é você, e a maioria das pessoas *gosta* de você. Isso deveria deixar você orgulhoso, não é mesmo?

Caminho até minha cama e me sento. Nem reparo quando Tess senta-se a meu lado.

Ela fica pensativa diante do meu silêncio e diz, alisando as cobertas da cama com uma das mãos:

– Você gosta mesmo dessa garota, não é? Ela não é como as outras com quem você costumava ficar, lá em Lake.

– Como é que é? – digo, confuso por um instante. Tess acha que ainda estou emburrado por conta da atração de Anden por June. O rosto de Tess está ficando vermelho, e de repente me sinto estranhamente quente, sentado sozinho aqui com ela, com seus olhos fixos em mim, deixando evidente sua paixão. Sempre soube lidar com garotas que estavam a fim de mim, mas acontece que elas eram desconhecidas. Eram gurias que entravam e saíam da minha vida sem maiores consequências. Tess é diferente. Não sei o que fazer com a ideia de que poderíamos ser mais do que amigos.

– Bem, o que você quer que eu diga? – pergunto. Tenho vontade de me dar uma porrada logo que acabo de falar.

– Pare de se preocupar. Tenho certeza de que ela vai se dar *muito bem*.

Ela expele essas últimas palavras com uma súbita irritação, depois se cala. É, eu pisei *mesmo* na bola.

– Olha, eu não entrei para os Patriotas porque quis. – Tess se levanta da cama e fica de pé, com as costas retesadas, as mãos se fecham e se abrem sem parar. – Eu entrei para os Patriotas por *sua*

causa, porque fiquei muito preocupada depois que June prendeu você. Achei que podia convencer os Patriotas a te salvar, mas não tenho o poder de barganha que a June tem. Ela pode fazer o que quiser e, ainda assim,  *você*  a aceitaria de volta. June pode fazer o que der na telha com a  *República* , e, ainda assim, eles  *também*  a aceitariam de volta. Sempre que a June quer alguma coisa, ela consegue. Mas ninguém se importa com o que  *eu*  quero. Talvez se eu fosse a queridinha da República, você se importasse  *comigo*  também.

Essas palavras são como facadas no meu peito.

– Isso não é verdade – digo, ficando de pé e segurando as mãos dela. – Como você pode dizer uma coisa dessas? Nós crescemos juntos nas ruas. Você tem alguma ideia do que isso significa pra mim?

Tess aperta os lábios e olha para cima, tentando não chorar.

– Day, você já se perguntou  *por que*  gosta tanto da June?

Porque... bem... você foi preso e tudo o mais...

– O que você quer dizer com isso?

Ela respira fundo.

– Eu vi isso em algum lugar antes, não sei se nos telões quando estavam falando sobre prisioneiros das Colônias, é sobre como as vítimas de sequestro se identificam emocionalmente com seus captores.

Franzo a testa. A Tess que conheço está desaparecendo numa nuvem de desconfiança e ideias sombrias.

– Você pensa que gosto da June porque ela me  *prendeu* ? Você acha mesmo que sou tão pirado assim?

– Day – diz Tess cautelosamente –, a June denunciou você.

Largo as mãos de Tess.

– Não quero falar disso.

Tess sacode a cabeça pesarosamente, os olhos brilhando com lágrimas contidas.

– Ela matou sua mãe, Day.

Dou um passo para trás e me afasto dela. Sinto como se tivessem me esbofeteado.

– Não foi ela que matou minha mãe.

– Mas é como se tivesse matado – sussurra.

Sinto o muro que uso para me proteger voltando a se erguer a minha volta, me isolando de tudo.

– Você se esqueceu de que ela também me ajudou a fugir. Ela me *salvou*. Escute aqui, será que você...

– Eu salvei você muitas vezes, mas se *eu* o denunciasse e sua família *morresse* por causa disso, você me perdoaria?

Engulo em seco.

– Tess, eu perdoaria qualquer coisa que você fizesse.

– Mesmo se eu fosse responsável pela *morte* da sua mãe? Duvido muito! – Ela fixa os olhos nos meus. Sua voz tem um tom severo, com uma ponta de aço. – É isso que quero dizer. Você trata June de outro modo.

– O que não significa que não me importo com você.

Tess ignora minha resposta e continua, desalentada:

– Se você tivesse de escolher entre salvar June e eu, e não tivesse tempo a perder, o que você faria?

Sinto meu rosto ficando quente à medida que minha frustração aumenta.

– Quem você salvaria?

Tess limpa o rosto com uma das mangas e espera minha resposta.

Suspiro, impaciente. *Diga logo a verdade*, penso.

– Você, tá bom? Eu salvaria *você*.

Ela se abrandava, e nesse momento a feiura do ciúme e do ódio é amenizada. Só é preciso um pouco de doçura para que a Tess volte a ser um anjo.

– Por quê?

– Não sei. – Passo uma das mãos no cabelo, incapaz de determinar por que não consigo assumir o controle desta conversa.



– Porque a June não precisaria da minha ajuda.

*Que imbecil!* Eu não poderia ter escolhido nada pior para dizer. As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse evitar, e agora era tarde demais para voltar atrás. *E esse nem é o real motivo.* Eu teria salvado Tess porque não consigo nem imaginar algo de ruim acontecendo a ela. Mas não tenho tempo de me explicar.

– Agradeço muito a sua piedade – diz ela, seguindo em disparada em direção à porta.

Eu tento alcançá-la, mas, quando pego sua mão, ela a puxa de volta com violência.

– Desculpa, não era essa minha intenção. Eu não tenho pena de você, Tess. Eu...

– Tudo bem! Você só estava dizendo a verdade, não é? Pode ficar tranquilo. Daqui a pouco você estará junto dela novamente. Quer dizer, isso se ela não resolver voltar para a República.

Ela sabe que suas palavras machucam, mas parece não se importar.

– Para sua informação, Baxter acha que você vai nos trair. Por isso ele não gosta de você. Ele tem tentado me convencer disso desde que entrei para o movimento. Sei não... talvez ele tenha razão.

Ela me deixa sozinho no hall. O remorso corta minha pele e sai cortando veias também pelo caminho. Parte de mim está com raiva: quero defender June e contar à Tess todas as coisas de que June abriu mão por minha causa. Mas... será que Tess tem razão? Será que eu estou mesmo me iludindo?

# JUNE

Tive um pesadelo ontem à noite. Sonhei que Anden perdoou Day por todos os seus crimes. Então, vi os Patriotas arrastando Day para uma rua escura e metendo uma bala em sua cabeça. Razor virou-se para mim e disse: *“Esse é seu castigo, srta. Iparis, por trabalhar para o Eleitor.”* Acordei num sobressalto, suando e tremendo incontrolavelmente.

Passam-se um dia e uma noite (mais especificamente, vinte e três horas) antes que eu volte a ver o Eleitor. Desta vez eu o encontro em uma sala de interrogatório diante de um detector de mentiras.

Enquanto os guardas me conduzem pelo corredor até uma série de jipes que nos aguardam do lado de fora, reflito sobre todas as coisas que aprendi na Drake sobre o funcionamento dos detectores de mentira.

O examinador tentará me intimidar; vão usar meus pontos fracos contra mim. Vão usar a morte de Metias ou a dos meus pais, ou talvez até ameaçar matar Ollie. Certamente vão usar Day. Por isso me concentro no corredor por onde seguimos e penso em cada um dos meus pontos fracos, e depois eu os comprimo todos no fundo da cabeça. E os silencio.

Percorremos vários quarteirões da capital. Desta vez, vejo a cidade sufocada no brilho acinzentado da manhã nevada, soldados e trabalhadores apressando-se nas calçadas sob os holofotes que os postes de luz lançam na calçada escorregadia.

Aqui, os telões são enormes. Alguns chegam a ter quinze andares, e os alto-falantes, que se enfileiram pelos edifícios, são mais novos que os de LA; eles não fazem estalar a voz do locutor.

Passamos pela Capital Tower. Analiso suas paredes lisas, a maneira como as lâminas de vidro protegem todas as varandas para que a pessoa fazendo um discurso esteja adequadamente protegida. O antigo Eleitor foi atacado antes de colocarem os vidros, alguém tentou atirar nele, mesmo o Eleitor estando no quadragésimo andar. Depois disso, a República rapidamente instalou as barreiras. Os telões da Tower têm listras molhadas que distorcem as imagens nas suas telas, mas consigo ler algumas das manchetes quando passamos por elas.

Uma dessas manchetes é conhecida e me chama a atenção:

## DANIEL ALTAN WING EXECUTADO 26 de DEZEMBRO PELO PELOTÃO DE FUZILAMENTO

Por que estão transmitindo isso, quando outras manchetes da mesma época já pararam de ser transmitidas faz tempo. *Talvez estejam tentando convencer o povo de que é verdade.*

Outra manchete aparece:

## ELEITOR ANUNCIA HOJE PRIMEIRA LEI DO ANO- NOVO NA CAPITAL TOWER DE DENVER

Tento fazer uma pausa e reler essa manchete, mas o veículo passa em alta velocidade e então chegamos ao fim do percurso. Abrem a porta do carro. Soldados me agarram pelos braços e me puxam para fora. Fico instantaneamente ensurdecida pelos gritos da multidão de espectadores e por dúzias de repórteres da imprensa oficial apontando suas pequenas telas de câmeras quadradas na minha direção e clicando. Quando percebo as pessoas que nos rodeiam, reparo que, além daquelas que estão aqui só para me ver, há outras. *Muitas* outras. Estão protestando nas ruas, berrando

difamações contra o Eleitor e sendo arrastadas pela polícia. Várias agitam cartazes feitos à mão sobre as cabeças, mesmo enquanto os guardas as levam.

“June Iparis é Inocente!”, afirma um cartaz.

“Onde Está Day?”, pergunta outro.

Um dos guardas me cutuca para que eu ande.

– Aqui não tem *nada* pra você ver! – exclama ele, enquanto me apressa para que eu suba uma longa série de degraus e entre no corredor gigantesco de um prédio do governo. Atrás de nós, o barulho do lado de fora diminui sob os ecos de nossas botas no chão.

Noventa e dois segundos depois, paramos em frente a um conjunto de amplas portas envidraçadas. Então alguém passa um cartão fino (com aproximadamente sete centímetros de largura por doze centímetros de altura, preto, com um brilho reflexivo e um selo dourado da República em um canto), na tela de abertura da sala e entramos.

A sala de interrogatório, onde está o detector de mentiras, é cilíndrica, com teto de cúpula baixo e doze colunas prateadas enfileiradas ao longo da parede arredondada. Ainda de pé, os guardas me prendem a uma máquina que envolve meus braços e pulsos com tiras de metal, e comprimem frios nódulos metálicos – catorze – no meu pescoço, nas bochechas e na testa, nas palmas das mãos, nos tornozelos e nos pés.

Há muitos soldados aqui dentro: vinte, no total. Seis deles são da equipe de análise do teste e usam tarjas brancas nos braços e óculos escuros verdes transparentes.

As portas são feitas de vidro perfeitamente claro. Um símbolo esmaecido de um círculo cortado pela metade indica que se trata de um vidro à prova de balas apenas de um lado. Se, de alguma forma, eu conseguisse me libertar, os soldados do lado de fora da sala poderiam atirar em mim através do vidro, mas eu não poderia revidar os tiros nem escapar. Do lado de fora do recinto, vejo Anden

ao lado de dois senadores e mais vinte e quatro guardas. Ele parece infeliz e está profundamente concentrado na conversa com os senadores, que tentam disfarçar seu desagrado com sorrisos falsos e subservientes.

– Srta. Iparis – diz a chefe dos examinadores. Seus olhos são de um verde muito claro, o cabelo é louro e a pele alva feito porcelana. Ela analisa calmamente meu rosto, antes de apertar um pequeno dispositivo preto que segura na mão direita. – Meu nome é doutora Sadhwani. Vamos lhe fazer uma série de perguntas. Como a senhorita é uma ex-agente da República, estou certa de que conhece tão bem quanto eu a eficiência dessas máquinas. Vamos conseguir perceber o menor movimento seu, o mais ligeiro tremor de suas mãos. Recomendo veementemente que a senhorita nos conte a verdade.

Quanta baboseira. Ela está tentando me convencer do poder total do dispositivo. Provavelmente acredita que, quanto mais medo eu tiver, mais reação vou demonstrar. Olho atentamente para ela. *June, respire normalmente. Olhos relaxados, mantenha a boca firme.*

– Entendido. Não tenho nada a esconder.

A doutora se ocupa vistoriando os nódulos presos à minha pele e, depois, as projeções do meu rosto que estão provavelmente sendo transmitidas ao redor da sala atrás de mim. Seus próprios olhos se movimentam nervosamente, e pequenas gotas de suor pontilham sua testa. Aposto que ela jamais testou uma inimiga do estado tão famosa. Certamente, nunca diante de alguém tão importante quanto o Eleitor.

Como esperado, a doutora Sadhwani começa com perguntas simples e irrelevantes:

- Seu nome é June Iparis?
- Sim.
- Quando é seu aniversário?
- Onze de julho.
- Qual é sua idade?

– Quinze anos, cinco meses e vinte e oito dias.

Meu tom de voz é monocórdio e inexpressivo. Cada vez que respondo, paro por vários segundos para que minha respiração fique mais superficial, o que por sua vez acelera meus batimentos cardíacos. Se eles tiverem mensurando minhas taxas físicas, que vejam as flutuações durante as perguntas de controle. Vai ficar mais difícil saber quando eu estiver mentindo.

– Em que escola de ensino elementar a senhorita estudou?

– Harion Gold.

– E depois?

– Seja específica – respondo.

A doutora Sadhwani retrai-se ligeiramente e, depois, se recompõe.

– Tudo bem, srta. Iparis – diz ela, desta vez com voz irritada. – Depois da Harion Gold, que escola secundária frequentou?

Encaro a plateia que me observa atrás do vidro. Os senadores evitam meu olhar ao fingir estarem fascinados com os fios ao redor do meu corpo, mas Anden me olha sem hesitação.

– Harion High.

– Por quanto tempo?

– Dois anos.

– E depois...

Fico nervosa sem hesitação, para que eles pensem que estou tendo problema em controlar minhas emoções (e os resultados do meu exame).

– E depois passei três anos na Universidade de Drake – retruco abruptamente. – Fui aceita aos doze anos e me diplomei aos quinze, porque eu era *ótima*. Isso responde à sua pergunta?

Ela está me odiando agora.

– Sim – responde, de modo tenso. – Ótimo. Então podemos continuar.

A examinadora aperta os lábios e olha para o dispositivo preto, para que não tenha de me encarar.

– Já mentiu alguma vez?

Ela está avançando para perguntas mais complicadas. Respiro rapidamente agora.

– Sim.

– A senhorita mentiu para alguma autoridade das forças armadas ou do governo?

– Sim.

Logo depois que respondo a essa pergunta, vejo uma estranha série de fagulhas nos cantos dos olhos. Pisco duas vezes. As fagulhas desaparecem e a sala volta ao foco. Hesito um instante, mas quando a doutora Sadhwani repara nisso e tecla alguma coisa no seu dispositivo eu me obrigo a voltar à minha expressão indiferente.

– A senhorita mentiu para algum dos seus professores na Drake?

– Não.

– Mentiu para seu irmão?

Subitamente a sala desaparece. Uma imagem reluzente a substitui. Surge uma sala de visitas familiar, banhada pela tépida luz da tarde, e um filhotinho branco de cachorro dorme junto aos meus pés. Um adolescente alto e de cabelos escuros está sentado ao meu lado com os braços cruzados. É Metias. Ele franze a testa e se inclina para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Você já mentiu pra mim, June?

Pisco, atônita com a cena, e me digo então: *Isso é tudo falso. O polígrafo está escamoteando ilusões para minar minha resistência.*

Já tinha ouvido falar que dispositivos como esse são usados perto da frente de batalha. A máquina pode simular cenas dentro da mente de uma pessoa, ao copiar a capacidade do cérebro de criar sonhos vívidos. Mas o Metias parece tão real, é como se eu pudesse estender o braço e colocar o cabelo dele atrás da orelha ou sentir minha mão minúscula dentro da sua, enorme.

Quase posso acreditar que estou lá na sala com ele. Fecho os olhos, mas a imagem continua inserida na minha cabeça, tão viva

como a luz do dia.

– Sim – respondo. É verdade. Os olhos de Metias se arregalam, surpresos e tristes, e em seguida ele desaparece com Ollie e o resto do apartamento. Estou de volta ao recinto cinzento do detector de mentiras, diante da doutora Sadhwani, que faz mais anotações. Ela inclina a cabeça indicando aprovação por eu responder corretamente. Tento firmar as mãos enquanto elas permanecem cerradas e trêmulas dos dois lados do meu corpo.

– Muito bem – murmura ela, um momento depois.

Minhas palavras soam frias como gelo.

– A senhora pretende continuar a usar meu irmão contra mim nas perguntas que faltam?

Ela desvia o olhar das anotações.

– Você viu seu irmão?

Ela está mais descansada agora, e o suor na sua testa desapareceu.

Então é isso! Eles não podem controlar as visões que me surgem na cabeça, nem conseguem ver o que eu vejo, mas podem impulsionar algo que faz essas lembranças virem à tona. Mantenho a cabeça no alto e meus olhos na doutora.

– Sim.

As perguntas continuam. *Que ano a senhorita pulou durante sua estada na Drake? O segundo. Quantas advertências de comportamento a senhorita recebeu enquanto estudou na Drake? Dezoito. Antes da morte do seu irmão, a senhorita já havia tido pensamentos negativos em relação à República? Não.*

E continua por aí afora.

Percebo que ela está tentando dessensibilizar meu cérebro para que eu baixe a guarda e ela possa ver uma reação física quando me perguntar algo relevante. Vejo Metias mais duas vezes. Cada vez que isso ocorre, respiro fundo e me obrigo a sustar a respiração por vários segundos. Eles me submetem a um interrogatório cerrado sobre como fugi dos Patriotas e qual o objetivo da missão de



bombardeio. Repito o que disse a Anden quando jantamos juntos. Até aqui, tudo bem. O detector aponta que eu disse a verdade.

– Day está vivo?

E então Day se materializa à minha frente. Ele está de pé a apenas alguns metros de distância, e os olhos azuis espelham tanta coisa que me posso ver neles. Um amplo sorriso ilumina seu rosto quando me vê. De repente sinto tanta saudade dele que me sinto como se estivesse caindo. *Ele não é real. Isto é uma simulação.* Estabilizo minha respiração.

– Sim.

– Por que ajudou Day a fugir se sabia que ele é procurado por tantos crimes contra a República? A senhorita tem sentimentos por ele?

Pergunta perigosa. Endureço meu coração para responder:

– Não. Eu simplesmente não queria que ele morresse pelas minhas mãos pelo único crime que não cometeu.

A doutora para de fazer anotações e ergue uma sobrancelha para mim.

– A senhorita se arriscou muito por alguém que mal conhecia...

Estreito os olhos e argumento:

– Esse comentário diz muito sobre o caráter da senhora. Talvez devesse esperar até que alguém esteja na iminência de ser executado por um erro que *a senhora* tenha cometido.

Ela não reage à severidade das minhas palavras. A ilusão de Day desaparece. Ela faz mais algumas perguntas irrelevantes sobre controle e, então, pergunta:

– A senhorita e Day estão afiliados aos Patriotas?

Day aparece de novo. Desta vez ele se inclina perto o bastante para seu cabelo roçar, suave como a seda, nas minhas bochechas. Ele me abraça e me beija demoradamente. A cena desaparece e é substituída de repente por outra de uma noite de tempestade, em que Day luta contra a chuva, com sangue pingando da perna, deixando uma trilha de sangue por onde passa. Ele cai de joelhos à

frente de Razor antes que a cena inteira desapareça novamente.  
Luto para manter a voz firme.

– Eu *estava*.

– Vai haver uma tentativa de assassinato contra nosso glorioso Eleitor?

Não preciso mentir sobre essa pergunta. Meu olhar vagueia até Anden, que me faz um aceno positivo com a cabeça, no que suponho seja um sinal de encorajamento.

– Sim.

– E os Patriotas sabem que você está a par dos planos deles de assassinato?

– Não, não sabem.

A doutora Sadhwani olha para seus colegas e, após vários segundos, faz um sinal afirmativo com a cabeça e se vira para mim. *O detector registra que eu disse a verdade.*

– Há soldados próximos ao Eleitor que podem compactuar com essa tentativa de assassinato?

– Sim.

Passam-se muitos segundos de silêncio, enquanto ela examina minha resposta com seus colegas. Mais uma vez, faz um sinal de assentimento com a cabeça e, desta vez, gira o corpo e encara Anden e os senadores.

– Ela está dizendo a verdade.

Anden faz o mesmo gesto de concordância e diz, com a voz abafada pelo vidro:

– Ótimo. Continue, por favor.

Os senadores mantêm os braços cruzados e os lábios apertados.

As perguntas da doutora Sadhwani não têm fim e me afogam numa torrente infundável. *Quando será a tentativa de assassinato? Quando o Eleitor estiver se dirigindo à cidade de Lamar, zona de combate no Colorado. A senhorita sabe onde o Eleitor estará a salvo? Sim. Para onde, então, ele deve ir? Para outra cidade na divisa. Day vai participar dessa tentativa de assassinato? Sim. Por*

*que ele está envolvido nesse plano?* Ele se sente em dívida com os Patriotas por tratarem sua perna lesionada.

– Lamar – murmura a doutora Sadhwani ao teclar mais anotações no seu dispositivo preto. – Suponho que o Eleitor vá mudar seu caminho.

Mais uma parte do plano que se encaixa no lugar.

As perguntas finalmente acabam. A doutora Sadhwani se afasta de mim para conversar com os demais, enquanto eu expiro e me apoio debilmente no detector de mentiras. Estou aqui dentro há exatas duas horas e cinco minutos. Meus olhos se encontram com os de Anden. Ele continua de pé, perto das portas de vidro, cercado em ambos os lados por soldados; seus braços estão cruzados firmemente no peito.

– Esperem – diz ele. Os examinadores param de deliberar e olham para o Eleitor. – Tenho uma última pergunta para a nossa convidada.

A doutora Sadhwani pisca e faz um sinal para mim.

– Sem problema, Eleitor, por favor.

Anden se aproxima do vidro que nos separa.

– Por que você está me ajudando?

Ponho os ombros para trás e o encaro.

– Porque quero ser perdoada.

– Você é leal à República?

Uma colagem resumida de lembranças entra em foco. Eu me vejo segurando a mão do meu irmão nas ruas do setor Rubi, com os braços levantados para prestar continência aos telões enquanto recitamos o juramento. Vejo o rosto de Metias, seu sorriso e sua expressão tensa de preocupação na última noite em que o vi. Vejo as bandeiras da República no enterro do meu irmão. Vejo os registros online secretos de Metias: suas palavras de advertência, sua raiva contra a República. Vejo Thomas apontando a arma para a mãe de Day; vejo a cabeça dela tombando para trás ao impacto da bala. Ela desmorona. A culpa é minha. Vejo Thomas apertando a

cabeça na sala de interrogatório, torturado, cegamente obediente, para sempre um prisioneiro do que fez.

Já não sou leal. Ou será que sou? Estou bem aqui na capital da República, ajudando os Patriotas a matar o novo Eleitor. Um homem a quem certa vez jurei lealdade. Vou matá-lo e depois fugir. Sei que o detector de mentiras vai revelar minha traição; estou confusa, consumida pelo conflito de precisar acertar as coisas com Day, mas odiando ter de deixar a República à mercê dos Patriotas.

Um calafrio percorre todo o meu corpo. *São apenas imagens. Apenas lembranças.*

Permaneço em silêncio até meus batimentos cardíacos se normalizarem. Fecho os olhos, respiro fundo e, depois, os abro de novo.

– Sim. Eu sou leal à República.

Espero que o detector de mentiras fique vermelho, bipe, e revele que estou mentindo, mas a máquina continua sem se manifestar. A doutora Sadhwani mantém a cabeça abaixada e tecla no seu notepad.

– Ela está dizendo a verdade – a doutora informa, finalmente.

Passei no teste! Não consigo acreditar. A máquina afirma que estou dizendo a verdade. Mas é apenas uma máquina.

Mais tarde, naquela noite, sento na beira da cama, com a cabeça entre as mãos. Algemas continuam a prender meus pulsos, mas estou livre para me movimentar. Ainda consigo ouvir os sons de uma abafada conversa ocasional fora do quarto. *Aqueles* guardas continuam lá.

Estou exausta. Tecnicamente, não deveria estar, pois não fiz nada fisicamente estressante desde que fui presa. Mas as perguntas da doutora Sadhwani rodopiam na minha mente, junto com tudo que Thomas havia dito, com tamanha intensidade, que preciso apertar a cabeça, numa tentativa de aliviar a enxaqueca. Em algum lugar, o

governo está discutindo se deve ou não me perdoar. Tremo um pouco, mesmo ciente de que a temperatura no quarto está alta.

Penso soturnamente: "*Esses são sinais claros de uma doença que vem por aí. Talvez seja a praga.*" A ironia disso me traz tristeza e medo. *Mas estou vacinada.* Deve ser apenas um resfriado; afinal de contas, Metias sempre dizia que eu era meio sensível às mudanças climáticas.

Metias. Agora que estou sozinha, posso me preocupar à vontade. Minha última resposta durante o teste do detector de mentiras deveria ter acendido uma luz vermelha, mas não acendeu.

Será que isso quer dizer que ainda *sou* leal à República, sem me dar conta disso? Em algum lugar no fundo da máquina, ela talvez tenha percebido minhas dúvidas sobre a seguir em frente com o plano de assassinar Anden.

Mas se eu decidir não desempenhar meu papel, o que acontecerá a Day? Vou precisar encontrar um meio de contatá-lo sem que Razor descubra. *E depois?* Day certamente não vai julgar o Eleitor como eu julgo que ele é. Além disso, não tenho nenhum plano B. *Pense, June.* Preciso pensar em uma estratégia que nos mantenha vivos.

Metias me disse uma vez: *Se você quiser se rebelar contra o sistema, faça-o de dentro dele.* Reflito sobre essa lembrança, embora esteja tremendo tanto que tenho dificuldade para me concentrar.

De repente, escuto um tumulto do lado de fora da porta. Ouço o som de saltos de botas no chão; o sinal revelador de que um oficial vem falar comigo. Espero calmamente. A maçaneta finalmente gira e Anden entra.

– Sr. Eleitor, tem certeza de que o senhor não quer que alguns guardas fiquem....

Anden balança a cabeça e faz um gesto para que os soldados saiam.

– Por favor, não se preocupem. Quero dar uma palavrinha com a srta. Iparis. É só um minuto.

Suas palavras me lembram as que eu mesma disse quando visitei Day na sua cela no Batalla Hall.

O soldado presta uma rápida continência a Anden e fecha a porta, deixando-nos a sós. Levanto os olhos de onde estou sentada na beira da minha cama. As algemas que me prendem as mãos retinem no silêncio. O Eleitor não está usando sua habitual indumentária formal; veste um sobretudo preto com uma faixa vermelha na frente, e o resto de suas roupas é elegantemente simples (camisa social preta, um colete escuro com seis botões reluzentes, calças pretas, botas pretas de piloto). O cabelo está lustroso e bem penteado. Uma única arma pende da sua cintura, mas ele não seria capaz de sacá-la rápido o bastante para atirar em mim, se eu decidisse atacá-lo. Ele está verdadeiramente empenhado em me mostrar que confia em mim.

Razor disse que, se eu tivesse a oportunidade de assassinar Anden sozinha, eu não deveria desperdiçá-la. Deveria aproveitar o momento. Agora, porém, que ele está aqui, vulnerável na minha frente, não faço um único gesto. Além disso, se eu tentar matá-lo agora, perco qualquer chance de voltar a ver Day... ou de sobreviver.

Anden senta-se ao meu lado, com cuidado para deixar alguma distância entre nós. De repente, sinto-me constrangida por minha aparência, largada e exausta, com o cabelo despenteado e roupa de dormir, sentada ao lado do belo príncipe da República. Mesmo assim, endireito e inclino a cabeça o mais graciosamente possível. Repito para mim mesma: *Eu sou June Iparis*. Não posso permitir que ele veja o caos que estou sentindo.

– Queria informá-la de que você estava certa – ele começa a dizer. – Dois soldados da minha guarda desapareceram hoje à tarde. Fugiram.

Os dois soldados dos Patriotas que serviram de isca fugiram, como planejado. Suspiro e dirijo a ele o olhar de alívio que havia ensaiado, caso Razor esteja observando.

– Onde é que eles estão agora?

– Não sabemos direito. Batedores estão tentando rastreá-los. – Por um instante, Anden esfrega as mãos enluvadas. – O Comandante DeSoto instituiu uma nova rotatividade para os soldados que nos acompanharão.

*Razor.* Ele está pondo seus próprios soldados para “protegerem” Anden, e pouco a pouco está fechando o cerco para o assassinato.

– Gostaria de agradecer-lhe pela ajuda, June – continua Anden. – Quero pedir desculpas pelo teste do detector de mentiras ao qual você teve de se submeter. Sei que deve ter sido desagradável, mas era necessário. De qualquer maneira, agradeço-lhe pelas respostas sinceras. Você vai permanecer aqui conosco por mais alguns dias, até estarmos certos de que o pior já passou e que sabotamos verdadeiramente os planos dos Patriotas. Talvez ainda tenhamos algumas perguntas para você. Depois disso, vamos determinar como reintegrá-la às fileiras da República.

– Obrigada – digo, embora as palavras sejam completamente vazias.

Anden se debruça e sussurra, com palavras rápidas e com a boca mal se abrindo:

– Eu falei sério no nosso jantar.

Ele está nervoso. Uma súbita paranoia se apossa de mim; dou uma pancadinha nos lábios com um dedo e olho firmemente para ele. Seus olhos se arregalam, mas ele não se retrai: segura suavemente meu queixo, depois me puxa para junto do seu corpo, como se fosse me beijar. Ele para os lábios bem ao lado dos meus e os roça ligeiramente na parte inferior da minha bochecha. Um formigamento percorre minha espinha e, junto com ele, um sentimento de culpa.

– Para que as câmeras de segurança não nos denunciem – murmura ele. Esse é um meio melhor de conversar em particular; se um guarda metesse a cabeça pela porta, pareceria que Anden estava roubando um beijo meu, não sussurrando segredos. Seria um

boato mais seguro de espalhar. E os Patriotas pensariam apenas que eu estava agindo de acordo com os planos deles.

A respiração de Anden me aquece a pele.

– Preciso da sua ajuda. Se você fosse perdoada por seus crimes contra a República e libertada, teria condições de contatar Day? Ou seu relacionamento com ele acabou, agora que você já não está ao lado dos Patriotas?

Mordo o lábio. A maneira como Anden diz “relacionamento” deixa transparecer que ele pensa que houve algo mais entre mim e Day.

– Por que você quer que eu o contate?

Suas palavras têm uma urgência tranquila e dominadora que me dá arrepios.

– Você e Day são o casal mais celebrado da República. Se eu puder formar uma aliança com vocês dois, conseguirei conquistar o povo. E então, em lugar de debelar revoluções e tentar evitar que as coisas desmoronem, posso me concentrar em implementar as mudanças de que este país necessita.

Eu me sinto zozza. Isso é repentino e surpreendente, e por um instante não consigo pensar numa boa resposta. Anden está se arriscando muito ao falar essas coisas comigo. Engulo em seco, minhas bochechas ainda estão ardendo com a proximidade dele. Mexo o corpo um pouco para poder ver seus olhos. Pergunto então, com voz firme:

– Por que devemos confiar em você? O que o faz pensar que Day quer ajudá-lo?

Os olhos de Anden expressam um propósito determinado.

– Eu vou transformar a República e vou começar libertando o irmão dele.

Minha boca se resseca. De repente tenho vontade de que estivéssemos falando alto o suficiente para Day escutar.

– Você vai soltar o Éden?

– Para começo de conversa, ele nunca deveria ter sido preso. Vou libertá-lo, junto com outros que estão sendo usados na frente de



batalha.

– Onde ele está? – sussurro. – Quando é que você...

– Éden tem viajado pela frente de batalha nas últimas semanas.

Meu pai o havia levado, junto com uma dúzia de outros, como parte de uma iniciativa de guerra. Eles estão sendo basicamente usados como armas biológicas vivas. – O rosto de Anden fica sombrio. – Vou dar um fim a essa palhaçada maluca. Minha ordem será divulgada amanhã: Éden será retirado da frente de batalha e tratado na capital.

Isso é novidade. Isso muda tudo.

Tenho de encontrar uma forma de contar a Day sobre a libertação de Éden, antes que ele e os Patriotas matem a única pessoa com o poder de soltá-lo. Qual é a melhor maneira de me comunicar com ele? *Os Patriotas devem estar vigiando todas as minhas ações através das câmeras de segurança*, penso, enquanto minha mente gira sem parar. Vou precisar enviar um sinal para Day. Seu rosto aparece nos meus pensamentos, e tenho vontade de correr até ele. Quero muito dar a ele a boa notícia.

Será *mesmo* uma boa notícia? Meu lado prático se manifesta e me adverte para ir com calma. Anden pode estar mentindo, e tudo isso pode ser uma armadilha. Mas, se fosse apenas mais uma tentativa de prender Day, por que Anden simplesmente não ameaçaria matar o Éden? Isso faria com que Day saísse do seu esconderijo. Em vez disso, Anden vai soltar Éden.

Ele espera pacientemente enquanto fico em silêncio. Murmura apenas:

– Quero que o Day confie em mim.

Passo os braços ao redor do seu pescoço e aproximo os lábios da sua orelha. O cheiro dele é de sândalo e lã bem cuidada.

– Vou precisar encontrar um jeito de contatá-lo e convencê-lo, mas, se você soltar o irmão dele, Day *vai* confiar em você – sussurro também.

– Vou ganhar a sua confiança também. Quero que você tenha fé em mim. Eu tenho fé em *você*. Há muito tempo que tenho fé em você.

Ele se cala por um instante. Sua respiração se acelerou, e os olhos mudam abruptamente. A autoridade respeitosa e distante se evapora. Neste momento ele é apenas um rapaz, um ser humano, e a eletricidade entre nós é enorme. Num instante, ele vira o rosto e seus lábios encontram os meus.

Fecho os olhos. O beijo é muito leve, mal posso senti-lo, mas não posso deixar de querer mais. Com Day, há sempre fogo e fome entre nós, mesmo raiva, um desespero e uma necessidade profunda. Entretanto, com Anden, o beijo é só delicadeza e encanto refinado, modos aristocráticos, poder e elegância. Prazer e vergonha me invadem. Será que Day pode ver isso pelas câmeras?

Esse pensamento me dilacera.

O beijo dura somente alguns segundos, e depois Anden se afasta. Solto a respiração, abro os olhos e deixo que o resto do quarto entre em foco. Ele está comigo já faz algum tempo; se demorar mais, os guardas do lado de fora vão começar a se preocupar.

– Lamento perturbá-la – diz, fazendo uma leve mesura com a cabeça antes de se levantar e endireitar o sobretudo. Voltou a se esconder atrás da formalidade, mas há um ligeiro aturdimento na sua postura e um leve sorriso nos lábios. – Descanse um pouco. Amanhã nos veremos.

Depois que ele sai e o quarto volta a um silêncio pesado, me encolho toda, deitada na cama. Meus lábios queimam com o toque de Anden. Deixo que minha mente reflita sobre o que ele acabou de me dizer e brinco com o anel de cliques de papel no meu dedo. Os Patriotas quiseram que Day e eu nos uníssemos a eles para assassinar esse jovem Eleitor. Afirmaram que, ao matá-lo, estaríamos atizando uma revolução que nos libertaria da República. E que assim traríamos de volta a glória dos antigos Estados Unidos. Mas o que isso significa *de verdade*? O que terão os Estados Unidos

que Anden não possa dar à República? Liberdade? Paz? Prosperidade? Será que a República se tornará um país cheio de arranha-céus lindamente iluminados e bairros bem cuidados e ricos?

Os Patriotas prometeram a Day que encontrariam seu irmão e nos ajudariam a fugir para as Colônias. Mas se Anden pode fazer tudo isso com o apoio adequado e a determinação certa, se nós não precisarmos escapar para as Colônias, então, *a que propósito esse assassinato vai servir?* Anden não é, nem de longe, igual ao pai. De fato, seu primeiro ato oficial como Eleitor vai ser desfazer uma coisa que seu pai pôs em prática: ele vai libertar Éden, talvez até deter os experimentos com as pragas. Se nós o mantivermos no poder, será que ele mudará a República para melhor? Não seria ele o catalisador que Metias havia desejado, nas anotações provocantes que fez no seu diário?

Existe um problema ainda maior que me intriga. Razor *deve* saber, de alguma maneira, que Anden não é um ditador como seu pai era. Afinal de contas, a patente de Razor é alta o bastante para que ele fique ciente pelo menos dos boatos sobre a natureza rebelde de Anden. Ele disse a Day e a mim que o Congresso não gostava de Anden, mas nunca nos disse por que eles estavam em conflito.

Por que ele iria querer assassinar um jovem Eleitor que ajudaria os Patriotas a estabelecer uma nova República?

Em meio aos meus pensamentos turbulentos, contudo, um fica perfeitamente claro.

Agora tenho certeza a quem devo minha lealdade. Não vou ajudar Razor a assassinar o Eleitor, mas preciso prevenir Day, para que ele não dê continuidade aos planos dos Patriotas.

Preciso de um sinal.

Aí me dou conta de que pode haver uma forma de fazer isso, se ele estiver acompanhando a vigilância sobre mim, junto com o resto dos Patriotas. Ele não vai saber por que estou fazendo isso, mas é melhor do que nada. Abaixo ligeiramente a cabeça, depois levanto a mão com o anel de cliques de papel e comprimo dois dedos no lado

da minha testa. Esse é o sinal que combinamos quando chegamos a Vegas.

*Pare.*



# DAY

Mais tarde, naquela noite, dirijo-me à sala principal de reuniões e me junto aos outros, para tomar conhecimento da próxima fase da missão. Razor está de volta. Quatro Patriotas continuam a trabalhar num grupo em um canto da sala, na maioria hackers, segundo me parece, analisando como os alto-falantes são instalados nos edifícios. Estou começando a reconhecer alguns deles. Um dos hackers é careca e parece um armário de tão forte, embora seja baixo; outro tem um narigão entre os olhos de meia-lua num rosto muito magro; uma hacker não tem um olho. Quase todos têm algum tipo de cicatriz.

Foco minha atenção em Razor, que se dirige à multidão à frente da sala; seu vulto está delineado em luz, com todas as telas com mapas-múndi atrás dele. Estico o pescoço para ver se consigo achar Tess entre eles, chamá-la de lado e tentar me desculpar. Mas, quando finalmente consigo vê-la, ela está com alguns outros médicos em treinamento, mostrando uma erva verde qualquer na palma da mão e pacientemente explicando a eles como usá-la. Pelo menos, é o que acho. Decido adiar minhas desculpas. Ela não parece precisar de mim neste momento. A ideia me faz sentir triste e estranhamente pouco à vontade.

– Day!

Tess finalmente repara em mim. Eu aceno.

Ela abre caminho até onde estou, tira duas pílulas e um pequeno rolo de ataduras do bolso e põe tudo nas minhas mãos, respirando com dificuldade e me olhando fixamente.

– Cuide-se esta noite, tá bem? – Nem sinal da briga que rolou entre nós. – Quando a adrenalina começa a bater, sei bem como você fica. Não faça nada muito doido. – Tess aponta com a cabeça

para as pílulas azuis na minha mão. – Elas manterão você aquecido se estiver muito frio lá fora.

Ela age como se fosse velha o bastante para cuidar de mim! A consideração de Tess me aquece o coração.

– Obrigado, amiga – digo então, guardando os seus presentes nos meus bolsos. – Olhe, eu queria...

Ela impede que eu me desculpe, pondo uma das mãos no meu braço. Seus olhos estão mais arregalados do que nunca, e são tão confortantes, que fico querendo que ela pudesse vir comigo.

– Deixa pra lá. Só me prometa que vai tomar cuidado.

Ela perdoa muito depressa, apesar de tudo... Será que ela disse aquelas coisas todas no calor do momento? Será que ela ainda está zangada comigo? Eu me inclino para a frente e a abraço rapidamente.

– Prometo. E  *você* também trate de se cuidar.

Em resposta, ela aperta minha cintura, depois volta a se reunir com os outros jovens médicos, antes que eu possa tentar me desculpar mais uma vez.

Quando ela se vai, volto a me concentrar em Razor. Ele aponta para uma tela com imagem granulada que mostra uma rua perto dos trilhos de trem em Lamar, por onde Kaede e eu havíamos passado antes. Uma dupla de soldados se apressa na rua; suas golas levantadas para protegê-los da chuva com neve que cai. Ambos comem empanadas. Minha boca se enche d'água. A comida enlatada dos Patriotas é um luxo, mas,  *cara*, eu daria tudo por um pastel quente de carne.

– Antes de mais nada, gostaria de garantir a todos que nosso plano está seguindo seu curso. Nossa agente conseguiu se reunir com o Eleitor e jogou a isca sobre nosso plano de assassinato. – Razor faz um círculo com o dedo numa área da tela e continua: – Originalmente o Eleitor havia planejado visitar San Angelo, durante o tour para elevar o moral das tropas, e depois viria para Lamar. Agora o boato que corre é que ele vai a Pierra, em vez disso. Alguns dos

nossos soldados estarão acompanhando o Eleitor em substituição a sua guarda pessoal anterior.

Os olhos de Razor me examinam, e depois ele gesticula para a tela e se cala.

Um vídeo substitui a cena dos trilhos de trem em Lamar. Estamos vendo as imagens de um quarto. A primeira coisa em que reparo é num vulto esbelto sentado na beira de uma cama, com os joelhos encostados no queixo. É June? Mas o quarto é bonito; certamente não é uma cela de prisão. A cama parece macia e tem camadas espessas de cobertores. O que eu não faria para conseguir cobertores assim, quando morava em Lake?

Alguém agarra meu braço.

– Oi! Aí está você, sr. Celebridade!

Pascao está ao meu lado, com aquele permanente sorriso animado estampado no rosto, e os olhos cinzentos desbotados cheios de empolgação.

– Oi – respondo, cumprimentando-o rapidamente com um aceno de cabeça, antes de voltar minha atenção para a tela. Razor começou a dar ao grupo um panorama geral da próxima etapa dos planos, mas Pascao puxa minha manga de novo.

– Você, eu e mais uns corredores vamos nos mandar daqui a umas duas horas. – Seus olhos procuram o vídeo antes de se fixarem novamente em mim. – Preste atenção. Razor queria que eu desse à minha equipe um briefing mais detalhado do que esse que ele está transmitindo ao grupo. Eu acabei de falar com o Baxter e a Jordan.

Mal presto atenção ao Pascao porque agora estou certo de que o pequeno vulto na cama é June. Só pode ser ela, com aquele jeito de botar o cabelo atrás dos ombros e de analisar o quarto com um olhar atento. Ela está vestindo roupas de dormir que são bonitas e parecem confortáveis, mas estremece como se o quarto estivesse frio. Será que esse quarto elegante é mesmo sua cela de prisão? Relembro as palavras de Tess.

*Day, você esqueceu que June matou sua mãe?*

Pascao me cutuca de novo, obriga-me a olhar para ele e me leva para trás do grupo.

– Preste atenção, Day. Um embarque está chegando hoje à noite a Lamar, de trem. Vem trazendo grande quantidade de armas, maquinário, alimentos e mais um montão de coisas para os soldados da frente de batalha, além de muitos equipamentos de laboratório. Vamos roubar alguns suprimentos e destruir um vagão cheio de granadas. Essa é a nossa missão hoje à noite.

Agora June está falando com o guarda perto da porta, mas mal consigo ouvi-la. Razor já acabou de se dirigir à plateia e está empenhado numa conversa com dois outros Patriotas, que ocasionalmente gesticulam para a tela e depois desenham algo nas palmas das mãos.

– Pra que explodir um vagão de granadas?

– Essa missão é o falso assassinato. A agenda do Eleitor determinava que ele viesse aqui a Lamar, pelo menos antes que June conversasse com ele. Nossa missão desta noite deve convencer o Eleitor, se é que ele ainda não está convencido, de que June falou a verdade. Além disso, é uma ótima oportunidade para roubar algumas granadas. – Pascao esfrega as mãos com uma alegria quase insana.

– Nitroglicerina... hum, que delícia! – brinco, erguendo uma sobancelha.

– Eu e três outros corredores vamos cuidar da missão com o trem, mas vamos precisar de um corredor *especial* para distrair os soldados e guardas.

– O que você quer dizer com “especial”?

– O que *eu* quero dizer – responde Pascao, incisivamente – é que foi exatamente por isso que Razor decidiu recrutá-lo, Day. Essa é nossa primeira oportunidade de mostrar à República que você está *vivo*. Foi por isso que Kaede mandou você tirar a tintura do cabelo. Quando se espalhar a notícia de que você foi visto em Lamar,



acabando com um trem da República, as pessoas vão entrar em parafuso. O famoso criminoso da República continua aprontando mesmo depois da tentativa do governo de executá-lo? Se *isso* não atizar a revolta do povo, nada mais irá. É exatamente do que precisamos: o caos. Quando nós terminarmos, o povo vai estar tão empolgado com você que vai ficar doidinho para se rebelar. Esse é o ambiente perfeito para o assassinato do Eleitor.

A animação de Pascao me faz sorrir um pouco. Incomodar a República? Eu *nasci* para isso.

– Conta mais – peço.

Pascao se certifica de que Razor continua a discutir os planos com os outros, e então pisca para mim.

– Nossa equipe vai desenganchar o vagão com as granadas a uns três quilômetros da estação. Quando chegarmos ao local, não quero que tenha mais de um punhado de soldados vigiando o trem. Mas tome cuidado. Em geral, *não há* muita segurança perto dos trilhos, mas esta noite é diferente. A República vai estar de olho na gente agora que sabe do alerta da June sobre a tentativa de assassinato. Fique atento aos soldados extras. *Enrole-os* para nos dar o tempo de que precisamos e certifique-se de que eles o vejam.

– Tudo bem, vou conseguir o tempo de que vocês precisam. Só me diga aonde preciso ir.

Pascao abre um sorriso maroto e me dá um forte tapa nas costas.

– Legal! Você é, de longe, o melhor de todos nós, corredores. Você vai enganar os soldados sem nenhum problema. Vamos nos encontrar daqui a duas horas perto da entrada por onde você chegou. A gente vai se divertir demais. – Ele estala os dedos e acrescenta: – Ah, não liga pro Baxter, não. Ele está meio aborrecido porque você recebe tratamento especial da Tess e de mim.

Assim que ele se afasta, meus olhos voltam para a tela e se concentram na figura de June. À medida que o vídeo continua, trechos da conversa de Razor com os outros Patriotas chegam aos meus ouvidos:

“... bastante para ouvir o que está acontecendo”, Razor está dizendo. “Ela o tem na palma da mão.”

No vídeo, June parece estar cochilando, com os joelhos encostados no queixo. Não há nenhum som, mas não me importo com isso. Então vejo um rapaz entrar na cela, um cara de cabelo escuro, com um elegante sobretudo preto. É o Eleitor. Ele se inclina e começa a falar com ela, mas não consigo distinguir o que está dizendo. Quando ele se aproxima, June demonstra tensão. Dá para perceber sua face ficando lívida. Toda a tagarelice e alvoroço ao meu redor diminuem como num passe de mágica. O Eleitor põe uma das mãos no queixo da June e aproxima o rosto dela do dele. Ele está se apoderando de algo que julguei apenas meu. Sinto uma súbita e dilacerante sensação de perda. Viro o rosto, mas mesmo pelo canto do olho consigo vê-lo beijando-a. O beijo parece durar para sempre.

Observo, aturdido, quando eles finalmente se separam, e o Eleitor sai do quarto, deixando June sozinha, enrolada na cama. O que ela estará pensando? Não tenho mais ânimo para assistir. Estou prestes a virar as costas, pronto para ir atrás do Pascao, fugir dessa cena.

Então, uma coisa me chama a atenção. Olho para o monitor, e bem nessa hora, vejo June levar dois dedos à testa: nosso sinal.

Passa da meia-noite quando Pascao, eu e três outros corredores pintamos largas tiras pretas de um lado a outro dos olhos e nos vestimos com uniformes escuros de guerra e quepes militares. Então, deixamos o esconderijo subterrâneo dos Patriotas pela primeira vez desde que cheguei. Alguns poucos soldados perambulam por ali de vez em quando, mas vemos outros soldados, à medida que nos afastamos do bairro e atravessamos os trilhos de trem. O céu ainda está completamente coberto de nuvens, e, sob a fraca luz dos postes de luz, vejo finas camadas de chuva e neve caindo. A calçada está escorregadia com garoa e lodo gelado, e o ar tem um cheiro azedo, uma mistura de fumaça e limo. Levanto ainda mais minha gola, engulo uma das pílulas azuis de Tess e desejo estar com ela de novo nas favelas úmidas de Los Angeles. Dou uma

batidinha na bomba de poeira escondida na minha jaqueta militar para confirmar que está seca. A cena entre June e o Eleitor não me sai da cabeça.

O sinal da June foi para mim. Que parte do plano ela quer que eu não leve a cabo? Será que quer que eu desconsidere a missão dos Patriotas e fuja? Se eu desertar agora, o que acontecerá a ela? O sinal pode ter significado um milhão de coisas. Poderia até querer dizer que ela resolveu permanecer com a República. Tento, furiosamente, tirar essa ideia da cabeça. Não, ela não faria isso. *Nem mesmo se o próprio Eleitor desejasse?* Será que isso a faria ficar?

Também me lembro de que as imagens do vídeo eram mudas. Todos os outros vídeos a que assistimos tinham um som nítido. Razor até insistiu para que se aumentasse o volume. Teriam os Patriotas excluído o som desse vídeo? Estarão escondendo alguma coisa?

Pascao nos para nas sombras de um beco não muito distante da estação de trem e diz, com a respiração formando pequenas nuvens:

– O trem chega em quinze minutos. Baxter e Iris, venham comigo.

A garota chamada Iris – comprida e magra, com olhos profundos que estão sempre se movendo – sorri, mas Baxter enrijece a mandíbula. Eu o ignoro e tento não pensar sobre as bobagens que ele está tentando colocar na cabeça de Tess a meu respeito.

Pascao aponta para a terceira corredora, uma garota delicada de tranças ruivas, que não para de me olhar furtivamente.

– Jordan, você vai identificar o vagão certo para nós.

Ela faz um sinal positivo com os polegares.

Os olhos de Pascao agora se dirigem a mim.

– Você sabe o que fazer.

– Entendido, primo – respondo, dando um puxão na beira do meu quepe.

Seja lá o que June quis dizer, esta não é a hora de deixar os Patriotas na mão. Tess continua na casamata, e eu não tenho ideia de onde está Éden. De jeito nenhum vou colocá-los em risco.

– Mostre àqueles soldados o que é bom pra tosse, hein?! Faça com que eles odeiem você.

– Essa é a minha especialidade.

Aponto para os telhados inclinados e as paredes em ruínas que nos rodeiam. Para um corredor, esses telhados são como gigantescos escorregadores que o gelo tornou lisos. Agradeço silenciosamente à Tess; sua pílula azul já está me aquecendo por dentro e é tão reconfortante quanto uma tigela de sopa quente numa noite gelada.

Pascao dá um grande sorriso.

– Senhoras e senhores, vamos dar início ao espetáculo!

Observo os outros se apressarem ao longo dos trilhos de trem, através do véu de chuva e neve. Depois penetro mais nas sombras e estudo os edifícios. Todos eles são velhos e cheios de buracos que servem de apoio para os pés. Para tornar as coisas ainda mais divertidas, todos têm vigas metálicas enferrujadas presas às paredes. Alguns têm andares superiores que estão completamente detonados e abertos para o céu noturno. Outros têm telhados inclinados azulejados. Apesar de tudo, não consigo evitar sentir uma pontada de excitação. Esses prédios são o paraíso para um corredor.

Sigo caminhando pela rua rumo à estação de trem. Há pelo menos dois grupos de soldados, talvez mais, uma vez que não consigo ver bem o lado de lá. Alguns estão enfileirados ao longo dos trilhos na expectativa. Seus fuzis estão em punho; as tiras pretas de um lado a outro dos olhos reluzem molhadas sob a chuva. Toco no rosto para verificar minha pintura e puxo para baixo o quepe na minha cabeça. Hora do show.

Acho um apoio seguro para os pés numa das paredes e subo com cuidado até o telhado. Todas as vezes em que enfio a perna num

apoio, minha batata da perna roça o implante artificial na coxa. Sinto o frio do metal mesmo através do tecido.

Vários segundos depois, estou empoleirado atrás de uma chaminé desmoronada, a três andares de altura. Daqui posso ver, exatamente como eu suspeitava, que há um terceiro grupo de soldados no outro lado da estação ferroviária. Vou até a outra extremidade do prédio e depois salto silenciosamente entre os prédios até chegar ao topo de um telhado inclinado. Agora estou perto o suficiente para ver as expressões dos rostos dos soldados. Enfio a mão na jaqueta, verifico que minha bomba de poeira continua quase toda seca e, então, me agacho no telhado e espero.

Passam-se alguns minutos.

Depois me levanto, pego a bomba de poeira e a atiro o mais longe possível da estação de trem.

*Bum!* Ela explode numa nuvem gigantesca, no momento em que atinge o solo. Instantaneamente a poeira devora o quarteirão inteiro e se estende rapidamente pelas ruas, em ondas reverberantes. Ouço gritos dos soldados perto da estação de trem.

– Lá! A três quadras daqui! – *Todo trabalhado no óbvio. Muito bem, soldado.* Um grupo deles se afasta da estação e começa a correr na direção em que a nuvem de poeira cobriu as ruas.

Deslizo para baixo no telhado inclinado. Sarrafos se desprendem aqui e ali, enchendo o ar de saraivadas de neblina gelada, mas, através da gritaria e da correria que acontecem lá embaixo, não consigo nem escutar a mim mesmo. O próprio telhado está tão escorregadio quanto vidro molhado. Aumento a velocidade. A chuva e a neve batem com força no meu rosto. Eu me seguro quando chego à parte inferior do telhado e depois me lanço no ar. Do solo, provavelmente pareço uma espécie de fantasma.

Minhas botas alcançam o telhado inclinado do próximo prédio, que fica bem ao lado da estação de trem. Os soldados que continuam lá estão distraídos, olhando fixo para a poeira na rua. Dou um pequeno salto na parte debaixo deste segundo telhado,

depois me agarro num poste de luz e deslizo até o chão. Atinjo as camadas de gelo na calçada, com um som abafado e de fragmentos.

– Sigam-me! – grito para os soldados. Eles me veem pela primeira vez, como apenas mais um soldado comum, de uniforme escuro e riscas pretas de um lado a outro dos olhos. – Está havendo um ataque em um dos nossos depósitos! Vai ver são os Patriotas que estão finalmente mostrando as caras! – Gesticulo para os dois grupos que restaram. – *Atenção, todos vocês!* O comandante ordenou que vocês se apressem! – Giro os calcanhares e começo a correr para fugir deles.

Obviamente, o barulho de suas botas no chão logo se faz ouvir. Não havia como esses soldados ousarem desobedecer às ordens de seu comandante, mesmo que isso significasse deixar a estação temporariamente sem proteção. Às vezes, é impossível não adorar a disciplina férrea da República.

Continuo a correr.

Depois que conduzo os soldados por quatro ou cinco quarteirões, passando pela nuvem de poeira e vários depósitos, subitamente dou uma guinada por um estreito corredor. Antes que eles possam dobrar a esquina, corro direto até uma das paredes do beco e, quando estou a alguns metros de distância, dou um pulo e chuto a parede de tijolos para tomar impulso. Minhas mãos ficam livres. Eu me agarro na marquise do segundo andar, e é só deixar a gravidade seguir seu curso. Meus pés pisam solidamente a parte superior da marquise.

Quando os soldados chegam correndo ao mesmo beco, já me escondi à sombra de uma janela do segundo andar. Ouço os primeiros deles pararem e, em seguida, suas exclamações perplexas. Penso então: *É agora ou nunca.* Tiro o quepe e solto meu cabelo louro como trigo. Um dos soldados vira a cabeça para cima, a tempo de me ver sair rapidinho do esconderijo e dobrar a esquina, andando pela estrutura do segundo andar.

– Vocês viram aquilo? Aquele era Day? – grita um deles, incrédulo.

À medida que comprimo os pés nos vãos entre os velhos tijolos para conseguir subir ao terceiro andar, o tom de voz dos soldados vai de confuso a raivoso. Alguém grita para que os outros atirem em mim. Cerro os dentes e salto para o terceiro andar.

As primeiras balas ricocheteiam na parede. Uma delas quase atinge minha mão. Não paro; continuo a esquivar o corpo rumo ao andar superior e me atiro no telhado inclinado em um só movimento. Mais fagulhas iluminam os tijolos abaixo de mim. Vejo a estação a distância: o trem chegou, meio escondido pelo vapor, e parou desacompanhado, à exceção dos vários soldados que vinham nele.

Saio correndo do telhado, deslizo para baixo no outro lado e depois dou mais um grande salto para o próximo telhado. Lá embaixo, alguns soldados começaram a correr de volta para o trem. Talvez tenham finalmente se dado conta de que isso tudo é apenas para distraí-los. Só deixo de olhar para a estação quando dou mais um enorme salto rumo ao próximo telhado.

Dois quarteirões de distância.

Acontece uma explosão. Uma nuvem resplandecente e forte se forma mais longe nos trilhos da ferrovia, estremecendo até o local onde estou no topo do prédio. O impacto me faz perder o equilíbrio e cair de joelhos. *É essa a explosão que Pascao mencionou.*

Reflico enquanto absorvo o inferno por um instante. Um grande número de soldados vai se dirigir para lá. É perigoso, mas, se minha tarefa é informar à República que estou vivo, é melhor eu garantir ser visto pelo maior número de pessoas possível. Fico em pé, corro o mais rápido que posso e volto a meter o cabelo no quepe. Os soldados lá embaixo se dividiram em dois grupos: um corre rumo à explosão, e o outro continua atrás de mim.

De repente, derrapo e paro. Os soldados passam correndo pelo edifício em que estou. Sem desperdiçar mais um segundo, deslizo

pelo telhado e me balanço a partir da beira da calha. As botas se apoiam nos parapeitos. Um após o outro. Salto até a calçada. Os soldados provavelmente acabaram de entender que perderam minha pista, mas já estou me misturando às sombras no chão. Começo a correr firmemente na rua, como se eu fosse apenas mais um soldado. Dirijo-me ao trem.

Chuva e neve começam a cair mais intensamente. As chamas que restaram da explosão iluminam o céu da noite, e estou perto o bastante do trem para ouvir os gritos e as passadas pesadas. Será que Pascao e os outros conseguiram sair a salvo? Acelero o passo. Outros soldados se materializam através da chuva e da neve, e eu me incorporo harmoniosamente à fileira à medida que corremos ao longo do trem. Eles correm em direção ao fogo.

– Que aconteceu? – grita um deles para outro.

– Sei lá! Disseram que uma fagulha detonou a carga.

– Isso é impossível! Todos os vagões são cobertos...

– Alguém precisa falar com o Comandante DeSoto. Isso é coisa dos Patriotas. O Eleitor deve ser informado. Eles...

Eles continuam a falar; não consigo ouvir o resto da frase. Vou reduzindo o ritmo até ficar no final da fileira, depois me lanço para dentro da minúscula fenda entre dois vagões. Todos os soldados podem ver que continuo a me dirigir para as chamas. Outros estão na área onde detonei a bomba de poeira, e os que me perseguiam devem continuar atônitos, esquadrinhando as ruas por onde eu estava correndo. Espero até me certificar de que mais ninguém está atrás de mim. Depois vou me esquivando entre os vagões e corro ao longo do lado oposto dos trilhos onde estavam os soldados. Solto o cabelo mais uma vez. Agora, só preciso escolher o momento certo de fazer minha grandiosa aparição. Há pequenas marcas em todos os vagões por que passo. Carvão. Armas controladas. Munição. Alimentos. Fico tentado a entrar no último, mas esse é meu lado Lake se manifestando. Recordo a mim mesmo que já não estou procurando comida no lixo e que os Patriotas têm despensas



abarrota das nos quartéis. Eu me obrigo a prosseguir. Mais marcas nos vagões. Mais suprimentos para as frentes de batalha.

Então, passo por uma pequena marca que me força a parar. Um arrepio percorre meus braços e pernas. Volto correndo até o vagão com marcas, para verificar se não imaginei algo.

Não imaginei não: lá está ele, incrustado no metal. Eu o reconheceria em qualquer lugar.

O X de três linhas. Minha cabeça roda; visualizo o símbolo de spray vermelho pichado na porta da minha mãe, as patrulhas contra a praga indo de casa em casa em Lake, Éden sendo levado embora. Não há como esse símbolo ter outro significado a não ser o fato de que meu irmão, ou algo relacionado a ele, está nesse trem.

Todo o interesse pelo plano dos Patriotas desaparece no mesmo instante da minha cabeça. *Éden talvez estivesse aqui.*

Dá pra ver que as duas portas deslizantes estão trancadas, por isso recuo alguns passos e depois corro até elas. Quando estou perto o bastante, dou um pulo, ando três passos rápidos contra o lado do vagão, agarro a beira superior e me puxo para cima.

Existe uma cancela metálica circular no meio do teto desse vagão, que eles provavelmente usam para acessar o interior. Engatinho até ela, passo os dedos pelas bordas e encontro quatro travas que prendem a cancela. Agitado, consigo soltá-las. Os soldados devem estar voltando em instantes. Empurro a cancela com toda a força. Ela se entreabre, o que é suficiente para eu entrar.

Com um barulho surdo, piso no chão. Está bastante escuro, por isso não consigo ver muito a princípio. Estendo as mãos e toco o que me parece ser uma superfície redonda de vidro. Lentamente, começo a definir o ambiente.

Estou de pé em frente a um cilindro de vidro, quase tão alto e largo quanto o vagão; ele tem um revestimento metálico harmonioso no topo e na parte inferior e emite um brilho azul muito esmaecido. Um pequeno vulto está deitado no chão; tubos saem de um dos braços dele. Percebo imediatamente que é um menino. Seu cabelo é

curto, limpo, e ondas suaves se misturam. Ele veste um macacão branco que o destaca na escuridão.

Um zumbido alto nos meus ouvidos bloqueia todo o resto ao redor. *É Éden. É Éden!* Deve ser ele. Tirei a sorte grande! Não posso acreditar na minha boa estrela. Ele está bem aqui; eu o encontrei no meio do nada, em toda a vastidão da República, num golpe de insana coincidência. Posso libertá-lo. Podemos fugir para as Colônias antes do que eu julgava possível. Podemos fugir *hoje à noite*.

Corro até o cilindro e bato com o punho no vidro, esperando que se espatife, embora dê pra ver que tem pelo menos trinta centímetros de espessura e é, provavelmente, à prova de balas. Por um instante, não sei dizer se o garoto pode escutar o barulho, mas então ele abre os olhos, que se movimentam de forma estranha e confusa, antes de tentar se fixar em mim.

Demoro muito para compreender que esse menino não é o Éden.

O gosto amargo do desapontamento me ferroa a língua. Ele é tão pequeno. Deve ter a idade do meu irmão. Não consigo impedir que a imagem de Éden me esmague. *Existem outros que também foram marcados com esse sinal?* Certamente que devem existir. Por que Éden seria o único no país inteiro?

O menino e eu nos encaramos por um tempo. *Acho* que ele me vê, mas parece não conseguir fixar o olhar; fica me olhando de forma enviesada, algo que a miopia de Tess também a obriga a fazer. *Éden*. Relembro como suas íris sangraram com a praga... Da maneira pela qual esse garoto está tentando me analisar, percebo que ele é quase totalmente cego, sintoma esse que meu irmão deve ter também.

De repente ele sai do transe e engatinha, o mais rápido possível, até onde estou. Comprime as mãos no vidro. Seus olhos são castanhos esmaecidos e opacos, não têm o tom preto assustador dos olhos de Éden quando o vi pela última vez, mas as metades da parte inferior estão profundamente roxas de sangue.

– Quem está aí? – pergunta ele. O vidro lhe abafa a voz. Ele ainda não consegue concentrar-se em mim, mesmo eu estando tão perto.

Eu também saio do meu transe e respondo, com um aperto na garganta:

– Um amigo. Vou tirar você daí.

Ao ouvir isso, seus olhos se arregalam e seu rostinho instantaneamente expressa esperança. Minhas mãos percorrem o vidro e procuram alguma coisa, *qualquer coisa*, que possa abrir este maldito cilindro.

– Como se abre esta droga? Onde estão as travas?

O menino bate freneticamente no vidro. Ele está aterrorizado e diz, com a voz trêmula:

– Me tira daqui, me tira daqui, por favor!

Suas palavras partem meu coração. Será isso o que Éden está fazendo, apavorado e cego, esperando que eu o salve, num vagão escuro de trem? *Preciso libertar esse menino*. Eu me apoio no cilindro e digo:

– Você precisa se acalmar, certo, garoto? Não entre em pânico. Qual é seu nome? De que cidade é sua família?

Lágrimas começaram a escorrer no rosto do garoto.

– Meu nome é Sam Vatanichi e minha família é de Helena, no estado de Montana. – Ele sacode a cabeça vigorosamente. – Eles não sabem aonde fui. Será que você pode dizer a eles que quero voltar pra casa? Você pode...

*Não, não posso. Sinto-me completamente impotente*. Tenho vontade de socar as laterais de metal do vagão.

– Vou fazer o que puder. Como se abre este cilindro? – pergunto de novo. – É *seguro* fazer isso?

O menino aponta freneticamente para o outro lado do cilindro. Dá pra ver que ele está se esforçando para conter o medo.

– *Espera* aí um pouco. – Ele para, numa tentativa de pensar em algo. – Sim, é seguro. Acho. *Tem* uma coisa ali que eles teclam. Dá

pra ouvir os bipes que fazem o tubo se abrir.

Corro para onde ele aponta. *É a minha imaginação ou estou ouvindo débeis sons de botas se aproximando?*

– É uma espécie de tela de vidro – digo. A palavra TRANCADO em vermelho se estende na tela. Viro-me para o garoto e bato no vidro. Seus olhos se dirigem para o som. – Existe uma senha? Como é que eles a teclam?

– Eu não sei! – O menino levanta as mãos, impotente; suas palavras se distorcem com um soluço. – Por favor, só...

Droga! Ele me lembra *muito* Éden. Suas lágrimas também me fazem chorar.

– Vamos lá! – eu o incentivo, lutando para manter um tom firme nas minhas palavras. Preciso me controlar. – *Pense bem.* Existe outra maneira de este troço abrir, além do teclado?

Ele sacode a cabeça e repete:

– Eu não sei, *eu não sei!*

Imagino o que Éden diria, se fosse esse garoto. Diria alguma coisa técnica, raciocinando como o pequeno engenheiro que é. Alguma coisa como *“Você está com algum objeto agudo? Tente encontrar um mecanismo manual!”*.

*Prepare-se para fazer algo difícil.* Pego o canivete que está sempre no meu cinto. Já vi Éden abrir geringonças e reconfigurar toda a fiação interior e as placas de circuitos. Talvez eu deva tentar fazer o mesmo.

Coloco a lâmina contra a minúscula fenda que se estende ao longo da borda do teclado e, cautelosamente, faço pressão. Quando nada acontece, empurro mais forte até que a lâmina se dobra. Isso não ajuda em nada. Resmungo:

– É muito apertado.

Se pelo menos June estivesse aqui... Ela provavelmente descobriria como esta coisa funciona em meio minuto. O menino e eu partilhamos um breve instante de silêncio. Ele expressa profunda tristeza, e seus olhos se fecham. Sabe que não há maneira de se

abrir a porta. Preciso resgatá-lo. *Preciso salvar Éden*. Tenho vontade de gritar.

Não é minha imaginação – ouço os soldados se aproximando. Devem estar verificando os compartimentos.

– Fale comigo, Sam. Você ainda está doente. O que eles estão fazendo com você?

O menino enxuga o nariz. A luz da esperança já desapareceu do seu rosto. Ele me pergunta:

– Quem é você?

– Alguém que quer ajudar – sussurro. – Quanto mais você me contar, mais fácil será para mim dar um jeito neste troço.

– Já não estou doente – responde Sam, apressado, porque sabe que nosso tempo está se esgotando –, mas eles dizem que *tem* alguma coisa no meu sangue, que eles chamam de *vírus dormente*.

– Ele para e pensa. – Eles me dão remédio para eu não ficar doente de novo. – Ele esfrega os olhos sem visão e, em silêncio, me implora para salvá-lo. – Toda vez que o trem para, pegam uma amostra do meu sangue.

– Você sabe em que cidades já esteve?

– Não sei. Uma vez ouvi o nome Bismarck... – O garoto interrompe o que diz e depois continua: – E Yankton, acho.

Ambas são cidades nas zonas de combate em Dakota. Penso no transporte que estão usando para ele. O ambiente do vagão provavelmente é mantido estéril, para que as pessoas possam entrar e coletar uma amostra de sangue, e depois a misturar com alguma coisa que ative o vírus dormente. Os tubos no braço dele podem ser apenas para alimentá-lo.

Calculo que eles o estejam usando como uma arma biológica contra as Colônias. *Eles o transformaram numa cobaia de laboratório*. Igualzinho ao Éden. A ideia de meu irmão sendo transportado de lá para cá ameaça me sufocar.

– Para onde eles vão levá-lo agora?

– Eu não sei! Eu só quero ir pra casa!

Em algum lugar da frente de batalha. Só posso imaginar quantos outros estão sendo levados para cima e para baixo nas zonas de combate. Visualizo Édén amontoado num desses trens. O menino recomeçou a choramingar, mas eu me obrigo a interrompê-lo:

– Preste atenção: você sabe alguma coisa sobre um garoto chamado Édén? Já ouviu esse nome mencionado em algum lugar?

– Não!!! Eu... não sei... quem é ele!! – grita ele mais alto.

Não posso mais ficar aqui. Com esforço, desvio o olhar de Sam e corro para as portas deslizantes do vagão. As pisadas dos soldados soam mais fortes; eles não podem estar a mais do que cinco ou seis vagões de distância. Dou um último olhar de relance para o menino.

– Desculpe, mas preciso mesmo ir embora. – Fico muito angustiado ao dizer essas palavras.

O garoto começa a bater forte no vidro espesso do cilindro e exclama, com voz entrecortada:

– Não! Eu contei tudo que sei! *Por favor, não me deixe aqui!*

Não suporto mais ouvir nada. Eu me obrigo a subir nas travas laterais de uma porta deslizante e me aproximo o bastante do teto do vagão para me agarrar à beira da cancela circular do topo, de onde salto e me embrenho no ar da noite novamente e volto à chuva e à neve que me açoitam os olhos e me fustiga o rosto com gelo. Luto para recompor minha postura. Estou morrendo de vergonha de mim.

Esse guri me ajudou no que pôde, e é desta maneira que eu retribuo? Fugindo para salvar minha pele?

Os soldados estão inspecionando os vagões a cerca de quinze metros daqui. Deslizo a cancela de volta ao lugar e praticamente me achato no telhado até chegar à beirada. Balanço o corpo para baixo e chego ao chão.

Pascao se materializa das sombras; os olhos cinzentos faíscam no escuro. Ele estava me procurando.

– Cara! Por que você está aqui? O combinado era você fazer um estardalhaço perto da explosão, não é? Onde você estava?

Não estou a fim de ser educado.

– Agora não, tá? – retruco de maneira rude quando começo a correr ao lado de Pascao. Está na hora de voltar ao nosso túnel subterrâneo. Tudo se move rapidamente por nós, numa neblina surreal.

Pascao abre a boca para dizer outra coisa, hesita ao ver minha cara e decide ficar quieto. Recomeça a falar, desta vez com mais calma:

– Você se saiu muito bem. Provavelmente já devem saber que você está vivo, mesmo sem todo o alvoroço que a gente esperava. Sua corrida lá em cima no telhado foi muito maneira. Amanhã de manhã vamos ver como o povo reage à sua aparição aqui.

Não respondo. Ele morde o lábio e me deixa quieto.

Não tenho escolha: preciso esperar até Razor concluir seu plano antes que os Patriotas me ajudem a resgatar o Éden. Uma onda de raiva contra o jovem Eleitor se forma em mim. *Eu odeio você. Detesto você com todas as minhas forças e juro que vou meter uma bala em você na primeira oportunidade que tiver.* Pela primeira vez desde que me juntei aos Patriotas, fico empolgado com o assassinato. Vou fazer o possível para garantir que a República nunca mais toque no meu irmão.

Em meio ao caos do incêndio e aos gritos das tropas, nós nos esquivamos pelo outro lado da cidade e penetramos de novo na noite.

# JUNE

Faltam menos de dois dias para o assassinato do Eleitor, isto é, tenho trinta horas para impedi-lo.

O sol acabou de se pôr quando o Eleitor, seis senadores e pelo menos quatro patrulhas de guardas (quarenta e oito soldados) embarcam num trem que se dirige à cidade de Pierra, na zona de combate. Eu estou com eles. É a primeira vez que viajo como passageira em vez de prisioneira, por isso esta noite estou vestindo malhas quentes de inverno e macias botas de couro (sem saltos nem biqueiras de aço, para que eu não possa usá-las como armas) e um manto de lã grossa com capuz escarlate e enfeites prateados. Nada de algemas. Anden fez questão de que eu usasse luvas pretas e vermelhas de couro macio, e pela primeira vez desde que cheguei a Denver não sinto frio nos dedos. Meu cabelo está penteado como sempre, limpo e preso em um rabo de cavalo. Apesar disso tudo, minha cabeça está quente e meus músculos doem. Todas as lâmpadas na plataforma da estação estão apagadas, e ninguém, sem contar o grupo do Eleitor, está à vista. Entramos no trem em completo silêncio. O repentino desvio feito por Anden, de Lamar para Pierra, provavelmente é algo que a maioria dos senadores desconhece.

Meus guardas me levam para meu próprio vagão particular, um local tão luxuoso que sei que estou aqui só porque Anden insistiu.

Tem o dobro do comprimento dos vagões comuns (deve passar de oitenta e três metros quadrados, tem seis cortinas de veludo, e o onipresente retrato de Anden está pendurado na parede direita). Os guardas me conduzem para a mesa de centro do vagão e puxam um assento para mim. Sinto um estranho distanciamento disto tudo, como se nada fosse real; é como se eu estivesse exatamente onde



costumava estar: uma garota milionária assumindo o lugar que lhe é devido na elite da República.

– Se a senhorita precisar de alguma coisa, é só falar – diz um deles. Ele é gentil, mas o enrijecimento de sua mandíbula denuncia que está muito nervoso por estar perto de mim.

Não escuto nenhum som, exceto o sutil chocalhar do trem nos trilhos. Tento não me concentrar diretamente nos soldados, mas, pelo canto dos olhos, eu os observo detidamente. Haverá Patriotas disfarçados de soldados neste trem? Se houver, será que desconfiam da transferência da minha lealdade?

Esperamos juntos num silêncio pesado. A neve recomeçou a cair e se empilha nos cantos exteriores da minha janela. Caracóis de gelo branco enfeitam o vidro. Isso me lembra do enterro de Metias, meu vestido branco, o traje completo de Thomas, impecavelmente branco, os lilases brancos e os tapetes brancos.

O trem ganha velocidade. Debruço-me na janela até que meu rosto quase toca no vidro frio. Presto atenção silenciosamente à medida que nos acercamos da gigantesca muralha ameaçadora que cerca Denver. Mesmo na escuridão, consigo ver os túneis escavados na muralha; alguns estão completamente vedados com sólidos portões metálicos, enquanto outros permanecem abertos para que as cargas noturnas possam atravessá-los. Nosso trem se move rapidamente num dos túneis – acho que os trens que saem da capital não precisam parar para inspeção, especialmente se o Eleitor os aprovou. Quando deixamos a enorme muralha para trás, vejo um trem parar para ser inspecionado num posto de controle.

Nós continuamos e vamos desaparecendo na noite. Os arranha-céus dos bairros das favelas, desgastados pela chuva, passam correndo pelas janelas, uma visão agora familiar de como vivem as pessoas nos arredores de uma cidade. Estou muito cansada para prestar atenção nos detalhes. Relembro o que Anden me disse ontem à noite, o que me leva de volta ao problema incessante de como prevenir Anden e manter Day a salvo ao mesmo tempo. Os

Patriotas saberão que os traí, se eu revelar a Anden a verdadeira trama do assassinato antes da hora. Preciso cronometrar meus passos de modo que quaisquer desvios do plano aconteçam logo antes do homicídio, quando eu puder chegar ao Day facilmente.

Gostaria de poder contar ao Anden agora. Contar-lhe tudo e acabar logo com isso. Num mundo sem o Day, é isso o que eu faria.

*Em um mundo sem Day, muitas coisas seriam diferentes.* Penso nos pesadelos que venho tendo, no pensamento apavorante de Razor meter uma bala no peito do Day. O anel de cliques de papel continua no meu dedo.

De novo, levanto dois dedos e os levo até a testa. Se o Day não viu meu primeiro sinal, espero que veja este. Os guardas não acham que eu esteja fazendo alguma coisa incomum; parece que estou apenas descansando a cabeça. O vagão do trem balança para um lado e me deixa tonta. Talvez este resfriado que está chegando – isto é, se for mesmo um resfriado e não uma coisa mais séria – esteja começando a afetar meu raciocínio. Ainda assim, não solicito um médico nem remédios. Remédios inibem o sistema imunológico, por isso sempre preferi lutar contra doenças por conta própria (para desespero do meu irmão).

Por que será que tantos pensamentos me levam até Metias?

Uma voz irritada de homem me distrai. Dou as costas para a janela. Parece a voz de um homem de idade. Eu me endireito na cadeira e vejo dois vultos vindo em minha direção através da janela minúscula da porta do vagão. Uma voz é do homem que acabei de ouvir, um sujeito baixo com gordura em torno dos quadris, barba grisalha desmazelada e nariz pequeno e protuberante. O outro é Anden. Esforço-me para ouvir o que estão falando; a princípio, tudo que consigo distinguir são indícios entrecortados do que estão conversando, mas suas palavras ficam mais ásperas à medida que se aproximam do meu vagão.

– Primeiro Eleitor, por favor! Estou dizendo isso para seu próprio bem. Atos de rebelião devem ser castigados severamente. Se o

senhor não reagir de modo adequado, é apenas uma questão de tempo até que tudo se transforme num levante!

Anden escuta pacientemente, com as mãos atrás das costas e a cabeça inclinada para baixo, na direção do homem.

– Obrigado por sua preocupação, senador Kamion, mas já tomei minha decisão. Não é hora de enfrentarmos a inquietação em Los Angeles com forças militares.

Minhas orelhas se aguçam ao ouvir isso. O homem mais velho abre os braços, num gesto de irritação.

– Faça o povo entrar na linha. O senhor precisa agir *agora*. Demonstre sua força.

Anden sacode a cabeça.

– Senador, isso vai deixar o povo ainda mais tenso. Usar a força fatal antes que eu tenha a oportunidade de divulgar todas as mudanças que tenho em mente? De maneira alguma. Não vou ordenar nenhuma ação militar. *Essa é a minha vontade.*

O senador coça a barba, irritado, e põe uma das mãos no cotovelo de Anden.

– O público não está de braços abertos para você, e sua leniência vai parecer fraqueza, não só externa, mas também internamente. Os administradores da Prova de LA estão reclamando da sua falta de reação; os protestos os forçaram a cancelar vários dias de exames.

A boca de Anden se estreita numa linha severa.

– Acredito que o senhor esteja a par da minha opinião sobre as Provas.

– Estou – replica, em tom sério, o senador. – Essa é uma discussão para outra hora, mas, se o senhor não emitir ordens que nos permitam deter o tumulto, posso lhe garantir que vai receber reprimendas do Senado e das patrulhas de Los Angeles.

Anden ergue uma sobrancelha para ele.

– É mesmo? Lamento. Eu tinha a impressão de que nosso Senado e nossas forças armadas entendiam exatamente o *peso* das minhas palavras.

O senador seca o suor da testa e diz:

– Bem, isso... é claro que o Senado vai se curvar aos seus desejos, senhor, eu só quis dizer... bem...

– Ajude-me a convencer os outros senadores de que esta é a hora errada para investir contra o povo. – Anden se cala, encara o homem e lhe dá um tapinha no ombro. – Não quero fazer inimigos no Congresso, senador. Quero que seus companheiros e o tribunal nacional respeitem minhas decisões, da mesma forma que agiram em relação às tomadas pelo meu pai. Usar a força fatal para debelar os rebeldes só incitará mais raiva contra o Estado.

– Mas, senhor...

– Terminaremos essa discussão depois. Estou cansado.

Embora sua resposta seja abafada pelas portas entre nós, posso sentir a frieza das suas palavras.

O senador resmunga alguma coisa e faz uma reverência. Quando Anden assente com a cabeça, o homem dá meia-volta e sai apressadamente. Anden o observa se afastar e depois abre a porta do meu vagão. Os guardas batem continência. Nós nos cumprimentamos a distância.

– Vim transmitir as condições de sua soltura, June.

Anden se dirige a mim com uma formalidade distante, talvez por conta da ácida conversa que tivera com o senador. O beijo que ele me deu na noite anterior parece uma alucinação. Ainda assim, vê-lo me dá uma estranha sensação de consolo, e acabo à vontade na minha cadeira, como se estivesse na companhia de um velho amigo.

– Ontem à noite fomos informados de que houve *mesmo* um ataque em Lamar. Um trem foi destruído numa explosão, o trem em que eu deveria estar. Não sei quem é o responsável, e não conseguimos prender os infratores, mas supomos que foram os Patriotas. Temos equipes à procura deles neste momento.

– Fico satisfeita por ter sido útil, senhor – digo. Minhas mãos se apertam no meu colo e me lembram a luxuosa maciez das minhas luvas. Será que devo mesmo me sentir tão a salvo e segura neste

vagão ferroviário de elite, enquanto Day está provavelmente fugindo com os Patriotas?

– Se conseguir lembrar-se de outros detalhes, srta. Iparis, por favor, sinta-se à vontade para partilhá-los comigo. Você está de volta à República, é uma de nós, e lhe dou minha palavra de que não tem nada a temer. Quando chegarmos a Pierra, sua folha pregressa será zerada. Eu pessoalmente providenciarei para que você seja reintegrada a seu posto anterior. Porém, você será designada para outra patrulha metropolitana. – Anden põe uma das mãos nos lábios e pigarreja. – Recomendei que você passe a trabalhar em uma equipe de Denver.

– Obrigada – respondo. Anden está caindo direitinho na armadilha dos Patriotas.

– Alguns senadores acham que temos sido generosos demais, mas todos concordam que você é nossa maior esperança de rastrear os líderes dos Patriotas. – Anden se aproxima e se senta ao meu lado. – Estou certo de que eles vão tentar de novo e quero que você lidere meus soldados para interceptar futuras tentativas.

– O senhor é muito generoso, Primeiro Eleitor. Sinto-me honrada – respondo, e abaixo a cabeça, numa meia reverência. – Se não se importar que eu pergunte, meu cachorro também vai ser perdoado?

Anden sorri.

– Seu cão está sendo tratado na capital e estará à sua espera quando a senhorita chegar.

Encaro fixamente os olhos de Anden; as pupilas estão dilatadas, e suas bochechas, ligeiramente rosadas.

– Entendo bem por que o Senado está insatisfeito com a sua leniência, mas é verdade que ninguém saberá protegê-lo melhor do que eu. – Preciso de um minuto a sós com ele. – Mas deve existir outra razão para ser tão generoso comigo, ou estou errada?

Anden engole em seco e olha para seu próprio retrato na parede. Meus olhos se fixam rapidamente nos guardas junto às portas do vagão do trem. Como se soubesse o que estou pensando, Anden

gesticula para que os soldados saiam e aponta para as câmeras no vagão. Os soldados vão embora, e um momento depois as luzes vermelhas das câmeras piscam e se apagam. Pela primeira vez, estamos realmente sozinhos.

– A verdade é que você se tornou  *muito* popular com o público. Se correr a notícia de que a prodígio mais talentosa do país está sendo condenada por traição, ou mesmo que ela foi rebaixada de posto por deslealdade... Bem, você deve entender que isso refletiria muito mal na República. E em mim. Até o Congresso sabe disso.

Minhas mãos se crispam e se abrigam no meu colo.

– Ao que parece, você e os senadores de seu pai têm códigos morais bem diferentes – digo, refletindo sobre a conversa que acabara de ouvir entre Anden e o senador Kamion.

– Para dizer o mínimo... – desabafa, com um sorriso amargo.

– Eu não sabia que o senhor condenava tanto assim as Provas. Anden assente.

Não parece surpreso por eu ter entreouvido a conversa.

– As Provas são uma forma obsoleta de escolher os melhores e mais brilhantes cérebros de nosso país.

É estranho ouvir isso da boca do Primeiro Eleitor.

– Por que o Senado insiste tanto na realização delas? Qual é o investimento deles nas Provas?

Anden dá de ombros.

– É uma longa história. No início, quando a República as implementou, elas eram... meio diferentes do que são hoje.

Eu me inclino para a frente. Nunca escutei nenhuma história sobre a República que não fosse filtrada pela diretoria dos colégios ou pelos sistemas de mensagens públicas, e agora o próprio Primeiro Eleitor vai me contar uma delas.

– Elas eram diferentes de que forma? – pergunto.

– Meu pai era... muito carismático. – Anden parece estar meio na defensiva.

Resposta esquisita. Digo então, tomando cuidado para parecer neutra:

– Tenho certeza de que ele tinha suas próprias convicções.

Anden cruza as pernas e encosta-se à cadeira.

– Não gosto do país em que a República se transformou – diz ele, pronunciando cada palavra lenta e pensativamente –, mas não posso fingir que não sei por que as coisas estão como estão. Meu pai tinha suas razões para fazer o que fez.

Franzo a testa. Sua frase é intrigante. Ele não havia acabado de dizer que desaprovava a ofensiva militar contra os amotinados?

– Como assim?

Anden abre e fecha a boca, como se estivesse tentando encontrar as palavras adequadas.

– Antes de meu pai se tornar o Primeiro Eleitor, as Provas eram voluntárias. – Ele para ao me ouvir sustar a respiração. – Pouca gente sabe disso; foi há muito tempo.

*As Provas eram voluntárias.* Nunca ouvi falar nisso.

– Por que ele mudou o sistema?

– Como eu já disse, é uma longa história. A maioria das pessoas nunca vai saber a verdade sobre a formação da República, e isso é bem fundamentado. – Ele passa uma das mãos no cabelo ondulado, depois encosta um cotovelo no parapeito da janela e me pergunta: – Você quer saber?

Que pergunta mais retórica!

Sob as palavras de Anden detecto certa solidão. Nunca havia pensado nisso, mas agora me dou conta de que eu talvez seja a única pessoa com quem ele já tenha se aberto. Inclino-me para a frente, faço um sinal positivo com a cabeça e espero que ele continue:

– Originalmente, a República foi constituída no meio da pior crise que a América do Norte, o mundo inteiro, por sinal, já havia vivenciado. Inundações tinham destruído o litoral leste da América, e milhões de pessoas daquela região estavam se dirigindo para o

oeste. Nenhum de nossos estados tinha capacidade para recebê-las. Não havia empregos, comida ou abrigos. O país enlouqueceu de medo e pânico. Os protestos saíram do controle. Os manifestantes arrancavam soldados, policiais e pacificadores de seus carros, depois os espancavam até a morte ou os queimavam vivos. Todas as lojas foram saqueadas, todas as vitrines quebradas. – Ele respira fundo. – O governo federal tentou ao máximo manter a ordem, mas uma calamidade após a outra impossibilitou que isso ocorresse. As autoridades não tinham dinheiro para lidar com todas as crises, e o resultado foi uma anarquia total.

Houve um período em que a República não exercia controle sobre o povo? Impossível. Tive dificuldade em imaginar isso, até perceber que Anden poderia estar se referindo ao governo dos antigos Estados Unidos.

– Então nosso Primeiro Eleitor assumiu o poder. Ele era um jovem oficial das forças militares, apenas alguns anos mais velho do que sou agora, e ambicioso o bastante para conquistar o apoio das tropas insatisfeitas do oeste. Ele declarou que a República era um país separado, dissidente da União, e impôs a lei marcial ao oeste. Os soldados podiam atirar à vontade, e depois de ver seus companheiros torturados e mortos nas ruas, não tiveram dúvida na hora de aproveitar ao máximo seu recém-adquirido poder. Virou um *nós contra eles*, isto é, os militares contra o povo. – Anden olha para seus mocassins reluzentes, aparentemente envergonhado. – Muitas pessoas foram mortas antes que os militares conseguissem tomar posse do controle da República.

Não posso deixar de me perguntar que Metias teria pensado disso. Ou meus pais. Teriam aprovado? Teriam obrigado a haver ordem em pleno caos, daquela maneira?

– E as Colônias? – pergunto. – Elas se aproveitaram disso tudo?

– Na época, a metade ao leste da América do Norte estava ainda pior. Metade de suas terras estava debaixo d'água. Quando o Primeiro Eleitor da República fechou as fronteiras, o povo de lá ficou



sem ter para onde ir, por isso declarou guerra contra nós. – Anden se apruma. – Depois de tudo isso, o Primeiro Eleitor se comprometeu a jamais permitir que a República desmoronasse dessa forma, por isso ele e o Senado concederam aos militares um nível inédito de poder que dura até hoje. Meu pai e os Eleitores que o precederam garantiram que tudo permanecesse dessa forma.

Ele balança a cabeça e esfrega o rosto com as mãos antes de continuar:

– O objetivo das Provas era incentivar o trabalho duro e o atletismo, para produzir mais pessoas com qualidades para serem militares, e isso foi feito. Mas as Provas foram também usadas para extirpar os fracos e os rebeldes. E, gradativamente, foram também usadas para controlar o excesso de população.

Os fracos e os rebeldes. Estremeço. Day se encaixava na segunda categoria.

– Isso quer dizer que você sabe o que acontece com as crianças que são reprovadas na Prova? Eles fizeram isso para reduzir a população?

– Sim. – E hesita antes de prosseguir com a explicação: – No começo, as Provas faziam sentido. Elas visavam atrair os melhores e mais aptos a entrarem para as forças armadas. Com o passar do tempo, acabaram sendo aplicadas em todos os colégios. Mas isso não foi suficiente para meu pai... Ele queria que só os melhores sobrevivessem. Quaisquer outros eram, sinceramente, considerados um desperdício de espaço e recursos. Meu pai sempre me dizia que as Provas eram absolutamente necessárias para que a República prosperasse. E recebeu muito apoio do Senado ao tornar obrigatórios os exames, especialmente depois que começamos a vencer mais batalhas graças a eles.

Minhas mãos começam a ficar dormentes. Pergunto baixinho:

– Você acha mesmo que as políticas do seu pai funcionaram?

Anden abaixa a cabeça, tentando encontrar as palavras apropriadas.

– Como posso responder a isso? As políticas do meu pai *funcionaram*. As Provas *fortaleceram* nossas tropas. Mas será que isso classifica como *certo* o que ele fez? Penso nisso o tempo todo.

Mordo o lábio e, de repente, compreendo a confusão que Anden deve sentir, porque o amor que sente pelo pai bate de frente com o que ele acredita ser agora o melhor para a República.

– O *certo* é relativo, não é? – pergunto.

Anden concorda com a cabeça e acrescenta:

– Sob alguns aspectos, não importa por que tudo começou, ou se alguma vez foi a coisa certa a fazer. O que importa é que, com o passar do tempo, as leis evoluíram e se desvirtuaram. As coisas mudaram. A princípio, as crianças não eram submetidas às Provas, e nem as Provas favoreciam os ricos. As pragas... – Ele vacila ao pronunciar essas palavras e depois muda completamente de assunto. – O povo está zangado, mas o Senado receia mudar coisas que poderiam fazer com que o governo voltasse a perder o controle de novo. E, para os senadores, as Provas são uma forma de reforçar o poder da República.

Há uma profunda tristeza no rosto de Anden. Compreendo a vergonha que ele sente por fazer parte desse legado.

– Lamento – digo em voz baixa.

Sinto o impulso de tocar na mão dele, de poder consolá-lo de alguma forma.

Os lábios de Anden formam um sorriso hesitante. Vejo claramente seu desejo, sua perigosa vulnerabilidade, a intensidade com que ele me deseja. Se alguma vez duvidei disso, agora tenho certeza. Fico rapidamente de costas, na esperança de que, ao contemplar a paisagem nevada lá fora, possa talvez amenizar o rubor de meu rosto.

– Diga-me uma coisa... – murmura ele. – O que você faria se estivesse no meu lugar? Como Primeira Eleitora da República, qual seria seu primeiro ato?

– Conquistar o apoio do povo – respondo sem hesitação. – O Senado não teria nenhum poder sobre você, se a população pudesse ameaçar os senadores com uma revolução. Você precisa que as pessoas o apoiem, e elas precisam de um líder.

Anden se acomoda em seu assento; parte da tépida luz do vagão incide sobre o casaco dele e delinea seu vulto em dourado. Alguma coisa em nossa conversa fez brotar uma ideia dentro dele, algo que ele talvez estivesse acalentando há tempos.

– Você seria uma ótima senadora, June – diz ele. – Seria uma ótima aliada para seu Primeiro Eleitor, e o povo adora você.

Minha mente começa a rodopiar. Eu *poderia* ficar aqui na República e ajudar Anden. E me tornar senadora quando tivesse idade suficiente. Reaver minha vida. Deixar Day para trás junto com os Patriotas. Sei que essa ideia é muito egoísta, mas não consigo abandoná-la. *Afinal de contas, o que há de tão errado em ser egoísta?* Reflito amargamente. Eu poderia contar agora mesmo ao Anden tudo sobre os planos dos Patriotas, sem me importar se os Patriotas vão ficar sabendo ou se vão machucar Day por causa disso, e voltar a viver uma vida segura de uma garota rica, como uma funcionária da elite do governo. Eu poderia homenagear a memória do meu irmão ao mudar lentamente o país agindo dentro do sistema. Eu poderia mesmo fazer isso, não?

Que horror! Ignoro essa fantasia soturna. A ideia de deixar Day para trás dessa maneira, de traí-lo tão completamente, de nunca mais abraçá-lo, de *jamais voltar a vê-lo* me faz cerrar os dentes de tanto sofrimento. Fecho os olhos por um instante e sinto suas mãos gentis e calejadas, sua ferocidade apaixonada. Não, eu jamais poderia abandoná-lo. Sei disso agora com tanta certeza que chego a ficar assustada. Depois de tudo que sacrificamos, é evidente que merecemos uma vida – ou *alguma coisa* – juntos, quando tudo isso acabar. Talvez fugir para as Colônias ou reconstruir a República... Anden quer a ajuda de Day; nós podemos todos trabalhar juntos. Como eu poderia suportar dar as costas a quem representa para

mim uma luz no fim do túnel? *Preciso encontrá-lo. Preciso contar tudo a Day.*

Mas não devo me precipitar. Preciso primeiro encontrar a melhor maneira de contar a verdade a Anden, agora que estamos finalmente sozinhos. Não há muita coisa que eu possa dizer sem correr o risco de colocar tudo a perder. Se contar muita coisa, ele pode fazer algo que alerte os Patriotas. Ainda assim, resolvo fazer um esforço. No mínimo, preciso fazer com que ele confie cegamente em mim. Preciso que ele me apoie quando eu sabotar os planos dos Patriotas.

– Você confia em mim?

Desta vez, coloco minha mão sobre a dele.

Anden se enrijece, mas não se afasta. Seus olhos examinam o meu rosto, talvez se perguntando no que estava pensando quando fechei os olhos.

– Talvez eu devesse lhe fazer a mesma pergunta – responde ele, com um sorriso hesitante.

Nós dois estamos falando sobre duas coisas distintas. Os segredos que compartilhamos e os que deixamos de compartilhar.

Faço um sinal afirmativo com a cabeça, esperando que ele leve minhas palavras a sério.

– Faça exatamente o que eu disser quando chegarmos a Pierra. Promete? *Exatamente* o que eu disser.

Ele inclina a cabeça; suas sobrancelhas estão franzidas, demonstrando perplexidade. Ele dá de ombros e concorda com a cabeça. Parece compreender que estou tentando lhe dizer algo, sem dizê-lo em voz alta. Quando chegar a hora de os Patriotas agirem, espero que Anden se recorde de sua promessa.



# DAY

Eu, Pascao e os outros corredores passamos metade do dia na superfície, depois do ataque ao trem. Amontoados em becos ou em cima de telhados abandonados, driblando os soldados que vasculham as ruas perto da estação. Só quando o sol começa a se pôr, podemos finalmente voltar, um de cada vez, para o quartel subterrâneo dos Patriotas.

Pascao e eu não falamos sobre o que aconteceu perto do trem. Jordan, a tímida corredora com tranças ruivas, pergunta duas vezes se estou bem. Eu apenas encolho os ombros.

Pois é, alguma coisa está errada, sim. *Esse* é o eufemismo do ano.

Quando chegamos ao quartel, todos estão se preparando para partir para Pierra: alguns estão destruindo documentos, enquanto outros estão deletando dados dos computadores. A voz de Pascao é uma distração bem-vinda.

– Bom trabalho, Day – diz ele. Está sentado a uma mesa encostada na parede dos fundos do abrigo. Abre a lateral da jaqueta onde escondeu dúzias de granadas compactas roubadas do trem. Cautelosamente, amontoa cada uma delas em uma caixa abarrotada de engradados vazios de ovos. – Dá só uma olhadinha. – Ele aponta para um monitor na extremidade à direita da parede dos fundos. A tela mostra a imagem de uma grande praça da cidade, onde um grupo de pessoas se aglomerou ao redor desta palavra grafitada na lateral de um prédio.

Leio o que o povo grafitou na parede do edifício pelo menos três ou quatro vezes: "*Day está vivo!*" Os espectadores gritam alegremente, e alguns estão até segurando cartazes feitos à mão com aquela mesma frase escrita neles.

Se não estivesse tão concentrado no paradeiro de Éden, no sinal misterioso de June e na Tess, eu teria me empolgado ao ver o que incitei.

– Obrigado – respondo, talvez de maneira excessivamente ríspida. – Legal eles terem gostado da confusão.

Pascao cantarola alegremente num sussurro, sem tomar conhecimento do meu tom de voz.

– Vá ver se a Jordan precisa de ajuda.

Enquanto caminho até o corredor, passo por Tess. Baxter está atrás dela. Levo só um segundo para perceber que ele está tentando passar um braço ao redor do pescoço dela e falar alguma coisa em seu ouvido. Tess o empurra quando me vê. Estou abrindo a boca para falar com ela quando Baxter me dá um encontrão forte no ombro, forte o bastante para me obrigar a recuar uns dois passos e fazer meu quepe cair. Meu cabelo se solta.

Baxter dá um risinho de deboche para mim. A tira preta de soldado lhe obscurece a maior parte do rosto.

– Dá um tempo, cara! – exclama ele. – *Tá* pensando que é dono desse lugar?

Cerro os dentes, mas os olhos arregalados de Tess me detêm. Digo a mim mesmo: *Ele não vale a pena.*

– Sai logo da minha frente! – digo ríspidamente e dou as costas.

Atrás de mim ouço Baxter resmungar algo baixinho, o que basta para eu parar e o encarar de novo. Meus olhos se estreitam.

– *Repete* o que você disse.

Ele sorri de orelha a orelha, enfia as mãos nos bolsos e levanta o queixo.

– Perguntei se você está com ciúme porque o Primeiro Eleitor está comendo sua garota.

Quase consigo engolir a provocação. Quase. Mas Tess intervém e empurra Baxter com as duas mãos.

– Deixa Day em paz, falou? Ele teve uma noite difícil.

Baxter grunhe alguma coisa, irritado.

– Você é uma idiota por acreditar nesse adorador da República, garotinha. – fala ele, dando um empurrão na Tess.

Minha ira vem à tona. Nunca fui de briga. Sempre tentei me manter longe delas nas ruas de Lake, mas toda a raiva que estava se acumulando dentro de mim me faz perder a cabeça quando vejo Baxter tocar em Tess.

Eu me arremesso para a frente e soco o queixo dele o mais forte que posso.

Ele desaba em uma das mesas e depois cai no chão. No mesmo instante, as pessoas próximas explodem em berros e gritos, formando um círculo em volta de nós dois. Antes que Baxter possa ficar de pé, salto em cima dele, e meu punho acerta seu rosto duas vezes.

Ele emite um grunhido. De repente, o peso dele o ajuda a assumir o controle da luta. Ele me empurra com tanta força que me atira na lateral de uma mesa de computador, depois me levanta com um puxão, agarra minha jaqueta e me lança contra a parede. Baxter me ergue do chão, depois solta meu corpo e me dá um soco tão forte no estômago que fico sem ar.

– Você *não* é um de nós, você *tá* do lado *deles* – retruca ele. – Você se desviou da nossa missão no trem de propósito? – Sinto um joelho atingir a lateral do meu corpo. – Cara, eu vou matar você, seu traidor desgraçado! Vou esfolar você vivo!

Estou furioso demais para sentir a dor. Consigo erguer uma perna e chutá-lo no peito o mais forte possível. Pelo canto do olho reparo que alguns Patriotas estão apostando em quem vencerá essa luta. Um duelo improvisado de Skiz. Por um instante, Baxter me faz lembrar de Thomas, e de repente tudo que vejo é minha antiga rua em Lake, com Thomas apontando a arma para minha mãe e soldados arrastando John para um jipe que os esperava. Amarrando Éden com tiras numa daquelas macas metálicas de laboratório. Prendendo June. Machucando Tess. Sinto a raiva tingir meus olhos

de vermelho. Eu me arremesso de novo contra ele, com um gancho de direita.

Mas Baxter está pronto para mim. Ele golpeia meu braço e joga todo o seu peso contra mim. Minhas costas batem com violência no chão. Baxter dá um largo sorriso, prende meu pescoço com uma das mãos e se prepara para socar meu rosto. Abruptamente, ele me solta. Respiro fundo quando seu corpo pesado sai de cima do meu peito e aperto a cabeça quando sinto começar uma das minhas fortes dores de cabeça. Em algum lugar acima de mim, ouço a voz de Tess, e Pascao gritando para Baxter parar com aquilo. Todos falam ao mesmo tempo. *Um... dois... três.* Conto números mentalmente, esperando que esse pequeno exercício tire o foco da dor. Antigamente, era muito mais fácil combater essas enxaquecas. Talvez Baxter tenha batido na minha cabeça, e eu nem tenha me dado conta.

– Você está bem? – As mãos de Tess estão no meu braço, me puxando para eu me levantar.

Ainda estou tonto com a dor da minha enxaqueca, mas a raiva passou. De repente sinto meu rosto ardendo, dolorido.

– Estou ótimo – respondo, com voz rouca, examinando o rosto dela. – Ele machucou você?

Baxter me olha furioso de onde Pascao está tentando acalmá-lo. Os que estavam ao nosso redor já voltaram ao que faziam, provavelmente desapontados porque a luta não durou mais tempo. Eu me pergunto quem eles decidiram que foi o vencedor.

– Eu estou legal – responde Tess. Ela passa a mão rapidamente pelo cabelo curto. – Não se preocupe.

– Tess! – grita Pascao. – Veja se o Day precisa de algum curativo. Temos um cronograma a seguir.

Tess me conduz pelo corredor, fora da sala comunitária. Entramos em um dos cômodos do bunker, que foi transformado em um hospital temporário, e fechamos a porta. Estamos rodeados por prateleiras empilhadas até o alto com um sortimento de vidros de



comprimidos e caixas de ataduras. No meio da sala há uma mesa, que só deixa um pequeno espaço para as pessoas se movimentarem. Eu me acomodo na mesa enquanto Tess enrola as mangas. Ela pergunta:

– Você está com dor em algum lugar?

– Estou ótimo – repito, mas no momento em que digo isso estremeço e seguro o lado do corpo –, isto é, talvez eu esteja meio estropiado.

– Deixa eu ver – diz Tess, firmemente. Ela põe minha mão de lado e desabotoa minha camisa. Tess já me viu sem camisa antes (já perdi a conta de quantas vezes ela fez curativos em mim), mas agora há um visível constrangimento entre nós. Suas bochechas ficam quase vermelhas quando ela passa a mão no meu peito e depois no estômago, e apalpa as laterais do meu corpo.

Respiro fundo quando ela toca num local sensível.

– Foi bem aí que o joelho dele me atingiu.

Tess analisa meu rosto.

– Está com vontade de vomitar?

– Não.

– Você não devia ter feito aquilo – diz ela, enquanto age. – Diga “aa!” – Abro a boca. Ela toca o meu nariz com um lenço de papel, inspeciona minhas orelhas e depois sai rapidamente.

Volta alguns segundos depois com uma bolsa de gelo.

– Coloque isto aqui no local que está doendo.

Faço o que ela me diz.

– Você se tornou uma profissional.

– Aprendi muito com os Patriotas.

Quando ela termina de examinar meu peito para finalmente olhar nos meus olhos, ela sustenta meu olhar com o dela.

– O Baxter não gosta da sua... atração por uma garota ex-militar da República – resmunga ela. – Mas não deixe que ele mexa com você daquele jeito, tá bem? Não faz sentido morrer por bobagem.

Lembro o braço de Baxter ao redor do pescoço de Tess; perco a calma de novo e, subitamente, sinto necessidade de proteger Tess da maneira como fazia quando vivíamos nas ruas.

– Ei, amiga! – digo suavemente. – Mil desculpas pelo que eu disse. Sobre... você sabe.

Tess enrubesce ainda mais.

Luto para encontrar as palavras certas.

– Você não precisa que eu tome conta de você – digo, com um riso constrangido, e toco no nariz dela com a ponta do dedo. – Isto é, você já deve ter se preocupado comigo umas mil vezes. Sempre precisei mais da sua ajuda do que você da minha.

Tess se aproxima de mim e baixa os olhos timidamente; esse gesto me faz esquecer meus problemas. Às vezes, esqueço como é legal a dedicação constante de Tess; ela é uma rocha na qual posso me apoiar, mesmo nas horas mais difíceis. Embora nossos dias em Lake tenham sido uma constante luta por sobrevivência, hoje eles parecem tão mais simples. Desejo poder voltar àquele tempo, dividindo migalhas de comida e qualquer outra coisa que conseguíssemos encontrar. Se June estivesse aqui, o que teria acontecido? Ela provavelmente também teria atacado Baxter e se saído muito melhor do que eu, em todas as outras coisas também. Ela não teria precisado de mim.

A mão de Tess permanece no meu peito, embora ela já não esteja procurando ferimentos. Eu me dou conta de como ela está perto. Seus olhos grandes e castanhos vagueiam até encontrar os meus. Ao contrário dos de June, são muito fáceis de interpretar. A imagem de June beijando o Primeiro Eleitor volta a surgir na minha cabeça, o que faz meu estômago se contorcer. Antes que eu possa pensar sobre outra coisa, Tess se inclina e comprime os lábios contra os meus. Minha mente fica vazia, completamente atônita. Um rápido frêmito percorre meu corpo.

Entorpecido, deixo que ela continue.

Depois, eu me afasto bruscamente. Minhas mãos suam frio. Que foi *aquilo*? Eu devia ter imaginado que isso aconteceria e deveria ter impedido Tess imediatamente. Ponho as mãos nos ombros dela. Quando vejo a mágoa que seus olhos expressam, compreendo o tamanho do meu erro.

– Não posso, Tess.

– Por quê? Você está casado com a June, por acaso?

– Não, mas é que... – Minhas palavras hesitam, tristes e impotentes. – Desculpe, eu não devia ter feito isso, pelo menos, não agora.

– O que você me diz do fato de June estar *beijando* o Primeiro Eleitor? O que você acha disso? Você vai mesmo ser fiel a uma pessoa que nem sua é?

June, sempre June. Eu a odeio por um instante e me pergunto se tudo teria sido melhor se nós nunca tivéssemos nos conhecido.

– Isso não tem nada a ver com a June. Ela está apenas desempenhando um papel, Tess. – Afasto-me até estarmos a um palmo de distância um do outro. – Ainda não consegui entender direito esse lance que está rolando entre a gente. Você é minha melhor amiga; não quero enganar você quando nem eu sei o que estou fazendo.

Tess ergue as mãos, indignada.

– Você sai beijando qualquer garota da rua sem pensar duas vezes, mas quando é comigo...

– Você não é qualquer garota da rua – retruco. – Você é a Tess.

Seu olhar reluz de tanta raiva, e ela expressa sua frustração mordendo o lábio com tanta força que sangra.

– Eu não entendo você, Day. – Todas as palavras me atingem com força calculada. – Eu não entendo mesmo, mas, mesmo assim, vou tentar ajudá-lo. Você não percebe mesmo como a sua preciosa June mudou sua vida?

Fecho os olhos e pressiono as duas mãos nas têmporas.

– Pare.

– Você acha que está apaixonado por uma garota que conhece há menos de um mês, uma garota que... que é responsável *pela morte da sua mãe e pela morte de John?*

Ecoss do que ela disse no meu quarto.

– Que droga, Tess! Não foi culpa dela...

– *Não foi?* – diz Tess, irada. – Day, *atiraram na sua mãe por causa da June!* E você age como se a *amasse?* Eu sempre ajudei você, tenho estado ao seu lado desde que nos conhecemos. Você acha que estou sendo infantil? Bem, não estou nem aí. Eu nunca disse uma palavra sobre as outras garotas com quem você andava, mas não posso aguentar ver você escolher uma garota que só faz magoar você. A June alguma vez ao menos pediu desculpas pelo que aconteceu, ela precisou se esforçar para ter o seu perdão? Qual é o seu problema, cara?

Em resposta ao meu silêncio, ela põe a mão no meu braço e fala com mais calma agora:

– Você a ama? Ela ama você?

Se eu a *amo?* Eu disse isso a ela naquele banheiro em Vegas e fui sincero. *Ela não disse que me amava também.* Talvez ela nunca tenha sentido o mesmo que eu; se duvidar, só estou me iludindo.

– Eu não sei, tá satisfeita? – Minhas palavras soam mais raivosas do que o necessário.

Tess está tremendo. Ela faz um sinal afirmativo com a cabeça, silenciosamente tira a bolsa de gelo da lateral do meu corpo e abotoa minha camisa. O abismo entre nós aumenta. Eu me pergunto se algum dia vou conseguir alcançar o outro lado novamente.

– Você não tem nada grave – afirma num tom monótono ao virar as costas para mim. Para em frente à porta e, ainda de costas, diz: – Confie em mim, Day. Estou falando isso para o seu bem. June ainda vai partir seu coração. Ela vai despedaçar você em um milhão de pedaços.

# JUNE

## **TRIBUNAL DE OLAN, EM PIERRA EM TORNO DE 9H. 2°C DO LADO DE FORA.**

Finalmente chegou o dia do assassinato de Anden, e tenho três horas antes de os Patriotas agirem.

Na noite da véspera, recebi mais uma visita daquela soldado que me dera a mensagem anterior dos Patriotas. Estou deitada, sem conseguir pregar o olho, e ela sussurra no meu ouvido:

– Bom trabalho. Amanhã você vai ser perdoada pelo Eleitor e os senadores, e eles vão libertá-la no Tribunal de Olan, em Pierra. Agora, preste atenção: quando tudo tiver terminado no tribunal, os jipes do Primeiro Eleitor levarão todos vocês até as instalações militares de Pierra. Os Patriotas estarão esperando ao longo dessa rota.

A militar parou, para ver se eu tinha alguma pergunta, mas continuei olhando direto para a frente. De qualquer forma, sei exatamente o que os Patriotas querem que eu faça: que separe Anden de seus guardas. Quando ele estiver praticamente sozinho, os Patriotas o arrastarão para fora do seu jipe e o matarão a tiros. Vão filmar e gravar o episódio, e depois divulgá-lo para a República inteira, usando os alto-falantes e os telões sabotados da Capital Tower, em Denver.

Como eu não disse nada, a soldado pigarreou e continuou, com voz apressada:

– Fique atenta para uma explosão na rodovia. Quando você a escutar, faça com que Anden mande seu comboio tomar outro caminho. Certifique-se de separar o Primeiro Eleitor dos guardas dele; diga-lhe para confiar em você. Se você tiver feito seu trabalho

direito, ele vai seguir suas orientações. – A moça deu um breve sorriso. – Quando Anden estiver separado dos outros jipes, o resto é por nossa conta.

Passei o resto da noite pensando em mil coisas ao mesmo tempo.

Agora, enquanto sou levada para o edifício do tribunal de justiça, examino os topos dos telhados e os becos dos outros prédios na rua, prestando atenção nos olhos dos Patriotas, perguntando-me se dois deles são azuis brilhantes. Day deve estar entre os Patriotas que se encontram aqui hoje. Dentro das minhas luvas pretas, minhas mãos estão suando frio. Mesmo que ele tenha visto meu sinal, será que entendeu o que eu quis dizer? Saberá que precisa largar o que está fazendo e fugir?

À medida que me dirijo à grande entrada em arco da sala do tribunal, memorizo, por puro hábito, os nomes das ruas e dos locais: onde fica a principal base militar, onde o hospital de Pierra surge a distância. Acho que posso perceber os Patriotas se posicionando. Há uma imobilidade no ar, muito embora os edifícios estejam abarrotados de gente e as ruas sejam estreitas; soldados e civis – a maioria deles pobre e designada para atender às tropas – movem-se nas ruas, afobados. Alguns dos soldados uniformizados ficam olhando para nós mais do que o necessário. Eu os observo cuidadosamente. Deve haver Patriotas nos vigiando. Mesmo dentro do edifício, está frio o bastante para minha respiração formar pequenas nuvens, e tremo sem parar. (O pé-direito tem pelo menos seis metros de altura, e os pisos são de madeira sintética envernizada – a julgar pelo som das botas sobre eles. Esse material não favorece a retenção de calor no inverno.)

– Isso vai demorar muito tempo? – pergunto a uma dos guardas, quando sou escoltada até meu assento na frente da sala do tribunal. Minhas botas, quentes, de couro à prova d'água, ecoam ruidosamente no piso. Estremeço, apesar do casaco transpassado.

A guarda com quem falei acena negativamente, constrangida.

– Creio que não, srta. Iparis – responde ela, com uma gentileza estudada. – O Eleitor e os senadores estão nas deliberações finais. Provavelmente deve demorar pelo menos mais meia hora.

Isso é muito interessante. Como o próprio Eleitor vai me perdoar hoje, os guardas não sabem direito como se comportar. Escoltar-me como uma criminosa? Ou tratar-me com deferência, como se eu fosse uma agente de alta patente de uma das patrulhas da capital?

A espera se arrasta. Eu estou meio tonta. Deram-me um remédio depois que finalmente comentei com Anden sobre meus sintomas, um pouco mais cedo, mas não ajudou muito. Minha cabeça continua quente, e estou com dificuldade para contar o tempo mentalmente.

Afinal, quando contei vinte e seis minutos (talvez com margem de erro de três ou quatro segundos), Anden aparece vindo das portas na extremidade da sala, com um grupo de autoridades atrás dele. É evidente que nem todos estão felizes; alguns senadores mostram relutância, com as bocas repuxadas em linhas finas. Reconheço o senador Kamion entre eles, o homem com quem Anden havia discutido no trem a caminho daqui. Seu cabelo grisalho está desgrenhado. Vejo também a senadora O'Connor, de quem me lembro por aparecer em algumas manchetes, gorda, com cabelo ruivo e ralo e boca semelhante à de um sapo. Não conheço os demais. Além dos senadores, dois jovens jornalistas ladeiam Anden. Um está com a cabeça baixa, teclando freneticamente num notepad, enquanto o segundo se esforça para manter seu gravador perto o bastante de Anden.

Levanto-me quando eles se aproximam de mim. Os senadores que estavam discutindo entre si ficam em silêncio. Anden faz um sinal com a cabeça para meus guardas e declara:

– June Iparis, o Congresso a perdoou por todos os crimes contra a República, sob a condição de que a senhorita continue a servir à sua nação de acordo com o melhor de sua capacidade. Temos um acordo, srta. Iparis?

Faço um sinal positivo com a cabeça. Mesmo esse pequeno movimento me deixa tonta.

– Sim, senhor Primeiro Eleitor.

O jornalista ao lado de Anden tecla rapidamente nossas palavras. A tela de seu notepad bruxuleia sob os dedos velozes.

Anden percebe minha indiferença. Compreende que meu estado de saúde não melhorou.

– Meus senadores me informaram que a senhorita vai precisar se submeter a um período probatório, durante o qual será *atentamente* vigiada, até todos nós podermos concordar que está pronta para retornar ao serviço. A senhorita será designada para as patrulhas da capital. Vamos discutir a patrulha para a qual a senhorita será designada, depois que nos acomodarmos na base de Pierra hoje à tarde. – Ele ergue as sobrancelhas e se vira para a direita e a esquerda. – Algum comentário, senadores?

Eles permanecem calados. Um deles finalmente fala, com um mal disfarçado sorriso de escárnio.

– Compreenda que a senhorita ainda não está livre de suspeita, agente Iparis. Será vigiada de perto. A senhorita deve considerar nossa decisão um ato de enorme piedade.

– Obrigada, Primeiro Eleitor – respondo, fazendo-lhe uma breve continência. – Obrigada, senadores.

– Obrigado *à senhorita* por toda a sua ajuda – diz Anden, com uma sutil mesura. Mantenho a cabeça baixa, para não ter de encontrar o olhar dele e ver o duplo significado de suas palavras: ele está me agradecendo pela ajuda que eu supostamente lhe prestei e pela ajuda que deseja de Day e de mim.

Em algum lugar lá fora, Day está posicionado com os outros. Esse pensamento me deixa nauseada de ansiedade.

Os soldados começam a escoltar nosso grupo de volta à frente da sala de conferências e em direção a nossos respectivos carros. Dou cada passo devagar e com cuidado, esforçando-me para manter o foco. Não é hora de falhar por causa de doença. Mantenho os olhos



na entrada do salão. Desde nossa viagem de trem, essa é a única das ideias que tive que pode dar certo. Algo que irá atrapalhar o plano dos Patriotas, uma coisa que evitará que sigamos para a base militar de Pierra.

Espero que dê certo. Não posso me dar o luxo de cometer erros.

Faltando uns três metros para chegar às portas, tropeço. No mesmo instante me aprumo e continuo a andar, porém tropeço mais uma vez. Ouço murmúrios dos senadores atrás de mim.

– Qual é o problema?

Anden aparece; seu rosto paira sobre mim. Dois de seus guardas pulam à sua frente, e uma deles diz:

– Senhor Primeiro Eleitor, por favor, recue. Nós nos encarregamos do problema.

– O que aconteceu? – pergunta Anden, primeiro aos soldados e depois a mim. – A senhorita está ferida?

Não é muito difícil fingir que vou desmaiar. O mundo ao meu redor desvanece e depois se anima de novo. Minha cabeça dói. Levanto a cabeça, olho para Anden e me deixo cair no chão.

Ouço exclamações atônitas à minha volta. Depois meus ouvidos se aguçam quando escuto Anden acima delas todas, dizendo exatamente o que eu esperava que ele dissesse.

– Levem-na para o hospital. Imediatamente.

Ele se lembrou do meu último conselho, o que eu lhe disse no trem.

– Mas, senhor Primeiro Eleitor... – protesta a mesma guarda que havia interferido segundos antes.

A voz de Anden assume um tom gélido.

– Está questionando minhas ordens, soldado?

Mãos fortes me ajudam a ficar de pé novamente. Atravessamos as portas e saímos para a luz da manhã nublada. Entrecerro os olhos e examino os arredores, sempre procurando rostos desconfiados. Os guardas me carregando seriam Patriotas disfarçados?

Olho de relance para eles, mas suas expressões estão completamente impassíveis. A adrenalina percorre meu corpo: já tomei uma atitude. Os Patriotas sabem que me desviei do plano, mas não sabem se o fiz intencionalmente. O importante é que o hospital fica em um local oposto ao que leva à base de Pierra, onde nos espreitam os Patriotas. Anden vai me seguir. Os Patriotas não terão tempo de reajustar suas posições.

E se os outros Patriotas tomarem conhecimento disso, Day também tomará. Fecho os olhos e espero que ele chegue ao fim sem fraquejar. Tento mandar-lhe uma mensagem silenciosa. *Fuja! Quando você souber que me desviei do plano, corra o mais rápido possível.*

Um guarda me levanta e me coloca no assento traseiro de um dos jipes que estão à espera. Anden e seus soldados entram no jipe à nossa frente. Os senadores, perplexos e indignados, dirigem-se para seus carros oficiais. Preciso me obrigar a não sorrir quando sento, displicente, espiando pelas janelas. O jipe sai com uma arrancada. Através do para-brisa, vejo o jipe de Anden se afastando do tribunal.

Então, no momento em que começo a me parabenizar pela brilhante execução do meu plano, reparo que os jipes continuam a se dirigir para a base. Não estão indo para o hospital. Minha alegria temporária desaparece e é substituída pelo medo.

Um dos guardas também nota o sentido que os jipes tomaram, e vira-se irritado para o soldado que está dirigindo:

– Ei, motorista! Este caminho está errado. O hospital fica no lado esquerdo da cidade. – Ele suspira. – Alguém me coloque em contato com o motorista do Primeiro Eleitor. Nós...

O motorista o ignora e comprime uma das mãos fortes e nodosas no ouvido para escutar melhor, depois olha de relance para nós, no banco traseiro, com desagrado.

– Negativo. Acabamos de receber ordens para manter o trajeto original. O Comandante DeSoto disse que o Primeiro Eleitor quer

que a srta. Iparis seja levada ao hospital depois.

Fico gelada. Razor deve estar mentindo para o motorista de Anden. Duvido seriamente que Anden desse essa ordem a seus motoristas. Razor vai adiante com o plano; ele vai nos obrigar, de qualquer maneira, a percorrer o caminho pretendido.

Não importa a razão: continuamos a nos dirigir direto para a base de Pierra, isto é, direto para as garras dos Patriotas.



# DAY

Finalmente chegou o dia do assassinato do Eleitor. Ele chega como um furacão avassalador de mudanças, prometendo tudo que estou prevendo e temendo. Prevendo: a morte do Eleitor. Temendo: o sinal de June.

Ou talvez seja ao contrário.

Ainda não sei o que interpretar daquele sinal. Isso me deixa nervoso; se fosse de outra maneira, eu sentiria apenas uma sensação crescente de entusiasmo. Bato, inquieto, no cabo da minha faca. *Tenha cuidado, June.* Esse é o único pensamento seguro que tenho na cabeça. *Tenha cuidado: pelo seu bem e pelo nosso.*

Estou empoleirado precariamente na beira de um parapeito em ruínas, numa antiga fachada de um edifício, a quatro andares de altura e oculto da rua, com duas granadas e uma arma enfiada com segurança no cinto. Como os demais Patriotas, visto uma jaqueta preta da República, de modo que, a distância, pareço um soldado da República. Uma tira preta se estende mais uma vez de um lado a outro dos meus olhos. A única coisa que nos diferencia é uma faixa branca nos braços esquerdos (ao invés de nos direitos). Daqui, posso ver os trilhos de trem que passam ao longo de uma rua próxima, dividindo Pierra pela metade. À minha direita, num pequeno beco a três prédios de distância, fica a entrada para o túnel dos Patriotas em Pierra. Seu *bunker* subterrâneo está vazio agora. Estou sozinho neste prédio abandonado, embora tenha certeza de que Pascao pode me ver do seu ponto de observação num telhado do outro lado da rua. O ruído surdo do meu coração contra minhas costelas pode provavelmente ser ouvido a quilômetros de distância.

Pela centésima vez, começo a pensar sobre por que June quer impedir o assassinato. Terá descoberto alguma coisa que os

Patriotas estão escondendo de mim? Ou será que fez o que Tess antecipou e nos traiu? Livro-me desse pensamento obstinadamente. June jamais faria isso, não depois do que a República fez com o irmão dela.

Talvez June queira impedir o assassinato porque está se apaixonando pelo Eleitor. Fecho os olhos, e a imagem dos dois se beijando me inflama a mente. Impossível. *Será que a June que eu conheço é tão sentimental assim?*

Todos os Patriotas estão em posição – os corredores no telhado, equilibrando explosivos; os hackers a um prédio de distância da entrada do túnel, prontos para filmar e transmitir o assassinato do Eleitor; há combatentes posicionados na extensão da rua abaixo de nós, em indumentária de soldado ou civil, preparados para atacar os guardas do Eleitor. Tess e alguns médicos estão espalhados, prontos para levar os feridos para o túnel. Tess, especificamente, está escondida na viela que beira a lateral esquerda do meu edifício. Após o assassinato, vamos precisar estar prontos para fugir, e ela vai ser a primeira que vou levar.

E eu, como fico nessa história? De acordo com o plano, June deve afastar o Eleitor da proteção de seus guardas. Quando virmos só seu jipe passar velozmente, os corredores vão eliminar com explosões suas rotas de fuga. Nessa hora eu vou para a rua. Depois que os Patriotas arrastarem Anden para fora do veículo, atirarei nele.

Estamos no meio da tarde, mas as nuvens fazem com que o mundo ao meu redor seja de um cinzento frio e agourento. Olho para meu relógio. Está programado para tocar na hora em que os jipes do Eleitor devem dobrar zunindo a esquina.

Faltam quinze minutos para o espetáculo começar.

Estou tremendo. Será que eu mesmo vou matar o Eleitor daqui a quinze minutos? Será que esse plano vai funcionar? Depois que tudo terminar, quando é que os Patriotas vão me ajudar a encontrar e resgatar Éden? Quando contei a Razor sobre o menino que vi a bordo do trem, ele me deu uma resposta solidária e disse que já

está tomando providências para rastrear Éden. Tudo que posso fazer é acreditar nele. Tento visualizar a República sufocada por um completo caos, com o assassinato do Eleitor sendo transmitido para o povo em todos os telões da nação. Se o povo já está se amotinando, só posso imaginar como vai reagir quando me vir atirando no Eleitor. O que acontecerá? Talvez as Colônias se aproveitem da situação e invadam subitamente a República e a frente de batalha que manteve os dois lados separados por tanto tempo.

Um novo governo. Um novo comando. Estremeço, com energia mal contida.

Nada disso explica o sinal da June, no entanto. Tento flexionar os dedos; minhas mãos estão pegajosas com um suor frio. Não tenho a menor ideia do que vai acontecer hoje.

A estática faz um zunido no meu fone de ouvido, e capto algumas palavras soltas ditas por Pascao.

– ... ruas Orange e Echo... vazias. – Sua voz se eleva: – Day?

– Estou aqui.

– Quinze minutos – diz ele. – Recapitulando. Jordan vai detonar a primeira explosão. Quando a caravana com os jipes do Eleitor passar pela rua dela, ela vai detonar a granada. June vai separar o jipe do Eleitor dos outros. Aí eu joga a minha granada, e os jipes seguirão na sua direção. *Você* joga a sua quando vir a caravana. Encurrele aquele jipe e se atire no chão. Entendido?

– Entendido – respondo. – Agora se manda rápido e vai logo para sua posição.

Esperar aqui me enjoa o estômago, pois me remete àquela noite em que fiquei esperando que as patrulhas contra a praga aparecessem na porta da casa da minha mãe. Até aquela noite parece melhor que a de hoje. Naquela época, minha família ainda estava viva, e Tess e eu ainda nos entendíamos bem. Respiro profundamente diversas vezes e solto o ar devagar. Em menos de

quinze minutos vou ver a caravana do Eleitor – e June – passar por esta rua. Meus dedos roçam o topo das granadas no meu cinto.

Passa-se um minuto, depois outro.

Três minutos. Quatro minutos. Cinco minutos. Cada minuto se arrasta mais lentamente que o anterior. Minha respiração se acelera. O que será que June vai fazer? Será que ela está certa? E se ela estiver *enganada*? Acho que estou pronto para matar o Eleitor – há dias tento me convencer disso, o que tem até me empolgado. Será que conseguiria salvar a vida dele, a vida de uma pessoa na qual não consigo pensar sem ficar enfurecido? Estou mesmo preparado para ter o sangue dele em minhas mãos? O que será que June sabe que eu não sei? O que será que descobriu para querer salvar a vida dele?

Oito minutos.

A voz de Pascao aciona o microfone.

– Atenção. Temos um atraso.

Isso me deixa tenso.

– Por quê? – pergunto.

Ele demora a responder.

– Tem alguma coisa errada com a June. Ela desmaiou ao sair do tribunal. Mas não se apavore; Razor disse que ela está ótima. Vamos reajustar os relógios para um atraso de dois minutos, compreendido?

Estou agachado e me levanto um pouco. *Ela está em ação*. Sei disso instantaneamente. Alguma coisa se agita no fundo da minha mente, um sexto sentido me dizendo que os planos para o Eleitor podem mudar, dependendo do que June fizer em seguida.

– Por que ela desmaiou? – pergunto.

– Sei lá. Os batedores disseram que ela ficou tonta, uma coisa assim.

– Então, ela já voltou ao normal?

– Parece que temos sinal verde.

“Sinal verde?” Será que o plano de June não deu certo? Eu me levanto, dou alguns passos e volto a me agachar. Há alguma coisa errada. Se vamos adiante com o plano, isso quer dizer que ela vai passar por aqui, segundo o esperado, mesmo contra sua vontade? Será que os Patriotas vão ficar sabendo que ela tentou desviar a rota? Um mau pressentimento se recusa a ir embora, independentemente do meu esforço em ignorá-lo. Alguma coisa realmente não está se encaixando.

Passam-se dois agonizantes minutos. Na minha ansiedade, descasquei uma boa parte da tinta do cabo da minha faca. Meu polegar está coberto de lascas pretas.

A várias ruas de distância, a primeira granada explode. O solo treme, o edifício estremece e uma nuvem de poeira cai do teto. Os jipes do Eleitor devem ter aparecido.

Deixo meu posto de observação no parapeito e me dirijo para o poço da escada e depois até o telhado. Mantenho-me abaixado, tomando cuidado para permanecer invisível. Daqui tenho uma vista melhor de onde está subindo a fumaça da primeira explosão e dá para ouvir os gritos assustados dos soldados próximos a ela. Eles estão a cerca de três quarteirões de distância. Eu me achato em cima das telhas quebradas quando vários guardas vêm correndo pela rua. Estão gritando algo incompreensível; aposto que estão trazendo reforços para a área do bombardeio. Tarde demais. Quando chegarem aqui, o jipe do Eleitor já terá dobrado a esquina que queríamos que dobrasse.

Pego uma das minhas granadas e a seguro cautelosamente, repassando em minha cabeça seu funcionamento, ciente de que, se eu a atirar, estarei contrariando a advertência de June. “*É uma granada de impacto*”, Pascao explicou. “*Ela explode no segundo em que atinge o alvo. Pressione a alavanca de ataque, puxe o pino, atire e se prepare.*” A distância, mais uma explosão sacode as ruas, acompanhada por uma nuvem de poeira. Baxter era o encarregado



dessa; agora deve estar em algum lugar no chão, escondido num beco.

A duas quadras daqui, o Eleitor está se aproximando.

Ocorre uma terceira explosão. Essa foi muito mais perto, o jipe deve estar a apenas um quarteirão daqui. Eu me aprumo quando o chão treme com o impacto. Está chegando minha vez. *June, onde você está?* Se ela agir de repente, o que *eu* farei? No meu fone de ouvido, Pascao soa urgente:

– Preparar!

E então vejo uma coisa que me faz esquecer tudo que prometi fazer pelos Patriotas. A porta do segundo jipe se abre de súbito, e dela sai uma garota com um rabo de cavalo comprido escuro. Ela tropeça algumas vezes, depois faz um esforço e se levanta. Olha para os telhados e movimentava a mão freneticamente no ar.

É June. Ela está aqui, e agora não há dúvida de que ela não quer que eu separe o Eleitor dos seus guardas.

A voz de Pascao se faz ouvir de novo:

– Fique firme. Ignore a June; mantenha o rumo, está entendendo?

Não sei o que acontece comigo: uma eletricidade me percorre a espinha. *Não, June, você não pode parar agora*, diz uma parte de mim. *Quero o Eleitor morto. Quero salvar meu irmão.*

Mas lá está June, acenando os braços no meio de uma rua muito perigosa, arriscando a vida para acionar o alarme para mim. Seja qual for a sua razão, deve ser boa. *Deve ser. O que eu faço? Confie nela*, é o que me diz alguma coisa dentro de mim. Aperto os olhos para fechá-los e inclino a cabeça.

Cada segundo agora é uma ponte entre a vida e a morte.

*Confie nela.*

De repente, dou um pulo e corro pelo telhado. Pascao grita alguma coisa raivosa no fone de ouvido. Eu o ignoro. Quando os veículos passam perto do edifício onde estou, puxo o pino da minha

granada e a arremesso o mais longe que posso, bem no local onde os Patriotas pretendiam encurralar o carro do Primeiro Eleitor.

– Day! – berra a voz frenética de Pascao. – O que você está...

A granada atinge a rua. Cubro os olhos e no mesmo instante perco o equilíbrio, quando a explosão estremece o solo. O jipe freia com um ruído semelhante a um guincho bem em frente à explosão – o jipe do Eleitor tenta desviar dos fragmentos da granada, mas um dos pneus fura e o força a parar. Bloqueei completamente a rua que os Patriotas queriam que o comboio percorresse. E os outros jipes do Eleitor continuam lá, a caravana inteira.

Agora June corre em direção ao veículo do Eleitor. Se ela está tentando salvá-lo, não tenho tempo a perder. Em um pulo, fico de pé novamente, giro o corpo para a lateral do prédio e me agarro à calha na beira do edifício. Em seguida, deslizo para baixo. A calha arrebenta e me desequilibra, mas me arremesso para fora e agarro a beira de um parapeito próximo. Meus pés tocam o peitoril do segundo andar. Salto para o primeiro andar e giro o corpo.

A rua é um completo caos. Através dos gritos e da fumaça, consigo ver soldados da República correndo para os jipes, enquanto os soldados nos outros jipes se apressam a chegar ao Eleitor. Alguns dos Patriotas disfarçados hesitam, confusos com minha explosão mal cronometrada. Agora é tarde demais para separar o jipe do Eleitor dos demais. Há soldados demais no local. Estou entorpecido. Sob certos aspectos, tão atônito quanto eles. Ainda não sei bem por que estou fazendo exatamente o contrário do que planejei.

– Tess! – grito. Ela está exatamente onde se espera que esteja, paralisada nas sombras do meu prédio. Chego até ela e a agarro pelos ombros.

– O que está acontecendo? – grita ela também, mas eu apenas a faço girar o corpo na direção oposta ao tumulto.

– Vá para a entrada do túnel, entendeu? Não faça perguntas!

Aponto para a direção do *bunker* dos Patriotas, onde deveríamos nos esconder depois do assassinato. Tess está boquiaberta de pavor,

mas faz o que digo, corre para a segurança das sombras do prédio e desaparece de vista.

Mais uma explosão abala a rua atrás de mim. A granada deve ter sido atirada por outro corredor. Apesar de estar claro que eles não vão conseguir levar o Eleitor para o local planejado, estão tentando bloquear os jipes, para fazer uma barricada. Os Patriotas devem estar correndo como baratas tontas em tudo que é lugar. Eles vão literalmente me matar pelo que fiz. Tess e eu precisamos chegar ao túnel antes que nos encontrem.

Corro até June logo que ela alcança o jipe do Eleitor. Lá dentro está um homem de cabelo escuro ondulado, e ela grita para ele, enquanto as mãos pressionam a janela do veículo. Outra explosão acontece em algum lugar, obrigando June a ficar de joelhos. Eu me atiro em cima dela quando uma chuva de escombros e fragmentos nos atinge, de todas as direções. Um bloco de cimento atinge meu ombro, o que me faz estremecer de dor. Os Patriotas estão realmente tentando recuperar o tempo perdido, mas o atraso já lhes custou caro. Se eles se desesperarem, sei que vão simplesmente ignorar o plano de executar a tiros o Eleitor na frente das câmeras e explodirão o jipe do Eleitor em vez disso. Tropas de soldados da República estão chegando à rua. Tenho certeza de que já me viram. Espero que Tess esteja a salvo no esconderijo.

– June!

Ela parece tonta e perplexa, mas me reconhece. Não há tempo para cumprimentos.

Uma bala zune acima de nossas cabeças. Eu me esquivo e uso o corpo como um escudo para proteger June; um dos soldados perto de nós é atingido por um tiro na perna. *Por favor, pelo amor de... por favor, permita que Tess chegue em segurança à entrada do túnel.* Giro então o corpo e me deparo com os olhos arregalados do Eleitor através da janela. Então é esse o sujeito que beijou a June! Ele é alto, bonito e rico, e vai apoiar todas as leis do pai. O rei menino que simboliza tudo o que a República é: a guerra contra as

Colônias que transformou Éden em um rato de laboratório, as leis que levaram minha família para as favelas e a mataram, as leis que decretaram minha execução porque fui reprovado em um maldito teste quando eu tinha dez anos. Esse cara é a República. Eu devia matá-lo agora quando tenho a chance.

Mas aí penso em June. Se ela sabe a razão pela qual devemos protegê-lo dos Patriotas, e acredita nisso o bastante para arriscar sua vida – e a minha –, vou confiar nela. Se me recusasse, estaria rompendo meus vínculos com ela para sempre. *Eu poderia viver com isso?* Esse pensamento faz até meus ossos gelarem. Aponto a rua onde houve a explosão e faço uma coisa que nunca pensei que faria na minha vida. Berro o mais alto que posso para os soldados: *Recuem os jipes! Obstruam a rua com barricadas! Protejam o Eleitor!* E então, à medida que outros soldados chegam aonde o Eleitor está, grito freneticamente para eles:

– Tirem o Eleitor do jipe! Levem-no para longe daqui! Eles vão explodir o veículo!

June nos puxa para baixo quando mais uma bala atinge o chão perto de nós.

– Venha! – grito. Ela me segue. Atrás de nós, dezenas de soldados da República chegaram ao local. Vemos de relance o Eleitor sair do jipe e ser levado às pressas, sob a proteção dos seus soldados. Balas voam por todos os lados. Será que acabei de ver uma delas atingir o Eleitor no peito? Não, ela acertou a parte superior do braço dele. O militar desaparece, perdido num mar de soldados.

Ele está salvo. Ele vai sobreviver. Mal consigo respirar. Não sei se devo ficar feliz ou furioso. Depois de toda aquela maquinação, o assassinato do Eleitor fracassou por minha causa e de June.

*O que foi que eu fiz?*

– *Olha lá o Day!* – grita alguém. – *Ele está vivo!*

Não me atrevo a girar o corpo de novo. Aperto mais a mão de June e corremos, tentando nos desviar dos cascalhos e da fumaça.

Então nos deparamos com nosso primeiro Patriota, Baxter. Ele se detém ao nos ver e agarra o braço de June, vociferando:

– *É você, sua infeliz!*

Ocorre que ela é mais ágil que ele. Antes que eu consiga sacar a arma da minha cintura, June já se livrou dele. Ele tenta nos agarrar de novo, mas alguém o faz se esborrachar com o rosto no chão, antes que possamos fazer qualquer coisa; dou de cara com os olhos flamejantes de Kaede.

Ela agita as mãos furiosamente em nossa direção e berra.

– Escondam-se e fiquem em segurança, antes que os outros encontrem vocês!

Seu rosto expressa choque profundo: estará atônita porque o plano fracassou? Será que sabe o que fizemos? Deve saber. *Por que ela também está contra os Patriotas?* Ela foge correndo. Meus olhos a seguem por um instante. É claro que Anden não está à vista, e os soldados da República já começaram a revidar os tiros vindos dos telhados.

*Anden não está à vista*, penso mais uma vez. Terá a tentativa de assassinato falhado oficialmente?

Continuamos correndo até chegarmos ao outro lado da explosão. De repente, aparecem Patriotas em todos os lugares; alguns estão correndo na direção dos soldados e procurando uma forma de atirar no Eleitor, e outros estão fugindo para o túnel. Correndo atrás de nós.

Mais uma explosão sacode a rua: alguém tentou em vão deter o Eleitor com outra granada. Talvez tenham finalmente conseguido explodir o jipe em que ele se encontrava. *Onde estará Razor?* Visualizo seu rosto calmo e paternal transformado pela ira.

Chegamos finalmente ao beco estreito que leva ao túnel, pouco à frente dos Patriotas que nos perseguem alucinados.

Tess está lá, encolhida nas sombras contra a parede. Tenho vontade de gritar. Por que ela não pulou para o túnel e rumou para o esconderijo? Digo-lhe então:

– Já pra dentro. Você não devia estar aqui me esperando.

Ela, porém, nem se mexe. Está parada na nossa frente com os punhos cerrados, olha para mim e depois para June. Eu me aproximo rápido, agarro sua mão e a puxo para junto de nós até uma das pequenas grades metálicas que se estendem até onde as paredes do beco chegam ao solo. Dá para ouvir os primeiros sinais dos Patriotas atrás de nós. Imploro em silêncio: *Por favor, permita que nós sejamos os primeiros a alcançar o esconderijo!*

– Eles estão vindo – diz June, com os olhos fixos num lugar no beco.

– Que venham!

Passo as mãos freneticamente pela grade metálica e então a forço até ela se abrir.

Os Patriotas estão se aproximando.

– Saiam do caminho – grito para as duas.

Puxo então uma segunda granada do cinto, arranco o pino e a atiro na abertura do beco. Nós nos jogamos no chão e cobrimos a cabeça com as mãos.

Há um estrondo ensurdecedor. A granada deve retardar os Patriotas por algum tempo, mas já consigo ver silhuetas avançando através dos escombros.

June corre ao meu lado para a entrada aberta do túnel. Deixo que ela pule para dentro primeiro, depois me viro para Tess e lhe estendo a mão.

– Venha logo, Tess. Não temos muito tempo.

Tess olha minha mão aberta e recua um passo. Neste instante, o mundo ao redor parece congelar. Ela não virá conosco. Seu rosto pequeno e magro expressa ao mesmo tempo raiva, choque, culpa e tristeza.

Tento de novo.

– Anda! – grito. – *Por favor*, Tess. Não posso deixar você aqui. Os olhos de Tess abrem fendas no meu corpo.

– Desculpe, Day – diz ela, arquejante –, mas posso me virar sozinha. Nem adianta vir atrás de mim.

Ela desvia de mim os olhos lacrimejantes e corre de volta para os Patriotas. *Será que vai voltar a se unir a eles?* Eu a observo ir, atônito e silencioso, com a mão ainda estendida. Os Patriotas estão muito próximos.

Lembro as palavras de Baxter. Todo esse tempo ele preveniu Tess de que eu os trairia. E traí mesmo. Fiz exatamente o que Baxter disse que eu faria, e agora Tess tem de conviver com isso. *Eu a decepcionei.*

É June quem me salva, gritando, e me tira do estado de torpor em que me encontro.

– Day, pule!

Eu me obrigo a dar as costas a Tess e pular para dentro do buraco. Minhas botas respingam água rasa gelada, quando ouço o primeiro Patriota nos alcançar. June agarra minha mão.

– Vamos!

Corremos a toda no túnel escuro. Atrás de nós escuto outra pessoa pular e começar a correr atrás de nós. Depois, mais uma. Todos estão vindo.

– Você tem mais granadas? – grita June enquanto corremos.

Passo a mão no cinto.

– Uma.

Pego a última granada e tiro o pino. Se usarmos essa granada, não há como voltar. Poderíamos ficar presos aqui para sempre, mas não temos alternativa e June sabe disso.

Grito uma advertência para trás de nós e atiro a granada. O Patriota mais próximo me vê fazer isso e para assustado. Começa então a berrar aos companheiros que recuem. Continuamos a correr velozmente.

A explosão nos faz levantar do chão e sair voando. Bato com força no chão, derrapando na água gelada e na neve semiderretida por vários segundos, antes de conseguir parar. Minha cabeça gira

sem cessar. Pressiono as mãos com força nas têmporas, numa tentativa de deter o mal-estar, mas em vão. Uma enxaqueca parece que faz minha cabeça explodir, afogando todos os meus pensamentos, e aperto os olhos com força, porque a dor é enlouquecedora. *Um, dois, três...*

Os segundos se arrastam. Minha cabeça lateja com o impacto de mil martelos. Eu me esforço para respirar.

Depois, piedosamente, a dor começa a desaparecer. Abro os olhos na escuridão. O solo está firme de novo, e apesar de conseguir ouvir pessoas falando atrás de nós, a voz delas é abafada, como se estivesse vindo do outro lado de uma porta maciça.

Cautelosamente eu me aprumo para sentar. June está encostada na lateral do túnel, esfregando o braço. Nós dois estamos olhando de frente para o espaço de onde saímos.

Havia um túnel oco naquele local há apenas alguns segundos, mas agora uma pilha de concreto e escombros vedou completamente a entrada.

Conseguimos, mas tudo que sinto é um vazio.



# JUNE

Quando eu tinha cinco anos, Metias me levou para ver as sepulturas dos nossos pais. Era a primeira vez que ele ia ao local desde o enterro. Acho que não conseguia suportar ser lembrado do que havia acontecido. A maioria dos civis de Los Angeles – mesmo um bom número da classe A – recebe um pequeno compartimento de 930 centímetros e uma só caixa de vidro opaco onde guardar as cinzas de um ente querido. Mas Metias subornou as autoridades do cemitério, e conseguiu um lóculo de quatro metros para mamãe e papai no cemitério vertical local e lápides de cristal gravado. Ficamos lá em frente às lápides com nossas roupas brancas e flores brancas. Passei o tempo todo olhando para Metias. Ainda me lembro da sua mandíbula retesada, do cabelo bem escovado e das bochechas úmidas reluzentes. Recordo, principalmente, de seus olhos sérios de tristeza, maduros demais para um adolescente de dezessete anos.

Day tinha essa mesma aparência quando soube da morte do irmão John. E agora, à medida que percorremos o túnel subterrâneo, seus olhos estampam expressão idêntica.

Passamos cinquenta e dois minutos (ou cinquenta e um minutos? Não sei direito. Minha cabeça está febril e confusa) correndo na umidade escura do túnel. Durante algum tempo, ouvimos gritos raivosos vindo do outro lado da montanha de concreto retorcido que nos separa dos soldados dos Patriotas e da República. Contudo, esses sons acabaram por cessar completamente, à proporção que corríamos cada vez mais para o fundo do túnel. Os Patriotas provavelmente precisaram fugir das tropas que se aproximavam. Talvez os soldados estejam tentando escavar o túnel. Não temos a menor ideia, por isso vamos adiante.

Agora está tudo silencioso. Os únicos sons são nossas respirações entrecortadas, nossas botas chapinhando em poças rasas de neve semiderretida e o gotejar incessante de água gélida que cai do teto e escorre pelos nossos pescoços. Day agarra minha mão fortemente enquanto corremos. Seus dedos estão gelados e escorregadios da umidade, mas eu me mantenho agarrada a eles. Aqui embaixo é tão escuro que mal enxergo o contorno de Day à minha frente.

*Será que Anden sobreviveu ao ataque? Ou os Patriotas conseguiram assassiná-lo?* Esse pensamento faz com que meu sangue circule mais rápido. Na última vez que desempenhei o papel de agente dupla, fiz com que alguém fosse morto. Anden confiou em mim e, por causa disso, poderíamos ter morrido hoje. Talvez *ele* tenha morrido. Esse é o preço que as pessoas pagam por cruzarem o meu caminho.

Esse pensamento provoca outro: *por que Tess não quis vir conosco?* Tenho vontade de perguntar, mas, estranhamente, Day não disse uma palavra desde que entramos no túnel. Percebo que os dois haviam discutido. *Espero que ela esteja bem.* Preferiu ficar do lado dos Patriotas?

Finalmente, Day para em frente a uma parede. Quase caio em cima dele, e uma súbita onda de alívio e pânico me atinge. Normalmente consigo correr mais rapidamente e por mais tempo do que isso, mas estou exausta. Será que estamos em um beco sem saída? Será que essa parte do túnel também desabou e agora estamos presos de ambos os lados?

– Podemos descansar aqui – murmura ele. Essas foram as primeiras palavras que ele pronunciou desde que chegamos. – Fiquei num desses túneis em Lamar.

Certa vez, Razor havia mencionado os túneis de fuga dos Patriotas. Day passa a mão ao longo da beira da porta onde ela se encontra com a parede. Finalmente encontra o que está procurando, uma pequena alavanca deslizante que se projeta de uma pequena

cavidade de trinta centímetros. Ele a puxa de uma extremidade à outra. A porta se abre com um estalo.

A princípio, saltamos para um buraco escuro. Embora eu não consiga ver nada, presto muita atenção ao modo como nossas pegadas estão ecoando no cômodo e deduzo que o teto é baixo, provavelmente apenas alguns centímetros mais alto do que o próprio túnel (três metros, talvez três metros e trinta), e quando ponho uma das mãos ao longo de uma parede, dá para ver que é reta, não curva. É um cômodo retangular.

– Aqui está – resmunga Day. Eu o ouço apertar e soltar algo, e uma luz artificial inunda o ambiente. – Vamos torcer para que esteja vazia.

Não é uma câmara grande, mas nela caberiam vinte ou trinta pessoas confortavelmente, até cem, se ficassem todas espremidas. Contra a parede preta há duas portas que conduzem a escuros corredores. Todas as paredes têm monitores, espessos e gastos, com um design diferente do que os usados na maioria dos halls da República. Eu me pergunto se foram os Patriotas que instalaram esses aparelhos ou se eles são da época de quando estes túneis foram construídos.

Enquanto Day perambula, com a arma em punho, no primeiro hall nos fundos da sala principal, examino o segundo hall. Neste há dois cômodos menores, com cinco conjuntos de beliches em cada um, e na extremidade do hall há uma pequena porta que leva de volta ao túnel escuro e infindável. Estou disposta a apostar que o hall em que Day está tem também uma entrada para o túnel. Enquanto vagueio entre os beliches, passo a mão na parede onde pessoas rabiscaram seus nomes e iniciais. *Este é o caminho para a salvação. J.D. Edward.* Já um outro afirma: *A única saída é a morte. María Márques.*

– Tudo vazio? – pergunta Day, atrás de mim.

Faço um sinal positivo com a cabeça.

– Tudo. Acho que estamos a salvo por enquanto.

Ele suspira, baixa os ombros e passa uma das mãos, cansado, no cabelo emaranhado. Faz apenas alguns dias desde que estivemos juntos, mas parece muito mais. Caminho até ele. Seus olhos examinam meu rosto interrogativamente, como se estivessem me vendo pela primeira vez. Ele deve ter um milhão de perguntas para me fazer, mas apenas ergue uma das mãos e põe uma mecha do meu cabelo no lugar. Não tenho certeza se me sinto tonta por causa da doença ou de emoção. Eu quase havia esquecido como o toque de Day me faz sentir. Quero penetrar na pureza que é Day, absorver sua sinceridade simples, seu coração receptivo e franco.

– Olá! – murmura ele.

Eu o abraço com força, e nós dois ficamos assim por um tempo. Fecho os olhos e me permito enterrar no corpo de Day e sentir o calor da sua respiração no meu pescoço. Suas mãos acariciam meu cabelo e descem até o pescoço, agarrado a mim como se tivesse medo de me soltar. Ele se afasta o suficiente para me olhar nos olhos; se inclina como se fosse me beijar, mas então, por algum motivo, ele se detém e volta a me abraçar. Isso é reconfortante, mas me decepciona um pouco.

Alguma coisa mudou.

Vamos até a cozinha (que tem uns sessenta e oito metros, julgando pelo número de azulejos no chão), pegamos duas latas de comida, garrafas d'água e as colocamos nos balcões e nos acomodamos para descansar. Day está calado. Espero ansiosa enquanto dividimos uma lata de massa cheia de molho de tomate, mas ele não pronuncia uma palavra. Parece estar pensando. Sobre o plano fracassado? Sobre Tess? Ou talvez não esteja pensando em nada, mas continua atordoado em silêncio. Eu também permaneço calada. Prefiro não pôr palavras na sua boca.

– Vi o seu sinal de advertência em um vídeo da câmera de segurança – ele acaba dizendo, depois que dezessete minutos se passaram. – Eu não sabia exatamente o que você queria que eu fizesse, mas entendi a ideia geral.

Reparo que ele não menciona o beijo entre mim e Anden, embora eu esteja certa de que o viu.

– Obrigada. – Minha visão escurece por um segundo, e pisco rapidamente para tentar me concentrar. – Eu lamento ter te forçado a entrar numa enrascada. Tentei fazer com que os jipes tomassem outro caminho em Pierra, mas não deu certo.

– Foi isso que causou o atraso quando você desmaiou, não foi? Fiquei preocupado que você tivesse se machucado.

Reflito por um momento. A comida pode até estar boa, mas não sinto a menor fome. Eu deveria contar imediatamente a Day sobre Éden, mas seu humor – como o de uma tempestade no horizonte – realmente me impede. Será que os Patriotas conseguiram ouvir todas as minhas conversas com Anden? Talvez Day já soubesse.

– Razor está mentindo para nós sobre por que deseja que o Eleitor morra. Ainda não sei o motivo, mas as coisas que ele nos disse simplesmente não fazem sentido.

Paro de falar por um instante e me pergunto se Razor já terá sido detido pelas autoridades da República. Se ainda não foi, isso acontecerá em breve. Ao final do dia de hoje, a República já deverá estar a par de que Razor instruiu expressamente os motoristas dos jipes para manterem o curso, levando Anden direto para uma armadilha.

Day dá de ombros e se concentra na comida.

– Quem sabe *o que* ele e os Patriotas estão fazendo agora?

Eu queria saber se ele diz isso porque está pensando em Tess. O jeito com que ela olhou para ele antes de fugirmos para o túnel... Decido não perguntar o que aconteceu entre eles. Ainda assim, vejo os dois juntos em um sofá, tão descontraídos e à vontade como da primeira vez que nos deparamos com os Patriotas em Vegas, Day descansando a cabeça no colo de Tess, e ela debruçando-se sobre ele para beijar seus lábios. Meu estômago se contrai, perturbado. Então me lembro de que *ela não veio conosco*. Que aconteceu entre os dois? Quase posso ver Tess discutindo com Day sobre mim.

– E aí? – pergunta ele, em tom monocórdio. – Queria que você me contasse o que descobriu sobre o Eleitor que fez com que resolvesse trair os Patriotas.

Ele realmente não sabe sobre Éden. Descansa o copo d'água na mesa e aperto os lábios.

– O Eleitor libertou seu irmão.

O garfo de Day para no ar.

– O quê?

– Anden o soltou no dia depois que mandei o sinal. Éden está sob proteção federal em Denver. Anden detesta o que a República fez à sua família e quer reconquistar nossa confiança; a sua e a minha.

Estendo a mão para pegar a de Day, mas ele a afasta abruptamente. Suspiro decepcionada. Eu não tinha certeza sobre como Day receberia essa notícia, mas parte de mim esperava que ele ficasse... feliz.

Prossigo então:

– Anden se opõe completamente à política do falecido Eleitor. Ele quer desativar as Provas e os experimentos com a praga. – Hesito. Day continua olhando fixo para a lata de massa com o garfo na mão, mas parou de comer. – Ele quer fazer várias mudanças radicais, mas primeiro precisa ganhar a confiança do povo. Ele praticamente implorou nossa ajuda.

A expressão de Day se altera.

– Então é isso? É *por isso* que você decidiu atirar todo o plano dos Patriotas pela janela? – pergunta ele com amargura. – Para que o Eleitor me suborne em troca do meu apoio? Se quer saber, tudo isso é uma piada de mau gosto. Como sabe se ele está dizendo a verdade, June? Você obteve alguma prova de que ele soltou mesmo o Éden?

Ponho a mão no braço dele. Era exatamente essa a reação que eu temia, mas ele tem todo o direito de ficar desconfiado. Como posso explicar meu instinto visceral sobre a personalidade de Anden, ou o fato de que vi sinceridade no olhar dele? Eu *sei* que Anden

libertou o irmão de Day. Eu simplesmente sei, mas Day não estava no quarto e *não* conhece Anden. Não tem razão para acreditar nele.

– Anden é diferente. Você precisa acreditar em mim, Day. Ele soltou Édén, e não apenas porque quer que façamos algo por ele.

As palavras de Day são frias e distantes.

– Eu perguntei se você tem alguma *prova* disso.

Suspiro e tiro a mão do braço dele.

– Não – reconheço –, não tenho.

Day sai repentinamente do seu torpor e enfia o garfo na lata com tanta força que dobra o cabo do garfo.

– Ele enrolou você. Logo  *você!* A República não vai mudar. O novo Eleitor é jovem, burro pra cacete e se acha o máximo. Ele quer apenas que as pessoas o levem a sério, e para isso é capaz de dizer qualquer coisa. Quando as coisas se acalmarem, você vai ver o que ele realmente é. Garanto. Ele não é diferente do pai: é só mais um maldito filhinho de papai, com muita grana e um punhado de mentiras.

Fico irritada por Day achar que sou tão crédula.

– Ele é jovem e se acha o máximo? – Dou um pequeno empurrão em Day, tentando desanuviar o ambiente. – Isso me lembra alguém...

Em outros tempos, isso teria feito Day rir, mas ele me olha furioso e continua:

– Vi um menino em Lamar, que devia ser da idade do meu irmão. Por um minuto, achei que fosse Édén. Ele estava sendo transportado numa gigantesca proveta, numa espécie de experimento científico. Tentei tirá-lo de lá, mas não consegui. O sangue do menino está sendo usado como uma arma biológica contra as Colônias. – Day atira o garfo na pia. – *É isso* que seu amiguinho Eleitor está fazendo com meu irmão. Você ainda acha que ele libertou Édén?

Estendo o braço e ponho a mão na dele.

– O Congresso mandou Édén para a frente de batalha antes que Anden fosse Eleitor. Anden soltou seu irmão há poucos dias. Ele...

Day ignora o que eu disse; seu rosto expressa uma mistura de frustração e confusão. Ele enrola as mangas compridas da camisa até os cotovelos e pergunta:

– Por que você confia tanto nesse cara?

– Como assim?

Ele vai se exaltando.

– A única razão pela qual eu não arrebentei a janela do jipe do *seu* Eleitor e não enfiei uma faca no pescoço dele foi por *sua* causa. Porque eu sabia que você devia ter um bom motivo, mas agora parece que você simplesmente acredita nas palavras dele. O que aconteceu com todo aquele seu raciocínio lógico?

Não gosto da maneira como ele chama Anden de *meu* Eleitor, como se Day e eu continuássemos em lados opostos.

– Eu estou lhe dizendo a verdade – falo calmamente. – Além disso, até onde eu sei, você não é um assassino.

Day me vira as costas e resmunga alguma coisa baixinho que não consigo ouvir. Cruzo os braços.

– Lembra-se de quando confiei em *você*, mesmo quando tudo que eu sabia a seu respeito me dizia que você era um inimigo? Dei a você o benefício da dúvida e sacrifiquei tudo por aquilo em que acreditava. Pois eu lhe digo agora que assassinar Anden não vai resolver nada. Ele é a pessoa de que a República realmente precisa, alguém dentro do sistema com poder suficiente para mudar as coisas. Como você poderia conviver consigo próprio depois de matar uma pessoa daquele jeito? Anden é *bom*.

– *E daí* se ele for? – replica Day friamente. Ele está agarrando a parte superior do balcão tão fortemente que suas juntas estão lívidas. – Bom, mau, que importa? Ele é o *Primeiro Eleitor*.

Estreito os olhos.

– Você acredita *mesmo* nisso?

Day sacode a cabeça e ri, desolado.

– Os Patriotas estão tentando começar uma revolução. É disso que este país precisa, não de um *novo* Eleitor, mas sim de *nenhum*



Eleitor. A República está acabada, não tem mais conserto. Que as Colônias assumam logo o controle!

– Você nem sabe como são as Colônias...

– Sei que elas devem ser melhores do que esse inferno – retruca Day.

Dá pra ver que ele não está zangado só comigo, mas está começando a ser infantil, e isso está me aborrecendo.

– Você sabe por que concordei em ajudar os Patriotas? – Ponho uma das mãos na parte superior do braço dele, sentindo o leve contorno de uma cicatriz sob o tecido. Day se retesa ao meu toque. – Porque eu queria ajudar  *você*. Você acha que é tudo culpa minha, não é? É minha culpa usarem seu irmão em experimentos. É culpa minha  *você* ter precisado abandonar os Patriotas. É culpa minha a Tess ter se recusado a vir conosco.

– *Não...* – diz Day, menos exaltado, retorcendo as mãos, frustrado. – Nem tudo é culpa sua. A Tess não veio por minha causa.

Há dor verdadeira na expressão dele; a esta altura, não sei dizer por quem. Muita coisa aconteceu. Sinto uma curiosa ponta de ressentimento que faz o sangue corar minhas orelhas e me envergonho desse sentimento. Não é justo que eu sinta ciúme. Afinal de contas, Day conhece a Tess há anos, há muito mais tempo do que me conhece, portanto, por que não deveria sentir-se ligado a ela? Além disso, Tess é meiga, altruísta, reconfortante. Eu não. É claro que sei por que a Tess o abandonou: por minha causa.

Examino o rosto dele e pergunto:

– O que aconteceu entre  *você* e Tess?

Day olha fixamente para a parede do outro lado de onde estamos; está perdido em pensamentos, e dou uma pancadinha no seu pé para tirá-lo do transe.

– A Tess me beijou – resmungo. – Ela acha que eu a traí... com  *você*.

Minhas bochechas se enrubescem. Fecho os olhos para expulsar da cabeça a imagem dos dois se beijando.  *Isso é muito idiota... não*

é? Tess conhece o Day há anos e tem todo o direito de beijá-lo. O Eleitor não me beijou também? E eu gostei...

De repente, parece que Anden está a milhões de quilômetros de distância. E que ele não tem a menor importância. A única coisa que consigo enxergar é Day e Tess juntos. É como um soco no estômago. *Estamos em meio a uma guerra. Não seja ridícula.*

– Por que você me contou isso?

– Você preferiria que eu guardasse segredo?

Não entendo o motivo, mas Day não tem dificuldade em me fazer sentir uma idiota. Tento fingir que a revelação não me incomodou.

– Tess vai perdoar-lhe.

Minhas palavras, que eu queria que soassem gentis e maduras, ao contrário disso, soam ocas e falsas. Enquanto estive presa, passei no teste do detector de mentiras sem nenhum problema; por que é tão difícil lidar com *esse assunto* envolvendo Day?

Após um momento, ele pergunta, com voz mais baixa:

– O que você acha dele? Sinceramente.

– Acho que ele é verdadeiro – respondo, impressionada com a calma da minha voz. Fico satisfeita que nossa conversa tome outra direção. – Ambicioso e compassivo, mesmo que isso o torne pouco prático. Ele certamente não é o ditador brutal que os Patriotas afirmaram que ele se tornará. É jovem e precisa que o povo da República fique do seu lado. E vai precisar de ajuda, para mudar as coisas.

– June, nós mal nos livramos dos Patriotas, e você está tentando dizer que devemos ajudar Anden *mais* do que já ajudamos, que devemos continuar a arriscar a vida por esse sacana riquinho que você conhece tão pouco?

O veneno nos seus olhos quando ele praticamente cospe a palavra “riquinho” me assusta e me faz sentir que ele está me insultando também.

– O que a classe social dele tem a ver com isso? – Estou muito irritada. – Você está dizendo que ficaria satisfeito se ele morresse?

– É isso mesmo. Eu *ficaria* satisfeito se Anden morresse – confirma Day, com os dentes cerrados. – E ficaria satisfeito de ver todos os membros do governo dele mortos também, se isso significasse ter minha família de volta.

– Esse nem parece você. A morte de Anden não *consertaria* as coisas – insisto. *Como posso fazê-lo entender?* – Você não pode achar que todos são farinha do mesmo saco, Day. Nem todos os que trabalham para a República são maus. Olhe o meu exemplo. E o do meu irmão e dos meus pais. *Há*, sim, pessoas boas no governo, e são elas que podem ser a ponta de lança de mudanças permanentes na República.

– Como é que você tem coragem de defender o governo, depois de tudo que eles fizeram a você? Como é possível que você não queira que a República desmorone?

– Acontece que eu *não quero* – digo com raiva. – Quero que a República *mude* para melhor. No começo, o país teve suas razões para controlar o povo...

– Pare *agora* com essas loucuras. Já! – Day levanta as mãos. Seus olhos brilham com uma ira que jamais vi. – Eu desafio você a repetir essas coisas. *No começo o país teve suas razões?* As ações da República são *razoáveis*?

– Você não conhece toda a história da formação da República. Anden me contou como o país começou a partir da anarquia e que foi o povo que...

– Quer dizer que agora você acredita em tudo que ele diz? Você está dizendo que é culpa do *povo* o fato de a República estar do jeito que está? – Day eleva o tom de voz. – Que fomos nós que causamos essa merda de situação contra nós mesmos? É *essa* a justificativa para o governo torturar o povo?

– Não, eu não estou tentando justificar isso.

De alguma forma, a história parece muito menos viável do que quando Anden a estava contando.

– Agora você acredita que Anden pode nos *consertar* com suas ideias imbecis? Esse filhinho de papai vai salvar nós todos?

– Pare de chamá-lo assim! São as ideias dele que podem fazer isso, não o *dinheiro* dele! Dinheiro não significa nada quando...

Day me aponta um dedo.

– Nunca mais diga isso na minha cara. Dinheiro significa *tudo*.

Minhas faces coram.

– Não, não significa.

– Porque você nunca ficou sem ele.

Hesito. Quero desesperadamente responder, explicar que não foi isso que eu quis dizer. *Dinheiro não me define, nem a Anden, nem a nenhum de nós*. Por que eu não disse *isso*? Por que Day é a única pessoa com quem tenho dificuldade em argumentar com coerência?

– Day, por favor ... – começo a falar.

Ele salta do balcão.

– Quer saber? Talvez Tess tivesse razão sobre você.

– Como é que é? – retruco imediatamente. – Tess tem razão em quê?

– Você pode ter mudado um pouco nas últimas semanas, mas no fundo continua a ser uma militar da República. Da cabeça aos pés. Você ainda é leal àqueles carniceiros. Esqueceu como minha mãe e meu irmão morreram? Esqueceu quem matou sua família?

Minha raiva atinge o auge. *Você está deliberadamente se recusando a ver as coisas do meu ponto de vista?* Pulo do balcão para encará-lo.

– Nunca me esqueço de nada. Estou aqui para o *seu* bem, *desisti* de tudo por você. Como *se atreve* a meter minha família nesse assunto?

– Foi *você* que meteu minha família nisso! – berra ele. – Nisso *tudo!* Você e sua adorada República! – Day abre os braços. – Como você se atreve a defender esses caras, como você se atreve a racionalizar e justificar por eles serem como são? Pra você é muito fácil dizer isso, não é? Você viveu a vida inteira em um palácio

enorme financiado pela República. Aposto que não teria tanta facilidade em justificar tudo, se tivesse passado a vida vasculhando lixo nas favelas para se alimentar. *Teria?*

Estou tão furiosa e magoada que tenho dificuldade em respirar.

– Isso não é justo, Day. Eu não escolhi *nascer* na classe em que nasci. Jamais quis prejudicar sua família...

– É, mas prejudicou. E muito. – Estremeço e desmorono, arrasada com o olhar furioso dele. – Foi *você* que levou os soldados direto à porta da minha família. *É por sua causa* que eles estão mortos.

Day me dá as costas e sai possesso da cozinha. Fico lá sozinha num súbito silêncio; pela primeira vez estou desorientada e não sei o que fazer. O nó na minha garganta ameaça me sufocar. Minha visão está encoberta por lágrimas.

Day acha que estou sendo cegamente fiel ao Eleitor, em vez de ser lógica. E que não há como eu estar do seu lado e ser leal ao Estado. *Bem, será que ainda sou leal?* Será que respondi corretamente a essa pergunta do detector de mentiras? Será que estou com inveja da Tess? Inveja porque ela é uma pessoa melhor do que eu?

E então me vem um pensamento tão doloroso que mal consigo suportá-lo, independentemente da raiva que as palavras de Day me causaram: ele tem razão, não posso negar. *Sou eu* a culpada por Day ter perdido todos que amava.



# DAY

Eu não devia ter gritado com ela. Como pude ser tão cruel? Foi horrível o que eu fiz, e sei disso.

Mas, em vez de me desculpar, dou uma volta pelo abrigo e recomeço a examinar os cômodos. Minhas mãos continuam tremendo e minha mente ainda está se esforçando para reduzir o impacto da adrenalina. Eu disse as palavras que estavam me afligindo a cabeça havia semanas. Elas foram ditas, não há como voltar atrás. Bem, e daí? Estou satisfeito que ela saiba. Ela precisava saber. E dizer que dinheiro nada significa?! Essa frase fluiu tranquilamente da sua boca, tão natural quanto água. Minha cabeça se enche de lembranças de quando todos da minha família precisavam de mais. Penso que tudo poderia ter sido melhor com *mais* dinheiro.

Houve uma tarde, durante uma semana especialmente penosa, quando cheguei cedo em casa vindo do ensino elementar. Encontrei o Édén, então com quatro anos, vasculhando a geladeira. Ele deu um pulo quando me viu entrar em casa. Ele segurava uma lata vazia de picadinho de carne. De manhã ela estava pela metade, com sobras preciosas da noite da véspera, que mamãe havia cuidadosamente embrulhado em papel laminado e guardado para o jantar do dia seguinte. Quando Édén me viu olhando fixo para a lata vazia na sua mão, ele a deixou cair no chão da cozinha e começou a chorar, implorando:

– Por favor, não conta pra mamãe!

Corri até ele e o segurei nos braços. Ele agarrou minha camisa com suas mãos de bebê e enterrou o rosto no meu ombro.

– Não vou contar – sussurrei. – Prometo.

Ainda me lembro que seus bracinhos eram muito finos. Mais tarde, à noite, quando mamãe e John finalmente chegaram, eu disse à mamãe que havia fuçado na geladeira e comido as sobras do jantar da véspera. Ela me deu uma forte bofetada e me disse que eu já tinha idade bastante para saber que aquilo foi errado. John me pregou um sermão, desapontado, mas e daí? Eu não dei a mínima.

Furioso, bato com força uma porta no corredor. Será que June alguma vez precisou se preocupar em ter comido meia lata de picadinho de carne? Se ela tivesse sido pobre, será que perdoaria tão facilmente à República?

A arma que os Patriotas me deram está presa firmemente no meu cinto. O assassinato do Eleitor teria dado aos Patriotas a oportunidade de derrubar a República. Nós teríamos sido a fagulha que acenderia um barril de pólvora, mas por nossa causa – por causa da June – fracassou. E para quê? Para ver esse Eleitor se tornar igual ao pai? A ideia de que ele libertaria o Éden me faz rir! Mais uma grande mentira da República. Agora, não estou mais perto de salvá-lo, perdi a Tess e voltei à estaca zero. E ainda estou fugindo dos soldados.

Essa é a história da minha vida. Como sou ridículo.

Meia hora depois, quando volto à cozinha, a June não está mais lá. Provavelmente está em um dos corredores, anotando mentalmente todas as malditas fendas na parede.

Abro as gavetas da cozinha, esvazio um dos sacos de aniagem e começo a guardar nele pilhas de cada tipo de comida: arroz, milho, sopas de batata e cogumelo. E também três caixas de bolachas. (Que legal! Tudo está indo pro ralo, mas pelo menos posso encher a barriga.) Pego várias garrafas d'água para cada um de nós e fecho o saco. Por enquanto está bem. Em breve vamos botar o pé na estrada de novo. Não dá para saber onde termina esse túnel ou quando vamos alcançar outro abrigo. Precisamos ir até as Colônias. Talvez eles possam nos ajudar quando chegarmos à outra

extremidade. Por outro lado, não podemos chamar atenção, pois é verdade que arruinamos o assassinato apoiado pelas Colônias. Dou um suspiro profundo, desejando ter mais tempo de bater papo com a Kaede, para persuadi-la a me contar todas as histórias sobre a vida no outro lado da frente de combate.

Como é que nossos planos se transformaram numa bagunça tão grande?

Batem levemente na porta aberta da cozinha. Viro-me e vejo a June de pé, com os braços cruzados. Ela desabotoou o casaco da República; a blusa de gola e a jaqueta por baixo estão amarrotadas. Suas bochechas estão mais coradas do que o habitual e os olhos, vermelhos, como se ela tivesse chorado.

– Os circuitos elétricos não estão sendo alimentados pela rede da República.

Mesmo que ela tenha derramado lágrimas, eu não as percebo em sua voz, prática, fria.

– Os cabos se estendem até a outra extremidade do túnel, a parte que ainda não cobrimos.

Volto a empilhar as latas de comida.

– E daí?

– Isso quer dizer que eles devem estar recebendo energia direto das Colônias, certo?

– Acho que sim. Faz sentido. – Endireito as costas e fecho bem apertados os dois sacos de aniagem que preparei. – Bem, pelo menos quer dizer que o túnel vai levar à superfície em algum lugar, com sorte nas Colônias. Quando estivermos prontos para partir, podemos simplesmente seguir os cabos. Mas é melhor a gente descansar antes.

Vou saindo da cozinha e passando por June quando ela pigarreja.

– Os Patriotas lhe ensinaram alguma coisa sobre luta corpo a corpo enquanto você esteve com eles?

Balanço a cabeça.

– Não, por quê?



June se vira para me encarar. A entrada da cozinha é bastante estreita, e seus ombros roçam os meus, causando-me arrepios nos braços. Fico irritado por ela continuar a exercer esse efeito em mim, apesar de tudo.

– Enquanto estávamos entrando no túnel, reparei que você estava golpeando os Patriotas girando o torso, mas isso não é muito eficaz. Você devia girar o corpo usando as pernas e os quadris.

Sua crítica me dá nos nervos, embora seu tom de voz seja estranhamente hesitante.

– Não quero fazer isso agora.

– Quando é que vamos fazer isso, se não agora? – June se encosta na moldura da porta e aponta para a entrada do abrigo. – E se a gente der de cara com alguns soldados?

Suspiro e levanto as mãos por um segundo.

– Se essa é a sua maneira de se desculpar depois de uma briga, você é *péssima* nisso. Escute uma coisa: lamento eu ter me zangado antes. – Hesito ao lembrar minhas palavras. Eu *não lamento*, mas dizer isso a ela agora não vai adiantar nada. – Daqui a uns minutos, vou me acalmar.

– Pare de fazer doce, Day. O que vai acontecer quando você encontrar Éden e precisar protegê-lo? – Ela *está* tentando se desculpar, à sua própria maneira sutil. *Tudo bem. Pelo menos está tentando, embora seja muito ruim nisso.* Olho com raiva para ela durante alguns segundos.

– Está certo – digo afinal. – Então me mostre o que fazer, soldado. Que truques você esconde nas mangas?

June sorri levemente, depois me leva até o centro do cômodo principal do abrigo. Ela se posta ao meu lado.

– Você já leu *A arte da luta*, de Ducain?

– Você acha que já tive tempo livre para ler na vida?

Ela me ignora, e imediatamente lamento ter dito aquilo.

– Bem, você tem leveza nos pés e equilíbrio perfeito – continua ela. – Mas não usa esses pontos fortes quando ataca. É como se

entrasse em pânico. Você esquece que tem a vantagem de ser rápido e também não usa seu centro de massa.

– Meu centro de quê? – começo a dizer, mas June apenas dá uma pancada com sua bota no lado de fora da minha perna.

– Espalhe seu peso pelas plantas dos pés e mantenha as pernas abertas na mesma distância que a largura dos seus ombros – ensina ela. – Finja que você está de pé sobre trilhos de trem, com um pé à frente.

Fico surpreso. June tem estado observando detidamente meus ataques, embora isso geralmente aconteça quando todo tipo de balbúrdia está ao nosso redor. E ela tem razão. Eu não havia percebido que todos os meus instintos de equilíbrio voam pela janela quando tento lutar.

Faço como ela disse.

– Tudo bem. E agora?

– Para começar, mantenha o queixo para baixo. – Ela toca minhas mãos e depois as ergue de modo que um punho fica perto do lado das minhas bochechas e o outro paira em frente ao meu rosto. Suas mãos percorrem meus braços, examinando minha postura. Minha pele coça.

“A maioria das pessoas se inclina para trás e mantém o queixo alto e proeminente”, diz ela, com o rosto perto do meu. Ela dá um tapinha no meu queixo e fala: “Você faz a mesma coisa. Isso é o mesmo que estar pedindo um nocaute.”

Tento me concentrar na minha postura ao levantar os dois punhos.

– Como você soca?

June toca suavemente a ponta do meu queixo e depois a beira da minha sobrancelha.

– Lembre-se: o principal é você atingir *com precisão* uma pessoa; *a força* não é o elemento mais importante. Você pode nocautear alguém muito mais forte se o atingir nos lugares certos.

Antes que eu me dê conta, já se passou meia hora. June me ensina uma sequência de táticas: manter o ombro para cima a fim de proteger o queixo, pegar o oponente desprevenido com movimentos falsos, golpes de cima para baixo e de baixo para cima, encostando para trás e em seguida disparando uma série de pontapés, saltar da frente do adversário com rapidez, visando os locais vulneráveis, como olhos, pescoço etc. Eu me arremesso com tudo, mas, quando tento apanhá-la de surpresa e a agarro, ela se solta como água entre pedras, fluida e em movimento constante, e, num piscar de olhos, se põe atrás de mim e torce meu braço atrás das minhas costas.

Finalmente, June me dá uma rasteira e me prende ao solo. Suas mãos empurram meus pulsos para baixo e ela diz:

– Viu? Eu o enganei. Você fica sempre olhando para os olhos do adversário, mas isso lhe dá uma visão periférica ruim. Se você quer detectar meus braços e minhas pernas, precisa focalizar o meu peito.

Ao ouvir isso, ergo uma sobrancelha e falo, olhando para baixo:

– Nem precisa falar duas vezes.

June ri, depois enrubesce. Fazemos uma pequena pausa; suas mãos continuam prendendo meus braços para baixo, suas pernas estão na minha barriga e nós dois estamos arquejantes. Agora compreendo por que ela sugeriu o *sparring* improvisado: estou cansado, e o exercício fez minha raiva passar. Embora ela não o diga, dá pra ver claramente as desculpas no seu rosto, a inclinação dramática das sobrancelhas e o ligeiro estremecimento nos seus lábios das palavras não ditas. Essa visão acaba atenuando meu aborrecimento, embora só um pouco. É verdade que não lamento o que disse a ela antes, mas também não estou sendo justo. Seja lá o que perdi, June perdeu também. Ela era rica, mas depois desprezou tudo para salvar minha vida. Teve responsabilidade nas mortes da minha família, mas... passo a mão pelo cabelo e me vem uma sensação de remorso. Não posso culpá-la por tudo. Nem posso ficar

sozinho num período como este, sem aliados com quem possa contar.

Ela oscila o corpo.

Eu me escoro nos cotovelos e pergunto:

– Você está legal?

Ela sacode a cabeça, franze a testa e tenta fingir que está.

– Estou. Eu devo ter apanhado um vírus ou coisa assim, nada sério.

Eu a examino sob a luz artificial. Presto mais atenção à cor do seu rosto, vejo que ela está mais pálida do que o normal e que suas bochechas parecem ruborizadas porque sua pele está muito descorada. Eu me aprumo, forçando-a a deslizar para baixo. Comprimo uma das mãos na sua testa e imediatamente a retiro.

– Cara, você está queimando de febre!

June começa a protestar, dizendo que nossa sessão de treinamento a enfraqueceu, ela oscila o corpo de novo e se firma com um braço.

– Vou ficar bem. De qualquer forma, precisamos pôr o pé na estrada.

E eu que me irritei com ela, esquecendo tudo pelo que essa garota havia passado. Eu sou mesmo o panaca do ano. Tentando me redimir, passo um dos braços nas suas costas, o outro sob os seus joelhos, e depois a levanto nos braços. Ela se apoia no meu peito; o calor da sua testa parece ainda maior contra minha pele fria.

– Você precisa descansar.

Eu a carrego para um dos cômodos do bunker, tiro suas botas, deito-a cuidadosamente numa cama e a cubro com cobertores. Ela pisca para mim.

– Eu não queria dizer o que falei antes. – Seus olhos estão atordoados, mas a emoção continua presente. – Sobre dinheiro. E eu... não...

– Deixa isso pra lá.

Aliso fios de cabelos que lhe caíram na testa. E se ela pegou alguma doença grave enquanto esteve presa? Um vírus da praga, por exemplo. Mas acontece que ela é da elite. Deveria estar vacinada. *Espero.*

– Vou trazer um remédio pra você, está bem? Apenas feche os olhos.

June balança a cabeça, frustrada, mas não tenta discutir.

Depois de vasculhar o abrigo inteiro, finalmente consigo descobrir um vidro de aspirina ainda intacto e volto com ele para a beira da cama de June. Ela toma dois comprimidos. Quando começa a tremer, pego mais dois cobertores das outras camas do cômodo e a cubro com eles, mas não surte muito efeito.

– Tudo bem, pode deixar que eu me ajeito – murmura ela, quando me disponho a tentar achar mais cobertores. – Não importa muito se você conseguir uma pilha deles, só quero que minha febre diminua. – Ela hesita, mas depois pega minha mão. – Será que você pode ficar aqui?

A debilidade da sua voz me preocupa mais do que qualquer outra coisa. Subo na cama, deito-me ao seu lado, em cima dos cobertores, e a puxo para mim. June dá um sorrisinho e fecha os olhos. Sentir as curvas do seu corpo contra o meu causa ondas de calor em mim. Nunca pensei em descrever sua beleza como delicada, porque *delicada* não é uma palavra que descreva a June, mas agora que ela está doente percebo como pode ser frágil. Suas bochechas são róseas, os lábios são pequenos e macios, em contraste com os olhos grandes atrás das curvas dos cílios escuros.

Não gosto de vê-la tão fragilizada assim. O calor da nossa discussão permanece no fundo da minha cabeça, mas, por enquanto, preciso esquecer isso. Brigar só vai conseguir retardar nossa viagem. Depois trataremos dos problemas entre nós.

Lentamente, nós dois cochilamos.

Alguma coisa interrompe meu sono de repente. É um som de bipe. Eu o escuto por um instante, tentando determinar sua localização, embora me sinta meio grogue. Me arrasto lentamente para sair da cama sem acordar a June. Antes de sair do quarto, debruço-me para tocar a testa dela de novo. Não houve melhora. Ela está suando, de modo que a febre deve ter diminuído pelo menos por um tempo, mas agora ela está tão febril quanto antes.

Quando sigo o som do bipe até a cozinha, vejo um minúsculo sinal luminoso piscando acima da porta pela qual entramos no abrigo. Palavras faíscam abaixo dele, num tom de vermelho vivo e ameaçador.

## DISTÂNCIA: 120 METROS

Um medo gelado toma conta de mim. Alguém deve estar vindo pelo túnel em direção ao abrigo: talvez soldados dos Patriotas ou da República. Não consigo decidir qual dos dois seria pior. Dou meia-volta e corro para o local onde havia empilhado nossos sacos de aniagem com comida e água, e tiro algumas latas de um deles. Quando o saco está suficientemente leve, puxo os braços pelos cordões dos dois sacos como se fossem uma mochila, e depois me apresso a voltar para o lado de June. Ela se mexe e geme baixinho.

– Ei! – sussurro, tentando soar calmo e confiante. Inclino-me até ela e acaricio seu cabelo. – Está na hora de ir. Vem cá. – Empurro os cobertores para o lado e enrolo um deles ao redor de June, calço as botas nela e a levanto para segurá-la nos braços. Ela se debate por um instante como se achasse estar caindo, mas eu a seguro mais apertado. – Calma! – murmuro através do seu cabelo. – Você está segura comigo.

Ela se acomoda no meu abraço, semiconsciente.

Sáimos do abrigo e nos dirigimos de volta à escuridão do túnel; minhas botas pisam em poças e lama. A respiração de June é

superficial e curta; ela arde em febre. Atrás de nós, o alarme soa menos alto enquanto percorremos várias curvas, depois esmaece em um zunido baixo. Eu meio que espero ouvir pisadas nos perseguindo, mas logo o zunido do alarme também se reduz, e podemos caminhar em silêncio. Para mim, parece que horas se passaram, embora June murmure que “se passaram quarenta e dois minutos e trinta e três segundos”. Continuamos a andar penosamente.

Este trecho do túnel é muito mais comprido do que o primeiro e pouco iluminado por ocasionais acessórios tremeluzentes. A certa altura, finalmente dou uma parada e desmorono num setor seco, bebericando água e sopa enlatada. Pelo menos, acho que é sopa. Não dá para ver muito nesta escuridão, por isso eu só arranco a tampa da primeira lata que agarro. June está tremendo de novo, o que não é surpresa. Aqui embaixo é frio, frio o bastante para eu ver as descoradas nuvenzinhas da minha respiração. Aperto o cobertor em volta de June, constato mais uma vez que sua testa continua quente e tento dar-lhe um pouco de sopa, que ela recusa.

– Não estou com fome – resmungo. Quando ela mexe a cabeça no meu peito, sinto o calor da sua testa através da minha camisa.

Aperto sua mão. Meus braços se encontram tão entorpecidos que até isso é difícil.

– Tudo bem, mas você vai beber um pouco d’água, tá?

– Está bem. – June se aconchega mais junto de mim e descansa a cabeça no meu colo. Eu queria bolar um jeito de mantê-la aquecida. – Continuam a nos seguir?

Aperto os olhos na direção das negras profundidades de onde viemos e acho melhor mentir:

– Não. Nós despistamos todo mundo. Descanse e não se preocupe, mas tente ficar acordada.

June concorda com a cabeça. Ela se distrai com alguma coisa na mão, e quando olho mais de perto, vejo que é o anel de cliques de papel. Ela o esfrega, como se ele lhe desse força, e então pede:

– Seja bonzinho e me conte uma história.

Seus olhos estão semicerrados, embora dê pra ver que ela se esforça para mantê-los abertos. Ela está falando tão baixinho que preciso me inclinar perto de sua boca para poder ouvi-la.

– Que tipo de história? – pergunto, determinado a impedir que ela enfraqueça na semiconsciência.

– Não sei. – June inclina ligeiramente a cabeça para me encarar. Depois de um instante, ela diz, sonolenta: – Fale sobre seu primeiro beijo. Como foi?

Essa pergunta me confunde a princípio – nenhuma garota que já conheci gostava que eu falasse de outras meninas na sua frente, mas depois me toco que essa aí é a June, e que talvez esteja usando o ciúme para impedir-se de cochilar. Não posso deixar de sorrir no escuro. Essa danadinha é sempre muito inteligente.

– Eu tinha doze anos, e a garota, dezesseis.

Os olhos de June ficam mais vívidos.

– Você deve ter sido o rei das cantadas.

Dou de ombros e digo:

– Talvez. Eu era bem desajeitado naquela época, quase me mataram algumas vezes. Bem, vamos ao que interessa: ela estava trabalhando com o pai num píer em Lake e me flagrou tentando roubar comida dos engradados deles. Eu consegui passar a conversa nela pra não me dedurar e, como parte do nosso trato, ela me levou para um beco nos fundos, perto da água.

June tenta rir, mas acaba tendo um acesso de tosse.

– E ela beijou você no beco?

Dou um largo sorriso e respondo:

– Pode-se dizer que sim.

June ergue uma sobrancelha curiosa à minha curta resposta, o que interpreto como um sinal positivo. Pelo menos ela agora está acordada. Debruço-me para mais perto dela e aproximo meus lábios da sua orelha. Minha respiração movimenta macios cachos do seu cabelo. Sussurro então:



– A primeira vez que vi você, quando você entrou naquele ringue de Skiz para enfrentar Kaede, achei que você era a garota mais bonita que eu já tinha visto. Eu poderia ter ficado ali para sempre, só olhando para você. A primeira vez que eu a beijei... – Essa lembrança toma conta de mim e me surpreende. Recordo todos os detalhes da cena, quase o suficiente para afastar as imagens do Eleitor puxando June para ele. – Bem, aquele podia muito bem ter sido o primeiro beijo da minha vida.

Mesmo no escuro, percebo indícios de um sorriso se moverem furtivamente no seu rosto. Então ela diz:

– É, você é mesmo um fala mansa.

Faço uma expressão de mágoa fingida e pergunto:

– Meu bem, eu mentiria pra você?

– Nem tente. Eu perceberia logo!

Rio baixinho e digo:

– Está certo.

Nossas palavras são superficiais e quase despreocupadas, mas nós dois sentimos a tensão subjacente a elas. É o esforço de tentar esquecer, de diminuir a pressão. Nenhum de nós poderá jamais apagar as consequências das coisas que fizemos e dissemos.

Permanecemos lá por mais alguns minutos. Depois reúno nossos pertences, pego June no colo e continuamos percorrendo o túnel. Meus braços estão tremendo, e cada respiração é entrecortada. Não há sinais de abrigos à frente. Apesar da umidade e frio do túnel, seu muito, como se estivéssemos em pleno verão de Los Angeles. Paro cada vez mais frequentemente, até que afinal me detenho em outro trecho do túnel e desabo, encostado à parede.

– Vamos só fazer um rápido intervalo – garanto à June quando lhe dou água. – Acho que estamos quase chegando.

Como June já tinha dito antes, ela sabe perfeitamente quando estou mentindo, e diz debilmente:

– Não dá pra continuar. Vamos descansar. Você não vai aguentar mais uma hora desse jeito.

Discordo das suas palavras.

– Este túnel tem que terminar em algum lugar. A gente deve estar bem debaixo da frente de batalha, o que quer dizer que já estamos em território das Colônias.

Calo a boca, ao me dar conta disso, na mesma hora em que pronuncio aquelas palavras; um arrepio me percorre a espinha.

*Território das Colônias.*

Como se aproveitando a deixa, ouvimos um som vindo de algum lugar além do túnel, algum lugar longínquo, acima de nós. Fico em silêncio. Escutamos durante algum tempo, e logo volta o som: é um barulho de zumbido intenso, abafado pela terra, e vindo de um objeto maciço.

– Será que isso é o som de um dirigível? – pergunta June.

O som diminui, mas não antes de fazer uma brisa gélida penetrar no túnel. Levanto os olhos num relance. Antes eu estava muito cansado para reparar, mas agora enxergo uma lasca minúscula e retangular de luz. É uma saída para a superfície. Na verdade, há várias dessas lascas alinhadas no teto, em intervalos esporádicos; é provável que estejamos passando por elas há um bom tempo. Obrigo-me a ficar de pé e me espicho para passar o dedo na beira dessa lasca. É suave, de metal congelado. Tento empurrá-la.

Ela se move. Empurro o metal com mais força e começo a deslizá-lo para um lado. Embora dê pra ver que lá fora já é noite, a luz que entra no túnel é forte para alguém que está há horas no escuro, e preciso estreitar os olhos. Demoro um segundo para perceber que alguma coisa fria e leve está caindo suavemente no meu rosto. Confuso, dou um tapa no ar, supondo que sejam insetos, mas então me dou conta de que são – creio – flocos de neve. Meu coração se acelera. Quando deslizei o metal para o mais longe que ele podia ir, tirei a jaqueta militar da República. Não ia ter a menor graça levar um tiro chegando à terra prometida.

Quando estou já de camisa de mangas compridas e de colete, pulo para cima e agarro as laterais da abertura, com braços

trêmulos, depois dou um salto parcial para ver onde estamos: numa espécie de corredor escuro, sem ninguém à vista. Salto para baixo e pego as mãos de June, que está começando a cair no sono de novo.

– Fique comigo, não durma – murmuro, e a recolho nos meus braços. – Veja se você consegue se erguer. – June se livra do cobertor. Eu me ajoelho e a ajudo a usar os meus ombros como apoio. Ela cambaleia, respirando pesadamente, mas consegue saltar até a superfície. Eu a sigo com seu cobertor enfiado debaixo do braço e depois alcanço a saída com um impulso.

Saímos num beco escuro e estreito, parecido com aquele de onde viemos, e por um instante eu me pergunto se será possível que tenhamos rodeado o túnel e voltado à República. Isso seria realmente genial! Depois de um tempo, contudo, percebo que este lugar tem nada a ver com a República. O chão é plano e bem pavimentado, sob uma camada irregular de neve, e a parede está completamente coberta de cartazes vivamente coloridos, de soldados sorrindo de orelha a orelha e crianças sorridentes. No canto de todos os cartazes há um símbolo que reconheço após alguns segundos: um pássaro dourado, semelhante a um falcão. Tremendo de empolgação, percebo que ele se parece muito com o pássaro do meu medalhão.

June também repara nos cartazes. Seus olhos estão arregalados e enevoados de febre; de sua respiração emanam frágeis nuvens de vapor. Ao nosso redor há o que parece ser várias tendas militares, cobertas do chão ao topo com os mesmos vívidos cartazes. Postes de luz se alinham em ambos os lados da rua em padrões harmoniosos e ordenados. É este local que deve gerar a eletricidade para o túnel e os abrigos subterrâneos. Um vento frio sopra mais neve nos nossos rostos.

De repente, June agarra minha mão. Ela aspira o ar ao mesmo tempo que eu e diz:

– Day... *olhe lá.*

Ela treme incontrolavelmente apoiada em mim, mas não sei dizer se é por causa da febre ou por causa do que estamos vendo.

Estendida à nossa frente, espreitando através das lacunas entre os prédios militares, há uma cidade com altos e reluzentes arranha-céus que se elevam através das nuvens baixas e da neve frágil; cada edifício é iluminado por lindas luzes azuis que escapam de praticamente todas as janelas e todos os andares. Jatos de combate se alinham nos topos dos telhados dos arranha-céus. Todo o panorama é incandescente. Minhas mãos apertam as de June. Nós dois simplesmente ficamos imóveis, incapazes, por um instante, de fazer qualquer coisa. A paisagem é exatamente como meu pai a havia descrito.

Chegamos a uma cidade resplandecente nas Colônias da América.

# JUNE

Metias sempre me disse que, toda vez que eu passasse mal, deveria me esforçar ao máximo para não desistir.

Sei que está frio, mas não consigo saber a temperatura. Sei que é noite, mas não consigo saber a hora. Sei que Day e eu conseguimos atravessar a fronteira e entrar nas Colônias, mas estou cansada demais para determinar por que estados passamos.

O braço de Day está rodeando firmemente minha cintura, para me sustentar, embora eu possa sentir que ele está trêmulo por me carregar há tanto tempo. Ele não para de me incentivar, sussurrando ao meu ouvido: *Só um pouquinho mais. Deve haver hospitais perto de onde estamos na frente de batalha.* Minhas pernas tremem com o esforço de me manter de pé, mas me recuso a desmaiar agora. Nossos pés esmigalham a leve camada de neve, enquanto continuamos a admirar a cidade reluzente à nossa frente.

Os edifícios têm uma altura que varia entre cinco e *centenas* de andares; alguns deles até desaparecem nas nuvens baixas. Essa visão é bem conhecida sob alguns aspectos e totalmente nova sob outros. As paredes são enfileiradas com bandeiras estrangeiras em formato de rabo de andorinha e suas cores são azul-marinho e dourado; os edifícios têm desenhos de arcadas esculpidos nas laterais; e jatos de combate se alinham em todos os topos de telhados. São modelos muito diferentes dos da República, com uma estranha estrutura alada invertida que os faz parecer com tridentes. As asas dos jatos são todas pintadas com ferozes pássaros dourados e com um símbolo que não reconheço. Não me admira sempre ter ouvido dizer que a Força Aérea das Colônias era melhor que a da República: esses jatos são mais novos do que aqueles aos quais estou acostumada e, considerando seu posicionamento no topo dos

telhados, todos devem ser capazes de realizar decolagens verticais e aterrissagens com facilidade. Esta cidade na zona de combate parece mais preparada a se defender.

E as pessoas. Elas estão em todos os lugares; são multidões de soldados e civis nas ruas, enroladas em casacos com capuz para se protegerem da neve. Quando passam sob o brilho das luzes de neon, seus rostos se tingem de tons de verde, laranja e roxo. Estou cansada demais para analisá-las adequadamente, mas uma coisa em que reparo é que todas as suas roupas – botas, calças, camisas e casacos – têm uma variedade de emblemas e palavras. Fico atônita com a espantosa quantidade de anúncios nos muros – estendem-se o mais longe que a vista pode alcançar, às vezes agrupados tão juntos que escondem completamente os muros atrás deles. Parece que anunciam tudo e qualquer coisa na face da Terra, coisas que nunca vi nem das quais ouvi falar. Escolas financiadas por corporações? Natal?

Passamos por uma janela onde um montão de telas em miniatura está exposto; cada uma transmite notícias e vídeos.

Está escrito na vitrine: **LIQUIDAÇÃO! 30% DE DESCONTO ATÉ SEGUNDA-FEIRA!**

Os programas de alguns canais são conhecidos: manchetes da frente de batalha, conferências políticas.

**A DESCON CORP CONQUISTA MAIS UMA VITÓRIA PARA AS COLÔNIAS NA DIVISA ENTRE DAKOTA E MINNESOTA. ESCOMBROS DA REPÚBLICA DISPONÍVEIS PARA COMPRA COMO SUVENIRES!**

Outros canais transmitem filmes, algo que a República só exhibe nos cinemas dos bairros ricos. A maioria das telas está mostrando comerciais. Ao contrário dos comerciais de propaganda da República, é como se esses anúncios estivessem induzindo a população a comprar coisas. Eu me pergunto que tipo de governo dirige um lugar como este. Talvez eles não tenham governo algum.

– Uma vez meu pai me disse que as cidades das Colônias parecem brilhar a distância – comenta Day. Seus olhos pulam de um anúncio vivamente colorido para outro, enquanto ele me ajuda a caminhar de forma desajeitada em meio à multidão. – É exatamente como ele descreveu, mas não consigo identificar todos esses anúncios. Você não acha que eles são esquisitos?

Concordo com a cabeça. Na República, os anúncios têm displays organizados com o estilo característico e uniforme do governo, que permanecem sempre os mesmos, não importa em que lugar do país você esteja. Aqui, os comerciais não seguem nenhuma palheta de cor. Eles são misturados, numa miscelânea de néon e luzes intermitentes. Como se não fossem feitos por um governo central, mas por vários grupos menores independentes.

Um dos anúncios mostra o vídeo de um sorridente agente policial uniformizado. A voz diz: *“Departamento de Polícia de Tribune. Precisa comunicar um crime? Basta depositar uma nota de 500!”* Sob a imagem do policial, em letras miúdas, estão as palavras: **O DEPARTAMENTO DE POLÍCIA DE TRIBUNE É UMA SUBSIDIÁRIA DA DESCON CORP.**

Outro anúncio diz: **A PRÓXIMA VERIFICAÇÃO NACIONAL DO NFE SERÁ PATROCINADA PELA CLOUD EM 27 DE JANEIRO. PRECISA DE AJUDA PARA PASSAR? OS NOVOS COMPRIMIDOS JOYENCE DA MEDITECH JÁ ESTÃO DISPONÍVEIS NAS LOJAS!**

Abaixo desses dizeres, outro pequeno asterisco é seguido pelo texto: **NFE, NÍVEL DE FELICIDADE DO EMPREGADO.**

Um terceiro comercial me deixa de queixo caído. Ele mostra um vídeo de filas de crianças pequenas, todas vestindo exatamente as mesmas roupas, sorrindo euforicamente. A seguir, o texto diz: **ENCONTRE O FILHO, A FILHA OU O EMPREGADO PERFEITO. A FRANQUIA DE LOJAS DE PERMUTA É UMA SUBSIDIÁRIA DA EVERGREEN ENT.**

Franzo a testa, intrigada. Talvez seja dessa maneira que as Colônias dirigem orfanatos e similares. Ou não?

À medida que caminhamos, observo que há uma imagem imutável no canto inferior à direita de todos os anúncios. É um círculo dividido em quatro quadrantes, com um símbolo menor no interior de cada um deles. Sob esse círculo, escrito em letras maiúsculas, está o seguinte texto:

AS COLÔNIAS DA AMÉRICA  
**CLOUD.MEDITECH.DESCON.EVERGREEN**  
UM ESTADO LIVRE É UM ESTADO CORPORATIVO



Abruptamente, sinto a respiração quente do Day junto à minha orelha.

- June...
- O que foi?
- Alguém está nos seguindo.

Esse é mais um detalhe que eu já deveria ter notado. Perdi a conta do número de coisas que estou deixando de perceber.

- Você conseguiu ver o rosto dele?

– Não, mas, a julgar pelo vulto, é uma garota – responde ele. Espero mais alguns segundos e aí me arrisco a olhar para trás. Vejo apenas uma multidão de colonianos. Fosse quem fosse, ela já desapareceu entre o povo.

– Provavelmente foi só um alarme falso. Uma garota das Colônias.

Os olhos de Day examinam, perplexos, a rua, e depois ele dá de ombros. Eu não me surpreenderia se estivéssemos começando a ver coisas, especialmente com todas essas novas luzes estranhas reluzindo e anúncios fluorescentes.



Uma pessoa nos aborda, logo que voltamos mais uma vez nossa atenção para a rua. Ela tem um metro e setenta e dois centímetros, rosto flácido, pele rosa bronzeada, alguns fios de cabelos brancos que saem de um grosso boné para proteger da neve e segura um tablet fininho. Um cachecol envolve firmemente o pescoço dela (lã sintética, a julgar pela uniformidade da textura), e pequenos cristais de gelo estão presos ao tecido sob seu queixo, onde sua respiração os congelou. Sua manga tem as palavras *Inspetora de Ruas* costuradas bem acima de outro estranho símbolo.

– Vocês não estão aparecendo para mim. São de alguma corporação?

Seus olhos permanecem fixos no tablet, que tem uma imagem semelhante à de um mapa e bolhas que se movem na tela. Cada bolha corresponde a uma pessoa na rua. Ela deve ter querido dizer que nós não estamos aparecendo no tablet. Então me dou conta de que há muitas pessoas iguais a ela pontilhando a rua, todas usando o mesmo casaco azul-marinho.

– De que corporação? – repete, impaciente.

Day vai responder quando o interrompo:

– Meditech. – Um dos quatro nomes que vi nos anúncios.

A mulher para e examina, com ares de desaprovação, nosso vestuário (golas sujas, calças pretas e botas).

– Vocês devem ser novos – acrescenta ela para si mesma, tamborilando os dedos no tablet. – Estão muito longe de onde deveriam estar. Não sei se já receberam suas instruções, mas a Meditech vai castigar vocês com rigor se vocês se atrasarem. – Ela então nos dá um sorriso falso e se lança a recitar um texto, estranhamente animada. – Sou patrocinada pela Cloud Corp. Passem na Praça Central de Tribune para comprar nossa mais recente linha de pães! – Sua boca volta de repente à taciturna expressão de antes, e ela vai embora rapidamente. Eu a observo falar com uma pessoa na rua, agindo da mesma forma que agiu conosco.

– Existe alguma coisa estranha sobre esta cidade – murmuro para Day, quando voltamos a caminhar com dificuldade entre o povo.

Day me segura com força, tenso.

– Por isso não perguntei a ela onde ficava o hospital mais próximo – esclarece ele.

– Estou tonta de novo.

– Agente firme. A gente vai dar um jeito.

Tento responder, mas já não consigo ver aonde estou indo. Day me diz alguma coisa, mas não consigo entender nenhuma palavra – ele soa como se estivesse debaixo d’água.

– O que foi que você disse?

O mundo está girando. Meus joelhos cedem.

– Eu disse talvez a gente... ir agora... hospital...

Eu me sinto cair; meus braços e pernas me circundam numa bola protetora, e lá de cima os lindos olhos azuis de Day me contemplam. Ele põe as mãos nos meus ombros, mas sinto como se estivesse a um milhão de quilômetros de distância. Tento falar, mas minha boca parece estar cheia de areia. Mergulho na mais completa escuridão.

Um lampejo dourado e cinzento. A mão fria de alguém na minha testa. Eu me esforço para tocá-la, mas no instante em que meus dedos roçam contra a pele, a mão derrete. Não consigo parar de tremer: aqui dentro é incrivelmente frio.

Quando finalmente abro os olhos, vejo que estou deitada num beliche simples e branco, com a cabeça no colo de Day, e ele está com um de seus braços sobre minha cintura. Um momento depois, me dou conta de que ele está vigiando outra pessoa – aliás, mais *três* outras pessoas – que estão no cômodo conosco. Elas usam os uniformes característicos dos soldados das Colônias da frente de batalha: japonas militares azul-marinho, guarnecidas de botões e ombreiras dourados, listras douradas e brancas até a extremidade mais baixa e o falcão dourado característico bordado nas mangas.

Sacudo a cabeça. Uma pane geral bastante genérica. Estou me sentindo tão lerda.

– Pelos túneis – diz o Day. Luzes no teto me cegam. Eu não as notara antes.

– Há quanto tempo vocês estão nas Colônias? – pergunta um dos homens. Seu sotaque é estranho. Ele tem um bigode descorado e flácido, cabelo oleoso, e a iluminação dá à sua pele um aspecto doentio. – É melhor você dizer a verdade, garoto. A DesCon não tolera mentiras.

– A gente só chegou aqui esta noite – responde Day.

– E de onde vocês vieram? Vocês trabalham para os Patriotas?

Mesmo atordoada, sei que essa pergunta é perigosa. Eles não vão ficar satisfeitos se descobrirem que fomos nós que estragamos seus planos para o Eleitor. Talvez ainda não saibam o que aconteceu. Razor disse que eles só atualizam as Colônias esporadicamente.

Day também compreende que a pergunta é perigosa, porque a evita.

– Nós viemos sozinhos para cá. – Ele faz uma pausa, e depois o escuto dizer com um toque de impaciência: – Por favor, ela está ardendo em febre. Leve a gente para um hospital, e eu conto tudo que vocês quiserem. Não percorri esse caminho todo para que ela morresse em uma delegacia.

– O hospital vai custar caro, menino – responde o homem.

Day apalpa um dos meus bolsos e pega nosso pequeno maço de Notas. Reparo que sua arma desapareceu, provavelmente foi confiscada.

– Nós temos quatro mil Notas da República...

Os soldados o interrompem com risinhos debochados.

– Guri, quatro mil Notas da República não compram nem uma tigela de sopa – responde um deles. – Além disso, vocês dois vão esperar aqui até nosso comandante aparecer, e depois vão ser encaminhados para nosso campo de PDG para o interrogatório de praxe.

Prisioneiro de guerra. Por uma razão qualquer, isso traz à tona a lembrança de quando Metias me levou em uma missão há mais de um ano, quando perseguimos um prisioneiro de guerra das Colônias por vários estados da República e o matamos em Yellowstone City. Lembro-me do sangue no solo, ensopando o uniforme azul-marinho do soldado. Um momento de pânico se apossa de mim, e estendo a mão para agarrar a gola de Day. Os outros homens no cômodo se agitam alvoroçadamente. Ouço vários cliques metálicos.

O braço de Day aperta meu corpo, protetoramente.

– Calminha – sussurra ele.

– Qual é o nome da garota?

Day encara os homens e mente:

– Sarah. Ela não é uma ameaça, só está muito doente.

Os homens dizem algo que enraivece Day, mas meu mundo está voltando a se tornar um caos de cores, e me afundo de novo em um torpor delirante. Ouço vozes altas, depois o som de uma pesada porta girando, e então... mais nada, durante muito tempo. Às vezes, vejo Metias de pé no canto da instalação militar, observando-me. Outras vezes, ele se transforma em Thomas, e não consigo decidir se devo sentir raiva ou pesar ao vê-lo. Em alguns momentos, reconheço as mãos de Day nas minhas. Ele me diz para eu me acalmar, que tudo vai ficar bem. As visões desaparecem.

Após o que parece horas, começo de novo a ouvir fragmentos débeis e interrompidos de conversas.

– ... da República?

– É.

– Você é o Day?

– Eu mesmo.

Ouço pés se arrastando, e depois, expressões de incredulidade.

– Não acredito, sei quem ele é! – diz uma voz, que se repete. – Eu reconheço ele, eu reconheço ele. É ele mesmo!

Mais arrastar de pés. Então sinto Day ser levantado e caio sozinha nos lençóis frios do beliche embaixo de mim. *Eles o levaram*

*para algum lugar. Eles o levaram embora.*

Quero me agarrar a esse pensamento, mas meu delírio febril assume o controle, e volto a submergir na escuridão.

Estou no meu apartamento no setor Rubi, com a cabeça num travesseiro úmido de suor, o corpo coberto por um fino cobertor. A luz dourada do sol vespertino invade o cômodo pelas janelas. Ollie está dormindo no chão a meu lado, com as enormes patas de filhote apoiadas preguiçosamente nos frios azulejos do chão. Percebo que isso não faz o menor sentido, porque estou com quase dezesseis anos, e Ollie deveria estar com uns nove. Devo estar sonhando.

Uma toalha molhada toca minha testa; olho para cima e vejo Metias sentado ao meu lado, passando a toalha cuidadosamente na minha cabeça para que a água não respingue nos meus olhos.

– Ei, Joanelha – diz ele, sorridente.

– Você não vai se atrasar? – sussurro. Há uma sensação preocupante na minha barriga: a de que Metias não devia estar ali comigo. Como se ele estivesse atrasado para alguma coisa.

Mas meu irmão apenas sacode a cabeça, fazendo com que várias mechas de cabelo caiam em seu rosto. O sol ilumina seus olhos com lampejos dourados.

– Eu não posso simplesmente deixar você sozinha aqui, concorda? – Ele ri, e o som de sua risada me enche de tanta felicidade que chego a pensar que vou explodir. – Aceite o fato de que você está presa aqui comigo e tome logo sua sopa. Não me interessa se você acha que ela é totalmente nojenta.

Tomo um gole da sopa. Quase consigo sentir o gosto.

– Você vai mesmo ficar aqui comigo?

Metias se inclina e beija minha testa.

– Para todo o sempre, pequena, até você não aguentar mais olhar para mim.

Meu coração se aquece e não consigo conter um sorriso.

– Você está sempre tomando conta de mim. Quando é que vai ter tempo para o Thomas?

Ao ouvir minhas palavras, Metias dá uma risadinha.

– Não consigo guardar segredo de você, não é?

– Você podia ter me contado sobre vocês dois, Metias. – Essas palavras são dolorosas para mim, mas não sei direito por quê. Sinto como se estivesse esquecendo alguma coisa importante. – Eu jamais comentaria com ninguém. Você tem medo de que a Comandante Jameson descubra e coloque você e Thomas em patrulhas diferentes?

Metias inclina a cabeça e os ombros caem.

– Nunca vi motivo para tocar no assunto.

– Você o ama?

Lembro que estou dormindo, e seja lá o que o Metias diga, não passa de meus próprios pensamentos projetados na imagem dele. Mesmo assim, sofro quando ele olha para baixo e responde, com um ligeiro aceno da cabeça, e tão baixinho que mal consigo ouvi-lo:

– Eu achava que sim.

– Lamento muito – sussurro. Ele me olha com os olhos cheios d'água.

Tento estender os braços e passá-los em volta do seu pescoço, mas então a cena se transforma, a luz diminui, e de repente estou deitada num quarto branco parcamente iluminado, numa cama que não é a minha. Metias desaparece como um fogo-fátuo. Cuidando de mim no seu lugar está Day, o rosto emoldurado pelo cabelo da cor da luz, as mãos arrumando a toalha na minha testa, e os olhos analisando intensamente os meus.

– Olá, Sarah! – diz ele. Ele usou o nome falso que inventou para mim. – Não se preocupe, você está a salvo.

A súbita mudança de cena me faz piscar.

– A salvo?

– A polícia das Colônias nos apanhou. Eles nos levaram a um pequeno hospital depois que descobriram quem eu era. Acho que

todos já ouviram falar de mim aqui, e isso está funcionando em nosso benefício.

Day me dá um largo sorriso acanhado.

Mas, desta vez, fico tão desapontada de ver Day, tão amargamente triste por ter perdido Metias para as superficialidades dos meus sonhos mais uma vez que preciso morder o lábio para não chorar. Sinto meus braços muito fracos. Provavelmente eu não conseguiria mesmo passá-los ao redor do pescoço do meu irmão, e como não consegui, não pude impedir Metias de desaparecer.

O largo sorriso de Day desaparece. Ele percebe meu pesar. Estende o braço e toca minha face com uma das mãos. Seu rosto está muito próximo e radiante sob o brilho suave da tardinha. Eu me levanto com a pouca força que me resta e deixo que ele me puxe para mais perto ainda.

– Ah, Day! – sussurro no cabelo dele, com a voz amortecida pelos soluços que venho retendo. – Sinto muita falta dele. Muita *mesmo*. E lamento tanto, *tanto por tudo...* – Repito várias vezes as palavras que disse a Metias no meu sonho e as que direi a Day pelo resto da vida.

Day me abraça mais forte. Sua mão acaricia meus cabelos, e ele me embala suavemente, como se eu fosse uma criança. Aferro-me desesperadamente a ele, incapaz de recuperar o fôlego, sufocada pela febre, pelo sofrimento e pelo vazio.

Metias foi embora de novo. Ele se foi para sempre.



# DAY

June leva meia hora para finalmente voltar a dormir, sedada com as drogas que uma enfermeira das Colônias injetou em seu braço. Ela estava chorando de novo por causa do irmão, e foi como se ela tivesse caído num buraco e se enroscado em si mesma; seu coração despedaçado estava aberto a quem quisesse ver. A firme expressão dos seus olhos escuros havia simplesmente... desaparecido.

Eu me retraio. É claro que conheço exatamente a dor de perder um irmão mais velho. Observo seus olhos se agitarem atrás das pálpebras fechadas, provavelmente imersa em mais um pesadelo do qual não posso livrá-la. Por isso, faço apenas o que ela sempre faz por mim: passo a mão suavemente no seu cabelo e beijo sua testa, a face e os lábios úmidos. Não ajuda muito, mas eu faço isso mesmo assim.

O hospital está relativamente silencioso, mas alguns sons formam uma leve nuvem de ruídos na minha cabeça: há um débil zumbido que vem das luzes do teto e uma espécie de tumulto indistinto nas ruas lá de fora. Como na República, uma tela instalada na parede transmite uma sequência de notícias da frente de batalha. Ao contrário da República, o noticiário está pontilhado de comerciais de coisas que não consigo compreender, como nas ruas lá fora. Paro de assistir depois de algum tempo. Fico pensando no modo como minha mãe consolava o Éden quando ele foi infectado pela praga, o jeito com que ela sussurrava palavras tranquilizadoras e tocava o rosto dele com suas mãos cheias de ataduras, John se aproximando da cama com uma tigela de sopa nas mãos.

*Lamento tanto, tanto por tudo!*, disse June.

Vários minutos depois, uma oficial abre a porta do nosso quarto no hospital e caminha até onde estou. É a mesma soldado que



descobriu quem eu era e providenciou para que viéssemos para este hospital de vinte andares. Ela para bem na minha frente e faz uma rápida medida, como se eu fosse um oficial ou algo assim. Igualmente surpreendente é o fato de ela ser o único soldado no quarto conosco. Esses caras não devem nos considerar uma ameaça. Nada de algemas, nem mesmo um guarda para vigiar nossa porta. Será que eles sabem que impedimos o assassinato do Primeiro Eleitor? Se estão financiando os Patriotas, certamente vão descobrir isso mais cedo ou mais tarde. Talvez desconheçam que já trabalhamos para os Patriotas. Razor nos integrou à equipe há muito pouco tempo.

– Suponho que as condições de sua amiga sejam estáveis, não? – Seus olhos se dirigem à June. Eu apenas faço um sinal afirmativo com a cabeça. É melhor que ninguém aqui saiba que June é a garota prodígio da República. – Em vista do seu estado de saúde – acrescenta a moça –, ela vai precisar ficar aqui até melhorar o suficiente para se movimentar sozinha. Você é bem-vindo para permanecer aqui com ela; se não quiser, a DesCon Corp terá prazer em financiar um outro quarto para você.

DesCon Corp, mais um jargão das Colônias que não compreendo, mas nem penso em começar a questionar a origem da generosidade deles. Se sou famoso o bastante por aqui para receber tratamento de tapete vermelho em um hospital, então vou aproveitar, mas não vou abusar.

– Obrigado, mas estou muito bem aqui.

– Vamos providenciar uma cama extra para você – diz ela, apontando o espaço vazio do quarto. – De manhã voltaremos para ver como vocês estão.

Volto à minha vigília da June. Como a guarda não sai do cômodo, eu a olho, levanto as sobrancelhas, ela enrubesce.

– Posso fazer alguma coisa pela senhora?

Ela dá de ombros e tenta parecer indiferente.

– Não. Eu só... Quer dizer que você é o Daniel Altan Wing, hein?!

– Ela diz meu nome como se o estivesse avaliando. – O Evergreen Ent não para de divulgar histórias sobre você nos tabloides dele. O Rebelde da República, O Fantasma, A Arma Secreta... Eles publicam um apelido e uma foto diferentes para você todos os dias. Dizem que você escapou de uma prisão em Los Angeles sozinho. Ei, é verdade que você namorou a cantora Lincoln?

A ideia é tão ridícula que tenho que rir. Eu não sabia que os colonianos se mantinham a par das cantoras que o governo da República nomeava para fazer propaganda oficial.

– Lincoln é um pouco velha para mim, você não acha?

Minha risada quebra a tensão, e a soldado ri comigo.

– Bem, pelo menos essa semana você é. Na semana passada a Evergreen Ent informou que você se esquivou de todas as balas de um pelotão de fuzilamento e escapou de ser executado.

A soldado ri novamente, mas eu me mantenho calado.

*Não, eu não me esquivei de bala nenhuma. Deixei que meu irmão mais velho as recebesse no meu lugar.*

O riso da soldado se esvanece constrangidamente quando ela vê minha expressão. Ela pigarreja e diz:

– Nós vedamos aquele túnel pelo qual vocês vieram. Foi o terceiro que vedamos em menos de um mês. De vez em quando, refugiados da República chegam aqui igualzinho como vocês fizeram, e as pessoas que vivem em Tribune já se cansaram de lidar com eles. Ninguém gosta de civis do território inimigo chegando de repente pra morar na sua cidade natal. Nós costumamos expulsar essa gente na frente de batalha. Você deu sorte. – A soldado suspira. – Há um tempo, toda esta região era os Estados Unidos da América. Você sabe disso, não?

De súbito, meu medalhão pesa no meu pescoço.

– Sei sim.

– Bem, você está a par das inundações? Elas chegaram de repente, em menos de dois anos, e arrasaram metade do sul cuja

altitude era baixa. Desapareceram lugares dos quais republicanos como você jamais ouviram falar. A Louisiana sumiu, assim como a Flórida, a Geórgia, o Alabama, o Mississippi, as Carolinas do Sul e do Norte. Tudo foi tão rápido que dava pra jurar que esses estados nunca existiram, pelo menos se ainda não desse para ver o topo de alguns dos edifícios lá longe no oceano.

– E foi por isso que vocês vieram pra cá?

– Aqui no oeste tem mais terra. Você consegue imaginar o número de refugiados? E então, o oeste construiu uma muralha para evitar que o pessoal do leste superlotasse seus estados, desde Dakota até o Texas. – Ela bate um punho na palma da outra mão. – Então a gente teve de construir túneis para entrar na cidade. Havia milhares deles quando a migração estava no auge, mas aí veio a guerra. Quando a República decidiu começar a usar os túneis para realizar ataques-surpresa contra nós, vedamos *todos*. A guerra está demorando tanto que a maioria das pessoas nem se lembra que a luta é motivada por uma disputa de terras. Quando as enchentes finalmente se acalmaram, as coisas aqui se estabilizaram e nós nos tornamos as Colônias da América. – Ela diz isso com o peito estufado. – Esta guerra não vai durar muito mais; já faz um tempo que estamos vencendo.

Eu me lembro de Kaede me dizendo, logo que chegamos a Lamar, que as Colônias estavam vencendo a guerra. Até então, eu não tinha pensado muito no assunto – afinal de contas, o que é a suposição de uma pessoa? O que é um boato? Mas agora essa oficial está afirmando que as Colônias estão ganhando.

Nós dois nos calamos quando o tumulto fora do prédio fica mais alto. Inclino a cabeça. Desde que chegamos ao hospital, multidões têm entrado e saído, mas eu não havia pensado a respeito. Nesse instante, penso ouvir meu nome.

– Você sabe o que está acontecendo lá fora? Podemos transferir minha amiga para um quarto mais silencioso?

A soldado cruza os braços e pergunta:

– Você quer ver a confusão?

Ela faz um gesto para que eu me levante e a siga.

A gritaria lá fora alcançou um nível ameaçador. Quando ela abre as portas giratórias da varanda e nos leva para o ar da noite, sou cumprimentado por uma lufada de vento gelado e por um enorme coro de vivas! Luzes faiscantes me deixam cego; por um instante tudo que posso fazer é ficar lá contra as balaustradas de metal e absorver a cena. É muito tarde, mas deve haver centenas de pessoas abaixo da nossa janela, indiferentes ao chão coberto de neve. Todos os olhos estão concentrados em mim. Muitas pessoas erguem cartazes feitos à mão. Um deles diz: *Bem-vindo, nosso aliado!*

Outro diz: *O Fantasma está vivo!*

Leio em um terceiro: *Destrua a República!*

Há dezenas de cartazes: *Day É Nosso Coloniano Honorário! Bem-vindo a Tribune, Day! Nosso Lar É Seu Lar!*

Eles sabem quem sou.

A soldado aponta para mim, sorri para a multidão.

– Esse é o Day!

Mais uma explosão de vivas. Fico paralisado onde estou. O que se deve fazer quando um monte de gente grita seu nome como se não batessem bem da cabeça? Não tenho a menor ideia, por isso levanto a mão e aceno, o que os faz gritar ainda mais alto.

– Você é uma celebridade pra nós – diz a soldado para mim, mais alto do que o barulho. Ela parece muito mais interessada nisso do que eu. – Você é o único rebelde que a República não consegue silenciar. Escute o que estou dizendo: amanhã você vai estar em todos os tabloides. A Evergreen Ent vai ficar louca para entrevistá-lo.

Ela continua a falar, mas já não presto atenção. Uma das pessoas segurando um cartaz no alto me chama a atenção. É uma garota com um cachecol ao redor da boca e um capuz que lhe cobre parte do rosto.

Mas dá para ver que é Kaede.

Minha cabeça está zozna. No mesmo instante penso no alarme vermelho piscante lá do bunker avisando que alguém se aproximava do esconderijo. E eu também me lembro da pessoa que eu julguei que estivesse nos seguindo nas ruas da cidade. *Era a Kaede*. Isso quer dizer que outros Patriotas também estão aqui? Ela está segurando um cartaz quase perdido no oceano de tantos outros.

Ele diz: *Você precisa voltar. AGORA!*

# JUNE

Estou sonhando de novo. Tenho certeza disso porque Metias está aqui e sei que ele está morto. Desta vez estou pronta e controlo minhas emoções com rédea curta. Metias e eu estamos caminhando nas ruas de Pierra. À nossa volta, soldados da República correm em torno de entulhos e explosões, mas, para nós dois, tudo está tranquilo e vagaroso, como se estivéssemos assistindo a um filme em câmera lenta. Nuvens de poeira e fragmentos de granadas ricocheteiam e nos atingem sem causar nenhum mal. Sinto-me invencível ou invisível. Um ou outro, talvez ambos.

– Alguma coisa não está certa – digo ao meu irmão. Meus olhos visualizam os telhados e depois voltam a observar as ruas caóticas. Onde está Anden?

Metias franze a testa e me examina, atento. Ele caminha com as mãos atrás das costas, elegante como deve ser todo capitão; as borlas douradas do seu uniforme retinem suavemente quando ele anda.

– Posso ver que algo a incomoda – comenta ele, coçando o queixo com a barba malfeita. Ao contrário de Thomas, Metias sempre havia sido meio desleixado quanto aos cuidados com a aparência. – Qual é o problema?

– Este lugar – respondo, apontando para o ambiente que nos rodeia. – Tudo isso. Alguma coisa não se encaixa.

Metias sobe numa pilha de entulhos de concreto e pergunta:

– O que não se encaixa?

– Ele. – Aponto para o telhado. Por alguma razão, Razor está lá em cima, em plena vista, observando tudo que acontece. Seus braços estão cruzados. – Tem alguma coisa errada com *ele*.

– Vamos, Joaninha, seja mais clara – diz Metias.

Uso os dedos para listar algumas coisas.

– Quando entrei no jipe que vinha atrás daquele em que o Primeiro Eleitor estava, as instruções dos motoristas eram claras. O Eleitor mandou que me levassem ao hospital.

– E então?

– E então Razor ordenou aos motoristas que se dirigissem pela rota do assassinato. Ele ignorou completamente a ordem de Anden. Ele deve ter dito a Anden que *eu* tinha insistido para seguir aquela rota. Só assim Anden concordaria com a mudança de trajeto.

Metias dá de ombros.

– Mas o que isso quer dizer? Que Razor simplesmente queria que o assassinato acontecesse de qualquer jeito?

– Não. Se o assassinato fosse levado a cabo, todo mundo saberia quem ignorou a ordem do Eleitor. Todo mundo saberia que foi Razor que ordenou que os jipes seguissem outro caminho. – Agarro o braço de Metias e continuo: – A República saberia que *Razor* tentou matar Anden.

Metias aperta os lábios.

– Por que Razor se entregaria dessa maneira? O que foi estranho?

Viro as costas para o caos em câmera lenta nas ruas.

– Bem, já no começo, ele conseguia levar os Patriotas para seu quartel em Vegas com uma facilidade impressionante. Ele colocou os Patriotas dentro daquele dirigível como se não fosse nada. Parece que ele tem uma habilidade sobre-humana para se esconder.

– Talvez ele tenha mesmo – diz Metias. – Afinal de contas, as Colônias o estão financiando, não é mesmo?

– É verdade. – Frustrada, passo uma das mãos no cabelo. Nesse estado de sonho, meus dedos estão entorpecidos, e não sinto os fios sob a pele. – Não faz sentido. Eles deviam ter cancelado o ataque. Razor não teria dado continuidade ao plano de jeito nenhum depois que eu o estraguei. Eles teriam voltado aos quartéis, repensado a situação, e depois feito outra tentativa, dali a um ou dois meses. Por

que Razor colocaria sua posição em risco, se o assassinato corria o perigo de fracassar?

Metias observa um soldado da República passar correndo por nós. O soldado levanta a cabeça para Razor, que está no telhado, e lhe presta continência.

– Se as Colônias estão apoiando os Patriotas – diz meu irmão – e sabem quem é o Day, vocês dois não deveriam ter sido levados diretamente para quem estivesse no comando?

Encolho os ombros. Lembro o curto período que passei com Anden, com suas novas leis radicais, sua nova maneira de pensar. E lembro também sua tensão com o Congresso e os senadores.

E foi aí que o sonho se interrompeu. Meus olhos se abrem de repente. Já sei por que Razor me incomoda tanto.

As Colônias não estão financiando Razor – na verdade, as Colônias nem imaginam o que os Patriotas estão planejando. Essa é a razão pela qual Razor foi adiante com o plano; é claro que ele não temia que a República descobrisse que ele trabalhava para os Patriotas.

A República havia contratado Razor para assassinar Anden.





# DAY

Depois que a soldado e eu saímos da varanda e deixamos a multidão do lado de fora do nosso quarto do hospital, pedi que guardas permanecessem do lado de fora da porta (“Caso alguns admiradores tentem invadir o quarto”, disse à soldado antes que ela fosse embora), pedi mais cobertores e remédios para June. Eu não queria me levantar e ver a Kaede de novo da sacada.

Gradativamente, os gritos da multidão começaram a diminuir e tudo acabou ficando em silêncio. Agora estamos completamente sozinhos, à exceção dos guardas que vigiam nossa porta.

Já peguei tudo de que precisava, mas permaneço imóvel à cabeceira de June. Aqui não há nada que eu possa transformar em uma arma, se vamos mesmo fugir hoje à noite, tudo o que podemos esperar é não ter de lutar com ninguém. E que só reparem que desaparecemos quando for de manhã.

Eu me levanto e vou até a varanda. A neve no chão lá embaixo está completamente pisada e escura, com a sujeira das botas. É claro que Kaede não está mais lá. Absorvo a paisagem das Colônias por um tempo e volto a pensar no cartaz de Kaede.

Por que ela me diria para voltar para a República? Estará tentando me levar para uma armadilha ou me prevenir? Mas se ela quisesse nos prejudicar por que bateu em Baxter e nos ajudou em Pierra?

Ela até insistiu que fugíssemos antes que os outros Patriotas nos alcançassem. Volto a deitar ao lado de June, que continua dormindo. Sua respiração está mais regular agora, e suas faces estão menos coradas do que várias horas atrás. Ainda assim, não me atrevo a perturbá-la.

Os minutos passam lentamente. Espero para ver se a Kaede vai tentar de novo. Depois da velocidade estonteante de tudo que nos aconteceu, não estou acostumado a ficar “enjaulado” assim. De repente, tenho todo o tempo do mundo.

Um barulho surdo ecoa nas portas da varanda. Fico de pé com um pulo. Talvez um galho de uma árvore tenha se quebrado ou uma telha tenha se soltado. Fico à espera, alerta. Durante um tempo, nada acontece, mas depois mais um ruído seco atinge o vidro.

Levanto-me da cama e caminho até as portas da sacada. Espreito cuidadosamente através do vidro. Não vejo ninguém. Meus olhos se fixam no chão da varanda. Lá, em plena vista, estão duas pedrinhas, um bilhete atado a uma delas.

Destranco a porta da sacada, faço-a deslizar um pouco e solto o bilhete da pedra. Depois tranco a porta novamente e abro o bilhete.

As palavras foram rabiscadas às pressas:

**Venha aqui fora. Estou sozinha.  
Emergência.  
Vim ajudar. Precisamos nos falar. – K.**

*Emergência.* Amasso o bilhete. O que ela julga ser uma emergência? Tudo é emergência nesse momento. Kaede *havia mesmo* nos ajudado a fugir, mas isso não quer dizer que eu esteja disposto a confiar nela.

Nem um minuto se passou antes que uma terceira pedra atinja o chão. Desta vez, a mensagem diz:

**Se não falar comigo agora, você vai se arrepender. – K.**

Fico furioso com essa ameaça. Kaede tem mesmo o poder de nos denunciar por sabotar o plano dos Patriotas. Permaneço onde estou, relendo o bilhete amassado. Digo então a mim mesmo: *Talvez só por alguns minutos. É isso aí. Só o tempo suficiente para ver o que a Kaede quer. Depois volto aqui para dentro.*

Agarro o casaco, respiro fundo e recuo de novo até as portas da sacada. Meus dedos abrem as portas com o maior cuidado. Um vento frio me fustiga o rosto quando saio sorrateiramente na varanda, agacho-me e tranco as portas da sacada. Se alguém quiser invadir o quarto para machucar June, vai precisar fazer barulho suficiente para alertar os guardas do lado de fora. Salto pela lateral da varanda, giro o corpo e me agarro ao parapeito. Vou descendo até ficar pendurado entre o primeiro e o segundo andares e então me solto.

Minhas botas aterram em flocos de neve, com um suave esmigalhar. Dou uma última olhada para o parapeito do segundo andar, memorizo onde fica na rua o edifício do hospital, meto o cabelo dentro do casaco e me espremo contra a parede.

A essa hora, as ruas estão vazias e silenciosas. Espero na lateral do edifício por um minuto, antes de sair dali. *Anda logo, Kaede.* Minha respiração é expelida em curtas nuvens de vapor. Meus olhos vasculham os refúgios e as fendas ao meu redor, verificando se há perigo, mas estou completamente sozinho. *Você não queria me encontrar aqui fora? Pois bem, estou aqui.*

– Fale comigo – sussurro, contendo a respiração enquanto caminho ao lado do prédio. Meus olhos procuram patrulhas municipais, mas aqui não há nenhuma.

De repente, paro. Uma sombra sutil está agachada num dos becos próximos. Fico tenso e falo alto o bastante para a pessoa me escutar:

– Saia logo! Sei que você está aí.

Kaede se materializa fora das sombras e acena para que eu me junte a ela e sussurra:

– Vamos dar um volta. Ande logo!

Ela se apressa até um estreito beco escondido atrás de uma fileira de arbustos cobertos de neve. Percorremos a passagem até chegarmos a uma rua mais larga, para onde Kaede se dirige imediatamente. Apresso-me para ir atrás dela. Meus olhos examinam os cantos. Avalio todos os lugares por onde eu possa subir para um andar mais alto, caso alguém tente me atacar de surpresa. Todos os pelos da minha nuca se eriçam, rígidos de tensão.

Pouco a pouco Kaede diminui a velocidade, até ficarmos lado a lado. Ela está usando as mesmas calças e botas da tentativa de assassinato que aconteceu mais cedo naquele dia, mas trocou a jaqueta militar por um manto e um cachecol de lã. Ela excluiu a faixa preta do rosto.

– Vamos direto ao assunto – digo a ela. – Não quero deixar a June sozinha por muito tempo. O que você está fazendo aqui?

Tomo a precaução de manter boa distância entre nós, para o caso de ela decidir bancar a engraçadinha com uma faca ou algo parecido. Parece que estamos sozinhos, ponto pra ela, mas me certifico de que ficaremos numa das ruas principais, de onde eu possa fugir com mais facilidade, se precisar. Alguns operários das Colônias passam apressados por nós, avermelhados pelas luzes dos comerciais dos edifícios. Os olhos de Kaede brilham com uma ansiedade quase frenética: essa é uma expressão completamente diferente da habitual.

– Eu não podia escalar a parede até o seu quarto – diz ela. O cachecol ao redor da sua boca abafa suas palavras, e ela o puxa impacientemente para baixo. – Os desgraçados dos guardas me ouviriam. Por isso você é o corredor, não eu. Juro que não estou aqui para prejudicar sua preciosa June. Se ela está sozinha no quarto, vai ficar legal. Nós não vamos demorar.

– Você seguiu a gente pelo túnel?

Kaede concorda com a cabeça.

– Dei um jeito de me livrar dos entulhos pra conseguir entrar nele.

– Onde estão os outros?

Ela aperta as luvas que usa, sopra ar quente nas mãos e resmunga contra o tempo.

– Eles não estão aqui. Só eu. Eu precisava alertar você.

Uma sensação de temor me invade a barriga.

– Sobre o quê? Tem alguma coisa a ver com a Tess.

Kaede para o que está fazendo e me cutuca as costelas com força.

– O plano do assassinato não deu certo. – Ela ergue as mãos antes que eu possa interromper. – *Sei que você já está a par* disso. Um monte de Patriotas foi preso. Um punhado deles fugiu, pelo menos a nossa Tess escapou. Ela fugiu com alguns dos nossos pilotos e corredores. Pascao e Baxter também fugiram.

Digo um palavrão. Tess. Sinto uma súbita compulsão de ir atrás dela para garantir que esteja a salvo e então me lembro da última coisa que ela me disse. Kaede prossegue com suas informações enquanto caminhamos:

– Não sei onde eles estão agora, mas tem uma coisa que você não sabe, e que nem *eu* sabia, até que você e June impediram o assassinato. Jordan, a garota corredora, lembra-se dela, não é?, descobriu todas essas informações num drive de computador e o entregou a um de nossos hackers.

Ela respira fundo, para e vira a cabeça para observar o chão. O vigor costumeiro de sua voz se reduz.

– Day, Razor enrolou todo mundo. Ele mentiu para os Patriotas e depois os entregou à República.

Paro subitamente de andar.

– O quê?

– Razor nos disse que as Colônias nos contrataram para matar o Eleitor e começar uma revolução, mas isso não é verdade. Descobri no dia da tentativa de assassinato que o *Senado* da República está

financiando os Patriotas. – Ela balança a cabeça. – Dá pra acreditar nisso? *A República foi quem contratou os Patriotas para assassinar Anden!*

Fico em silêncio, perplexo. As palavras de June ecoam na minha cabeça: ela me disse que o Congresso não gostava do seu novo Eleitor e que, na opinião dela, Razor estava mentindo. Disse também que as coisas que ele nos falou não faziam sentido.

– Todos nós fomos apanhados de surpresa, exceto Razor – diz Kaede, quando não respondo. Recomeçamos a caminhar. – Os senadores querem que Anden morra. Eles acharam que poderiam nos usar e pôr a culpa na gente.

Meu sangue está tão acelerado que mal consigo me ouvir falar.

– Por que Razor trairia os Patriotas assim? Ele não está do lado deles há décadas? E eu que pensei que o Congresso estava tentando evitar uma revolução...

Kaede baixa os ombros de repente; sua respiração é uma nuvenzinha de vapor.

– Há uns dois anos, *Razor* foi apanhado trabalhando para os Patriotas, por isso ele fez um trato com o Congresso: convenceria os Patriotas a matarem Anden, o jovem revolucionário de pavio curto, e o Congresso “esqueceria” sua traição. No final, *Razor* seria o novo Eleitor, e com você e June trabalhando pra ele, ele acabaria sendo o herói do povo ou algo parecido. As pessoas pensariam que os Patriotas assumiram o governo. Razor não quer que os Estados Unidos sejam reconstituídos. Ele quer apenas se safar e vai se unir a qualquer um que o ajude a fazer isso.

Fecho os olhos. Meu mundo está girando. June havia me alertado sobre o Razor. Todo esse tempo tenho estado trabalhando para os senadores da República. São eles que querem Anden morto. Não me surpreende que as Colônias não tenham ideia do que os Patriotas estão tramando. Abro os olhos.

– Mas eles fracassaram. Anden continua vivo.

– Anden está vivo – confirma Kaede. – Ainda bem.

Eu devia ter confiado na June o tempo todo. Minha raiva em relação ao jovem Eleitor perde o sentido. Será que isso quer dizer... que ele realmente *soltou* o Éden? Meu irmão está livre e a salvo? Olho desconfiado para Kaede.

– Você veio até aqui só pra me dizer isso?

– É isso aí. Sabe por quê? – Ela se inclina mais para perto, até o nariz estar quase tocando o meu. – Anden está quase perdendo o controle do país. Falta muito, muito pouco para o povo se revoltar contra ele. – Ela junta dois dedos para enfatizar o que disse. – Se ele perder o poder, a gente vai ter um trabalhão para impedir Razor de assumir a República. Neste instante, Anden está lutando para controlar os militares, enquanto Razor e a Comandante Jameson estão tentando tirar dele esse controle. O governo está quase se dividindo em dois.

– Espere aí! Você disse “Comandante Jameson”?

– Havia a transcrição de uma conversa gravada entre ela e Razor naquele drive de computador. Lembra que nós demos de cara com ela a bordo do RS Dynasty? – responde Kaede. – Razor fingiu não ter noção de que ela estaria lá, mas *acho* que ela te reconheceu. Acho que ela queria ver você com os próprios olhos, para confirmar que você fazia mesmo parte dos planos de Razor. – Kaede faz uma careta e continua: – Eu devia ter desconfiado que *tinha* alguma coisa errada com Razor. Eu também me enganei sobre Anden.

– Por que você se importa com o que acontece à República? – pergunto. O vento lança lufadas de neve da rua, ecoando a frieza das minhas palavras. – E por que agora?

– Eu estava participando por causa do dinheiro, confesso. – Kaede sacode a cabeça; sua boca expressa uma linha tensa. – Mas, em primeiro lugar, não recebi dinheiro algum, porque o plano furou. Depois, eu não me alistei para destruir o país, para entregar todos os civis da República de volta a outro maldito Eleitor. – Então seu tom de voz baixa e seus olhos ficam embaçados. – Sei lá... Talvez eu estivesse esperando que os Patriotas me oferecessem um objetivo

mais nobre do que simplesmente ganhar dinheiro. Ajudar a unir novamente essas duas grandes nações rachadas. Isso teria sido irado.

O vento do inverno fustiga meu rosto. Kaede não precisa me dizer por que percorreu esse longo caminho para chegar até mim. Depois de escutar o que ela disse, eu sei por quê. Lembro o que a Tess me disse em Lamar: “*Todo mundo está de olho em você, Day. Estão esperando para ver o que você vai fazer em seguida.*” Talvez seja a única pessoa capaz de salvar Anden agora. Sou a única pessoa a quem o povo da República dará ouvidos.

Nós nos calamos e nos escondemos ainda mais nas sombras, quando alguns policiais passam apressadamente. A neve se desprende das suas botas. Eu os observo desaparecer no último beco do qual saímos. Aonde estarão indo?

Quando Kaede continua a andar com o cachecol cobrindo sua boca de novo, pergunto:

– E as Colônias?

– Que é que tem? – resmunga ela, através do cachecol.

– Por que não deixar a República desmoronar e as Colônias assumirem? O que me diz dessa ideia?

– Nunca se tratou de deixar as Colônias vencerem. Os Patriotas visam a recriar os Estados Unidos, da melhor maneira possível.

Kaede faz uma pausa e gesticula para que caminhemos por outra rua. Andamos mais dois quarteirões antes de ela nos parar em frente a uma enorme fileira de edifícios arruinados.

– Que é isto? – pergunto a Kaede; ela, porém, não responde. Examino o prédio à minha frente. Tem cerca de trinta andares de altura, mas se estende por várias quadras da cidade. A cada dez metros, entradas minúsculas e escuras estão talhadas no andar de baixo do conjunto. Água goteja das laterais, das janelas e das varandas deterioradas, esculpindo feias fileiras de fungos nas paredes. A estrutura se estende ao longo da rua onde estamos. Vista do céu deve parecer um gigantesco bloco negro de concreto.



Fico boquiaberto. Depois de ver as luzes dos arranha-céus das Colônias, é chocante constatar que um edifício assim existe por aqui.

Já vi conjuntos de edifícios abandonados da *República* com aparência melhor do que esta. As janelas e os corredores são pequenos e grudados uns nos outros que nenhuma luz poderia alcançar muita coisa dentro deles. Eu espreito para dentro de uma das entradas negras.

Escuridão, um estranho vazio. O som de água gotejando e de débeis pisadas ecoa. De vez em quando, vejo uma luz bruxuleante, como se alguém estivesse lá com uma vela. Olho para os andares superiores. A maioria das janelas está rachada e estilhaçada ou simplesmente não existe mais. Algumas têm fitas de plástico de um lado a outro. Vasos de planta antigos nas varandas são posicionados debaixo de goteiras, e várias sacadas têm fileiras de roupas esfarrapadas penduradas nos parapeitos. Deve ter gente morando lá. Esse pensamento me faz estremecer. Olho uma vez para trás, vejo os arranha-céus reluzentes no quarteirão logo atrás de nós e, depois, volto a observar esta estrutura de cimento apodrecendo.

Um tumulto no final da rua desperta nossa atenção. Desvio o olhar do conjunto em ruínas. A um quarteirão de distância, uma senhora de meia-idade, com botas masculinas e um casaco surrado, faz uma súplica a dois homens vestidos com pesados vestuários plásticos. Ambos usam visores claros que lhes cobrem o rosto e grandes chapéus de abas largas.

– Dá só uma olhada – sussurra Kaede, e nos arrasta para uma das entradas escuras entre duas portas no nível térreo do conjunto. Inclínamos ligeiramente a cabeça, para que possamos ouvir o que está acontecendo. Embora estejam a uma boa distância, a voz da mulher se faz ouvir nitidamente no ar silencioso e gelado.

– Eu só deixei de pagar uma parcela este ano. Posso correr para o banco logo que abrir e lhes dar todas as Notas que eu tenho...

– É a política da DesCon, senhora – interrompe-a um dos homens. – Não podemos investigar crimes para clientes que vêm

atrasando pagamentos à polícia local.

A mulher está em lágrimas e torce as mãos com tanta força que tenho a impressão de que vai ficar sem pele.

– Deve haver alguma coisa que vocês possam fazer! Alguma coisa que eu possa dar a vocês ou a outro departamento policial. Eu...

– Todos os departamentos da polícia seguem a política da DesCon. Quem é seu empregador? – É o outro homem quem fala agora.

– A Cloud Corp – responde a mulher, esperançosa. Como se essa informação pudesse persuadi-los a mudar de ideia.

– A Cloud Corp desencoraja seus trabalhadores de saírem às ruas depois das onze da noite. – Ele aponta com a cabeça para o conjunto de edifícios e diz: – Se a senhora não voltar para casa, a DesCon vai reportá-la à Cloud, e a senhora pode perder seu emprego.

– Mas roubaram tudo que eu tenho! – A pobre senhora começa a soluçar alto. – Minha porta está completamente despedaçada, e todos os meus alimentos e as minhas roupas sumiram. Os homens que fizeram isso moram no meu andar; se vocês puderem vir comigo, podem prendê-los, eu sei onde eles moram.

Os dois homens já começaram a se afastar. A mulher sai correndo atrás deles, suplicando ajuda, embora ambos continuem a ignorá-la.

– Mas a minha casa... se vocês não fizerem alguma coisa, como é que eu... – ela não para de falar. Os homens repetem suas advertências de que vão denunciá-la.

Quando foram embora, eu me viro para Kaede.

– O que foi isso?

– Não foi óbvio? – responde Kaede, sarcasticamente, quando saímos da escuridão do prédio e chegamos à rua.

Ficamos calados. Finalmente, Kaede explica:

– A classe trabalhadora entra pelo cano em tudo que é lugar, não é? Minha teoria é: as Colônias são melhores do que a República em alguns aspectos, mas, acredite se quiser, o inverso também é

verdade. Não existe a tal utopia burra que tu fantasia, Day. Simplesmente não existe. Eu não tinha por que dizer isso antes; é uma coisa que você precisava ver com os próprios olhos.

Começamos a caminhar de volta para o hospital. Mais dois soldados das Colônias passam por nós, sem qualquer interesse. Um milhão de pensamentos gira na minha cabeça. Meu pai nunca deve ter posto os pés nas Colônias ou, se o fez, apenas passou os olhos pela superfície, da mesma forma que June e eu fizemos quando chegamos. Sinto um nó na garganta.

– Você confia em Anden? – pergunto após um momento. – Vale a pena salvá-lo? Vale a pena salvar a *República*?

Kaede faz vários desvios. Finalmente, para perto de uma loja com telas em miniatura na vitrine, cada uma das quais transmitindo programação diferente sobre as Colônias. Kaede nos conduz para uma pequenina transversal da loja, onde a escuridão da noite nos engole. Ela para e gesticula para as telas dentro da loja. Lembro que passei por uma loja assim no nosso caminho para a cidade.

– As Colônias sempre exibem notícias surrupiadadas das conexões sem fio da República. Eles têm um canal todinho pra isso. Este resumo de notícias vem se repetindo desde a tentativa fracassada de assassinato.

Meus olhos vagueiam pelas manchetes do monitor. A princípio eu apenas olho fixamente e sem expressão, perdido em pensamentos agitados sobre os Patriotas, mas, no momento seguinte, me dou conta de que a transmissão não é sobre escaramuças na frente de batalha nem notícias sobre as Colônias, e sim sobre o Primeiro Eleitor da República. Uma onda de desgosto me percorre instintivamente ao ver Anden na tela. Eu me esforço para ouvir o noticiário e me pergunto de que modo as Colônias interpretariam os mesmos fatos.

Uma legenda aparece sob o discurso gravado de Anden. Eu a leio sem poder acreditar:

## **O ELEITOR LIBERTA IRMÃO CAÇULA DE DAY, O NOTÓRIO REBELDE. FARÁ UM PRONUNCIAMENTO PÚBLICO AMANHÃ, NA CAPITAL TOWER.**

– A partir de hoje – diz o Eleitor, num vídeo pré-gravado. – Éden Bataar Wing está oficialmente liberado do serviço militar e, como agradecimento por sua colaboração, está igualmente isento das Provas. Todos os outros doentes que eram transportados ao longo da frente de batalha já foram libertados e enviados de volta para suas famílias.

Preciso esfregar os olhos e reler as legendas.

Elas continuam lá: o Eleitor libertou Éden.

De súbito, já não sinto o ar gelado. Não sinto *nada*. Minhas pernas estão bambas. Minha respiração acompanha o ritmo rápido dos meus batimentos cardíacos. Isso não pode estar certo. O Eleitor está provavelmente anunciando o assunto em público para me atrair de volta à República. Ele está tentando me comprar e ainda por cima bancar o bonzinho. Não é possível que ele tenha libertado Éden e todos os demais, inclusive o menino que vi no trem, por livre e espontânea vontade. De jeito nenhum!

*De jeito nenhum? Mesmo depois de tudo que June me disse, mesmo depois do que Kaede acabou de dizer? Mesmo agora, não confio em Anden?*

*Qual é o meu problema?*

Então, à medida que continuo assistindo, o discurso gravado do Eleitor dá lugar a um vídeo que mostra Éden sendo escoltado para fora de um tribunal, sem algemas e vestindo roupas que geralmente são apropriadas a um filho de uma família abastada.

Seus cachos louros estão bem penteados. Ele examina as ruas com olhos incrédulos, mas está *sorrindo*. Enterro a mão na neve, numa tentativa de me equilibrar. Éden está com aparência saudável, bem cuidada. Quando filmaram isso?

O noticiário com Anden finalmente acaba, e agora o vídeo mostra imagens da tentativa fracassada de assassinato, seguidas por cenas de batalhas no fronte. As legendas são completamente diferentes das que eu havia visto na República:

**FRACASSA TENTATIVA DE ASSASSINATO DO NOVO PRIMEIRO ELEITOR DA REPÚBLICA, O SINAL MAIS RECENTE DE PERTURBAÇÃO NA REPÚBLICA.**

A legenda é divulgada por uma linha menor no canto da tela e que diz: **ESTA TRANSMISSÃO É PATROCINADA PELA EVERGREEN ENT.** O símbolo circular já conhecido figura ao lado.

– Decida por si só o que pensa de Anden – resmungava Kaede. Ela para e tira flocos de neve das pestanas.

*Eu estava errado.* A certeza disso me assenta no estômago como um peso morto, uma rocha de remorso por ter antagonizado June tão violentamente quando ela tentou me explicar tudo isso no abrigo subterrâneo. Como eu pude dizer todas aquelas coisas horríveis para ela? Penso nos anúncios esquisitos e perturbadores que vi aqui, nas habitações em ruínas dos pobres, no desapontamento que sinto ao saber que as Colônias não são o farol brilhante idealizado por meu pai. Seu sonho de arranha-céus reluzentes e uma vida melhor era apenas isso.

Então me lembro do sonho sobre o que eu faria depois que toda esta história terminasse: eu correria para as Colônias com June, Tess, Éden, começaria uma vida nova e deixaria a República para trás. Talvez eu venha tentando fugir para o lugar errado e escapar das coisas erradas. Penso em todas as vezes em que entrei em conflito com soldados. No ódio que eu sentia por Anden e por todos que cresciam ricos. Depois visualizo as favelas onde cresci. Desprezo a República. Quero que ela desmorone, certo? Mas só agora faço a distinção: desprezo as leis da República, mas amo a República. Amo

*o povo*. Não estou fazendo o que estou fazendo pelo Primeiro Eleitor; estou fazendo isso por eles.

– Os alto-falantes da Capital Tower ainda estão conectados aos telões? – pergunto a Kaede.

– Até onde eu sei, estão – responde ela. – Com toda a agitação das últimas quarenta e oito horas, ninguém reparou que a fiação foi modificada.

Meus olhos visam os telhados, onde aviões de caça se enfileiram à espera de novos voos.

– Você é mesmo uma piloto tão boa quanto diz?

Kaede encolhe os ombros e sorri.

– Sou melhor ainda.

Lentamente, começo a conceber um plano.

Mais dois soldados das Colônias passam correndo. Desta vez, uma sensação de angústia me percorre o pescoço. Esses soldados, como os mais recentes que vimos, também entram no beco que atravessamos. Certifico-me de que não há mais nenhum deles vindo e corro até a escuridão da rua. *Não, não, agora não.*

Kaede me segue de perto.

– O que foi? Tu ficou branco feito uma folha de papel.

Eu a havia deixado sozinha e vulnerável num lugar que julguei ser nosso paraíso de salvação. Eu a abandonei no covil dos lobos. E se alguma coisa acontecer a ela por minha causa... Começo a correr desesperadamente.

– Acho que eles estão indo ao hospital para prender June.

# JUNE

Acordo bruscamente do meu sonho, ergo a cabeça e meus olhos vasculham a área. A ilusão de Metias desaparece. Estou num quarto de hospital e Day desapareceu. É o meio da noite. Será que já estivemos aqui antes? Tenho uma vaga lembrança de Day à minha cabeceira e dele indo até a varanda para cumprimentar uma multidão que o ovacionava. Agora, ele não está aqui. Aonde terá ido?

Levo um instante, zozna como estou, para perceber o que me acordou. Não estou sozinha no quarto. Há uns seis soldados da Colônia no recinto. Uma deles, alta e de cabelo comprido, aponta a arma para mim.

– É essa aí? – pergunta ela, mantendo-me na sua linha de fogo. Um soldado mais velho concorda com a cabeça.

– É ela mesma. Não sabia que Day estava escondendo um soldado da República. Essa garota é simplesmente June Iparis, a mais célebre prodígio da República. A DesCon vai ficar contente. Essa prisioneira vai valer um bocado de grana. – Ele sorri friamente para mim. – Conta aqui pra gente, minha cara, onde está o Day?

Passaram-se dezesseis minutos. Os soldados prenderam minhas mãos nas costas com um par de algemas. Minha boca está amordaçada. Três deles ficam perto da porta aberta do quarto, enquanto os outros vigiam a sacada. Solto um gemido. Embora eu já esteja sem febre, e minhas articulações não doam, minha cabeça continua zozna. *Onde está o Day?*

Um dos soldados fala num fone de ouvido.

– Sim. – Ele faz uma pausa. – Nós vamos transferi-la para uma cela. A DesCon vai conseguir muita informação boa dessa garota.

Vamos mandar Day pra ser interrogado logo que a gente conseguir botar as mãos nele.

Outro soldado está mantendo a porta aberta com a bota. Deduzo que estejam esperando por uma maca para me levarem daqui. Isso quer dizer que tenho menos de dois ou três minutos para me safar desta situação.

Tento me acostumar com a mordação, contenho minha náusea, e me obrigo a ficar calma. Meus pensamentos e lembranças estão se emaranhando. Pisco e me pergunto se estou tendo alucinações. Os Patriotas estão sendo financiados pela República. Por que não percebi isso antes? Era muito óbvio, desde o princípio – móveis requintados no apartamento, a facilidade com que Razor nos levava de um lugar para outro sem ser apanhado...

Observo o soldado continuar a falar no fone de ouvido. Como vou poder alertar o Day? Ele deve ter saído pelas portas da varanda; quando voltar, eu já terei ido e os soldados estarão aqui, prontos para interrogá-lo. Talvez até pensem que somos espiões da República. Passo várias vezes um dedo no meu anel de cliques de papel.

*O anel de cliques de papel.*

Meu dedo para de se mover. Em seguida, eu o tiro pouco a pouco do dedo anular e tento desenrolar os fios do anel de metal. Um soldado me olha de relance, mas fecho os olhos e gemo baixinho de dor através da mordação. Ele volta a conversar. Meus dedos percorrem os fios em espiral e os endireitam. Os cliques de papel foram torcidos seis vezes. Desdobro as primeiras duas pontas, depois endireito o resto do clipe de papel e o moldo no que espero que seja uma forma estendida de um Z. Esse movimento provoca uma câibra dolorosa nos meus braços.

De repente, um dos soldados na sacada para de falar e examina as ruas lá embaixo. Permanece assim por algum tempo, com os olhos vasculhando tudo. Se viu Day, ele deve ter desaparecido de novo. O soldado esquadrinha os telhados, depois se desinteressa e



volta à sua postura original. Ouço pessoas falando ao longe no corredor e o som inequívoco de rodinhas no chão azulejado. Estão trazendo a maca.

Preciso me apressar. Insiro um, depois dois cliques de papel dobrados no cadeado das minhas algemas. Meus braços estão me matando de dor, mas não posso parar agora. Cautelosamente, empurro um dos fios ao redor do cadeado, sinto-o raspar o interior dele até finalmente alcançar o tambor. Torço o clipe e empurro o tambor para o lado.

– A DesCon está a caminho, com reforços – murmura um soldado. Quando ele fala, mexo no segundo clipe de papel e escuto o cadeado fazer um clique minúsculo e quase imperceptível. Dois soldados e uma enfermeira entram com a maca no meu quarto, param um momento no portal e rolam a maca na minha direção. O cadeado das minhas correntes se abre; sinto as algemas saindo das minhas mãos com um tinido baixinho. Um dos soldados concentra os olhos azul-claros em mim e franze os lábios grossos. Ele repara na sutil mudança da minha expressão e ouviu o som do clique também. Seus olhos se fixam rapidamente nos meus braços.

Se quero tentar escapar, agora é minha única chance.

De repente, viro o corpo para o lado da cama e salto. As correntes caem na cama e meus pés alcançam o chão. Sinto tontura, como se uma cachoeira estivesse me atingindo, mas consigo me controlar.

O soldado com a arma apontada para mim grita um alerta, mas ele é lerdo demais. Chuto a maca o mais forte que posso, ela tomba, provocando a queda de um soldado. Outro soldado me agarra, mas eu me esquivo e ele não consegue me prender. Meus olhos focalizam a varanda.

Mas lá também ainda há três soldados, que correm para me atacar. Driblo dois deles, mas o terceiro me pega pelos ombros e me dá uma gravata. Ele me atira no chão e me deixa sem fôlego. Luto freneticamente para me soltar.

– Fique parada aí! – exclama um deles, enquanto outro tenta colocar um novo par de algemas nos meus pulsos. Ele solta um uivo quando giro o corpo e meto os dentes com vontade no seu braço.

Não adianta nada. Sou capturada, estou presa.

De súbito a porta de vidro da sacada se espatifa em um milhão de cacos. Os soldados, perplexos, giram o corpo para ver o que aconteceu. Tudo está rodando. No meio dos gritos e das pisadas, vejo duas pessoas invadindo o quarto, vindas da varanda. Uma delas é uma garota que reconheço: *Kaede?*, penso, incrédula.

A outra pessoa é Day.

Kaede chuta um soldado no pescoço; Day avança para o soldado que me segura e o derruba no chão. Antes que qualquer soldado possa reagir, Day ataca de novo. Ele agarra minhas mãos e me levanta.

Kaede já está no parapeito da sacada.

– Não atirem neles! – ouço um soldado gritar atrás de nós. – Eles valem uma nota preta!

Day nos leva rapidamente para a sacada e depois se joga para a beirada da grade com apenas um salto. Ele e Kaede tentam fazer com que eu fique ereta, quando dois outros guardas correm na nossa direção.

Mas meu corpo começa a desabar. Minha súbita explosão de energia não é páreo para minha doença. Estou muito debilitada. Day pula do peitoril e se ajoelha ao meu lado. Kaede solta um grito, ataca um dos soldados, que cai ao chão.

– Encontro vocês lá! – grita para nós e corre para dentro do quarto, se esquivando dos guardas. Ela não se deixa agarrar por eles e desaparece pelo corredor.

Day pega meus braços e os põe ao redor do seu pescoço, dizendo:

– Segura firme.

Quando se apruma, aperto minhas pernas em volta dele e me agarro às suas costas o mais forte que posso. Ele sobe no peitoril da

varanda; suas botas esmigalham os cacos dos vidros das portas, e ele salta para o patamar do segundo andar. Compreendo imediatamente aonde estamos indo. Para o telhado, onde aviões de caça se enfileiram. Kaede está subindo pela escada. Day e eu vamos pegar um atalho.

Seguimos até o parapeito do segundo andar. Os cabelos de Day roçam meu rosto quando ele consegue alcançar o patamar do terceiro andar. Sinto sua respiração acelerada, seus músculos rígidos na minha pele. Faltam ainda dois andares. Um dos soldados tenta nos seguir, mas muda de ideia e corre de volta para dentro, para pegar a escada.

Day luta para se equilibrar, quando salta para mais um degrau.

Estamos quase no telhado. Os soldados começam a se espalhar no gramado abaixo. Posso vê-los apontando as armas para nós. Day trinca os dentes e me coloca no parapeito.

– Vá primeiro – diz, e me ajuda a me erguer.

Agarro o parapeito, reúno toda a minha força e puxo meu corpo para cima. Quando finalmente consigo alcançar o peitoril, dou meia-volta e agarro a mão de Day. Ele também salta para o telhado. Uma faixa vermelho-escura mancha sua mão. Ele deve ter se machucado na subida.

Sinto vertigens.

– Sua mão... – começo a dizer, mas ele apenas balança a cabeça para mim, passa o braço pela minha cintura e nos leva para o avião de caça mais próximo no telhado. Soldados começam a surgir aos borbotões pela porta de entrada do telhado: vejo com clareza alguém que corre mais rapidamente em nossa direção: Kaede.



# DAY

Kaede não perde tempo. Ela aponta para o avião de combate mais próximo de nós e dá uma corridinha na rampa que leva à cabine. Começo a ouvir tiros. June se encosta pesadamente em mim. Sinto que ela está perdendo as forças, e então a seguro nos braços e a carrego junto ao peito. Os soldados que chegaram ao telhado se movimentam com mais rapidez ao perceberem o que a Kaede quer fazer. Ela, porém, está muito à frente deles. Corremos em direção à rampa.

O motor do avião ganha vida quando alcançamos o primeiro degrau da rampa, e, bem embaixo da aeronave, dois grandes escapes dos gases de combustão lentamente se inclinam para baixo e se voltam para o solo. Estamos nos preparando para nos projetarmos diretamente para o céu.

– Caramba! Andem logo! – grita Kaede da cabine. Depois ela some de vista e solta uma série de impropérios.

– Pode me soltar – pede June. Ela salta para o chão com os próprios pés, tropeça e se endireita para dar os dois primeiros passos. Fico atrás dela, com os olhos fixos nos soldados. Eles estão quase chegando até nós. June consegue alcançar o topo da rampa e subir na cabine. Subo correndo até a metade da rampa, quando um soldado agarra a perna da minha calça e me puxa para baixo com um safanão. *Lembre-se do equilíbrio. Espalhe seu peso pelas plantas do pés. Pegue esse cara nos lugares certos.* As lições de luta que June me deu percorrem minha cabeça rapidamente. Quando o soldado balança o corpo para me alcançar, eu me esquivo, vou para o lado dele e o atinjo o mais forte que posso, bem debaixo da caixa torácica. Ele cai em cima de um joelho. *Golpe no fígado.*

Outros dois soldados me alcançam, e eu me preparo, mas aí um deles solta um grito estridente e cai para fora da rampa, com um ferimento à bala no ombro. Olho de relance para a cabine. June segura a arma de Kaede e está mirando os soldados. Volto a subir os degraus e dou um salto até o topo, onde June já está com cinto de segurança afivelado no assento do meio, logo atrás de Kaede.

– Anda logo com isso! – diz Kaede bruscamente. Os motores emitem mais um estrondo agudo. Atrás de mim, vários guardas começaram a subir os primeiros degraus.

Dou um pulo para a grade de metal demarcando o topo da rampa, agarro a lateral da cabine e empurro a rampa com os pés com toda a minha força. A rampa oscila por um instante e depois começa a tombar. Os soldados gritam advertências e se esquivam da queda, jogando-se no chão. Quando a rampa se espatifa no telhado, eu já estou no avião, afivelando o cinto no último assento. Kaede desliza a porta da cabine e a fecha. Sinto um arrepio no estômago quando nos elevamos acima do telhado e dos edifícios. Através do vidro da cabine, vejo pilotos se apressando para entrar nos jatos nos prédios próximos, assim como o segundo avião no telhado do hospital.

– Merda! – exclama Kaede lá na frente. – Eu vou *acabar* com a raça deles. Eles me acertaram. – Sinto que houve um deslocamento do escape. – Agarrem-se aí! Vai ser uma viagem turbulenta!

Paramos de subir. Os motores emitem um rugido ensurdecedor, e depois nos arremessamos para a frente. O mundo passa correndo por nós e sinto formar-se uma pressão no meu peito à medida que Kaede aumenta a velocidade do jato. Ela solta um grito eufórico. Quase imediatamente escuto uma voz estalando na cabine:

– Piloto, esta é uma ordem para que você aterrisse sua aeronave imediatamente.

Quem fala está nervoso. Deve ser o piloto do jato que nos segue.

– Vamos abrir fogo. Repito: aterrisse imediatamente ou vamos abrir fogo.

– Só tem um jato nos perseguindo. Facinho de resolver. Segura firme, galera!

Kaede faz uma curva abrupta e quase desmaio com a mudança de pressão.

– Você está bem? – pergunto a June, em voz bem alta.

Ela responde alguma coisa, mas não consigo ouvi-la, devido ao barulho dos motores.

De repente, Kaede aciona com força um botão de controle e empurra uma alavanca para a frente, em toda a sua extensão. Minha cabeça bate na lateral da cabine. Giramos cento e oitenta graus em menos de um segundo.

Vejo um jato voando à nossa frente a uma velocidade aterradora. Instintivamente, levanto as mãos.

Até June grita:

– Kaede, o que você...

Kaede abre fogo. Uma saraivada de luzes brilhantes sai como um raio do nosso jato para atingir o que está à nossa frente. Os motores nos arremessam para a frente e para cima. Ouvimos uma explosão atrás de nós – o tanque de combustível do outro jato ou sua cabine deve ter sido atingido.

Kaede grita:

– Eles vão ter dificuldade para nos seguir agora. Estamos muito à frente, e eles não vão querer atravessar a frente de batalha. Vou fazer este brinquedinho dar o máximo que puder. Vamos chegar à República em alguns minutos.

Não pergunto de que maneira ela planeja passar pelos soldados da República sem que nos derrubem a tiros.

Quando olho pela cabine para os gigantescos edifícios das Colônias, solto o ar e me deixo cair repentinamente no meu assento. Luzes brilhantes, arranha-céus reluzentes, tudo que meu pai me descrevia nas poucas noites por ano em que conseguíamos estar com ele. À distância, é tudo encantador.

– E aí? – diz Kaede. – Eu não estou queimando combustível à toa, não, né, Day? Vamos mesmo para Denver?

– Vamos – respondo.

– Qual é o plano? – A voz de June ainda soa débil, mas percebo um desejo candente nela, a sensação de que estamos na iminência de fazer algo fundamental. Ela sabe que alguma coisa mudou dentro de mim.

É estranho como me sinto calmo.

– Estamos indo para a Capital Tower. Vou anunciar para a República meu apoio a Anden.

# JUNE

Faltam poucos minutos para chegarmos à fronteira da República. Isso quer dizer que, à velocidade em que estamos indo (facilmente mais de 12.800 quilômetros; todos sentimos uma súbita mudança de pressão quando rompemos a barreira do som, como se estivéssemos sendo arrancados de um denso lamaçal), nos encontramos a uns trinta quilômetros ou mais da frente de batalha e a várias centenas de quilômetros de Denver. Day me conta tudo que Kaede disse a ele sobre os Patriotas, sobre quem é o verdadeiro Razor, sobre Éden e, finalmente, sobre a determinação do Congresso de depor o Eleitor. Tudo que eu já havia descoberto e mais alguma coisa. Minha cabeça estava enevoada quando saímos às pressas do quarto e abrimos caminho até o telhado do hospital. Agora, depois de respirar o ar fresco e frio, e do impacto da velocidade das manobras aéreas de Kaede, tenho condições de analisar todos os detalhes um pouco mais claramente.

– Estamos nos aproximando da frente de batalha – diz Kaede.

No instante em que essas palavras saem da sua boca, ouço o som distante de explosões. As explosões são abafadas, mas devemos estar a centenas de metros acima do solo e ainda posso sentir o choque todas as vezes em que elas acontecem. Há uma repentina ascensão e me agarro ao assento. Kaede está tentando levar o jato ao limite para que não sejamos atingidos no ar por mísseis disparados da terra. Eu me obrigo a respirar fundo e calmamente enquanto continuamos a subir. Meus ouvidos estalam sem parar. Observo Kaede entrar em formação com uma esquadrilha das Colônias.

– A gente logo vai precisar se afastar deles – resmunga ela. Sua voz exprime dor, causada pelo ferimento à bala. – Aguentem firme!



– Day! – consigo gritar.

Não escuto nada e, por um instante, acho que ele desmaiou, mas então ele responde:

– Estou aqui.

Ele parece desligado, como se estivesse lutando para se manter consciente.

– Denver está só a alguns minutos de distância – revela Kaede.

Nós voltamos a nos estabilizar. Quando espreito pela janela da cabine para os grupos de nuvens embaixo, longe de nós, recupero o fôlego. Dirigíveis – uns cento e cinquenta, no mínimo, que é o mais longe que a vista alcança – pontilham o céu como adagas em miniatura pairando a grande altura no ar, estendendo-se em filas no horizonte. Todos os dirigíveis das Colônias têm uma listra dourada nítida no meio da pista, o que podemos enxergar mesmo daqui de cima. Não muito distante, à frente deles, há uma larga faixa de espaço aéreo vazio, onde centelhas de luzes e fumaça se espalham para trás e para a frente, e do outro lado estão fileiras de dirigíveis que consigo reconhecer. São da República, marcados com uma estrela vermelha na lateral de cada casco. Jatos travam combates aéreos. Devemos estar a mais de cento e cinquenta metros deles, mas não sei bem se essa distância é segura o suficiente.

Um alarme bipa no painel de controle de Kaede, a voz de um estranho invade a cabine:

– Piloto, você não tem autorização para esta área. – É uma voz masculina, com sotaque das Colônias. – Esta não é sua esquadrilha. Suas ordens são para aterrissar imediatamente no DesCon Nove.

– Negativo – responde. Kaede embica o nariz do jato para cima e continua subindo.

– Piloto, eu repito: suas ordens são para aterrissar imediatamente no DesCon Nove.

Kaede desliga o microfone por um instante e olha para nós. Ela está um pouco satisfeita demais com a nossa situação para o meu gosto. Seu olhar é debochado.

– Estamos com dois deles bem na nossa cola. – Ela então religa o microfone e responde veementemente: – Negativo, DesCon. Vou te despachar pra outra galáxia.

A pessoa no outro avião se mostra então atônita e zangada:

– Altere seu curso imediatamente e siga...

Kaede solta um grito ensurdecido.

– Vamos dividir o céu ao meio, rapazes!

Ela arremessa o jato para a frente e para cima a uma velocidade estonteante, depois faz o avião entrar em parafuso. Raios de luz passam velozmente pela janela da cabine. Os dois jatos que nos perseguiam devem ter se aproximado o suficiente para abrir fogo. Sinto náuseas quando Kaede nos arremessa num súbito mergulho, causando a parada do nosso motor. Caímos a um ritmo que faz com que minha visão só enxergue em branco e preto. Eu me sinto desfalecer.

Um instante depois acordo, sobressaltada: devo ter apagado.

Estamos caindo. Os dirigíveis abaixo de nós aumentam de tamanho; parece que estamos nos dirigindo diretamente para o deque de um deles. Estamos rápidos demais. Seremos despedaçados. Mais rajadas de luz passam voando pela lateral da aeronave.

Então, sem avisar, Kaede aciona os motores de novo. O ronco é de estourar os tímpanos. Ela puxa com força uma alavanca para trás e todo o jato gira em meio círculo, de modo que o nariz do avião está de novo de frente. Sou quase sugada para meu assento com essa mudança repentina. Minha visão escurece novamente, e desta vez não tenho ideia de quanto tempo se passou. Alguns segundos? Minutos?

Percebo que estamos nos elevando de novo no céu.

Os outros jatos se precipitam para baixo. Estão tentando nos alcançar, mas é tarde demais. Atrás de nós, uma enorme explosão nos sacode com violência em nossos assentos. Os jatos devem ter atingido o deque do dirigível com a força de uma dúzia de bombas.

Labaredas laranjas e amarelas se revolvem agitadamente para cima de uma das aeronaves das Colônias.

Estamos agora subindo em grande velocidade no espaço aéreo vazio entre os dois países, e Kaede faz o jato entrar em mais um parafuso, que nos salva de uma barragem de fogo. Conseguimos atravessar o espaço aéreo acima dos dirigíveis da República. *Um solitário jato das Colônias, perdido em meio ao caos.* Fico de boca aberta com o panorama e me pergunto se a República está confusa porque as Colônias atacaram um de seus próprios jatos. No mínimo, foi isso que nos deu tempo suficiente para cruzar os céus da frente de batalha.

– Aposto que essa foi a melhor split-S que vocês já viram! – diz Kaede, com uma risada mais tensa do que de costume.

Não muito longe de nós, estão as gigantescas torres de Denver e sua ameaçadora Muralha escondida numa vastidão permanente de nevoeiro e neblina. Atrás de nós, ouço os primeiros sons de tiroteio, quando jatos republicanos começam a nos seguir, numa tentativa de nos derrubar.

– Como é que a gente vai entrar? – grita Day para Kaede quando ela põe o avião em parafuso, dispara um míssil para trás e aumenta a nossa velocidade.

– Deixa comigo. Eu consigo! – grita ela em resposta.

– Nós não vamos conseguir se subirmos mais! – respondo. – A Muralha tem mísseis enfileirados em toda a sua extensão. Eles vão nos derrubar antes que a gente consiga entrar na cidade.

– Nenhuma cidade é impenetrável – replica Kaede, e arremessa o jato ainda mais baixo, mesmo enquanto os jatos da República não deixam de nos perseguir. – Sei o que estou fazendo.

Estamos nos aproximando rapidamente de Denver. Já posso ver os ameaçadores contornos da Muralha se elevando à nossa frente, uma barricada única na República, e os maciços pilares cinzentos – com um intervalo de trinta metros entre eles – enfileirados aos seus lados. Fecho os olhos. Sem chance. Não tem *como* Kaede nos livrar

dessa agora. Talvez uma esquadrilha de jatos conseguisse, mas, ainda assim, a possibilidade seria bem remota.

Imagino um míssil nos atingindo, nossos assentos nos ejetando nos céus da cidade, os tiros que vão disparar contra nossos paraquedas, o que fará nossos corpos mergulharem verticalmente até o chão. A Muralha está perto agora. Eles já deviam estar nos observando há algum tempo, com as armas apontadas em nossa direção. Aposto como nunca viram um jato das Colônias de perto antes.

E, então, Kaede faz o jato mergulhar. Não foi um mergulho qualquer; estamos rumando para baixo a quase noventa graus, prontos para nos esborracharmos no solo. Atrás de mim, Day grita um palavrão. Os edifícios lá embaixo se precipitam contra nós. *Ela perdeu o controle do jato, sei que perdeu. Fomos atingidos.*

No último segundo, Kaede consegue fazer o avião se elevar. Planamos acima dos prédios à velocidade do som e tão próximo deles que parece que os telhados vão estilhaçar o fundo do nosso jato. Imediatamente Kaede começa a diminuir a velocidade do avião, até estarmos voando a uma velocidade que mal é suficiente para nos manter no ar.

De repente, percebo o que Kaede vai fazer. É completamente insano. Ela não vai sobrevoar a Muralha: ela vai tentar espremer o jato pela abertura que os trens usam para entrar e sair de Denver. Os mesmos túneis que vi quando fiz aquela viagem de trem com o Primeiro Eleitor. *É claro.* Os sistemas de mísseis terra-ar montados na extensão da Muralha não são projetados para atingir nada como o nosso avião do solo, porque não conseguem disparar de um ângulo tão baixo. E as metralhadoras nas paredes não são suficientemente potentes. Entretanto, se Kaede não mirar com a máxima precisão, vamos explodir contra a Muralha e arder em chamas. Estamos próximos o bastante para eu ver soldados correndo para lá e para cá no topo dos muros da Muralha. Mas isso já não importa muito. Em um segundo a Muralha está a algumas

centenas de metros de nós e, no seguinte, estamos acelerando em direção à entrada escura de um túnel de trem.

– Segurem-se! – grita Kaede. Ela dirige o jato para mais baixo, como se isso fosse possível. A entrada nos espera, com sua boca aberta.

Não vamos conseguir. O túnel é muito pequeno.

Mas, em seguida, estamos dentro dele e, por um instante, o túnel é tão negro quanto breu. Centelhas ardentes saem de cada extremidade do jato, à medida que as asas esbarram nas laterais da entrada. Percebo que estão se apressando para fechar a entrada, mas é tarde demais agora.

Mais um instante. Saímos a toda a velocidade da entrada e entramos em Denver. Kaede aciona com força a alavanca do jato para o lado oposto, na tentativa de diminuir a velocidade ainda mais.

– Sobe, sobe! – berra Day. Mal conseguimos ver os prédios que passam rapidamente por nós. Estamos a pouquíssima altitude do solo e nos dirigindo diretamente para a lateral de um dos altos quartéis.

Kaede então desvia. Por muito pouco não batemos no edifício. Em seguida, estamos ainda mais perto do chão, perto *mesmo*. O jato atinge o solo e derrapa, fazendo com que nossos corpos se lancem violentamente contra ao cintos dos assentos. Sinto como se meus membros estivessem sendo arrancados. Civis e soldados correm para sair do caminho nos dois lados da rua. Algumas centelhas racham a cabine de comando; percebo que são tiros disparados a esmo por soldados perplexos. Multidões lotam as ruas a vários quarteirões de nós: estão de boca aberta à visão do jato em plena rua.

Finalmente paramos, quando uma das asas atinge a lateral de um prédio, o que faz com que nosso avião se espatife em um beco. Sou jogada com violência contra meu assento. A parte superior da cabine se abre antes mesmo que eu possa recuperar o fôlego.

Consigo desafivelar o cinto de segurança e salto, meio estonteada, até a beira da cabine.

– Kaede! – Aperto os olhos para vê-la e a Day através da fumaça.  
– Nós precisamos...

Não consigo concluir minha frase. Kaede está afundada no assento do piloto, com o cinto de segurança ainda no corpo. Seus óculos de piloto estão no alto da cabeça; acho que ela nem se deu o trabalho de colocá-los. Seus olhos apontam vagamente para os botões no painel de controle. Uma pequena mancha de sangue lhe encharca a frente da blusa, perto do ferimento que ela recebeu logo que entramos no jato. Um dos disparos havia conseguido atravessar o vidro da cabine, quando nos espatifamos ao chegar ao solo. Logo Kaede, que poucos minutos atrás parecia invencível.

Por um momento, fico paralisada. O som do caos ao meu redor se amortece, e a fumaça cobre tudo, exceto o corpo de Kaede preso no assento do piloto. Uma vozinha consegue ecoar na minha cabeça, penetrando a neblina preta e branca do entorpecimento; é uma luzinha conhecida que pulsa e me faz voltar a agir.

Ela me diz: *Mexa-se! Agora!*

Desvio os olhos e procuro freneticamente por Day, mas ele já não está sentado no jato. Movimento-me com dificuldade até a beira da asa e deslizo sem ver pela fumaça e os destroços, até cair com as mãos e os joelhos no chão. Não enxergo nada.

E então, através da fumaça, Day corre para mim e me põe de pé. De súbito me lembro da primeira vez que o vi, materializando-se do nada, com seus olhos azuis e o rosto empoeirado, estendendo a mão para mim. Seu rosto está marcado pela agonia. *Ele também deve ter visto a Kaede.*

– Aí está você! Pensei que já tivesse saído – murmura, enquanto nos mexemos, desajeitados, em meio aos destroços do jato. – Vamos nos misturar à multidão.

Minhas pernas doem. Nossa aterrissagem conturbada deve ter provocado em mim edemas dos pés à cabeça.

Paramos debaixo de uma das asas destroçadas no momento em que soldados correm até o avião. Metade deles forma uma barreira temporária para afastar os civis; eles estão de costas para nós. Outros soldados apontam lanternas para a fumaça e os metais retorcidos, tentando encontrar sobreviventes. Um deles deve ter avistado Kaede porque ele grita alguma coisa para os outros e faz sinais para que se aproximem.

– É um *jato* das Colônias – grita, parecendo incrédulo. – Um jato conseguiu ultrapassar a Muralha e entrar direto em Denver.

Nós dois estamos temporariamente escondidos debaixo desta asa, mas logo, logo eles vão nos ver. A barricada temporária de soldados nos separa da multidão.

Ao nosso redor e em toda a cidade há sons de vidros se quebrando, incêndios barulhentos, gritos, pessoas entoando cantos. Só mesmo os que estão mais perto dos destroços do nosso jato sabem que um caça das Colônias acabou de se espatifar no centro de Denver. Olho de relance para onde avulta a Capital Tower. A voz de Anden se faz ouvir em todas as esquinas, em todos os alto-falantes: um pronunciamento dele deve estar sendo transmitido em todos os telões da cidade... e de toda a nação. Observo vários desordeiros furiosos atirando coquetéis molotov contra os soldados. O povo nem imagina que o Congresso só está esperando que a raiva deles transborde para pôr Razor no lugar de Anden. Imagino os mesmos protestos se alastrando no país, em todas as ruas e cidades. Anden nunca vai conseguir acalmar essa multidão. Se os Patriotas tivessem conseguido divulgar publicamente o assassinato do Primeiro Eleitor pelos transmissores da Capital Tower, já teria acontecido uma revolução.

– Agora – diz Day.

Sáimos correndo de sob a asa, pegando os soldados totalmente desprevenidos. Antes que algum deles possa nos capturar ou atirar em nós, desaparecemos, esquivando-nos na multidão e nos misturando às pessoas. Day abaixa a cabeça e nos conduz através

dos grupos maciços de armas e pernas. Sua mão agarra fortemente a minha. Minha respiração está interrompida e ofegante, mas eu me recuso a ir mais devagar agora. Sigo em frente. As pessoas gritam, surpresas, quando passamos por elas.

Atrás de nós, soldados dão o alarme.

– Ali! – berra um deles.

Ouvem-se alguns disparos. Estão nos perseguindo.

Avançamos ainda mais entre os manifestantes. De vez em quando escuto alguém exclamar: “Aquele é Day?”, “Day voltou num jato das Colônias?” Quando olho de relance para trás, percebo que metade dos soldados está no caminho errado sem conseguir saber a rota que tomamos. Alguns outros nos seguem, no entanto. Agora estamos a apenas um quarteirão da Capital Tower, mas, para mim, parecem quilômetros. De vez em quando, dou uma olhadela para verificar a distância, em meio a todos os corpos que puxam e empurram. Os telões mostram Anden de pé numa varanda; é um vulto minúsculo e solitário, vestido de preto e vermelho, erguendo as mãos num gesto de conciliação.

*Ele precisa da ajuda do Day.*

Na nossa cola, quatro soldados pouco a pouco se aproximam. A perseguição esgota o resto de forças que tenho. Estou resfolegando, lutando para respirar. Day já está indo mais devagar para acompanhar o meu ritmo, mas sei que, dessa forma, jamais conseguiremos escapar. Aperto a mão dele e balanço a cabeça.

– Você precisa continuar sem mim – digo firmemente a Day.

– Você só pode estar louca – responde ele. Franze os lábios e nos puxa mais para a frente. – Estamos quase chegando.

– *Não dá.* – Eu me encosto nele à medida que continuamos a abrir caminho entre as pessoas. – Esta é nossa única oportunidade. Nenhum de nós vai conseguir chegar, se continuarmos juntos.

Day hesita, indeciso. Já estivemos separados uma vez antes, e agora ele está se perguntando se algum dia vai voltar a me ver se soltar minha mão, mas não temos tempo para isso agora.



– Não posso correr direito, mas posso me esconder na multidão. Confie em mim.

Sem aviso, ele me abraça forte e me beija ardorosamente na boca. Meus lábios estão em fogo. Eu retribuo o beijo impetuosamente e o abraço com todas as forças que me restaram.

Ele respira fundo e diz:

– Desculpa eu não ter confiado em você. Esconda-se, fique a salvo. A gente se vê logo.

Ele aperta minha mão e desaparece. Inalo um pouco de ar gelado e penso: *Anda logo, June. Não há tempo a perder.*

Paro onde estou, giro o corpo e me agacho bem na hora em que os soldados me alcançam. O primeiro nem consegue ver o que o atingiu. Num minuto ele já está correndo, no outro eu o derrubo de costas no chão. Não me atrevo a olhar; volto cambaleante até a multidão enraivecida, costurando o caminho entre as pessoas, de cabeça baixa, até os soldados me perderem de vista.

Não dá para acreditar na quantidade de pessoas que estão aqui. Brigas entre civis e os policiais municipais irrompem em todos os lugares. Acima de tudo isso, os telões exibem imagens ao vivo do rosto de Anden, com uma expressão séria, atrás dos óculos protetores. Ele está fazendo um apelo.

Passam-se seis minutos. Estou a apenas uns dez metros da base da Capital Tower quando reparo que as pessoas ao meu redor lentamente ficam em silêncio. Já não estão concentradas em Anden.

– Lá! – grita alguém.

Estão apontando para um garoto com cabelos claros, empoleirado em uma varanda da Capital Tower no mesmo andar de Anden, no lado oposto. O vidro protetor da sacada reflete parte da luz da rua e, daqui, o menino resplandece. Respiro fundo e faço uma pausa: é o Day.



# DAY

Quando chego à Capital Tower, estou encharcado de suor. Meu corpo arde de dor. Caminho até a lateral do prédio que não dá de frente para a praça, depois estudo a multidão, enquanto as pessoas me empurram para passar em ambas as direções. Em toda a nossa volta há telões ofuscantes, e todos exibem exatamente a mesma imagem: a do jovem Eleitor, que suplica em vão ao povo que volte para casa e fique a salvo, que se disperse antes que a situação fuja de controle. Ele está tentando confortar as pessoas ao relacionar seus planos para reformar a República, eliminar as Provas e mudar a maneira em que são determinadas as atribuições de carreira. Mas dá pra dizer que esse papinho de cerca-lourenço está longe de satisfazer a multidão. Embora Anden seja mais velho e sábio do que June e eu, falta a ele algo essencial.

As pessoas não acreditam no que ele diz, elas não acreditam nele.

Aposto que o Congresso está se deliciando com tudo isso. Razor também. Será que Anden sabe que Razor foi o mentor do assassinato? Estreito os olhos e salto para agarrar a marquise inferior do segundo andar do edifício. Tento fingir que June está atrás de mim, me incentivando.

Os alto-falantes parecem mesmo estar com a fiação trocada como disse a Kaede, quando estávamos em Lamar. Eu me inclino na estreita marquise no topo do andar, para analisar os fios. É, a fiação foi alterada da mesma forma que fiz quando conheci June naquele beco à meia-noite e lhe pedi remédios para curar a praga através do sistema de alto-falantes. Exceto que, desta vez, não vou falar para uma viela escura, mas para toda a capital da República. E para todo o país.

O vento forte fustiga meu rosto e sibila nos meus ouvidos, me obrigando a ajustar minha postura constantemente. Eu poderia morrer agora mesmo. Não tenho como saber se os soldados no alto dos edifícios vão me derrubar a tiros antes que eu possa me abrigar com segurança atrás da parede de vidro blindado de uma varanda, a alguns metros acima do resto da multidão. Talvez reconheçam quem sou e não atirem.

Escalo a lateral do prédio até alcançar o décimo andar, o mesmo em que fica a varanda do Eleitor. Agacho-me um instante para olhar para baixo. No momento em que eu virar a esquina deste edifício, todo mundo vai me ver. A multidão está basicamente concentrada neste lado; os rostos focalizados no Primeiro Eleitor; os punhos erguidos expressam a raiva dele. Mesmo daqui, consigo ver que muitos deles têm uma mecha escarlate pintada no cabelo. Aparentemente, as tentativas da República de declarar a atitude ilegal não surtem efeito quando todo mundo resolve desrespeitá-la.

Nas extremidades da praça, a polícia municipal e os soldados lutam impiedosamente com seus cassetetes, empurrando as pessoas para trás, com fileiras de escudos transparentes. Fico surpreso por não haver tiroteio. Minhas mãos começam a tremer de raiva. Existem poucas coisas tão intimidadoras quanto centenas de soldados da República usando vestimentas antimotim sem identidade, posicionados em filas soturnas e ameaçadoras contra uma multidão de manifestantes desarmados. Achatado o corpo contra a parede e inalo um pouco o ar frio da noite, lutando para me acalmar. Lutando para me lembrar de June, do irmão de June, do Primeiro Eleitor e também de que por trás de algumas dessas máscaras sem rosto da República há pessoas boas que têm pais, irmãos e filhos. Espero que Anden seja a razão pela qual nenhum tiro tenha sido disparado, que ele tenha ordenado a seus soldados para não atirar na multidão. *Preciso acreditar nisso.* De outra forma, jamais convencerei o povo do que vou dizer.

*Não tenha medo*, sussurro para mim mesmo, com os olhos apertados quase fechando. *Você não pode se dar a esse luxo.*

Então saio das sombras e corro ao longo da marquise até virar a quina do prédio e pulo para a primeira varanda que encontro. Estou de frente para a praça central. O vidro protetor da sacada termina a cerca de trinta centímetros da minha cabeça, mas ainda sinto o vento silvando lá de cima. Tiro o boné e o jogo por cima do vidro. Ele flutua até o chão, sendo carregado de lado pelo vento. Meu cabelo se desprende em ondas ao redor do meu rosto. Dobro o corpo, torço um dos fios dos alto-falantes e seguro o alto-falante como se fosse um megafone. E espero.

A princípio, ninguém repara em mim, mas logo um rosto se vira na minha direção, provavelmente atraído pelo brilho do meu cabelo, e depois alguns outros e mais outros se concentram em mim. É um pequeno grupo. Esse grupo vai aumentando, e em breve soma várias dúzias, todas apontando para mim. Os grunhidos e os cânticos raivosos vindos lá debaixo começam a diminuir. Eu me pergunto se June estará me vendo. Os soldados enfileirados em outros telhados miram suas armas em mim, mas não atiram. Não sabem que atitude tomar a meu respeito, numa indefinição tensa e constrangida. Quero fugir, fazer o que sempre faço e sempre *fiz* nos últimos cinco anos da minha vida. Escapar, fugir nas sombras.

Mas, desta vez, fico firme. Estou cansado de fugir.

A multidão fica mais silenciosa à medida que cada vez mais rostos se elevam para me olhar. A princípio, escuto uma tagarelice incrédula e até algumas risadas. *Aquele lá não pode ser o Day*, eu os imagino resmungando entre si. *Deve ser um impostor*. Entretanto, quanto mais eu fico aqui, mais alto chegam suas vozes. Neste instante, todos se viram para me ver. Meus olhos vagueiam até onde Anden está na sua varanda; até ele está olhando para mim agora. Prendo a respiração, esperando que ele não decida mandar atirarem em mim. Será que *ele está* do meu lado?

A multidão começa a gritar meu nome. *Day! Day! Day!* Mal posso acreditar no que ouço. As pessoas estão entoando o meu nome, e suas vozes ressoam em todos os quarteirões e em todas as ruas. Permaneço imóvel onde estou, ainda agarrando meu megafone improvisado, sem conseguir desviar os olhos da multidão. Levanto o megafone até meus lábios e grito:

– Povo da República! Vocês estão me ouvindo?

Minhas palavras ecoam de todos os alto-falantes da praça e, pelo que sei, de todos os alto-falantes do país. Isso me assusta. As pessoas lá embaixo soltam hurras tão fortes que fazem o chão tremer. Os soldados devem ter recebido uma ordem apressada de alguém do Congresso, porque vejo alguns deles elevar suas armas. Uma bala zune no ar e atinge o vidro, faiscando. Fico imóvel.

O Eleitor faz um rápido gesto para os guardas ao seu lado, e todos pressionam uma das mãos nos ouvidos e falam nos seus microfones. Talvez ele esteja ordenando aos soldados que não me machuquem. Quero acreditar que seja isso.

– Eu não faria isso se eu fosse vocês, membros do Congresso! – grito, na direção de onde partiu a bala solitária. *Fique firme*, digo a mim mesmo. Os hurras do povo se transformam em um rugido. – Vocês não querem uma rebelião, querem?

*Day! Day! Day!*

– Hoje, autoridades do Congresso, eu dou um ultimato a vocês. – Meus olhos se deslocam para os telões. – Vocês prenderam inúmeros Patriotas por um crime pelo qual *vocês* próprios *são* responsáveis. Libertem imediatamente todos eles. *Cada um deles*. Do contrário, vou convocar o povo a entrar em ação, e vocês terão que lidar com uma revolução diferente da que vocês esperavam.

Os civis gritam sua aprovação. Os hurras continuam em um volume febril.

– Povo da República! – Eles continuam a me saudar com vivas. – Ouçam o que vou dizer. Hoje, dou a todos *vocês* um ultimato.

Seus hurras prosseguem até se darem conta de que me calei, e então eles também se aquietam. Aproximo o megafone da boca ainda mais.

– Meu nome é Day. – Minha voz enche o ar. – Lutei contra as mesmas injustiças contras as quais vocês estão protestando hoje aqui. Sofri as mesmas coisas que vocês. Como vocês, vi meus amigos e minha família morrerem nas mãos dos soldados da República.

Rejeito as lembranças que ameaçam tomar conta de mim. *Preciso continuar firme.*

– Passei fome, fui espancado e humilhado. Fui torturado, insultado e reprimido. Vivi nas favelas com vocês. Arrisquei a vida por vocês. E *vocês* arriscaram suas vidas *por mim*. Arriscamos nossas vidas por nosso país, não pelo país em que vivemos agora, mas pelo país que esperamos ter. Vocês são todos, cada um de vocês, *heróis*.

Vivas eufóricos reagem às minhas palavras, mesmo quando os guardas lá embaixo tentam em vão derrubar e prender os que se dispersavam, enquanto outros soldados tentam inutilmente desativar o sistema de alto-falantes cuja fiação foi trocada. Consigo perceber que o Congresso está temeroso. Eles têm medo de mim, como sempre tiveram. Então, continuo com firmeza: conto ao povo o que aconteceu à minha mãe, aos meus irmãos e à June. Conto a eles sobre os Patriotas e sobre a tentativa do Senado de assassinar Anden. Espero que Razor esteja escutando isso tudo, furioso. Em todo esse período, a atenção das pessoas jamais diminui.

– Vocês confiam em mim? – grito. A multidão responde em uníssono. O mar de gente e seus rugidos ensurdecedores são impressionantes. Se minha mãe ainda estivesse viva, se papai e John estivessem aqui não estariam sorrindo para mim agora? Respiro fundo e estremeço. *Termine o que você veio fazer, cara!* Focalizo as pessoas e o jovem Eleitor. Reúno minhas forças e em seguida digo as palavras que nunca pensei que diria:

– Povo da República, *conheçam seu inimigo*. Seu inimigo é o estilo de vida que a República nos impõe, as leis e tradições que nos emperram, o governo que nos trouxe aqui. O falecido Primeiro Eleitor. O Congresso.

Levanto o braço e aponto para Anden.

– Mas o novo Primeiro Eleitor *NÃO... É... SEU... INIMIGO!*

O povo fica em silêncio. Seus olhos estão fixos em mim.

– Vocês acham que o seu Congresso quer terminar com as Provas ou ajudar suas famílias? Isso é *mentira!*

Aponto para Anden ao dizer isso, dispondo-me a, pela primeira vez, acreditar nele.

– O Primeiro Eleitor é jovem e ambicioso, e *NÃO É como o pai dele*. Ele quer lutar por vocês, da mesma forma que *eu* luto por vocês, mas primeiro precisa que vocês lhe deem essa oportunidade. E se vocês o apoiarem com seu poder e o ajudarem a se levantar, ele vai nos levantar a todos. Vai mudar as coisas para todos nós, um passo de cada vez. Ele pode construir o país que todos nós esperamos ter. Vim aqui esta noite por todos vocês; e por *ele!* Vocês confiam em mim? – Levanto a voz e repito: – *Povo da República: vocês confiam em mim?*

Silêncio. Depois, alguns vivas. Em seguida, mais vozes repetem a exclamação. As pessoas erguem os olhos e punhos para mim, sem parar de gritar, numa impressionante mudança.

– Então levantem suas vozes por seu Eleitor, como eu fiz, e ele vai levantar a voz dele por vocês!

Os hurras são ensurdecadores e abafam todo o resto. O jovem Eleitor mantém os olhos em mim e eu, afinal, compreendo que June tem razão. Não quero ver a República sucumbir: quero vê-la mudar.

# JUNE

Passaram-se dois dias. Ou, mais precisamente, cinquenta e duas horas e oito minutos desde que Day subiu ao topo da Capital Tower e anunciou seu apoio ao Primeiro Eleitor. Sempre que fecho os olhos, ainda o vejo lá, com o cabelo brilhando como um farol de luz na noite, suas palavras soando claras e fortes pela cidade e pelo país. Sempre que sonho, sinto o ardor do seu último beijo nos meus lábios, o fogo e o medo em seus olhos. Todas as pessoas da República o ouviram naquela noite. Ele conferiu poder a Anden, que conquistou o país, tudo num só golpe.

Este é meu segundo dia num quarto de hospital nos arredores de Denver. A segunda tarde sem Day ao meu lado. Num quarto vários andares abaixo, Day está sendo submetido aos mesmos exames, não só para garantir sua saúde, como também para deixar patente que as Colônias não implantaram nenhum dispositivo de controle na cabeça dele. A qualquer minuto ele vai reencontrar o irmão. Meu médico chegou para verificar minha recuperação, mas não vai fazer isso com privacidade. De fato, quando observo o teto do meu quarto, vejo câmeras de segurança em todos os cantos, transmitindo minha imagem ao vivo para o povo. A República não quer dar a eles motivo para duvidar que Day e eu não estamos sendo bem tratados.

Um monitor na parede me mostra o quarto de Day. É a *única* razão pela qual concordei em ficar separada dele por tanto tempo. Eu gostaria de poder falar com ele. Tão logo parem de tirar raios X e de colocarem sensores em mim, vou pôr um microfone.

– Bom dia, srta. Iparis – cumprimenta meu médico, quando as enfermeiras espalham seis sensores na minha pele. Resmungo um agradecimento, mas minha atenção permanece nas imagens de Day conversando com seu médico. Seus braços estão cruzados numa postura desafiadora, e sua expressão é cética. De vez em quando sua atenção se concentra num lugar na parede que não consigo ver.



Eu me pergunto se ele também está me observando através de uma câmera.

Meu médico repara no que me está distraíndo e, enfasiado, responde à minha pergunta antes que eu a faça:

– A senhorita vai vê-lo em breve, está bem? Prometo. Agora, vamos ao exercício que a senhorita conhece: feche os olhos e respire fundo.

Engulo a frustração e faço o que ele manda. Luzes tremeluzem atrás de minhas pálpebras, e depois uma sensação fria e formigante atravessa meu cérebro e minha coluna. Põem uma máscara semelhante a gel sobre minha boca e meu nariz. Eu sempre preciso me advertir para não entrar em pânico durante essa sequência e para lutar contra a claustrofobia e a sensação de afogamento. *Estão apenas me testando*, repito calmamente. Estão verificando se há resquícios da lavagem cerebral das Colônias, verificando minha estabilidade mental, para determinar se o Eleitor – a República – pode ou não confiar plenamente em mim. Só isso.

Passam-se horas. Finalmente, os procedimentos terminam e o doutor me diz que já posso abrir os olhos.

– Muito bem, Iparis – diz ele, ao digitar algo no seu notepad. – Sua tosse pode ainda demorar um pouco a passar, mas acredito que a senhorita superou a pior parte da sua doença. Pode ficar mais tempo aqui – ele sorri, ao ver o franzir exasperado do meu rosto –, mas se preferir receber alta e ir para seu novo apartamento podemos providenciar para que isso aconteça ainda hoje. De qualquer maneira, o glorioso Eleitor está ansioso para lhe falar, antes que a senhorita saia daqui.

– Como está Day? – pergunto. É difícil eliminar a impaciência da minha voz. – Quando posso vê-lo?

O doutor franze a testa.

– Não acabamos de discutir isso? Day será liberado logo depois da senhorita, mas primeiro ele vai precisar se encontrar com o irmão.

Analiso cuidadosamente seu rosto. Há uma razão pela qual o médico hesitou um pouco antes de responder. Deve ter alguma coisa a ver com a recuperação de Day. Percebo uma contração sutil sob os músculos faciais do doutor. Ele sabe de alguma coisa que desconheço.

O médico me traz abruptamente de volta à realidade. Ele põe o notepad de lado, endireita a postura e exhibe um sorriso artificial.

– Bem, por hoje é só. Amanhã vamos começar a sua reintegração formal à República, com sua nova atribuição de carreira. O Primeiro Eleitor deverá chegar dentro de alguns minutos. A senhorita terá algum tempo para se reorientar.

Depois dessas palavras, ele e as enfermeiras pegam seus sensores e equipamentos e me deixam sozinha.

Sento na cama e mantenho os olhos na porta. Um manto vermelho-escuro está enrolado em meus ombros, mas mesmo assim não me sinto inteiramente aquecida neste quarto. Quando Anden chega para falar comigo, estou tremendo.

Ele entra com sua elegância característica, usando botas escuras silenciosas, cachecol negro e uniforme. Os cachos de seu cabelo estão perfeitamente penteados, e os óculos de aro fino se ajustam muito bem em seu rosto. Quando me vê, sorri e faz continência. Esse gesto me lembra dolorosamente o Metias, e tenho de me concentrar nos meus pés por alguns segundos, para me recompor. Felizmente, ele pensa que lhe estou fazendo uma mesura.

– Primeiro Eleitor – eu o cumprimento.

Ele sorri; seus olhos verdes me examinam.

– Como se sente, June?

Retribuo o sorriso.

– Razoavelmente bem.

Anden dá uma risadinha e abaixa a cabeça. Ele se aproxima, mas não tenta sentar-se perto de mim na cama. Ainda percebo a atração nos seus olhos, a forma como saboreia cada palavra que digo e cada movimento que faço. Será que já ouviu boatos sobre meu

relacionamento com Day? Contudo, se ele está a par disso, não o revela.

– A República – continua ele, constrangido porque reparei que me olhava fixo –, isto é, o governo decidiu que a senhorita está pronta para retornar aos quadros militares, com sua patente original. Será uma agente, aqui em Denver.

Quer dizer que não vou voltar para Los Angeles. Segundo a última notícia que tive, a quarentena em LA havia sido suspensa depois que Anden começou a investigar quem eram os traidores no Senado, e Razor e a Comandante Jameson foram presos por traição. Só posso imaginar o quanto Jameson odeia o Day e a mim... Só de imaginar a expressão de fúria no rosto dela sinto um arrepio na espinha.

– Obrigada – digo, após um instante. – Sou muito grata ao senhor.

– Eu é que sou grato. Você e Day me prestaram um grande serviço.

Bato uma rápida e informal continência para ele. A influência de Day já está sendo sentida. Depois do seu discurso de improviso, o Congresso e os militares obedeceram a Anden e permitiram que os manifestantes voltassem para suas casas sem punição, e libertaram os Patriotas que haviam sido presos durante a tentativa de assassinato (sob condições supervisionadas). Se o Senado não temia Day antes, agora o teme. Ele tem o poder, por enquanto, de provocar uma revolução em grande escala, com apenas algumas palavras.

– *Mas...* – O volume da voz de Anden diminui, ele tira as mãos dos bolsos e as cruza em frente ao peito – tenho outra proposta a lhe fazer. Acho que você merece um posto mais importante do que o de *agente*.

Vem à tona uma lembrança de quando eu estava naquele trem com ele, da oferta pendente dos seus lábios.

– Que tipo de posto? – pergunto.

Pela primeira vez, ele resolve se sentar na beira da minha cama. Está tão perto agora que consigo sentir o calor que emana de seu corpo e ver a sombra de pelo que lhe cobre o queixo.

– June – começa ele –, a República nunca esteve tão instável quanto agora. Day evitou a derrocada iminente, mas continuo a governar numa época perigosa. Vários senadores estão lutando pelo controle entre eles próprios, e muita gente no país espera ansiosamente que eu dê um passo em falso. – Anden se cala por um instante. – Um momento como aquele não será suficiente para me manter nas graças do povo para sempre, e não posso controlar o país sozinho.

Sei que ele está dizendo a verdade. Dá pra perceber a exaustão na sua voz e a frustração decorrente de ser responsável por seu país.

– Quando meu pai era um jovem Eleitor, ele e minha mãe governavam juntos. Eram o Eleitor e sua Primeira Cidadã. Ele nunca foi mais poderoso do que naquela época. Eu também quero uma aliada. Alguém inteligente e forte a quem eu pudesse atribuir mais poder do que a qualquer membro do Congresso.

Mal posso respirar, ao perceber os rodeios que ele está fazendo antes de expor a oferta.

– Quero uma parceira que saiba identificar as necessidades do povo, alguém incrivelmente talentosa em tudo que faz, alguém que partilhe minhas ideias sobre como criar uma nação... É claro que não seria possível uma pessoa ir de agente a Primeira Cidadã num piscar de olhos. Seria preciso treinamento intensivo, instrução e cultura. Uma oportunidade de alcançar essa posição durante o período de muitos anos, de *décadas*, para que possa primeiro aprender como senadora e depois como líder do Senado. Esse não é um treinamento que se conceda a alguém sem uma análise profunda, especialmente a alguém sem experiência no Senado. É claro que também haveria outros Primeiros Cidadãos me apoiando também. – Ele faz uma pausa, mudando o tom de voz. – O que você acha?

Balanço a cabeça, ainda indecisa sobre o que exatamente Anden está propondo. Ser a Primeira Cidadã, posição abaixo apenas à do Primeiro Eleitor. Eu passaria quase todos os momentos em que não estivesse dormindo na companhia de Anden, sendo sua sombra por pelo menos dez anos. Nunca teria tempo para estar com o Day. Essa oferta faz com que a vida que imaginei com ele oscile de maneira instável. Estará Anden me oferecendo essa promoção baseado puramente no que ele pensa sobre minhas habilidades ou estará deixando que suas emoções o influenciem, promovendo-me na esperança de poder passar mais tempo comigo? E como poderei ao menos concorrer com outros candidatos, provavelmente muitos anos mais velhos do que eu, talvez até senadores? Respiro fundo, e depois tento falar com ele da maneira mais diplomática possível.

– Primeiro Eleitor – começo –, acho que eu não...

– Não vou pressioná-la – interrompe ele, depois engole em seco e sorri, hesitante. – Você tem total liberdade para recusar essa proposta. E você pode ser uma Primeira Cidadã sem... – Anden está ficando vermelho ou é impressão minha? – Você não precisaria. Eu... a República... apenas ficaríamos muito agradecidos se você aceitasse.

– Não sei se tenho vocação para isso. O senhor precisa de alguém muito melhor do que eu jamais poderia ser.

Anden segura minhas mãos carinhosamente.

– Você nasceu para mudar a República. June, não há ninguém melhor.



# DAY

No início, os médicos não gostaram de mim. O sentimento foi recíproco, obviamente: nunca tive boas experiências em hospitais.

Há dois dias, quando finalmente conseguiram me tirar da varanda da Capital Tower de Denver, e acalmar a multidão que me aclamava, me amarraram com correias numa ambulância e me levaram diretamente ao hospital. Lá, espatifei os óculos de um médico e derrubei com um chute as bandejas de metal do meu quarto, quando tentaram examinar meus ferimentos.

– Se vocês puserem a mão em mim – gritei sem cerimônia –, quebro o maldito pescoço de vocês!

Os funcionários do hospital tiveram que me amarrar. Fiquei rouco de tanto gritar pelo Éden, exigindo vê-lo e ameaçando incendiar o hospital todinho se eles não o trouxessem até mim. Gritei pela June. Berrei, querendo ver provas de que haviam soltado os Patriotas. Pedi para ver o corpo de Kaede e implorei para que fosse enterrada dignamente.

Transmitiram minhas reações ao vivo para o público porque multidões haviam se reunido em frente ao hospital, exigindo saber se eu estava sendo tratado adequadamente. Eu me acalmei pouco a pouco, e quando viram que eu estava vivo, as multidões em Denver também começaram a se aquietar.

– Isto não quer dizer que você não será vigiado atentamente – diz meu médico, ao me entregarem um conjunto de camisas com golas e calças militares. Ele resmunga de modo que as câmeras de segurança não consigam captar o que está dizendo. Ele está com tanta raiva de mim que mal consigo ver seus olhos sob os minúsculos óculos redondos. – Mas você foi perdoado pelo Eleitor, e seu irmão Éden deve chegar logo ao hospital.

Fico em silêncio. Depois de tudo que aconteceu desde que Éden foi infectado pela praga, mal consigo acreditar que a República vai devolvê-lo para mim. Tudo que posso fazer é sorrir para o médico, com dentes cerrados. Ele me retribui o sorriso com uma expressão de total desagrado, enquanto continua a falar sobre os resultados dos meus exames e sobre o local onde vou morar depois que tudo isso acabar.

Sei que ele não quer ficar aqui, mas não diz isso em voz alta por causa de todas as câmeras ligadas. Pelo canto do olho, posso ver o monitor na parede que mostra o que estão fazendo com June. Ela parece a salvo, submetendo-se às mesmas inspeções que eu, mas a ansiedade na minha garganta se recusa a desaparecer.

– Há mais uma última coisa que preciso lhe dizer em particular – prossegue o médico. Eu escuto com indiferença. – É muito importante. É algo que descobrimos nos seus raios X e do qual você deve tomar conhecimento.

Eu me inclino para a frente para ouvi-lo melhor, mas nesse instante o interfone do quarto nos interrompe.

– Éden Bataar Wing está aqui, doutor. Favor informar ao Day.  
Éden. *Éden está aqui!*

De repente, não dou a mínima para os resultados dos meus malditos raios X. Éden está lá fora, a poucos metros de mim. O médico tenta me dizer alguma coisa, mas eu o afasto com um empurrão, abro a porta e entro no corredor aos tropeços.

A princípio, não o vejo. Há muitas enfermeiras perambulando nos corredores, mas em seguida reparo no pequeno vulto balançando as pernas num dos bancos do corredor. A pele está saudável, a cabeça cheia de cachos rebeldes e amarelos como trigo, e ele veste um uniforme escolar maior do que seu tamanho e botas. Parece maior, mas isso talvez seja porque ele agora consegue se sentar mais ereto. Quando se vira na minha direção, vejo que está usando um óculos fundo de garrafa de aro preto. Seus olhos estão enevoados e

num tom violeta-claro, o que me faz lembrar do garotinho que vi no vagão ferroviário naquela noite fria em Lamar.

– Éden! – grito, com voz rouca.

Seus olhos continuam desfocados, mas um sorriso incrível ilumina seu rosto. Ele se levanta e tenta vir até onde estou, mas para porque não consegue ver exatamente onde me encontro.

– É você mesmo, Daniel? – pergunta, hesitante e trêmulo.

Corro até ele, pego-o nos meus braços e o abraço com força.

– Sou eu sim – sussurro. – É o Daniel.

Éden começa a chorar. Os soluços fazem tremer seu corpo franzino. Ele aperta os braços em volta do meu pescoço com tanta força que parece que nunca mais vai soltá-lo.

Respiro fundo para conter minhas próprias lágrimas. A praga destruiu a maior parte de sua visão, mas ele está *aqui*, vivo e bem, forte o suficiente para andar e falar. Isso me basta.

– É bom te ver de novo, garoto – digo, engasgado pela emoção, acariciando-lhe a cabeça com uma das mãos. – Senti saudade de você.

Nem sei quanto tempo ficamos assim. Minutos? Horas? Não importa. Tenho a impressão de que cada segundo se repete três ou quatro vezes. Talvez seja minha vontade de prolongar este momento ao máximo. É como se eu estivesse aqui abraçando toda a minha família. Ele é tudo pra mim. Tudo o que me restou, e nunca mais quero ficar longe dele.

Ouçoo uma tosse atrás de mim.

– Day – diz o doutor. Ele está encostado na porta aberta da minha cela, com o rosto sério e sombrio sob a luz fluorescente. Ponho Éden suavemente no chão, mantendo uma das mãos no seu ombro. – Por favor, ainda preciso conversar uma coisa com você. Prometo que vai ser rápido. Eu... – Ele se detém ao ver Éden. – Recomendo que deixe seu irmão aqui, só um instante. Garanto que você estará de volta em alguns minutos, e depois vocês serão levados de carro para seu novo apartamento.



Permaneço imóvel, desconfiando dele.

– Eu *prometo* – repete ele. – Se eu estiver mentindo, você tem poder suficiente para pedir ao Primeiro Eleitor que me prenda.

Bem, nisso ele está certo. Espero um pouco mais, mordendo minha bochecha por dentro, depois dou uma pancadinha na cabeça do Éden.

– Já volto, está bem? Fique sentadinho aqui no banco. Não vá a lugar *algum*, está me ouvindo? Se alguém tentar fazer você sair daqui, grite bem alto, combinado?

Éden limpa o rosto encharcado de lágrimas e concorda com a cabeça.

Eu o levo de volta para o banco e sigo o doutor até minha cela. Ele fecha a porta com um suave clique.

– Qual é o problema? – pergunto, impaciente. Meus olhos não param de se fixar na porta, como se ela fosse desaparecer na parede se eu não ficasse vigilante. No canto da parede, o monitor mostra que June agora está sozinha no quarto.

Desta vez, o médico não parece aborrecido comigo. Ele clica um botão na parede e resmunga alguma coisa sobre desligar o áudio das câmeras.

– Como eu estava dizendo antes de você sair... Como parte de seus exames, escaneamos seu cérebro para verificar se tinha sido alterado pelas Colônias. Não encontramos nada nesse sentido, mas vimos outra coisa.

Ele se vira, clica um pequeno dispositivo e aponta para uma tela iluminada na parede, que mostra uma imagem do meu cérebro.

Franzo a testa, sem entender o que estou vendo. O médico indica um borrão escuro perto da parte interior da imagem e diz:

– Vimos isto perto do seu hipocampo esquerdo. Achamos que é antigo, provavelmente está aí há anos, e com o tempo tem piorado paulatinamente.

Fico atordoado por instantes e depois me viro para o doutor. A mancha me parece trivial, especialmente porque o Éden está me

esperando no corredor. Especialmente porque vou poder rever a June.

– E daí? – pergunto.

– Você tem tido enxaquecas? Recentemente ou nos últimos anos?

Sim, claro que tenho tido enxaquecas. Desde a noite em que o Hospital Central de Los Angeles me submeteu a uma série de exames, a noite em que eu devia ter morrido, a noite em que fugi. Faço um sinal afirmativo com a cabeça.

Ele cruza os braços e diz:

– Nossos registros mostram que... fizeram experiências com você, depois que fracassou na Prova. Fizeram alguns testes com o seu cérebro. Esperavam que você... bem... – ele tosse e tenta encontrar as palavras certas – sucumbisse muito rapidamente, mas você sobreviveu. Mas agora parece que o problema atingiu um estado crítico. – Ele baixa a voz e sussurra: – Ninguém sabe disso ainda, nem o Primeiro Eleitor. Não queremos que o país seja atirado novamente num estado revolucionário. Inicialmente, pensamos que poderíamos sanar o caso combinando cirurgia e remédios, mas, quando estudamos mais detidamente as áreas problemáticas, compreendemos que tudo está tão entrelaçado com a matéria saudável no seu hipocampo que seria impossível estabilizar a situação sem prejudicar severamente sua capacidade cognitiva.

Engulo em seco e pergunto:

– E isso quer dizer o quê?

O médico tira os óculos e suspira:

– Isso quer dizer, Day, que você está morrendo.

# JUNE

**20H07.**

**DOIS DIAS DEPOIS DA MINHA LIBERTAÇÃO.**

**ARRANHA-CÉU OXFORD, BAIRRO LODO, EM DENVER.  
22°C INTERIOR.**

Day foi libertado ontem, às sete da manhã. Desde então, já telefonei três vezes para ele, mas sem obter resposta. Foi somente há umas duas horas que finalmente ouvi sua voz no meu fone de ouvido.

– Tem compromisso para hoje, June?

Estremeci com a suavidade da sua voz.

– Você se importa se eu der uma passadinha aí? Quero falar com você.

– Pode vir – respondi. E isso foi tudo que dissemos.

Ele vai chegar daqui a pouquinho. Fico constrangida ao reconhecer que, apesar de eu estar tentando me ocupar há uma hora, arrumando o apartamento e escovando o pelo de Ollie, tudo em que consigo realmente pensar é no que Day tem a dizer.

É estranho ter novamente um espaço próprio para morar, mobiliado com uma infinidade de coisas novas e desconhecidas. Sofás macios, candelabros refinados, mesas de vidro, piso de madeira de lei. Artigos luxuosos que já não me fazem sentir inteiramente à vontade. Do lado de fora da minha janela, cai uma ligeira neve primaveril. Ollie dorme ao meu lado, em um dos dois sofás. Quando recebi alta do hospital, soldados me escoltaram de jipe até aqui, o arranha-céu Oxford. A primeira coisa que vi quando entrei foi Ollie, abanando a cauda loucamente e empurrando o nariz, ansioso, para dentro da minha mão.

Eles me disseram que o Eleitor havia ordenado há muito tempo que meu cachorro fosse mandado para Denver e que alguém cuidasse dele. Isso foi logo depois que Thomas me prendeu. Esse pequeno pedaço de Metias agora foi devolvido para mim. Eu me pergunto o que Thomas pensa disso tudo. Será que apenas seguirá o protocolo como sempre e fará uma reverência na próxima vez que me vir, prometendo sua eterna lealdade? Talvez Anden tenha ordenado que ele fosse preso, como ocorreu com a Comandante Jameson e Razor. Não sei explicar o que sentiria se isso tivesse acontecido.

Ontem enterraram Kaede. Queriam cremar seu corpo e afixar uma minúscula placa de metal na parede de um cemitério vertical, mas eu insisti em algo mais significativo, um jazigo de verdade. Sessenta centímetros de seu próprio espaço. Anden, evidentemente, concordou. Se Kaede ainda vivesse, onde estaria? Teria a República, com o tempo, conseguido induzi-la a entrar para a aeronáutica? Será que Day já visitou sua sepultura? Será que ele se culpa por sua morte, como *eu* me culpo? Terá sido por essa razão que ele esperou tanto tempo para me contatar, depois que recebeu alta do hospital?

E agora, o que acontece? Para onde vamos daqui?

Vinte horas e doze minutos. Day está atrasado. Meus olhos estão grudados à porta; não consigo fazer mais nada, receosa de não conseguir vê-lo se perder um segundo em outro assunto.

Vinte horas e quinze minutos. Um suave toque de campainha soa no apartamento. Ollie se agita, levanta as orelhas e choraminga. *Ele chegou*. Eu praticamente salto do sofá. Day pisa tão macio que nem meu cachorro consegue ouvi-lo no vestíbulo do lado de fora.

Abro a porta e fico estática. O "olá" que eu preparei para dizer fica retido na minha garganta. Day está à minha frente, com as mãos nos bolsos, absolutamente deslumbrante num uniforme da República novo em folha (preto, com listras cinza-escuras nos lados das calças e ao redor dos botões das mangas, uma espessa gola diagonal na jaqueta militar ao estilo das tropas de Denver e

elegantes luvas brancas de neoprene cujos punhos consigo ver saindo dos bolsos das calças, cada uma decorada com uma fina corrente dourada). Seu cabelo passa dos ombros numa camada reluzente e está salpicado de delicados flocos de neve da primavera caindo lá fora. Os olhos adoráveis são de um azul impressionantemente brilhante; alguns flocos de neve reluzem nos longos cílios que os emolduram. Enfraqueço e mal consigo me manter de pé. Só agora me dou conta de que nunca o tinha visto usando qualquer tipo de roupa formal, muito menos uma indumentária de gala *de soldado*. Eu não estava preparada para tanto esplendor. Para o quanto ele poderia ficar ainda mais lindo sob circunstâncias que destacassem sua beleza.

Day repara na minha expressão e sorri.

– Isto foi para uma foto – diz ele, apontando para o vestuário – de um aperto de mão com o Eleitor. Não fui eu que escolhi, é evidente. Espero que não me arrependa de apoiar esse cara.

– Você conseguiu driblar a multidão reunida do lado de fora da sua casa? – pergunto finalmente. Eu me recomponho o suficiente para moldar os lábios num sorriso de reação. – Ouvi boatos de que o povo quer que *você* seja o novo Eleitor.

– Day como Eleitor? Totalmente excelente... Eu nem mesmo gosto da República ainda. Vai demorar um pouco para eu me habituar. Quanto aos *dribles*, isso eu posso fazer. Prefiro não encarar o povo agora.

Percebo um indício de tristeza na sua voz; algo me diz que ele foi mesmo visitar a sepultura de Kaede. Ele pigarreja quando repara que o estou analisando, e então me entrega uma caixinha de veludo. Há uma distância gentil no seu gesto que me intriga.

– Comprei a caminho daqui. É para você, querida.

Um pequeno suspiro de surpresa me escapa.

– Obrigada.

Pego a caixinha cautelosamente, admirando-a por um instante, e inclino a cabeça para ele.

– O que estamos comemorando?

Day enfia o cabelo atrás de uma orelha e tenta parecer indiferente.

– Nada, eu só achei bonito.

Abro a caixinha com cuidado e respiro fundo ao ver o que ela contém: um cordão de prata, com um pequeno pingente de rubi em forma de lágrima, rodeado por minúsculos diamantes. Três fios finos prateados revestem o rubi.

– É... lindíssimo! – exclamo. Meu rosto enrubesce. – Deve ter sido uma fortuna!

Nem me reconheço. Desde quando passei a usar cordialidades formais para falar com o Day?

Ele dá de ombros.

– A República está me enchendo de dinheiro pra me manter feliz. O rubi é a pedra do seu signo, não é? Bem, achei que você deveria ter uma lembrança mais bonita de mim do que um anel xexelento feito com cliques de papel.

Ele acaricia a cabeça do Ollie e depois verbaliza sua admiração pelo meu apartamento:

– Lugar maneiro este. Muito parecido com o meu.

Deram a Day um apartamento similar e fortemente vigiado, a uns dois quarteirões na mesma rua.

– Muito obrigada – repito, colocando o estojinho delicadamente no balcão da minha cozinha. Depois pisco para ele. – Mas, ainda assim, eu gostava mais do meu anel de cliques de papel.

Por uma fração de segundo, seu rosto estampa felicidade. Tenho vontade de atirar os braços ao redor do seu corpo e fazer com que ele me beije, mas há uma certa opressão na sua postura. Algo que me diz que eu devo manter distância.

Arrisco um palpite hesitante para saber o que o está perturbando:

– Como está o Éden?

– Ele está bem. – Day examina a sala uma vez mais e depois fixa o olhar em mim novamente. – Considerando tudo o que ele passou,

claro.

Abaixo a cabeça e comento:

– Eu... sinto muito sobre o problema com a visão dele. Ele...

– Ele está vivo – me interrompe Day suavemente. – Isso já basta para me fazer feliz.

Concordo, constrangida, com a cabeça; segue-se uma longa pausa.

Finalmente, digo:

– Você queria falar comigo, não é?

– É... – Day olha para baixo, mexe nervosamente nas luvas e volta a esconder as mãos nos bolsos. – Ouvi falar sobre a promoção que Anden ofereceu a você.

Dou meia-volta e me sento no sofá. Não se passaram sequer quarenta e oito horas, e já vi a notícia estampada duas vezes nos telões da cidade:

## JUNE IPARIS COGITADA PARA TREINAR PARA A POSIÇÃO DE PRIMEIRA CIDADÃ

Eu deveria estar satisfeita por ter sido Day que abordou a questão. Estava me perguntando qual seria a maneira apropriada de abordar a questão, e agora já não preciso fazer isso. Ainda assim, meu pulso se acelera e me sinto tão nervosa quanto receava. Talvez ele esteja aborrecido porque não toquei logo no assunto.

– O que você já sabe? – pergunto, quando ele se senta ao meu lado. Seu joelho esbarra ligeiramente na minha coxa. Até esse ligeiro toque me dá um frio na barriga. Olho de relance para o seu rosto, para ver se ele o fez de propósito, mas os lábios de Day mostram-se contraídos, como se já soubesse o rumo que essa conversa iria tomar, mas não quisesse tomá-lo.

– Ouvi por aí que você precisaria acompanhar todos os passos de Anden, não é? Você seria treinada para se tornar a Primeira Cidadã.

Isso é tudo verdade?

Suspiro, baixo os ombros e afundo a cabeça nas mãos. Ouvir o Day dizer essas coisas me faz sentir a gravidade do compromisso que eu teria de assumir. Compreendo as razões práticas pelas quais Anden me indicaria para esse cargo; ele espera que eu seja alguém que possa transformar a República. Levando em consideração meu treinamento militar, tudo que Metias sempre me disse, sei que poderia ser uma boa opção para o governo da República, mas...

– Sim, é tudo verdade – respondo e acrescento rapidamente –, mas não se trata de uma proposta de casamento, nada disso. É um cargo profissional, e eu seria uma de várias pessoas concorrendo à posição, mas isso significaria semanas e até *meses* longe...

*Longe de você*, quero dizer, mas parece muito brega, e decido não concluir a frase. Em lugar disso, relaciono todos os detalhes que têm percorrido minha mente. Falo sobre a agenda extenuante de uma Primeira Cidadã, sobre meu plano de reservar um tempo para a vida pessoal – se eu concordasse com a proposta – e lhe digo que estou indecisa sobre quanto de mim quero dar à República.

Depois de certo tempo, percebo que comecei a divagar, mas me sinto tão bem ao desabafar, ao expor meus problemas para esse rapaz com quem me importo tanto, que nem tento parar de falar. Se alguém na minha vida merece saber de tudo, esse alguém é o Day.

– Não sei o que dizer ao Anden – concluo. – Ele não me pressionou, mas preciso dar uma resposta a ele em breve.

Day não diz nada. Minha torrente de palavras paira no silêncio entre nós. Não posso descrever a emoção do rosto dele. Alguma coisa perdida, alguma coisa arrancada do seu olhar e espalhada pelo chão. É uma tristeza profunda e séria, que me dilacera. O que estará se passando pela cabeça dele? Será que ele acredita em mim? Será que ele pensa – como aconteceu comigo, logo que ouvi a proposta – que Anden está oferecendo esse cargo porque tem um interesse pessoal em mim? Será que ele está triste porque isso significa que podemos ficar uns dez anos ou mais sem nos ver com frequência?



Eu o observo e espero, tentando prever o que ele vai dizer. É claro que vai ficar desgostoso com a ideia, é claro que vai protestar. Eu própria não estou satisfeita com...

De repente, ele murmura:

– Aceite a oferta.

Debruço-me em direção a ele, porque acho que não o escutei direito.

– O que você disse?

Day me analisa atentamente. Sua mão se contorce um pouco, como se ele quisesse levantá-la e tocar no meu rosto. Em lugar disso, ele permanece onde está e repete suavemente:

– Vim aqui para lhe dizer que aceite a proposta dele.

Pisco os olhos. Minha garganta dói, minha visão oscila numa neblina de luz. Essa não pode ser a resposta certa; eu havia esperado uma dúzia de outras respostas de Day, exceto essa. Ou talvez não seja a resposta em si que me atordoa tanto e, sim, a *maneira* como ele a expressou, como se estivesse abrindo mão de mim. Eu o olho fixamente por um momento e me pergunto se imaginei o que ele disse. Mas sua expressão – triste, distante – continua a mesma. Desvio o olhar e sento na beira do sofá. Através do entorpecimento da minha mente, só consigo dizer:

– Por quê?

– Por que *não*? – pergunta Day. Sua voz está indiferente, amarrotada como uma flor fenecida.

Não compreendo. Talvez ele esteja sendo sarcástico. Ou talvez vá dizer que continua querendo encontrar uma forma de ficarmos juntos, mas ele não acrescenta nada à sua resposta. *Por que me pediria para aceitar a oferta?* Pensei que ele ficaria muito feliz por tudo ter finalmente acabado e que nós poderíamos experimentar alguma coisa semelhante a uma vida normal de novo, seja lá o que isso fosse. Seria muito fácil para mim determinar um meio-termo com a proposta de Anden ou até simplesmente recusá-la. Por que

ele não *sugeriu* isso? Sempre achei que Day fosse o mais emotivo de nós dois.

Day sorri amargamente quando não respondo de imediato. Ficamos sentados com as mãos separadas, deixando o mundo parecer tão pesado, suspenso entre nós, ouvindo em silêncio o tempo passar. Depois de alguns minutos, ele respira fundo.

– Ah, tenho outra coisa pra dizer também.

Concordo com a cabeça e espero que ele continue. Tenho medo do que ele vai dizer. Medo de que ele explique o *por quê*.

Day hesita por um longo tempo, mas, quando fala, balança a cabeça e me dirige uma risadinha trágica. Percebo que mudou de ideia sobre o que ia dizer, pegando o segredo e guardando-o no coração.

– Sabe... às vezes me pergunto como seriam as coisas se eu... tivesse conhecido você do nada. Como fazem as pessoas normais. Se eu esbarrasse em você na rua numa manhã de sol e achasse você bonita, e então parasse, apertasse sua mão e dissesse: “Oi, meu nome é Daniel.”

Fecho os olhos ao ouvir esse pensamento tão encantador. Como seria libertador! Tão simples.

– Seria muito bom! – sussurro...

Day aperta a correntinha dourada da sua luva.

– Anden é o Primeiro Eleitor. Pode não haver outra oportunidade como essa nunca mais...

Sei o que ele está tentando dizer e o interrompo:

– Não se preocupe. Se eu rejeitar essa proposta, ainda assim poderei trabalhar pela República ou encontrar um meio-termo. Essa não é a única maneira...

– Escute o que tenho a dizer, June – diz ele calmamente, levantando as mãos para me deter. – Não sei se vou ter coragem para dizer tudo isso de novo.

A forma como os lábios dele pronunciam meu nome me faz estremecer. Ele sorri e sinto alguma coisa dentro de mim se

despedaçar. Não sei o motivo, mas algo na voz dele me leva a pensar que ele está me vendo pela última vez. Que esse é um adeus.

– Ora vamos! Você e eu sabemos o que precisa acontecer. Nós só nos conhecemos há uns dois meses, mas passei a *vida inteira* combatendo o sistema que o Eleitor agora quer mudar. E você... bem, sua família sofreu tanto quanto a minha. – Ele faz uma pausa, e seus olhos exprimem uma aparência muito distante. – Eu me saio bem ao fazer discursos do alto de um prédio e ao lidar com o povo. Não sei nada sobre política. Só posso ser um testa de ferro, mas você... você sempre foi tudo de que o povo precisa. *Você* tem a oportunidade de *mudar* as coisas.

Ele tira as luvas e pega minha mão, acariciando o local no meu dedo onde ficava o anel que ele me deu.

Sinto os calos nas suas palmas, a suavidade dolorosa do seu gesto.

De repente, ele solta minha mão.

– É você quem resolve, claro, mas você sabe o que deve ser feito. Não tome sua decisão só porque se sente culpada ou coisa parecida. Não se preocupe *comigo*. Sei que é por isso que você está indecisa, dá pra ver no seu rosto.

Do que ele está falando? Dá pra ver *o quê* no meu rosto?

Ainda assim, não digo nada.

Day suspira ao me ver calada. Seu rosto é pura dor.

– June – diz ele lentamente. Sob suas palavras, a voz parece falhar a qualquer instante. – A gente nunca daria certo.

Eis a verdadeira razão. Balanço a cabeça, sem querer ouvir o resto. *Isso não. Por favor, Day, por favor não diga isso.* Começo a falar de maneira desesperada:

– Posso trabalhar nas patrulhas da capital por um tempo. Essa seria uma opção mais viável. Ser a sombra de um senador, se eu realmente quiser entrar na política. Doze dos senadores...

Day não consegue nem olhar para mim.

– Nosso destino não é ficarmos juntos. Há muitas... Muitas coisas ruins aconteceram. – Ele baixa a voz. – Coisas demais.

A seriedade da coisa toda finalmente abre meus olhos. Não tem nada a ver com o cargo de Primeira Cidadã e tudo a ver com outra coisa. Day estaria me dizendo tudo isso, mesmo que Anden não tivesse me proposto nada. Nossa briga no *túnel subterrâneo*. Quero dizer que ele está enganado, mas não posso sequer discutir seu argumento. Porque ele está certo. Como é que eu *poderia* pensar que nunca sofreríamos as consequências do que fiz a ele? Como pude ser tão *arrogante* em supor que no fim tudo daria certo para nós e que algumas boas ações que eu fizesse poderiam compensar todo o sofrimento que lhe causei? A verdade nunca vai mudar. Mesmo que ele se esforce muito, toda vez que olhar para mim, verá o que aconteceu à sua família. Verá o que eu fiz. Isso irá assombrá-lo para sempre e será um obstáculo eterno entre nós.

*Preciso deixá-lo ir.* Sinto meus olhos ameaçando derramar as lágrimas que contendo, mas não me atrevo a deixar que caiam.

– Então é isso? – sussurro, com a voz trêmula do esforço. – Depois de tudo o que passamos?

Mesmo ao dizer essas palavras, sei que é inútil. O estrago já foi feito. Não há como apagar o que houve.

Day se curva e aperta as mãos nos olhos.

– Lamento muito, de verdade – murmura.

Passam-se demorados segundos.

Após uma eternidade, engulo seco. *Não* vou chorar. O amor é ilógico, o amor tem efeitos: eu causei isso a mim mesma e devo arcar com as consequências. *Portanto, June, assumo as consequências.* Sou eu que devia lamentar muito. Finalmente, em lugar de dizer o que quero dizer, consigo diminuir o tremor da minha voz e dar uma resposta mais apropriada:

– Vou informar minha decisão ao Anden.

Day passa uma das mãos no cabelo, abre a boca para dizer alguma coisa, mas a fecha de novo. Percebo que há mais alguma

coisa que ele não me está contando, mas não insisto. De qualquer maneira, não faria diferença: já existem razões suficientes para comprovar que não fomos feitos um para o outro.

Os olhos dele observam o luar que entra pelas janelas. Passa-se mais um instante entre nós, recheado apenas com a nossa respiração baixa.

– Bem, eu... – A voz dele falha, e ele cerra as mãos. Fica assim por um momento, revestindo-se de coragem. – Preciso dormir um pouco. Você deve estar cansada. – Ele se levanta e endireita o casaco. Trocamos um aceno final de despedida com a cabeça. Ele então faz uma reverência gentil e começa a ir embora. – Boa noite, June.

Meu coração está em pedaços, dilacerado e vertendo sangue. Não posso deixar que ele se vá dessa forma. Nós passamos por muita coisa juntos, para nos transformarmos em estranhos. *Uma despedida entre nós deveria ser mais do que uma reverência gentil.* Quando ele chega à porta, eu fico de pé e corro até ele.

– Day, espera!

Ele gira o corpo. Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ele dá um passo à frente e segura meu rosto com as duas mãos. Day começa a me beijar pela última vez, dominando-me com seu calor, me enchendo de vida, de amor e de um pesar doloroso. Atiro meus braços em volta do seu pescoço. Ele envolve minha cintura com os dele.

Meus lábios se abrem para ele e sua boca comprime desesperadamente a minha, devorando-me e sugando todo o meu fôlego.

*Não vá,* imploro em silêncio, mas sinto o adeus nos seus lábios, e agora já não consigo conter as lágrimas. Ele está tremendo. Seu rosto está úmido. Eu me agarro a ele com medo de que desapareça, com medo de ficar sozinha nessa sala escura, de pé no vazio.

Anden pode ser o homem mais poderoso da República, mas Day, o garoto das ruas que não tem nada além da roupa do corpo e da

seriedade no olhar, é o dono do meu coração.

Ele é tudo o que é belo.

Ele é o raio de esperança em um mundo de escuridão.

Ele é a minha luz.

# AGRADECIMENTOS

Escrever *Prodigy* foi uma experiência totalmente diferente da de escrever *Legend*, que envolveu muitos ataques de pânico e muitos soluços desesperados à frente do meu laptop, e que significou ir muito mais fundo nas essências das minhas personagens e identificar seus pensamentos e suas lembranças mais sombrias. Para minha sorte, conto com o apoio de um grupo extraordinário de pessoas, que me ajudaram a compilar este livro:

À minha agente literária Kristin Nelson, por ter sido a primeira a pôr os olhos neste manuscrito. Eu morreria num pântano de areia movediça sem seus conselhos e *feedback*. A toda a equipe da North Los Angeles, por sempre me apoiar. À extraordinária revisora literária Ellen Oh, por haver lido uma minuta preliminar de *Prodigy* e ter incutido algum sentido em algumas cenas fundamentais. À JJ, por ser minha caixa de ressonância assustadoramente perspicaz e revisora literária, à proporção que *Prodigy* gradativamente tomava corpo.

À minha extraordinária dupla de editores Jen Besser e Ari Lewin, por lerem o primeiro rascunho de *Prodigy* e por transformá-lo em algo muito melhor do que eu poderia criar sozinha. Grata por insistirem para eu fortalecer minhas personagens, o mundo e o enredo. Quem pensa que os livros já não são editados, obviamente nunca trabalhou com nenhum de vocês dois. Vocês são maravilhosos. (Agradecimentos especiais ao *Little Primo!*)

A toda a equipe da Putnam Children's e da Penguin Young Readers por seu incessante apoio: Don Weisberg, Shauna Fay, Anna Jarzab, Jessica Schoffel, Elyse Marshall, Scottie Bowditch, Lori Thorn, Linda McCarthy, Erin Dempsey, Shanta Newlin, Emily Romero, Eric Gallagher, Mia Garcia, Lisa Kelly, Courtney Wood, Marie Kent e todos

os outros que ajudaram a dar vida a meus livros *Legend* e *Prodigy*. Nenhum autor poderia desejar um melhor grupo de apoio.

Às espetaculares equipes da CBS Films, Temple Hill e United Talent Agency pela constante dedicação a *Legend*: Wolfgang Hammer, Grey Munford, Matt Gilhooley, Ally Mielnicki, Christine Batista, Isaac Klausner, Wyck Godfrey, Marty Bowen, Gina Martínez, Kassie Evashevski e Wayne Alexander. Nem acredito na sorte que tive por haver contado com a sua colaboração!

A todos os blogueiros, críticos literários e à mídia que ajudam a divulgar *Legend* e *Prodigy*, e aos livreiros de toda a nação que possibilitam que ambos os livros cheguem até os leitores. Muitíssimo obrigada! Sou muito agradecida por tudo o que vocês fazem ao intermediar a ligação dos livros adequados com os leitores apropriados.

A meus incríveis leitores e admiradores, pelas cartas entusiasmadas e pelo gentil incentivo. Toda vez que eu lia suas mensagens sobre *Legend* ficava mais estimulada a fazer de *Prodigy* o melhor que eu pudesse. Obrigada por ocupar seu tempo em ler meus livros.

E finalmente, à família unida, à minha mãe, a Andre e a todos os meus amigos. Gratíssima a todos vocês pelo seu apoio; vocês, queridos, são simplesmente insubstituíveis.



Título Original  
PRODIGY – A Legend Novel

*Copyright* © 2013 by Xiwei Lu

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a G.P. Putnam's Sons, uma divisão da Penguin Young Readers Group, um selo da Penguin Group (USA), Inc.

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br  
www.rocco.com.br

Preparação de originais  
MARIANA MOURA

Coordenação Digital  
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital  
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub  
ANA CHRYSOSTOMO

Edição Digital: setembro 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

L96p

Lu, Marie

Prodigy [recurso eletrônico] : os opostos perto do caos / Marie Lu ; tradução  
Ebréia de Castro Alves. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.  
recurso digital (Legend ; 2)

Tradução de: Prodigy: a Legend Novel  
ISBN 978-85-8122-452-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Alves, Ebréia de  
Castro, 1937-. II. Título. III. Série.

14-14893

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa.

# A AUTORA

MARIE LU nasceu na China e mudou-se ainda criança com a família para os Estados Unidos. Formou-se na Universidade do Sul da Califórnia e começou a trabalhar como programadora na indústria de videogames. Hoje é escritora em tempo integral. Nas horas vagas, ou quando não está presa em engarrafamentos, ela gosta de ler, desenhar e jogar Assassin's Creed. Ela mora em Los Angeles, na Califórnia (por isso os engarrafamentos), com o namorado, um Chihuahua sem pedigree e dois cachorrinhos da raça Welsh Corgi Pembroke.

Conheça mais sobre a autora em: [www.marielu.org](http://www.marielu.org)